

**Dissertação de Mestrado em Relações Interculturais**

**Migrações, Alteridades e Estilos de Vida.**

**O estudo de caso da aldeia de Santa Margarida da Serra, no concelho de Grândola**



**Mestranda:** Maria Isabel Chaínho Gomes, nº 1002761

**Orientadora:** Professora Doutora Ana Paula Beja Horta

**Lisboa  
2015**



Migrações, Alteridades e Estilos de Vida. O estudo de caso da aldeia de Santa Margarida da Serra, no concelho de Grândola



Universidade Aberta

**Dissertação de Mestrado em Relações Interculturais**

**Migrações, Alteridades e Estilos de Vida.**

**O estudo de caso da aldeia de Santa Margarida da Serra, no concelho de Grândola**



**Mestranda:** Maria Isabel Chaínho Gomes, nº 1002761

**Orientadora:** Professora Doutora Ana Paula Beja Horta

**Lisboa  
2015**



Migrações, Alteridades e Estilos de Vida. O estudo de caso da aldeia de Santa Margarida da Serra, no concelho de Grândola

Migrações, Alteridades e Estilos de Vida. O estudo de caso da aldeia de Santa Margarida da Serra, no concelho de Grândola



## ***Agradecimentos***

*Em primeiro lugar quero agradecer à minha filha que tanto me apoiou, quer na decisão de iniciar este mestrado, quer durante o decurso do mesmo.*

*Quero também agradecer à Professora Doutora Ana Paula Beja Horta que tão gentilmente aceitou orientar o meu trabalho. As suas sugestões, e forte apoio foram essenciais em todo o processo. Mesmo nos momentos de maior dificuldade as suas palavras foram sempre de conforto e confiança.*

*Gostaria ainda de agradecer aos meus colegas de escola, professor Mário Sanches e professor José Nunes. Professora Manuela Angelino e à minha colega de mestrado, Teresa Dias pela força, apoio e motivação que transmitiram ao longo deste percurso.*

*O meu agradecimento também à Junta de Freguesia de Santa Margarida, nas pessoas, do seu presidente, José Horta e da funcionária Maria do Carmo que sempre tão generosamente me cederam todas as informações e documentação de que necessitava e que me Intermediaram junto da população de Santa Margarida.*

*Quero agradecer à Dr.ª Luísa Francisco que tão amavelmente se disponibilizou para me atender, numa tarde de verão em pleno Algarve, cuja ajuda foi preciosa.*

*A todos os habitantes da aldeia que tanto me ensinaram, destacando o senhor Agostinho que sempre tão simpaticamente foi respondendo às minhas inúmeras questões e dissipando as minhas dúvidas.*

*Quero também agradecer à minha família que descobri por Santa Margarida da Serra, em especial ao primo Vitorino tão conhecedor e sempre tão disponível para o outro.*

*Agradeço por fim a todos os migrantes que contribuíram para este estudo.*

*Os meus maiores agradecimentos não poderiam deixar de ser ao Gunter e ao Arnold, embora póstumo e com muito pesar por não cumprir o compromisso que lhe havia prometido.*



## Índice Geral

Agradecimentos.....	IV
Siglas e abreviaturas.....	IX
Índice de Quadros.....	X
Índice de Gráficos .....	X
Índice de mapas.....	XII
Índice de Ilustrações.....	XII
Resumo:.....	XIV
Abstract: .....	XIV
<b>CAPÍTULO I – INTRODUÇÃO.....</b>	<b>16</b>
1.1 - A problemática e o objetivo do estudo .....	17
1.2 - Justificação e contribuição do estudo .....	22
1.3 - Estrutura do trabalho .....	23
<b>CAPITULO II – ENQUADRAMENTO TEÓRICO – METODOLÓGICO .....</b>	<b>26</b>
2.1 - Abordagem Teórica .....	27
2.2 - Itinerário Metodológico .....	35
2.2.1- O estudo de caso .....	36
2.2.1.1 – Estudo Exploratório .....	37
2.2.1.2 - A recolha de informação .....	38
2.2.1.3 - Entrevista estruturada.....	39
2.2.1.3.1 – O universo e a amostra.....	42
2.2.1.4 - Entrevista Semi Estruturada.....	43
2.2.1.5 - A Observação participante .....	44
<b>CAPÍTULO III - A IMIGRAÇÃO EUROPEIA EM PORTUGAL.....</b>	<b>46</b>



3.1 – A integração de Portugal na Europa.....	47
3.2 - Caracterização Geral da Imigração em Portugal .....	53
3.3 – Nacionalidades dos fluxos europeus, que se fixaram em Santa Margarida da Serra ...	57
3.4 - Políticas de imigração.....	59
<b>CAPÍTULO IV - ESTUDO DE CASO SANTA MARGARIDA DA SERRA .....</b>	<b>65</b>
4.1 - Localização e aspetos físicos do meio .....	66
4.2 - Aspetos Históricos .....	68
4.2.1 - A criação da freguesia.....	68
4.3 - A População.....	70
4.4 - Aspetos Económico-Sociais .....	73
4.4.1 - Agricultura .....	75
4.4.2 - Silvicultura .....	76
4.4.3 - A Pecuária.....	78
4.4.4 - A Indústria .....	80
4.4.4.1 - A Panificação .....	80
4.4.5 - O comércio .....	81
4.4.5.1- Vendas e tabernas.....	81
4.4.6 - O artesanato .....	84
4.4.7 - O ensino.....	85
4.4.8 - Equipamentos coletivos .....	87
4.4.9 – A Saúde .....	90
4.4.10 - A Vivência Política.....	92
4.4.11- Importância da Instituição Religiosa para a Freguesia.....	95
4.4.12 - O Cemitério da Freguesia .....	97
4.4.13 - Festas e Feiras.....	98
4.4.14 - A casa Museu Manuel Chainho .....	101
4.4.15 - A Estrada Nacional Nº 120.....	104
<b>CAPITULO V - OS “MIGRANTES” E OS “ MARGARIDOS” ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS.....</b>	<b>107</b>



5.1 - Caracterização sociodemográfica.....	108
5.1.1 - Motivações e Expectativas .....	117
5.2 - Processos de Integração e de Interação.....	120
5.2.1 - Fixação e dinâmicas de integração.....	120
5.2.1.1- Principais dificuldades no momento de chegada .....	120
5.2.1.2- Sistema de Apoios recebidos pelos migrantes.....	123
5.2.1.3 - Aspetos facilitadores da Integração.....	125
5.2.1.4 – Local de residência e habitação.....	129
5.2.1.5- Ocupação profissional .....	136
5.3 - Alteridades e Sociabilidades.....	143
5.3.1 - Os autóctones.....	143
5.3.1.1 – A aceitação do Outro .....	146
5.3.1.2 - Cidadania, Direitos e Deveres .....	149
5.3.2 - Perceções sobre “Outro” .....	150
5.3.3 - Interações e relações entre “Nós “ e o “Outro” .....	158
5.3.4– Perceções na perspetiva do outro.....	162
5.3.4.1 – Representação social do autóctone .....	162
5.3.4.2 – Rede de relacionamentos e de apoios .....	163
5.3.5 – Participação na Comunidade de Acolhimento .....	165
5.3.6 - Atividades de Tempos livres.....	168
5.4 - Relações Institucionais .....	170
5.5 - A Comunicação Social e as Representações Mediáticas dos Migrantes.....	180
5.5.1- Imprensa escrita.....	180
5.5.2 - Imprensa televisiva.....	184
5.5.2.1 - RTP1.....	184
5.5.2.2 - SIC.....	185
5.5.2.3 - RTP2.....	186
5.6 - Avaliação do projeto migratório .....	190



<b>CAPITULO VI - O IMPACTO DOS MIGRANTES PARA O PARA O DESENVOLVIMENTO DE SANTA MARGARIDA DA SERRA. MUDANÇAS E PERSPETIVAS FUTURAS .....</b>	<b>196</b>
6.1- Mudanças Induzidas Pelos Migrantes.....	197
6.2 - Perceções dos migrantes e dos descendentes sobre o projeto migratório e perspetivas futuras .....	200
6.3 - Perceções dos autóctones face às populações migrantes e ao seu impacto na aldeia .....	207
<b>Capítulo VII CONCLUSÃO .....</b>	<b>212</b>
Conclusão .....	213
BIBLIOGRAFIA: .....	217
LEGISLAÇÃO .....	230
WEBGRAFIA: .....	233
FILMOGRAFIA: .....	234



Migrações, Alteridades e Estilos de Vida. O estudo de caso da aldeia de Santa Margarida da Serra, no concelho de Grândola

## ***Siglas e abreviaturas***

APU - Aliança Povo Unido  
CE – Comunidade Europeia  
CEE- Comunidade Económica Europeia  
CDU – Coligação Democrática Unitária  
CIAS – Conselho local de Ação Social de Grândola  
CPLP - Comunidade dos Países de Língua Portuguesa  
EFTA - Associação Europeia de Comércio Livre  
EN – Estrada Nacional  
FEPU - Frente Eleitoral Povo Unido  
FSP - Frente Socialista Popular  
GNR - Guarda Nacional Republicana  
IC – Itinerário Complementar  
IEFP - Instituto de Emprego e Formação Profissional  
INE – Instituto Nacional de Estatísticas  
IPSS - Instituição Privada de Solidariedade Social  
MDP/CDE - Movimento Democrático Popular / Comissão Democrática Eleitoral  
NUTS - Nomenclatura das unidades territoriais para fins estatísticos  
OCDE - Organização para a Cooperação e Desenvolvimento  
OECE - Organização Europeia de Cooperação Económica  
PAC – Política Agrícola Comum  
PCP- Partido Comunista Português  
PEV - Partido Ecologista “Os Verdes”  
PNUD - Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento  
PS – Partido Socialista  
SAD - Serviço de Apoio ao Domicílio  
SAP – Serviço de atendimento permanente  
SEF – Serviço de Estrangeiros e Fronteiras  
TER - Turismo em Espaço Rural  
TIC – Tecnologias da Informação e Comunicação  
UE – União Europeia  
UMS - Unidade móvel de Saúde  
ZCL - Zona de Comércio Livre



## ***Índice de Quadros***

QUADRO 2. 1 - ALÓCTONES.....	42
QUADRO 2 - AUTÓCTONES.....	43
QUADRO 3 - DISTRIBUIÇÃO DA POPULAÇÃO POR GRUPOS ETÁRIOS E TAXA DE VARIAÇÃO VARIAÇÕES – 2001- 2011.....	71
QUADRO 4 – POPULAÇÃO RESIDENTE SEGUNDO O NÍVEL DE ESCOLARIDADE.....	73
QUADRO 5 – COMPARAÇÃO ENTRE AS DIFICULTES SENTIDAS NO MOMENTO DA CHEGADA E ATUALMENTE.....	123
QUADRO 6 - ÁREA DO TRABALHO ATUAL DOS ENTREVISTADOS.....	137
QUADRO 7 - GÉNERO DOS AUTÓCTONES ENTREVISTADOS.....	143
QUADRO 8 - GRUPOS ETÁRIOS DOS AUTÓCTONES ENTREVISTADOS.....	144
QUADRO 9- NÍVEL DE ACEITAÇÃO DO OUTRO (MÉDIA PONDERADA).....	148
QUADRO 10 - COMPARAÇÃO DAS DIFICULDADES SENTIDAS PELOS MIGRANTES E PERCECIONADAS PELOS AUTÓCTONES À CHEGADA (MÉDIA PONDERADA).....	154
QUADRO 11 - POSSIBILIDADE DE RELACIONAMENTO ENTRE O AUTÓCTONE E O OUTRO (MÉDIA PONDERADA).....	161
QUADRO 12 – SÍNTESE DA ANÁLISE DA NOTÍCIA DO CORREIO DA MANHÃ.....	182
QUADRO 13- SÍNTESE DA ANÁLISE DAS PEÇAS TELEVISIVAS.....	189
QUADRO 14 - NÍVEIS E ÁREAS DE CONTRIBUTO DOS MIGRANTES PARA A COMUNIDADE.....	209

## ***Índice de Gráficos***

GRÁFICO 1 - VARIAÇÃO DA POPULAÇÃO EM PORTUGAL (2007- 2012).....	57
GRÁFICO 2 – EVOLUÇÃO DA POPULAÇÃO DESDE 1550 ATÉ 2011.....	70
GRÁFICO 3 - ESTRUTURA DA POPULAÇÃO NA FREGUESIA EM 2011.....	72
GRÁFICO 4 - A ABSTENÇÃO NAS ELEIÇÕES AUTÁRQUICAS DE 1976 A 2009 NA FREGUESIA.....	93
GRÁFICO 5- FORÇAS POLITICAS NA ASSEMBLEIA DE FREGUESIA.....	93
GRÁFICO 6- RESULTADOS ELEITORAIS DE 1976 A 2009.....	94
GRÁFICO 7- PAÍSES DE ORIGEM DOS ENTREVISTADOS.....	110
GRÁFICO 8- DISTRIBUIÇÃO DO GÉNERO NA AMOSTRA.....	110
GRÁFICO 9- DISTRIBUIÇÃO ETÁRIA NA AMOSTRA.....	111
GRÁFICO 10 - ESTADO CIVIL DOS INDIVÍDUOS INCLUÍDOS NA AMOSTRA.....	112
GRÁFICO 11 - INDIVÍDUOS QUE A ACOMPANHARAM OS ENTREVISTADOS NO PROCESSO MIGRATÓRIO.....	112
GRÁFICO 12- NÍVEL DE ESCOLARIDADE NA AMOSTRA.....	113
GRÁFICO 13 - TEMPO DE ESTADA EM PORTUGAL.....	113
GRÁFICO 14 - RAZÕES DE SAÍDA DO PAÍS DE ORIGEM.....	114
GRÁFICO 15 - RAZÕES QUE MOTIVARAM A ESCOLHA DE PORTUGAL.....	115
GRÁFICO 16 - PORTUGAL PRIMEIRA OPÇÃO DE DESTINO PARA OS ENTREVISTADOS.....	116
GRÁFICO 17- RAZÕES DE ESCOLHA DE SANTA MARGARIDA DA SERRA.....	118
GRÁFICO 18 - DIFICULDADES SENTIDAS PELOS ENTREVISTADOS À CHEGADA.....	122
GRÁFICO 19 - APOIO RECEBIDO PELOS ENTREVISTADOS NO MOMENTO DA CHEGADA.....	124
GRÁFICO 20 - APOIANTES DOS ENTREVISTADOS NO PROCESSO DE INTEGRAÇÃO.....	124
GRÁFICO 21 - ÁREA EM QUE SE MANIFESTOU O APOIO AOS ENTREVISTADOS.....	125
GRÁFICO 22 - FATORES FACILITADORES DA INTEGRAÇÃO NA PERSPETIVA DOS MIGRANTES ENTREVISTADOS.....	126
GRÁFICO 23 - APRENDIZAGEM FORMAL DA LÍNGUA PORTUGUESA DOS ENTREVISTADOS.....	127



GRÁFICO 24 - AUTOAVALIAÇÃO DO DOMÍNIO DA LÍNGUA PORTUGUESA NOS ENTREVISTADOS (%).....	128
GRÁFICO 25 – LOCAL DE RESIDÊNCIA DOS ENTREVISTADOS.....	129
GRÁFICO 26 – PROPRIEDADE DA HABITAÇÃO DOS ENTREVISTADOS.....	130
GRÁFICO 27 – ESTADO DE CONSERVAÇÃO DAS HABITAÇÕES DOS ENTREVISTADOS .....	132
GRÁFICO 28 - CARACTERÍSTICAS DAS HABITAÇÕES DOS ENTREVISTADOS .....	134
GRÁFICO 29 - PRETENSÃO DOS ENTREVISTADOS QUANTO À AQUISIÇÃO DE HABITAÇÃO PRÓPRIA .....	135
GRÁFICO 30 - EQUIPAMENTOS UTILIZADOS PELOS ENTREVISTADOS .....	136
GRÁFICO 31 - SITUAÇÃO PROFISSIONAL ATUAL DOS ENTREVISTADOS .....	136
GRÁFICO 32 - SITUAÇÃO DOS ENTREVISTADOS NA PROFISSÃO.....	137
GRÁFICO 33 - FORMAS COMO OS ENTREVISTADOS CONSEGUIRAM O SEU TRABALHO.....	138
GRÁFICO 34 – COMPARAÇÃO ENTRE A OCUPAÇÃO NO PAÍS DE ORIGEM E NO PAÍS DE ACOLHIMENTO .....	138
GRÁFICO 35 – PERCEÇÃO DOS ENTREVISTADOS SOBRE O SEU TRABALHO ATUAL.....	139
GRÁFICO 36 - NÍVEL DE SATISFAÇÃO DOS ENTREVISTADOS COM A OCUPAÇÃO PROFISSIONAL ATUAL.....	140
GRÁFICO 37- TRABALHO NO ESTRANGEIRO DURANTE A ESTADA EM PORTUGAL .....	141
GRÁFICO 38 - PERCEÇÃO DOS ENTREVISTADOS SOBRE O TRABALHO DISPONÍVEIS PARA OS IMIGRANTES (MÉDIA PONDERADA) .....	142
GRÁFICO 39 - RENDIMENTO MENSAL DOS ENTREVISTADOS .....	143
GRÁFICO 40 - NÍVEL DE ESCOLARIDADE DOS AUTÓCTONES .....	144
GRÁFICO 41 – PROFISSÃO QUE EXERCE OU EXERCEU.....	145
GRÁFICO 42 - MIGRAÇÕES ENTRE O GRUPO AUTÓCTONE. ....	145
GRÁFICO 43 - NÍVEL DE ACEITAÇÃO DO OUTRO.....	147
GRÁFICO 44- POSICIONAMENTO DO AUTÓCTONE FACE À IMIGRAÇÃO .....	149
GRÁFICO 45 – PERCEÇÃO DOS DIREITOS E DEVERES DO OUTRO .....	150
GRÁFICO 46 – OPINIÃO DOS ENTREVISTADOS SOBRE A CONDIÇÃO DO OUTRO – IMIGRANTES, OU NÃO? .....	151
GRÁFICO 47 - OPINIÃO DOS AUTÓCTONES ENTREVISTADOS SOBRE OS MOTIVOS QUE ORIGINARAM A FIXAÇÃO DOS MIGRANTES.....	152
GRÁFICO 48 - PERCEÇÃO DAS DIFICULDADES SENTIDAS PELO OUTRO À SUA CHEGADA.....	153
GRÁFICO 49 - CARACTERIZAÇÃO DO OUTRO PELOS AUTÓCTONES ENTREVISTADOS.....	155
GRÁFICO 50 - AVALIAÇÃO DAS CONDIÇÕES DE HABITABILIDADE DO OUTRO .....	156
GRÁFICO 51- AVALIAÇÃO DAS CONDIÇÕES DE TRABALHO DO OUTRO .....	157
GRÁFICO 52 - PERCEÇÃO DO AUTÓCTONE SOBRE AS CONDIÇÕES DE VIDA DO OUTRO .....	157
GRÁFICO 53 – RELAÇÕES ENTRE OS AUTÓCTONES E O OUTRO .....	159
GRÁFICO 54 - POSSIBILIDADE DOS ENTREVISTADOS PEDIREM AUXÍLIO AO OUTRO .....	160
GRÁFICO 55 - POSSIBILIDADE DE RELACIONAMENTO ENTRE OS ENTREVISTADOS E O OUTRO .....	161
GRÁFICO 56 - CARACTERIZAÇÃO DO AUTÓCTONE PELOS MIGRANTES ENTREVISTADOS.....	162
GRÁFICO 57- AMIGOS DOS MIGRANTES ENTREVISTADOS EM PORTUGAL.....	163
GRÁFICO 58 - NUMA SITUAÇÃO DE EMERGÊNCIA A QUEM RECORREM OS MIGRANTES ENTREVISTADOS .....	164
GRÁFICO 59 - RELAÇÕES DOS MIGRANTES COM OS VIZINHOS PORTUGUESES .....	164
GRÁFICO 60 - PARTICIPAÇÃO DOS MIGRANTES ENTREVISTADOS NOS EVENTOS DA COMUNIDADE ACOLHEDORA.....	166
GRÁFICO 61 - PARTICIPAÇÃO DOS MIGRANTES ENTREVISTADOS NOS EVENTOS DA COMUNIDADE MIGRANTE .....	167
GRÁFICO 62 - PARTICIPAÇÃO POLÍTICA DOS MIGRANTES ENTREVISTADOS .....	168
GRÁFICO 63 - ATIVIDADES DE TEMPOS LIVRES .....	170



Migrações, Alteridades e Estilos de Vida. O estudo de caso da aldeia de Santa Margarida da Serra, no concelho de Grândola

GRÁFICO 64 - RECURSO DOS ENTREVISTADOS AOS SERVIÇOS NO CONCELHO DE GRÂNDOLA.....	172
GRÁFICO 65 - AVALIAÇÃO DOS SERVIÇOS UTILIZADOS EM GRÂNDOLA PELOS ENTREVISTADOS.....	173
GRÁFICO 66 - SUCESSO ESCOLAR DOS FILHOS DOS IMIGRANTES.....	174
GRÁFICO 67 - INTERRELAÇÕES DESENVOLVIDAS NA ESCOLA .....	175
GRÁFICO 68 - RECURSO DOS ENTREVISTADOS AOS SERVIÇOS FORA DO CONCELHO DE GRÂNDOLA.....	176
GRÁFICO 69 - AVALIAÇÃO DOS ENTREVISTADOS AOS SERVIÇOS FORA DE GRÂNDOLA .....	177
GRÁFICO 70 - DIFICULDADES SENTIDAS PELOS ENTREVISTADOS NO RECURSO AOS SERVIÇOS PORTUGUESES .....	177
GRÁFICO 71 - DISCRIMINAÇÃO SENTIDA PELO MIGRANTE .....	178
GRÁFICO 72 - LOCAIS ONDE O MIGRANTE SE SENTIU DISCRIMINADO .....	179
GRÁFICO 73 - AVALIAÇÃO DOS ENTREVISTADOS SOBRE A SUA INTEGRAÇÃO NA COMUNIDADE.....	191
GRÁFICO 74 – AVALIAÇÃO DOS ENTREVISTADOS SOBRE O SEU PROJETO MIGRATÓRIO .....	192
GRÁFICO 75 - PERSPETIVAS FUTURA DOS MIGRANTES.....	201
GRÁFICO 76 - IMPORTÂNCIA DA RELAÇÃO COM O PAÍS DE ORIGEM PARA OS MIGRANTES ENTREVISTADOS.....	202
GRÁFICO 77 - MEIOS UTILIZADOS PARA O CONTACTO COM O PAÍS DE ORIGEM .....	203
GRÁFICO 78 - FAMILIARES QUE OS MIGRANTES TÊM NO PAÍS DE ORIGEM .....	203
GRÁFICO 79 – DESLOCAÇÕES DOS MIGRANTES AO PAÍS DE ORIGEM .....	204
GRÁFICO 80 - MOTIVOS DAS DESLOCAÇÕES AO PAÍS DE ORIGEM DOS MIGRANTES .....	205
GRÁFICO 81 - REMESSAS ENVIADAS PELOS MIGRANTES .....	206
GRÁFICO 82 - PERCEÇÃO DOS AUTÓCTONES DOS NÍVEIS E ÁREAS DE CONTRIBUTO DOS MIGRANTES PARA A COMUNIDADE % .....	209

### ***Índice de mapas***

MAPA 1- LOCAL DE ORIGEM DOS MIGRANTES FIXADOS EM SANTA MARGARIDA DA SERRA .....	58
MAPA 2 – FREGUESIAS DO CONCELHO DE GRÂNDOLA.....	66
MAPA 3 – MAPA HIPSOMÉTRICO DO CONCELHO DE GRÂNDOLA .....	67
MAPA 4 - A FREGUESIA DE SANTA MARGARIDA .....	69

### ***Índice de Ilustrações***

ILUSTRAÇÃO 1- SILVICULTURA .....	76
ILUSTRAÇÃO 2 – A OLIVICULTURA.....	77
ILUSTRAÇÃO 3 - MOINHO A OESTE DA ALDEIA DE SANTA MARGARIDA.....	81
ILUSTRAÇÃO 4 – PANORÂMICA DA ÚLTIMA MERCEARIA DE SANTA MARGARIDA (FOTO ATUAL) .....	81
ILUSTRAÇÃO 5 - CASA DIMAS (ANTIGA VENDA DA VENTONHA).....	82
ILUSTRAÇÃO 6 – VENDA DE BAIXO .....	82
ILUSTRAÇÃO 7 - CAFÉ TRIUNFO.....	83
ILUSTRAÇÃO 8 - A TABERNA DO SR. AGOSTINHO .....	84
ILUSTRAÇÃO 9 - LAVADOURO PÚBLICO.....	88
ILUSTRAÇÃO 10- SANITÁRIOS PÚBLICOS DA ALDEIA.....	88
ILUSTRAÇÃO 11- 1º DIA DA VISITA DA UMS À ALDEIA .....	91
ILUSTRAÇÃO 12 - ANIKE PAIXÃO, CABEÇA DE LISTA À ASSEMBLEIA DE FREGUESIA DE SANTA MARGARIDA DA SERRA .....	95



Migrações, Alteridades e Estilos de Vida. O estudo de caso da aldeia de Santa Margarida da Serra, no concelho de Grândola

ILUSTRAÇÃO 13- A IGREJA DE SANTA MARGARIDA - VISTA DE NORTE (ESQUERDA), VISTA DE SUL (DIREITA) .....	97
ILUSTRAÇÃO 14- CEMITÉRIO DE SANTA MARGARIDA .....	98
ILUSTRAÇÃO 15 - A FEIRA DE SANTA MARGARIDA DA SERRA EM 2012.....	101
ILUSTRAÇÃO 16 - A CASA MUSEU MANUEL CHAINHO .....	101
ILUSTRAÇÃO 17- INAUGURAÇÃO DA CASA MUSEU .....	103
ILUSTRAÇÃO 18 – A ESTRADA NACIONAL Nº 120.....	106
ILUSTRAÇÃO 19 – MONTE DO AÇUDE .....	131
ILUSTRAÇÃO 20- MONTE DO AÇUDE, OUTRA PERSPETIVA .....	131
ILUSTRAÇÃO 21 - COZINHA E SALA.....	133
ILUSTRAÇÃO 22 - SALA .....	133
ILUSTRAÇÃO 23 - A FONTE .....	134
ILUSTRAÇÃO 24 - O TRANSPORTE DA ÁGUA .....	134
ILUSTRAÇÃO 25 – APICULTURA .....	140



Migrações, Alteridades e Estilos de Vida. O estudo de caso da aldeia de Santa Margarida da Serra, no concelho de Grândola

## ***Resumo:***

A partir da segunda metade da década de 80 do século XX, Santa Margarida da Serra, uma pequena freguesia do concelho de Grândola, localizada na serra do mesmo nome, assistiu à chegada de estrangeiros provenientes da Europa Central e Ocidental (alemães, belgas, holandeses e ingleses). Estes estrangeiros vieram rejuvenescer a aldeia e minimizar a saída da população local que, dada a estagnação da agricultura e numa tentativa de melhorar a sua condição de vida, começou a abandonar a freguesia por volta da segunda metade do século XX, para a sede de concelho, para a sede de distrito e para a região de Lisboa.

A chegada destes migrantes, que procuravam o sol e uma reconciliação com o mundo natural, para além dos benefícios demográficos constituiu, também, uma fonte de dinamização da aldeia, não só do ponto de vista económico, mas também do ponto de vista cultural.

O presente trabalho tem como principal objetivo examinar o impacto destes fluxos migratórios nas dinâmicas sociais, culturais e económicas na aldeia de Santa Margarida da Serra. Neste quadro, especial enfoque é dado às sociabilidades estabelecidas entre as populações imigrantes e a população autóctone, às vivências do quotidiano e às suas perspetivas do futuro.

**Palavras-chave:** imigrantes; migrações; alteridade; estilos de vida; Santa Margarida da Serra.

## ***Abstract:***

From the second half of the 1980s, Santa Margarida da Serra, a small parish in the county of Grândola, located in the hills of the same name, has witnessed an influx of foreigners from Central and West Europe (German, Belgian, Dutch and English). These foreigners came rejuvenate the village and minimize the local population exit, as a result of agriculture's stagnation and in an attempt to improve their condition of life, began to leave the parish by the second half twentieth's century to the county seat, to the district headquarters and to the region Lisbon.

The arrival of these migrants that were in search of the sun and reconciliation with the natural world, beyond the demographic benefits, they also constituted a source



Migrações, Alteridades e Estilos de Vida. O estudo de caso da aldeia de Santa Margarida da Serra, no concelho de Grândola

of dynamism to the village, not only from the economic point of view but also from a cultural perspective.

This study aims to examine the impact of migration on social, cultural and economic dynamics in the village of Santa Margarida da Serra. In this context, special attention is given to established sociability among immigrant populations and the indigenous population, the experiences of everyday life and its prospects for the future.

**Key words:** immigrants; migration; otherness; lifestyle; Santa Margarida da Serra.

## **CAPÍTULO I – INTRODUÇÃO**



### *Introdução:*

*O objetivo deste capítulo é introduzir o leitor na dissertação, explicando, sucintamente, quais os motivos que estiveram na origem da escolha do tema de trabalho, assim como os objetivos que se pretendem atingir com um estudo desta natureza. Apresenta-se ainda a estrutura deste documento.*

## **1.1 - A problemática e o objetivo do estudo**

A complexidade das circulações migratórias, a diversificação dos fluxos - estimuladas pela globalização e pelas maiores facilidades veiculadas pelos direitos inerentes à cidadania europeia e ainda à existência de redes sociais de populações em diáspora - conduziram a um aumento da produção de estudos científicos sobre a temática das migrações. Mas, no entanto, deparamo-nos com uma fraca reflexão científica, sobretudo no concerne à importância das migrações a nível regional e local.

Seguindo o pressuposto defendido por Castles e Miller na sua obra “ The age of migration”, onde os autores referem a existência de traços comuns nas migrações internacionais, perspetivando que este fenómeno continue a crescer nos próximos anos. Desses traços comuns *destacamos: a globalização da migração, que se traduz no facto de afetar cada vez mais países ao mesmo tempo; a aceleração da migração, que aumenta em todas as grandes regiões; a diferenciação das migrações, que variam dentro dos países de acolhimento* (Castro, 2008, p18). Desta forma facilmente se depreende que a migração internacional afeta milhões de pessoas em todo o mundo, os migrantes e não migrantes. Na verdade, os não migrantes, que tanto podem ser os familiares dos migrantes que ficaram nas comunidades de origem, ou os autóctones das comunidades acolhedoras.

Assim, no presente trabalho, procura-se versar a problemática das migrações de cidadãos de países da Europa central e ocidental para uma pequena comunidade rural localizada no concelho de Grândola, em plena serra. Pretende-se compreender as razões que determinaram a escolha deste espaço para a sua fixação, sendo este, em termos populacionais e económicos, pouco atrativo, tendo em consideração, por um lado, a evolução demográfica desta comunidade rural e por outro, a natureza e o volume da sua atividade económica.

Conhecer as razões que levaram estes indivíduos a migrar, revela-se também uma necessidade. Na verdade, o ato de migrar pode ser caracterizado de diferentes modos, sendo as razões que justificam a saída de extrema importância, na medida em



que essas razões podem divergir consoante o tempo histórico, o espaço e ainda consoante as características particulares do indivíduo, sendo também motivada por fatores psicológicos.

A forma de migração adotada, isto é; se as migrações têm apenas um caráter temporário ou, se pelo contrário se trata de uma intenção para o resto da vida, é um outro aspeto que importa conhecer.

Porque migram as pessoas? As respostas vêm de dois lados aparentemente incompatíveis: as decisões individuais racionais e as estruturas sociais coercivas. No fundo, o que está em causa é determinar qual a unidade de análise; Se o indivíduo, ou se a sociedade, se o migrante ou se o processo migratório (Matos, s/d).

No domínio das decisões individuais, racionais e voluntárias podemos apontar as razões económicas como uma alavanca, recordando o modelo proposto por Ravenstein sustentado no conceito do homo *economicus*, “*laws of migration*” (1885). No entanto, este modelo parece-nos demasiado simplista não abarcando toda a realidade, pois existem outros fatores exógenos aos processos económicos (embora possam estar na base ou ser consequências deles), destacam-se: processos políticos ou demográficos, relações sociais, diferenças entre indivíduos, se considerarmos que perante uma mesma realidade social, uns emigram, outros não o fazem (cf Santos, 2007).

Dentro deste conjunto de fatores podemos ainda referir que, estudos mais recentes, e sobretudo na área da ecologia humana, vêm apontar novas causas explicativas para o fenómeno migratório.

Segundo estes estudos teriam sido fatores como um retorno à natureza, tendo em atenção a integração no meio social e a forma de relacionamento com o meio ambiente (Francisco, 2002) que teriam conduzido muitos indivíduos, sobretudo, de países como a Alemanha e Holanda. É, possivelmente, nesta perspetiva que podemos enquadrar os migrantes (ou parte deles) que constituem o objeto deste estudo, visto que as suas características e o seu estilo de vida não se enquadram cabalmente nos fatores enunciados anteriormente. Para além, desta perspetiva de eco emigrantes também procuram o sol e um estilo de vida que conduza a uma melhoria da qualidade de vida, conceito difícil de definir, dadas as suas características subjetivas, isto é, variam de indivíduo para indivíduo. Por isso, torna-se pertinente encontrar uma definição deste conceito que se adeque às características destes migrantes. “A qualidade de vida é resultado da interação de múltiplos fatores no funcionamento das sociedades humanas e traduz-se na situação de bem estar físico, mental e social e na



Migrações, Alteridades e Estilos de Vida. O estudo de caso da aldeia de Santa Margarida da Serra, no concelho de Grândola

*satisfação e afirmação culturais, bem como em relações autênticas entre o indivíduo e a comunidade, dependendo da influência de fatores inter-relacionados.*<sup>1</sup> (Chainho, 1997).

A escolha do local de fixação também é revelador das características do migrante/ migração. Por norma, a escolha do local estará muito relacionada com os outros aspetos caracterizadores das migrações. Assim, se o local escolhido se situa em áreas pouco povoadas, locais onde a vida possa ser vivida com um maior “sentido” *“Each and every one of these mobile individuals presents migration as a route to a better and more fulfilling way of life, especially in contrast to the one left behind.”* (O’Reilly e Benson, 2009) ou, por outras palavras, esta forma de migração constitui um escape, um projeto de autorrealização anti moderno, uma caminhada para o inatingível *“good lyfe”* recorrendo aos recursos naturais e vivendo de uma forma ecologicamente sustentável.

As políticas agrícolas que foram tomadas ao longo de diversos anos, desde o Estado Novo até às mais recentes, consequência da adesão de Portugal à Comunidade Económica Europeia, originaram um abandono da atividade agrícola. Por um lado, porque nesta região concreta, as propriedades são de pequena dimensão e os seus solos que já eram originalmente pobres ficaram esgotados. Esta situação conduz à saída da população mais jovem e consequentemente os campos, as casas ficam votadas ao abandono, e como diz Sardinha (s/d) este foi um palco privilegiado para uma nova forma de ocupação de migrantes. Esta é a realidade que encontramos neste espaço.

Santa Margarida da Serra, uma comunidade rural habituada a receber migrantes internos, assalariados agrícolas que vinham de outras partes do país, nos períodos de grande azáfama nas colheitas, para trabalhar e assim colmatar a escassez de mão-de-obra que se fazia sentir, dado que a aprovação do projeto de lei (1887)<sup>2</sup> previa a exploração e colonização do terreno que estivesse há cinco anos sem

---

<sup>1</sup> Lei de Bases do Ambiente- 11/87 de 7 de abril

[http://www.pgdlisboa.pt/leis/lei\\_mostra\\_articulado.php?nid=752&tabela=leis](http://www.pgdlisboa.pt/leis/lei_mostra_articulado.php?nid=752&tabela=leis) (consultado em outubro,2013)

<sup>2</sup> A 27 de abril de 1887 era apresentado, na Câmara dos Senhores Deputados, o projeto de Lei de Fomento Rural de Oliveira Martins, onde se lia no seu preambulo “o vale oblíquo do Tejo pode dizer-se que divide o Portugal povoado do deserto, Portugal culto do inculto; e a primeira necessidade da nossa economia interna é compensar estas duas metades, unificar estas duas partes, transladar para as regiões deficientes aquilo que há nas opíparas: o homem, os capitais”. “Nesse mesmo ano Mariano Carvalho e Emídio Navarro veem aprovado o seu projeto que previa a expropriação para colonização,



Migrações, Alteridades e Estilos de Vida. O estudo de caso da aldeia de Santa Margarida da Serra, no concelho de Grândola

cultura. Com a arroteia<sup>3</sup> generalizada, reduz-se a zona de charneca<sup>4</sup> e aumenta a ocupação humana. Ao Alentejo acorreram minhotos, “picamilhos”, beirões e “caramelos” (de ir e de vir e de ficar) (Santos, 2011, p 22). Estes seriam os *estranhos* que este povo conhecia.

Mas a partir da segunda metade da década de 80 do século XX, assistiu-se à chegada de estrangeiros da Europa central e oeste (alemães, belgas, holandeses e ingleses) que vêm minimizar a saída da população local, que começou a abandonar a freguesia por volta da segunda metade do século XX, quer para a sede de concelho, quer para a sede de distrito, quer para a região Lisboa, com um único objetivo: melhorar a condição de vida. Mas a vinda destes estrangeiros é também uma fonte de dinamização da aldeia, não só do ponto de vista económico, mas também do ponto de vista cultural.

Alguns anos após a chegada desta população, a comunicação social, quer a imprensa escrita, quer a televisão, dedica-lhes uma especial atenção, tendo sido publicados vários artigos que procuravam dar a conhecer estes recentes habitantes.

A questão que se coloca é porque é que os migrantes de Santa Margarida se tornam tão “apreciados” pela comunicação social? No mesmo período, mas noutra local do concelho de Grândola fixaram-se estrangeiros oriundos também da Europa central e ocidental e com motivações e expetativas idênticas aos estrangeiros de Santa Margarida da Serra. Talvez esse interesse possa ser explicado, por um lado pelo “ peso” que cada grupo tem relativamente à população local (cerca de 21,5% da população total da freguesia, no caso de Santa Margarida da Serra). Ou talvez possa ser explicado também pelas características das inter-relações que se estabeleceram entre os autóctones e os migrantes, que no caso de Santa Margarida da Serra foi muito significativo, pois a população local estava mais isolada e distante do fenómeno turístico que já era uma realidade em Melides, o que poderia ter originado um maior interesse.

---

todo o terreno conservado durante 5 anos sem cultura, a que se seguiu outro (1893), nomeando uma comissão colonizadora de incultos e baldios” (RAPOSO, José Hipólito (1977), Alentejo: dos princípios à chamada reforma agrária, Editorial o Século)

<sup>3</sup> Foi uma política adotada pelos governantes do final do século XIX com o objetivo de diminuir a área não cultivada. Esta medida levou a que solos, mesmo sem grande aptidão agrícola fossem agricultados.

<sup>4</sup> A charneca existe frequentemente em regiões de climas quentes e secos, particularmente no verão, e desenvolve-se em solos ácidos, de baixa fertilidade.



Migrações, Alteridades e Estilos de Vida. O estudo de caso da aldeia de Santa Margarida da Serra, no concelho de Grândola

Passaram quase trinta anos desde que os montes<sup>5</sup> da serra de Grândola - já abandonados e sem vida, porque os seus habitantes se haviam deslocado para a aldeia, ou para a sede de concelho, ou ainda para os grandes centros urbanos, Lisboa e a sua área metropolitana, preferencialmente - começaram a ser “ocupados” por hippies. A natureza, a tranquilidade e o sol foram os pretextos para a desejada fixação.

Que atrativo poderá ter uma pequena aldeia como Santa Margarida da Serra para lá se instalarem cerca de 50 indivíduos de nacionalidades, alemã, holandesa, belga e inglesa?

Santa Margarida da Serra é sede de uma freguesia instalada na Serra de Grândola, onde os muito poucos habitantes se dedicam à agricultura, sobretudo (atualmente) à silvicultura. A sua população, que nem chega às **duas centenas** de habitantes, é uma gente de “trabalho”, onde o tempo não chegou para aprender as primeiras letras, por isso com um baixo nível de instrução<sup>6</sup>.

Esta dissertação centra-se no estudo do fenómeno migratório de cidadãos da Europa central e ocidental que a partir da segunda metade da década de 80 se instalaram na freguesia de Santa Margarida da Serra. Procedeu-se ao estudo do caso desta comunidade, bem como da própria comunidade da freguesia, no sentido de conhecer o quotidiano dos migrantes e a imagem que a população autóctone tem do outro.

Constituem ainda objetivos deste trabalho:

- Examinar os processos de fixação e de integração, acesso a serviços de saúde, educação, à habitação, o relacionamento com as diversas instituições locais, regionais e nacionais;
- Compreender o quadro de sociabilidades existente entre a população imigrante e a população autóctone de Santa Margarida da Serra;
- Analisar o impacto dos fluxos migratórios no desenvolvimento local.

Assim sendo procurou-se encontrar respostas para algumas questões:

---

<sup>5</sup> Chama-se monte alentejano à propriedade rural, mais ou menos extensa, e respetivas instalações. No sentido restrito, o termo é também aplicado apenas ao conjunto da moradia e dependências do proprietário ou lavrador

<sup>6</sup> Tendo em consideração os dados estatísticos dos Censos 2011, onde existem 30 indivíduos, sem escolaridade, dos quais 24 são analfabetos. O que nos indica que a taxa de Indivíduos sem escolaridade é de 17% e a taxa de analfabetismo é de 14 %.



Migrações, Alteridades e Estilos de Vida. O estudo de caso da aldeia de Santa Margarida da Serra, no concelho de Grândola

Nestes quase trinta anos o que mudou? Quer ao nível das expectativas, quer ao nível da sua participação no quotidiano da aldeia, ou até mesmo ao nível da sua intervenção na resolução dos problemas da comunidade.

Torna-se pertinente conhecer qual o contributo destes migrantes para o desenvolvimento / conservação desta pequena aldeia que, como tantas outras encastrada nas serras do Alentejo, tem vindo a perder progressivamente população e a sofrer um assinalável processo de desertificação

## ***1.2 - Justificação e contribuição do estudo***

Dado o número reduzido de estudos sobre esta problemática, este trabalho pretende ser um contributo para colmatar a lacuna científica existente sobre o fenómeno imigratório em espaços rurais, no contexto português. Em particular, importa examinar os processos de fixação e o impacto destas populações imigrantes nas vivências e na revitalização de comunidades rurais em evidente declínio populacional e económico.

Na perspetiva científica apenas a Celta Editora, em colaboração com o Departamento de Antropologia e o Centro de Estudos de Antropologia Social do ISCTE, apresentaram o livro *Fronteiras da Identidade. O "Outro" na Construção de Um Lugar na Serra de Grândola*, de Manuela Raminhos. A autora analisa a forma como os movimentos migratórios, neste caso, provenientes do Norte da Europa, participam na construção identitária em espaço rural.

As características dos migrantes que se fixaram nesta região traduzem-se nas expectativas que têm face a Santa Margarida - espaço físico e social. Quando nos referimos às características dos migrantes, não procuramos homogeneizar o grupo, embora, existam aspetos comuns, nomeadamente, a procura do sol e de uma qualidade de vida superior, proporcionada pela tranquilidade e ainda, o seu nível educacional (mais elevado do que o da população local). No entanto, a forma de viver o quotidiano, as suas sociabilidades com os autóctones são muito distintas, o que reforça o interesse deste estudo.

Por outro lado, também a história da freguesia que muito contribui para caracterizar o espaço social que hoje encontramos, e a perda de importância em termos administrativos, consequência da reforma administrativa implementada pelo poder central que contribui decisivamente para um enfraquecimento do poder local. A freguesia rural é a unidade mais coesa da sociedade rural, por ser a célula mais antiga



Migrações, Alteridades e Estilos de Vida. O estudo de caso da aldeia de Santa Margarida da Serra, no concelho de Grândola

deste meio, depois da família (Santo, 1980:15). Como é apreendida esta imposição vinda do mundo exterior, quer pelos autóctones, população envelhecida e com pouca mobilidade para as deslocações ao novo centro de poder, quer pelos alóctones.

A natureza das relações intergrupais que foram e são desenvolvidas entre populações tão distintas, mas que aprenderam, primeiro a respeitarem-se, depois a conviver e hoje mantêm uma relação intercultural, em que ambos aprendem e vivem em conjugação, tendo consciência dessa situação de dependência.

### ***1.3 - Estrutura do trabalho***

No primeiro capítulo é feita uma breve introdução ao tema do trabalho, onde procuramos enunciar as razões que determinaram a escolha do tema e do local que acolheram esta investigação.

O capítulo II - Enquadramento Teórico – Metodológico, inicia-se com uma breve introdução à problemática em estudo elaborando, desde logo uma primeira e breve abordagem às teorias que procuram explicar o fenómeno, primeiro num âmbito mais geral, as migrações e depois, num âmbito mais particular, as migrações de estilo de vida (*lifestyle*), por serem estas que, de uma forma mais completa, caracterizam os migrantes que são objeto deste estudo. E que nos permitiram, partindo de algumas premissas provenientes de estudos sobre as populações migrantes, encontrar uma base de sustentação para a investigação, cujos resultados são apresentados no presente trabalho. No que respeita ao itinerário metodológico pretende-se, dar a conhecer a forma como foi conduzido este estudo. O que foi feito e como se procedeu, elucidando como foram percorridas as diversas etapas do trabalho (as opções escolhidas, quem foram os participantes, processo de amostragem, o objeto de estudo, os instrumentos utilizados para recolha de informação).

Posteriormente, no capítulo III - A migração europeia em Portugal, depois de abordar as características e a evolução do fenómeno, procura-se enquadrar este fenómeno num contexto histórico, isto é, as razões históricas e políticas que levaram à possibilidade de ocorrência desta realidade, a “opção europeia”. O percurso escolhido pelos governos, confederações empresariais para um país recentemente saído de um longo regime ditatorial que o havia afastado das conjeturas de desenvolvimento em curso na Europa.



Migrações, Alteridades e Estilos de Vida. O estudo de caso da aldeia de Santa Margarida da Serra, no concelho de Grândola

Será ainda abordada a questão das políticas de imigração, numa perspetiva evolutiva, sendo também tratada a questão da cidadania europeia que confere direitos e deveres dos migrantes provenientes da União Europeia.

No Capítulo IV - Estudo de Caso – Santa Margarida da Serra, importa referir que este estudo de caso foi feito numa dupla perspetiva, ou seja, a do migrante e a do autóctone, santamargaridense, que neste trabalho toma o nome de “margaridos”<sup>7</sup>, dado que é desta forma que os autóctones que se autodenominam. Este capítulo é inteiramente dedicado a Santa Margarida. Pretende-se introduzir o leitor no contexto espacial e social de Santa Margarida da Serra, que são, no nosso entender determinantes para a emergência e consolidação do fenómeno migratório aqui estudado. Para tal tornou-se necessário fazer uma pequena alusão à história desta freguesia, das mais antigas de Grândola, enquadrá-la no seu contexto físico-espacial e caracterizá-la também em termos de dinamismo populacional, social, cultural e económico.

Nos capítulos seguintes serão apresentados os resultados da investigação, resultantes da aplicação das diferentes técnicas.

No capítulo V - Os “ alemães” e os “ margaridos”, pretende-se desvendar as motivações que conduziram à escolha da freguesia de Santa Margarida da Serra como local de fixação, quais os atrativos de uma pequena aldeia, sede de uma freguesia caracterizada pela dispersão de edifícios e populacional, localizada em plena serra de Grândola, envelhecida, pouco dinâmica, que de dia para dia parecia mais votada ao abandono e esquecimento. Como tiveram, estes migrantes, conhecimento da sua existência?

Procurar-se-á mostrar a forma de integração dos indivíduos migrantes na comunidade, bem como a imagem que os “margaridos” têm do outro e também o modo como estes (os “margaridos”) são vistos pelos migrantes. Quais as expectativas mútuas? Como se relacionam? Quais os contornos desta coabitação?

Pretende-se também compreender o contributo da comunicação social para a construção da imagem dos migrantes e para a sua aceitação por parte dos autóctones. Ainda relativamente a esta temática, comunicação social, importa conhecer como é que a população migrante lida com o interesse que a comunicação social lhe presta.

---

<sup>7</sup> Denominação anteriormente utilizada por Manuela Raminhos no seu trabalho de investigação realizado sobre esta mesma comunidade.



Migrações, Alteridades e Estilos de Vida. O estudo de caso da aldeia de Santa Margarida da Serra, no concelho de Grândola

Por fim, neste capítulo pretende-se também mostrar qual o tipo de relacionamento que estes migrantes desenvolvem com os órgãos institucionais, quer a nível do poder local, quer a nível nacional.

No Capítulo VI - O impacto dos migrantes para o desenvolvimento de Santa Margarida da Serra. Mudanças e Perspetivas Futuras, procura-se avaliar a importância destes migrantes para o desenvolvimento/manutenção da comunidade. Num contexto de mudança, como o que se vive, em particular na antiga freguesia e, em geral em Portugal, numa Europa cada vez mais fragmentada entre os ideais do norte e do sul. Cada vez mais uma Europa a duas velocidades. Se a primeira geração escolheu esta terra e esta agora é sua, o que pensa a segunda geração? Aqueles que já nasceram em Portugal, ou que para cá vieram muito pequenos e que, para além, do reflexo da mudança dos tempos passaram por um processo de socialização, caracterizado por um “choque” de culturas. Que valores se impuseram? Como perspetivam o seu futuro? A perpetuação de um estilo de vida virado para o reencontro com a natureza, ou se pelo contrário, este modo de vida já não lhes diz muito, já não é o seu e esta realidade social já não é a sua?

Relativamente aos autóctones, pretende-se também compreender como interpretam e como acolhem, ou rejeitam este processo de mudanças numa perspetiva de futuro da aldeia/ comunidade/ comunidades?

Neste capítulo procura-se, de certa forma, compreender como é perspetivado o futuro, quer dos migrantes na comunidade, quer o próprio futuro da comunidade.

No capítulo sétimo, são apresentadas as principais conclusões que foram possíveis com a realização deste estudo de caso, apontam-se sugestões para uma possível investigação futura. E por fim, dá-se nota das fontes bibliográficas consultadas.

**CAPITULO II - ENQUADRAMENTO TEÓRICO -  
METODOLÓGICO**



### *Introdução:*

*Elabora-se breve introdução à problemática em estudo apresentando, desde logo uma primeira e breve abordagem às teorias que procuram explicar o fenómeno, primeiro num âmbito mais geral, as migrações e depois, num âmbito mais particular, as migrações de estilo de vida (lifestyle), por serem estas que, de uma forma mais completa caracterizam os migrantes que são objeto deste estudo. E que nos permitiram, partindo de algumas premissas provenientes de estudos sobre as populações migrantes, encontrar uma base de sustentação para a investigação, cujos resultados são apresentados no presente trabalho.*

*No que respeita ao itinerário metodológico pretende-se dar a conhecer a forma como foi conduzido este estudo. O que foi feito e como se procedeu, elucidando como foram percorridas as diversas etapas do trabalho, as opções escolhidas, quem foram os participantes, processo de amostragem, o objeto de estudo, os instrumentos utilizados para recolha de informação.*

## **2.1 - Abordagem Teórica**

As migrações internacionais são uma parte integrante da globalização. Segundo Castles (2005), as causas do movimento migratório estão associadas à disparidade dos níveis de rendimentos, emprego e bem-estar social à escala global. Não são um fenómeno recente. No entanto, ganharam nos últimos anos contornos muito diferentes daqueles que norteavam as primeiras migrações internacionais.

Hoje, graças ao desenvolvimento tecnológico que conduziu a um desenvolvimento das comunicações, quer por via da evolução dos transportes, quer por via daquilo a que é chamado o fenómeno das TIC, estabelecer contacto torna-se, assim, mais rápido e esses podem ser alargados a diversas áreas da vida quotidiana dos indivíduos, quer seja para obter informação, quer seja para dar resposta a necessidades correntes da vida em sociedade. Estes fatores, para além de favorecerem uma maior mobilidade, oferecem novos contornos ao fenómeno migratório que, hoje em dia, pouco se assemelha com o verificado até meados do século anterior. As distâncias físicas deixam de ter significado, por um lado graças ao desenvolvimento das tecnologias da informação e comunicação, por outro lado, o desenvolvimento tecnológico dos transportes conduz a custos cada vez menores.

As fronteiras entre os países estão cada vez mais esbatidas e os espaços geográficos são cada vez menos delineados. De acordo com Appadurai (2004), o



Migrações, Alteridades e Estilos de Vida. O estudo de caso da aldeia de Santa Margarida da Serra, no concelho de Grândola

mundo tornou-se num sistema interativo no qual vários países do mundo elaboram trocas entre si. A globalização, é um fenómeno multifacetado com dimensões económicas, sociais, geopolíticas, demográficas, culturais, psicológicas, científico-tecnológicas, religiosas e jurídicas ligadas entre si e de forma complexa (Giddens, 2000). Estamos, todos juntos, na Aldeia Global proposta por Marshall McLuhan.

As sociedades são cada vez mais pluriétnicas e desta forma podemos observar que o Estado-Nação, conceito concebido na Europa em finais do século XVIII e inícios do século XIX e entendido, por nós, como um povo com uma identidade cultural coesa, pertencente a um determinado território, bem delimitado espacialmente e com uma organização política soberana, relacionando-se de igual para igual com outros Estados-Nação, parece ser cada vez mais suplantado por uma consciência transnacional, multicultural e global. Este novo modelo envolve novas lógicas de entendimento e enquadramento do fenómeno migratório.

*Os rápidos avanços nas tecnologias de transportes e comunicações têm dado lugar a um fenómeno emergente entre grupos imigrantes que consiste na criação de comunidades transnacionais. Tais entidades forjam-se em torno de um fluxo cíclico de famílias e indivíduos que adotam estratégias de vida binacionais e biculturais. Desta forma, um grupo crescente de imigrantes não "vive" realmente no país recetor mas divide o seu tempo e as suas energias entre este e os seus lugares de origem. Ainda que minoritário, o fenómeno da transnacionalidade reflete uma nova estratégia de adaptação consequente do processo de globalização e capaz de alterar no futuro as definições de "comunidade imigrante" e de "assimilação" (Portes, 1999, p 4)*

Por outro lado, assiste-se à emergência de empresas transnacionais "os actores centrais da nova economia mundial", uma vez que é nelas que reside a grande concentração de poder económico (Santos 2005, p. 35).

Os migrantes podem ser diferenciados pelo género, classe social, etnicidade, pela razão da migração, pela idade, pela forma de migração, pela natureza e influência na economia global (Gonçalves, 2009, p. 23). Se bem que as categorias aplicadas ao estudo do fenómeno migratório sejam aquelas que sempre se utilizaram, verifica-se, no entanto, que as características deste fenómeno sofreram algumas modificações que são consequência do processo de mudança da sociedade.

As migrações de hoje em dia são multifacetadas. As motivações podem ser de diversa natureza e podem ter diferentes durações, isto é, hoje em dia por motivos profissionais, pode viver-se em permanente viagem.

Como refere Spalging (2013), *The globalization of travel, technology, markets and ideas is rapidly transforming Latin American cities and rural landscapes. One*



Migrações, Alteridades e Estilos de Vida. O estudo de caso da aldeia de Santa Margarida da Serra, no concelho de Grândola

*particular manifestation of this is the emergence of new migration patterns that are influenced by the global political economy and by changes in individual objectives and attitudes towards life.* Na verdade esta citação refere-se à América latina, mas facilmente encontramos semelhanças com o espaço português, em que indivíduos europeus de países economicamente mais ricos se deslocam para, os países do sul da Europa.

Estamos perante uma migração característica da sociedade pós-moderna, (Huete e Montecon,2012), onde há um reposicionamento dos valores sociais: Anteriormente os valores meramente materiais eram priorizados. Agora, e sobretudo nas sociedades ocidentais mais desenvolvidas, enfatiza-se a "qualidade de vida", ou melhor, enfatizam-se valores que atribuam um significado à qualidade da vida. Uma realidade a que os autores mais recentemente têm denominado de migrações de estilo de vida, *lifestyle migrations*.

Estudos recentes mostram que fluxos migratórios com estas características são, cada vez mais frequentes.

Estas migrações englobam indivíduos de todas as idades que saíam do seu país de origem, que em norma é mais forte economicamente que o país escolhido como destino. Vão à procura de qualidade de vida, mas esta qualidade de vida ganha um novo significado, como se tratasse de um ideal, algo impossível de encontrar no país de origem. São atraídos para locais, como eles descrevem, onde o ritmo de vida é lento, longe das pressões da vida moderna, com um clima saudável e com menores custos. Sítios, onde o ser humano ainda tem significado, com um forte sentimento de comunidade. Escolhem zonas mais afastadas das cidades, pequenas aldeias rurais de onde muita da população local saiu, ou para as grandes cidades portuguesas, ou para o estrangeiro. Esta escolha prende-se com dois aspetos fundamentais, a facilidade de encontrar propriedades disponíveis a um custo mais convidativo e, estas zonas permitem uma vida mais tranquila, como se fosse quase um retiro espiritual permanente.

São atraídos para um estilo de vida tradicional, onde há uma maior segurança num ambiente não urbanizado, não industrializado o que, conjuntamente com a simplicidade da população autóctone cumpre todas as suas aspirações, para o idealizado bem-estar (cf Benson e O'Reilly, 2009).

A noção de *Lifestyle migration*, sendo um conceito relativamente recente, mas apesar da sua juvenildade, não deixa de estar relacionada com o conceito de estilo de vida de Simmel. Segundo o autor, o progresso científico da era moderna possibilitou o



Migrações, Alteridades e Estilos de Vida. O estudo de caso da aldeia de Santa Margarida da Serra, no concelho de Grândola

conhecimento histórico de países e de culturas distantes, mas, por outro lado, motivou que a vida na cidade, marcada pelo distanciamento, pelo cálculo racional e isolamento dos sujeitos, se tornasse enfadonha, pouco satisfatória para a maioria dos indivíduos. Por isso, procuram apegar-se a paisagens e culturas remotas, que lhe parecem mais atraentes do que a vida quotidiana que levam na metrópole, sem grandes emoções, sem aventuras e distante da natureza (Rodrigues, 2006, p 21).

Sendo esta forma de migração uma consequência da pós-modernidade, característica das sociedades economicamente desenvolvidas, onde o indivíduo já atingiu um confortável nível de segurança económica que lhe dá disponibilidade para pensar no bem-estar, numa perspetiva para além da aquisição dos bens materiais.

De acordo com a teoria de Inglehart (1977, 1990), tem-se vindo a observar desde os anos 60 uma mudança cultural, uma modernização que resulta de transformações estruturais ocorridas na economia, na política e na tecnologia. A mudança cultural dá-se ao nível dos valores e utilizando a terminologia proposta por Inglehart, a mudança dá-se de valores materialistas para valores pós-materialistas. Os valores materialistas estão relacionados com o bem-estar físico e segurança, enquanto indivíduo da “era” pós-materialista atribui maior importância a questões de índole diferente, como por exemplo, autoexpressão, estética, pertença, participação e qualidade de vida (Inglehart, 1990 p.66).

Também relacionada com a questão da pós-modernidade e com esta maior disponibilidade do indivíduo para valores de natureza não económica surge na sociedade espaço para se formar movimentos contraculturais. Movimentos que se insurgiram contra os valores vigentes na sociedade da década de 60, do século passado, onde os valores da modernidade, do capitalismo eram dominantes. Estes movimentos embora tivessem nascido nos Estados Unidos da América depressa se alargaram ao resto do mundo, principalmente à Europa - onde a modernidade e o seu sistema de significações estavam bem implantados – defendiam causas que não diziam respeito apenas a um país e a um círculo restrito. Por isso foram verdadeiros movimentos de massa.

Segundo Hall, naqueles anos contraculturais, pode-se identificar uma nova postura política, agora centrada nas diferenças e na consolidação de novos movimentos sociais, (2002, p.21), abarcando novas áreas da vida social: a família, a sexualidade, o trabalho doméstico, a divisão doméstica do trabalho, o cuidado com as crianças, etc.” (2002, p. 45).



Migrações, Alteridades e Estilos de Vida. O estudo de caso da aldeia de Santa Margarida da Serra, no concelho de Grândola

Neste contexto há também a valorização de outras culturas (que não mostravam tanto envolvimento com os valores da era moderna), outras éticas, etnicidades e religiosidades. Emergiam novas formas de “olhar o mundo”, Estes movimentos preconizavam uma atitude anti consumista, e de repúdio ao lucro e ao comércio, à repressão de qualquer natureza, físicas ou culturais. Com ela o Oriente passa a ser uma referência de sabedoria não apenas espiritual, mas também no domínio de novas formas de medicina, hoje denominadas alternativas.

O modelo cultural vigente reagiu à contracultura fazendo crer os seus ideais eram utópicos e alienados do mundo concreto: o modelo de sociedade que defendiam era inviável.

Da contracultura dos anos 60 advieram as grandes transformações contemporâneas alicerçadas numa nova visão do mundo, do sentido da vida. E neste novo contexto, o individuo sustenta a sua felicidade / realização pessoal numa perspectiva para além do económico. Diríamos que estavam criadas as condições para emergência de um novo modelo de migrações: *Lifestyle*.

Existem três categorias de locais de destino para os migrantes lifestyle: Locais rurais entendidos como idílicos (*the rural idyll*), a fuga para o litoral (*the coastal retreat*), e ainda locais de encontro cultural e espiritual (*the cultural/spiritual attraction*) longe dos locais de atração para outros migrantes, ou até turistas (cf Benson e O'Reilly, 2009).

Os migrantes *lifestyle* não são movidos por razões económicas<sup>8</sup>, mas também não podem ser considerados como migrantes de aposentadoria, ou como, por exemplo, Fonseca (2002), os designa *sunseekers*, ou seja reformados que procuram um outro país, atraídos por condições climáticas mais agradáveis.

Também não são migrantes de lazer. Primeiro porque nem todos são reformados, alguns estão ainda em idade ativa e a exercer uma atividade. O trabalho é um meio para um atingir um fim, muitas vezes trabalham por conta própria, ou em pequenos negócios relacionados com o turismo, nomeadamente bares, restaurantes, e unidades TER, ou dedicar-se à pintura e outras atividades que tenham por base os recursos (plantas e outros materiais) da região (cf Spalging, 2013). Ou ainda, como acontece no caso português, investindo em atividades relacionadas com a agricultura, como por exemplo, a silvicultura, ou a pecuária. Estes migrantes valorizam a

---

<sup>8</sup> (...) they are not driven by job opportunities or solely by economic reasons that have driven much of migration throughout history. (Jackiewicz, 2010)



tradicional vida rural de uma forma tão ou mais arreigada que as próprias populações das comunidades acolhedoras (cf Castro, s/d).

Em síntese, referimos que estes migrantes são atraídos por um conjunto de fatores, como por exemplo, a qualidade ambiental, a paisagem e o clima, a existência de uma oferta imobiliária bastante apelativa, pelos baixos custos dos imóveis que estão perfeitamente adequados aos recursos destes migrantes. Por outro lado, estes locais escassos em população, mas onde o modo de vida rural está bem enraizado, proporcionam aos migrantes um sentimento de pertença nas dimensões física (a propriedade / território) e humana (a comunidade). É também um espaço propício a um recomeço de vida, na medida em que se dedicam a atividades laborais diferentes das que desenvolviam antes do projeto migratório. Como refere Torkington (2010, p103), estes migrantes *lifestyle migrants* caracterizam-se, também, por aliarem a uma mudança geográfica da residência e do local de trabalho, o paradigma de vida, procurando por isso locais propícios a um quotidiano mais calmo, com ausência de situações de *stress*, em contacto com a natureza.

Esta forma de migração está associada também ao turismo residencial que também é uma realidade importante no nosso país, onde por vezes é difícil delinear uma fronteira estanque entre esta forma de turismo e algumas formas de migração, nomeadamente, a *lifestyle migration* e *sunseekrs migration*. Por trás da expressão “turismo residencial” esconde-se um conjunto de processos difíceis de delimitar e que misturam a intensa atividade económica que gira em torno do negócio imobiliário com aspetos próprios do turismo tradicional, e que, por sua vez, estão associados a formas de residir emergentes durante as últimas décadas nas sociedades avançadas (Mantecón, 2008 p 298).

Apontando as características que definem dos turistas de segunda residência podemos dizer que estes podem ser proprietários de uma habitação que utilizam com alguma frequência por motivos de lazer e para além de demonstrarem um grande conhecimento da região envolvente, à qual dão muito valor. No entanto, estes turistas podem também não ser os proprietários das habitações. Estas podem ser arrendadas por um longo período de tempo (cf Hall e Müller, 2004).

No turismo de segunda habitação há uma premissa que é fundamental a fidelização, na medida em que o novo proprietário só adquire um imóvel se estiver fidelizado à região. Essa fidelização implica, pois, um anterior contacto enquanto turista formal.



Migrações, Alteridades e Estilos de Vida. O estudo de caso da aldeia de Santa Margarida da Serra, no concelho de Grândola

Em Santa Margarida da Serra, embora os migrantes<sup>9</sup> observados possam apresentar traços comuns que nos levem a caracterizá-los, de um modo geral, como “*lifestyle*” migrantes, porque estamos na presença de uma «*spatial mobility of relatively affluent individuals of all ages, moving either part-time or full-time, to places that are meaningful because, for various reasons, they offer the potential for a better quality of life*» (Benson and O’Reilly, 2009, p 2), convém, no entanto, identificar as diferenças existentes entre os grupos migrantes que encontramos em Santa Margarida da Serra.

O seu estilo de vida, o seu modo de estar na comunidade não é igual para todos os migrantes. Há fatores que os diferenciam, como por exemplo, a sua condição perante a atividade (o exercer ou não uma atividade laboral remunerada), o local de residência (mais próximo, ou afastado do centro da comunidade) e a posse de propriedade, que num meio pequeno e rural, como é a freguesia de Santa Margarida da Serra, tem uma importância extrema.

O grupo de migrantes que se encontra mais afastado do centro da comunidade, habitando os montes que antes estavam devolutos, e que agora lhes foram cedidos (não são proprietários), assumem-se como hippies<sup>10</sup>, defensores de valores ecológicos, contestam o modo de vida alicerçado no aumento da riqueza material e são apologistas de valores presentes nas comunidades camponesas e orientais. Presencia-se um certo revivalismo,<sup>11</sup> Entendido, neste contexto, como uma tentativa de recuperar princípios e tradições de tempos passados, quer seja para enfrentar desafios que parecem não ter solução nos tempos atuais, ou até mesmo para dar um certo “sentido” à vida. Vivem, quase exclusivamente do que a terra lhes dá, com um forte conceito de partilha dentro do grupo. Um estilo de vida muito próximo do espírito associado ao movimento ecológico que defende um retorno a uma relação mítica com a natureza, repudiando utopicamente o desenvolvimento conquistado pelo

---

<sup>9</sup> Um dos migrantes não se enquadra neste grupo, deslocou-se para Santa Margarida da Serra por razões exclusivamente económicas.

<sup>10</sup> No final da década de 60 do século passado, nas nações ocidentais materialmente desenvolvidas, ocorre a expansão da consciência ecológica. Naquela época, emergem movimentos que, ao contestarem o modo de vida baseado no aumento da riqueza material, reconhecem e defendem valores vivenciados por indígenas, camponeses e povos orientais. (Silva,2013: p2)

<sup>11</sup> “ (...) um ressurgimento de valores espirituais e/ou culturais tradicionais dentro de uma cultura que define a si mesma como decadente (...) em resposta à crescente neutralização desses valores pela cultura percebida como dominante ou em vias de se tornar dominante.” (Horowitz,1999).



homem, regressando às organizações tribais, não urbanizadas, mais integradas na dinâmica natural e simultaneamente mais dependentes dela.

É pertinente, então, fazer uma breve alusão aos movimentos ecológicos que nos anos 60 do século passado, ganharam expressão devido a uma crescente preocupação da sociedade com a degradação ambiental e com exploração descontrolada dos recursos naturais. Essa preocupação acentuou-se quando houve a percepção de que essa atitude, além de contribuir negativamente para a qualidade de vida dos seres humanos, colocava em risco e podia mesmo conduzir à extinção da própria espécie.

Os movimentos ecológicos procuram a fundamentação científica das suas verdades, apoiando-se, assim, nos conhecimentos científicos da ecologia. Colocam a tónica no ser humano, que é entendido, como corresponsável pela manutenção do equilíbrio da interação dos seres vivos entre si e com o meio ambiente. Hoje em dia o movimento ganhou novos contornos, o misticismo deu lugar a uma atitude mais formal e mais pragmática e procura-se, através de uma educação ambiental, modificar as ações humanas e conduzir a sociedade para a sua autossustentabilidade com um novo senso ético, sem provocar degradações ambientais.

Nesta perspetiva, podemos também enquadrar estes migrantes no conceito de eco imigração - uma imigração de populações com elevado nível económico, cultural e académico, para espaços de significativo valor ecológico, predominantemente áreas rurais, numa lógica de desenvolvimento pessoal e sustentável (Francisco, 2002).

No entanto, mesmo neste grupo não podemos estabelecer uma categorização única, que abranja a totalidade de casos. Estes indivíduos apresentam, contudo, semelhanças entre si e uma proximidade relacional. Referimo-nos aos migrantes originários da Alemanha.

O segundo grupo, que engloba os indivíduos provenientes da Holanda, Bélgica e Reino Unido, revelam uma atitude diferente, podendo viver em casas tradicionais no centro da aldeia, ou em montes isolados, dos quais são proprietários e desenvolvem uma atividade económica, entendida como tal<sup>12</sup> pelos autóctones.

Estes migrantes vieram para Portugal à procura do sol e viver num espaço rural, mais próximo da natureza, por isso, e no seu entender, mais autêntico, mas continuam a manter uma relação próxima com o seu país de origem. Verifica-se um

---

<sup>12</sup> De referir que um dos indivíduos que enquadrámos no primeiro grupo, goza junto da população de um estatuto semelhante ao do segundo grupo, reforçando, assim a dificuldade de categorização.



Migrações, Alteridades e Estilos de Vida. O estudo de caso da aldeia de Santa Margarida da Serra, no concelho de Grândola

envolvimento forte com as duas nações, quase existindo uma dupla fidelidade. A sua forma de vida está organizada entre o país de origem e o país de acolhimento. Observamos, pois uma nova vertente das migrações internacionais.

*Esta nova vertente da migração internacional é pautada pela criação de pontes de encontro, de redes entre sociedades distintas, com base nas novas tecnologias de comunicação e informação. Esta nova realidade territorial propicia o aparecimento de comunidades transnacionais que conseguem gerir a pertença a espaços sociais diferentes, criando elos intereconómicos, interculturais e outros (Gonçalves,2009 p18).*

Por outro lado, este grupo beneficiou da emergência de um mercado imobiliário que, do lado da oferta tinha proprietários agrícolas que não estavam interessados em manter as suas propriedades. Estes migrantes que tinham uma confortável segurança financeira. Possuíam, por isso, recursos suficientes para adquirir essas propriedades.

## **2.2 - Itinerário Metodológico**

*"Há uma idade em que se ensina o que se sabe; mas vem em seguida outra, em que se ensina o que não se sabe: isso chama -se pesquisar. Vem talvez agora a idade de uma outra experiência, a de desaprender, de deixar trabalhar o remanejamento imprevisível que o esquecimento impõe à sedimentação dos saberes, das culturas, das crenças que atravessamos. Essa experiência tem, creio eu, um nome ilustre e fora de moda, que ousarei tomar aqui sem complexo, na própria encruzilhada de sua etimologia: sapientia - nenhum poder, um pouco de saber, um pouco de sabedoria, e o máximo de sabor possível." Roland Barthes apud Goldenberg,2004.*

Existe uma prática nos trabalhos de investigação, segundo a qual o pesquisador deve explicitar as razões, as condições e o processo das suas investigações. Assim, o leitor poderá, através dessas descrições, enquadrar-se mais facilmente na problemática estudada.

Deste modo, as razões que conduziram a esta temática foram, em primeiro lugar, a realização da dissertação de Mestrado em Relações Interculturais que, necessariamente conduz à observação das relações multiculturais. A segunda razão prende-se com a escolha do local de investigação, assim, residindo a investigadora em Grândola, que é um pequeno concelho do distrito de Setúbal localizado na NUTIII - Alentejo Litoral e que segundo dados oficiais do INE, 4,51 % da sua população é imigrante, oriunda das mais diversas partes do mundo e que estes imigrantes se distribuem por todas as freguesias do concelho. A investigadora delimitou a sua área de estudo à freguesia de Santa Margarida da Serra, cujo aglomerado principal dista 7 quilómetros da sede de concelho. Se por um lado, nesta freguesia, deste concelho se



observa a maior taxa de concentração de estrangeiros relativamente à população residente, por outro lado, estes migrantes apresentam características peculiares.

A última razão que motivou a escolha desta freguesia foi a sua história: Sendo a sua criação simultânea à instituição do concelho de Grândola, isso não invalidou que a recente reorganização do território das freguesias, a remetesse para uma união com a freguesia de Grândola.

Apresentadas que estão as razões torna-se necessário abordar as condições em que esta investigação foi realizada. Assim, o processo teve início em maio de 2012 e terminou em março 2014. O trabalho de campo foi realizado no mês de agosto, do ano de 2012, março e agosto de 2013.

Importa referir que, para concluir este trabalho, algumas limitações tiveram de ser superadas, nomeadamente a exiguidade de tempo para a realização não só da pesquisa, mas também a recolha de informação na comunidade, e ainda limitações de recursos financeiros e recursos humanos

### **2.2.1- O estudo de caso**

Este trabalho, referente ao projeto migratório de cidadãos da Europa central e ocidental que a partir da segunda metade da década de 80 se instalou na freguesia de Santa Margarida da Serra, tem uma natureza complexa e por outro lado, desenvolve-se numa comunidade específica. Debruça deliberadamente sobre uma situação específica que se supõe ser única ou especial, pelo menos em certos aspetos, procurando descobrir o que há nela de mais essencial e característico e, desse modo, contribuir para a compreensão global de um certo fenómeno de interesse (Ponte, 2006, p 2).

Sendo os nossos objetivos direcionados para uma compreensão deste fenómeno específico que influencia e é influenciado por diversas dimensões da realidade social, a metodologia por nós seguida foi a de estudo de caso. Este permite uma investigação para compreender de forma global as características significantes de contextos da vida real, como por exemplo: ciclos de vida individuais, processos organizacionais e administrativos e relações internacionais (Coutinho, 2005). É utilizado quando se pretende conhecer o “como?” e o “porquê?”. O objetivo do estudo de caso é explorar, descrever ou explicar (Yin, apud Carmo, 2008).

Neste estudo de caso, utilizaram-se diversas técnicas de recolha de informação, nomeadamente entrevistas estruturadas, entrevistas semiestruturadas,



Migrações, Alteridades e Estilos de Vida. O estudo de caso da aldeia de Santa Margarida da Serra, no concelho de Grândola

observação participante, diário de campo, onde foram registadas informações sobre o que estava a ser observado.

O Estudo de caso, sendo de natureza empírica, está mais associado às metodologias qualitativas. No entanto, procurámos conjugar as duas metodologias. Ao tratamento estatístico da entrevista fechada juntámos a interpretação dos resultados à luz de outros elementos de natureza qualitativa. Bell (1997, p 85) sustenta que “nenhuma abordagem depende unicamente de um só método – apenas porque é considerado «quantitativo», «qualitativo», ou designado por «estudo de caso», Sanches e Minayo, (Apud Paulilo, 1999, p 135-136) consideram que, do ponto de vista metodológico, não há contradição, assim como não há continuidade entre investigação quantitativa e qualitativa. Não são excludentes e podem ou não ser complementares uma à outra na compreensão de uma dada realidade.

No nosso entender, a conjugação dos dois métodos permitiu uma melhor apreensão da realidade.

Por fim, organizaram-se e analisaram-se as informações recolhidas. Foram elaborados quadros e gráficos estatísticos e procedeu-se à redação de um relatório final.

### **2.2.1.1 – Estudo Exploratório**

*“O pesquisador está sempre em estado de tensão porque sabe que seu conhecimento é parcial e limitado — o “possível” para ele” (Goldenberg,2004, p8).*

Em primeiro lugar, procedeu-se a um estudo exploratório de forma a compreender melhor o fenómeno em estudo. Na fase exploratória da pesquisa, convém inquirir informadores qualificados, ou seja, pessoas cujo conhecimento da população em questão poderá vir a ser útil para uma descrição preliminar do grupo e do seu modo de vida (Carmo,2008, p140). Recorreu-se, por isso, à entrevista exploratória a membros da junta de freguesia local que foi da maior relevância, pois conduziu a investigadora à recolha de algumas informações que lhe permitiram a análise de documentação disponível sobre o local e o tema da análise, tais como bibliografia sobre a história local, livros de memórias e estudos científicos sobre a



Migrações, Alteridades e Estilos de Vida. O estudo de caso da aldeia de Santa Margarida da Serra, no concelho de Grândola

freguesia realizados anteriormente<sup>13</sup>. Raymonde Quivy e Campenhoudt consideram que as “entrevistas exploratórias devem ajudar a constituir a problemática de investigação”. Devem, portanto, contribuir, ainda na ótica do mesmo autor, “para descobrir os aspetos a ter em conta” e alargar ou retificar o campo de investigação (Quivy e Campenhoudt, 2008, p 69).

Através da entrevista exploratória, apercebemo-nos da diversidade de origens dos migrantes; a diversidade de escolha do espaço para fixação e ainda existência de uma diversidade de estilos de vida. – A principal função do estudo exploratório é “revelar determinados aspetos dos fenómenos estudados em que o investigador não teria espontaneamente pensado por si mesmo e, assim, complementar as pistas de trabalho (Quivy e Campenhoudt, 2008, p 69)

Nesta fase procedeu-se ainda à revisão da literatura resultante das entrevistas exploratórias e outra literatura sobre a temática em estudo, ou que de alguma forma pudessem, com ela, estar relacionada. Analisaram-se os dados estatísticos<sup>14</sup> resultantes do Recenseamento Geral da População referentes à população da freguesia de Santa Margarida da Serra. Consultou-se o Serviço de Fronteiras e Estrangeiros, os seus boletins anuais. Examinaram-se outras fontes, neste caso, não oficiais como, por exemplo, artigos de jornais sobre a população em estudo e filmes exibidos em programas de televisão.

### **2.2.1.2 - A recolha de informação**

A recolha de informação decorreu em três períodos distintos, como já foi referido anteriormente (agosto de 2012, março e agosto de 2013). Os locais escolhidos para aplicação das entrevistas foram os cafés e taberna da aldeia, por sugestão dos autóctones, sendo o horário variável, consoante a população alvo; os migrantes ao final da tarde, princípio da noite, os autóctones durante o período da manhã.

De um modo geral, num primeiro momento, a população (alóctone e autóctone), mostrou-se muito reservada, mas logo que a comunicação é estabelecida deparamo-nos com uma população acolhedora e generosa, pronta para responder às

---

<sup>13</sup> Referido neste trabalho na página 21

<sup>14</sup> O Diagnóstico Social do Concelho de Grândola só foi analisado mais tarde, porque a sua atualização foi publicada em março de 2013.



Migrações, Alteridades e Estilos de Vida. O estudo de caso da aldeia de Santa Margarida da Serra, no concelho de Grândola

questões que todos já julgavam conhecer, pois têm ainda na memória, quer o trabalho realizado pela menina Manuela (como chamam carinhosamente à investigadora Manuela Raminhos) que em 2004 esteve alojada em Santa Margarida da Serra, enquanto desenvolvia o seu estudo, quer as entrevistas realizadas pelos diversos órgãos de informação sobre os alemães de Santa Margarida da Serra.

Entre inúmeras horas passadas nas mesas dos cafés e da taberna<sup>15</sup>, visitas à sede da Junta de Freguesia; ao Centro Comunitário, procurámos: primeiro conhecer a história e as “estórias” da freguesia; depois, observar o desenrolar quotidiano da população e compreender como se estabeleceram e fortificaram as relações interculturais.

A escolha dos cafés, ou da taberna não foi aleatória. Os migrantes holandeses eram mais facilmente encontrados na taberna, situada no centro da aldeia, enquanto que, os migrantes alemães eram mais facilmente encontrados nos cafés, localizados junto à estrada nacional.

As técnicas utilizadas para a recolha de informação no terreno foram as entrevistas (estruturadas aplicadas à população migrante e à população autóctone e as entrevistas semiestruturadas aplicadas a representantes de entidades locais) e a observação participante. No que respeita à recolha de informação audiovisual só foram recolhidas imagens da freguesia. Não se registaram filmagens porque se percebeu que essa recolha não seria muito bem recebida. Deste modo fomos registando por escrito toda a informação que nos parecia pertinente.

### **2.2.1.3 - Entrevista estruturada**

Procedeu-se à elaboração e aplicação de entrevista estruturada que inicialmente seria por questionário, mas que acabou por ser transformado em entrevista estruturada e com questões predominantemente fechadas. Esta tomada de decisão foi motivada por dificuldades que se prenderam com as características dos migrantes, o que nos levou a considerar mais eficaz a aplicação da entrevista estruturada de forma presencial. Contactámos individualmente cada um dos respondentes, o principal fator distintivo entre um inquérito por entrevista e um

---

<sup>15</sup> Os cafés e a taberna são os espaços públicos da aldeia. Não existe nem Mercado, nem sequer mercearia.



Migrações, Alteridades e Estilos de Vida. O estudo de caso da aldeia de Santa Margarida da Serra, no concelho de Grândola

inquérito por questionário é o primeiro ser realizado por situação presencial, enquanto o segundo é administrado à distância (Carmo, 2008,p141)

Foram elaboradas três entrevistas (estruturadas) diferentes, consoante o público-alvo. Assim, elaborou-se uma entrevista estruturada destinada aos migrantes de 1ª geração, uma segunda destinada aos migrantes de 2ª geração e uma terceira, aos autóctones.

Na formulação das questões houve uma grande preocupação, não só na forma e estrutura, mas também no que diz respeito ao vocabulário utilizado, dadas as características da população de forma a reduzir as barreiras à comunicação e assim, diminuir os obstáculos à recolha de informação. Os migrantes, porque o seu domínio da língua portuguesa situa-se mais ao nível do popular, e porque a sua cultura de origem<sup>16</sup> é diferente da cultura portuguesa. No caso da população autóctone, porque esta é uma população envelhecida e de um meio rural<sup>17</sup>.

Cada modelo da entrevista estruturada, foi aplicado previamente a membros dos três tipos de população alvo, como pré teste para que, através dessa aplicação, se pudesse detetar possíveis erros ou incongruências, e ainda para avaliar o seu grau de eficácia na recolha da informação pretendida.

A entrevista foi estruturada em sete grupos:

Grupo I - Caracterização Sócio- Demográfica – Procurou-se conhecer alguns dados pessoais do entrevistado, e também sobre o seu agregado familiar – inquiriu-se sobre os elementos que acompanharam (ou não) o indivíduo no ato migratório;

Grupo II – Causas Da Emigração – Motivações para saída/entrada nos respetivos países – indagou-se sobre os fatores atrativos e repulsivos que promoveram a migração;

Grupo III - Integração na Comunidade

– Direitos e Deveres – Procurou-se saber a posição do entrevistado face aos direitos e deveres consignados na legislação<sup>18</sup>. Procurou-se também conhecer o decurso do processo de regularização e da pretensão favorável ou desfavorável à obtenção da nacionalidade;

---

<sup>16</sup> Cultura no sentido antropológico do termo

<sup>17</sup> Apesar do cuidado referido, a comunicação foi mais difícil na população autóctone mais idosa.

<sup>18</sup> Portuguesa/ europeia. Na medida em que os casos observados dizem respeito a migrantes, cidadãos de Estados Membros da União Europeia,



Migrações, Alteridades e Estilos de Vida. O estudo de caso da aldeia de Santa Margarida da Serra, no concelho de Grândola

– Integração – Indagou-se o entrevistado sobre a sua relação com a comunidade de acolhimento e a forma como decorreu a integração;

Grupo IV – Caracterização Socioeconómica, Profissional e Familiar

Caraterização profissional:

– Trabalho – Conhecer o percurso do imigrante no mercado de trabalho português;

– Habitação – Procurou conhecer-se as condições de habitabilidade, bem como outros aspetos, como por exemplo, a intenção de comprar ou não casa, e a intenção de continuar no meio rural, entre outros;

– Educação – Inquiriu-se o imigrante sobre o acesso aos serviços de educação;

Grupo V – Religião;

Grupo VI - Serviços - Inquiriu-se o imigrante sobre o acesso aos diversos serviços;

Grupo VII - Relações com o País de Origem - Inquiriu-se sobre as relações que são estabelecidas com o país de origem.

Na entrevista aplicada à segunda geração foram efetuadas algumas alterações relativamente à entrevista aplicada aos migrantes, de forma a adequar-se ao estatuto do entrevistado, mas a sua organização era semelhante à organização da entrevista descrita anteriormente.

A entrevista aplicada à população autóctone foi estruturada do seguinte modo:

- Caracterização Sócio- Demográfica, de forma a conhecer melhor as características da população.

- Caracterização Dos Estrangeiros Residentes – Procurou-se conhecer a forma como os autóctones caracterizam o “Outro”

- Relação com os estrangeiros – Procurou-se conhecer a forma de sociabilidade desenvolvida entre os dois grupos.

- A Imigração em Portugal - Procurou-se conhecer a opinião sobre diversos aspetos e grupos de migrantes em Portugal.

Depois de aplicadas as entrevistas, procedeu-se ao tratamento estatístico da informação e efetuaram-se gráficos, de modo a tornar mais visível a relação entre as variáveis e assim, tornar mais compreensível a informação.



### **2.2.1.3.1 – O universo e a amostra**

A amostra foi criada de forma a incluir todos os estrangeiros residentes, dado que o número de migrantes residentes se situava nos 23 indivíduos. Mas sabendo que alguns deles seriam difíceis de contactar, não só pelo facto de viverem mais isolados fisicamente, como evitarem a todo o custo o contacto com elementos estranhos à comunidade, pensou-se num segundo momento incluir 16 indivíduos.

As razões podem ser divididas em dois tipos, o primeiro porque alguns estrangeiros são um casal e chegaram a Portugal enquanto tal, neste caso optou-se por aplicar entrevista a um só dos elementos, dado que as motivações foram as mesmas. Por outro lado, houve alguns migrantes que, embora fizessem parte da amostra, não foi possível entrevistar, porque o local de residência ser muito distante da aldeia e com condições de acesso muito difíceis que dificultou o contacto. Por outro lado, relativamente aos grupos etários mais jovens, alguns destes indivíduos já deixaram neste momento Portugal, tendo regressado à Alemanha.

Foi contactado um primeiro indivíduo (o mais antigo migrante da freguesia) que foi indicando outros indivíduos, semelhante ao método “bola de neve”. Foi muito importante este primeiro indivíduo, bastante colaborante, tendo-nos aproximado dos outros elementos que indicou para a amostra.

**Quadro 1 - Alóctones**

<b>GRUPOS</b>	<b>UNIVERSO</b>	<b>AMOSTRA</b>	<b>HOMENS</b>	<b>MULHERES</b>
<b>14-24</b>	<b>3</b>	<b>3</b>	<b>2</b>	<b>1</b>
<b>25-29</b>	<b>0</b>	<b>0</b>	<b>0</b>	<b>0</b>
<b>30-39</b>	<b>2</b>	<b>2</b>	<b>1</b>	<b>1</b>
<b>40-49</b>	<b>5</b>	<b>2</b>	<b>1</b>	<b>2</b>
<b>50-59</b>	<b>6</b>	<b>4</b>	<b>2</b>	<b>2</b>
<b>60-64</b>	<b>5</b>	<b>3</b>	<b>1</b>	<b>2</b>
<b>65 +</b>	<b>2</b>	<b>2</b>	<b>2</b>	<b>0</b>
<b>TOTAL</b>	<b>23</b>	<b>16</b>	<b>9</b>	<b>7</b>

Fonte: Própria

A segunda amostra diz respeito à população autóctone. Procurou-se incluir nela todos os estratos etários da população, de modo a que a amostra fosse representativa da população da freguesia.

Assim resultou a distribuição que se apresenta no quadro seguinte:



Migrações, Alteridades e Estilos de Vida. O estudo de caso da aldeia de Santa Margarida da Serra, no concelho de Grândola

**Quadro 2 - Autóctones**

<b>GRUPOS</b>	<b>UNIVERSO</b>	<b>AMOSTRA</b>	<b>HOMENS</b>	<b>MULHERES</b>
<b>0-14</b>	<b>12</b>	<b>1</b>	<b>0</b>	<b>1</b>
<b>15-24</b>	<b>15</b>	<b>2</b>	<b>1</b>	<b>1</b>
<b>25-64</b>	<b>65</b>	<b>9</b>	<b>4</b>	<b>5</b>
<b>65+</b>	<b>62</b>	<b>8</b>	<b>4</b>	<b>4</b>
<b>TOTAL</b>	<b>154</b>	<b>20</b>	<b>9</b>	<b>11</b>

Fonte: Própria

#### **2.2.1.4 - Entrevista Semi Estruturada**

Foram realizadas entrevistas à técnica responsável do Centro de Dia de Santa Margarida da Serra, ao Presidente da Associação de Solidariedade Social e Desenvolvimento de Santa Margarida da Serra “A Flor da Serra”, ao Presidente da Junta de Freguesia e ainda à última professora da Escola de Ensino Básico de Santa Margarida da Serra.

Antes da entrevista procedeu-se à definição dos seus objetivos, depois, para cada uma das entrevistas, procedeu-se à construção de um guião que funcionasse como um eixo orientador do desenvolvimento da entrevista. Por último, procurámos averiguar se através do guião construído, depois da recolha de dados, estaríamos em condições de afirmar rigorosamente que tínhamos atingido os objetivos.

A entrevista à técnica responsável do Centro de Dia, teve como objetivo compreender como funciona a instituição, qual o seu contributo para a dinamização da freguesia, quer pelas atividades que desenvolve, quer pelo número de clientes que usufruem do Centro. Procurava-se também conhecer a história e a evolução do Centro Comunitário.

A entrevista ao presidente da Junta de Freguesia teve como objetivo, não só conhecer as atividades desenvolvidas durante o seu mandato, como, ainda, o que ficou por realizar e qual o futuro administrativo da freguesia. Pretendia-se, também, compreender quais os fatores que conferiram a esta instituição a importância que revela ter junto da população migrante.

Na entrevista ao Presidente da Associação pretendia-se, para além de conhecer a história e os objetivos da Associação, conhecer as atividades que já foram



Migrações, Alteridades e Estilos de Vida. O estudo de caso da aldeia de Santa Margarida da Serra, no concelho de Grândola

desenvolvidas e as que estão por desenvolver e o seu papel na dinamização da freguesia e como perspectiva o futuro desse mesmo espaço (freguesia).

Entrevistou-se também a última professora. Na entrevista realizada à Professora do 1º ciclo, do Ensino Básico (que prestou serviço na comunidade durante cerca de 10 anos), procurámos saber como eram as sociabilidades desenvolvidas entre as crianças autóctones e estrangeiras; a relação da instituição - escola com a comunidade, com os encarregados de educação, no geral e em particular, com os migrantes. Procurámos também conhecer assuntos relacionados com o aproveitamento escolar dos alunos, de um modo geral, e em particular dos estrangeiros.

### **2.2.1.5 - A Observação participante**

Em grande parte das situações, o investigador deverá assumir o seu papel de estudioso junto da população observada, combinando-o com outros papéis sociais, cujo posicionamento lhe permita um bom posto de observação (Carmo e Ferreira, 2008,p121). Ou como refere Iturra (1986, p155), a observação participante caracteriza-se como sendo uma situação dum investigador que, adulto como é, saltita desajeitadamente no meio dos que já sabem há muito tempo orientar-se e que, idealmente, querem ajudá-lo, explicando o seu quotidiano rotineiro.

O trabalho de campo teve a duração de cerca de três meses, distribuída ao longo dos anos de 2012 e 2013. Durante este período de tempo tivemos oportunidade de nos sentarmos no café, passearmos no campo, visitar as casas, as cercas, fazer compras em Grândola com os migrantes. Dito de outra forma, tivemos oportunidade de vivenciar o quotidiano deste grupo.

Antes de iniciarmos o trabalho de campo, foi construído um guião de observação para recolher a informação de uma forma mais sistematizada e permitir ao observador um distanciamento do objeto de observação. Dito de outra forma, pretendeu-se com este guião objetivar a observação. Procurámos na construção do guião, não incluir um conjunto muito extenso de indicadores de forma a não incorreremos numa situação de sobre informação. Este guião permitiu que não se observasse o inútil, e também que não perdêssemos informação pertinente.

Para a construção do guião de observação, foi fundamental a informação recolhida durante o estudo exploratório.



Migrações, Alteridades e Estilos de Vida. O estudo de caso da aldeia de Santa Margarida da Serra, no concelho de Grândola

A par deste guião de observação, foi sendo construído um diário de campo<sup>19</sup>, onde registámos também o que íamos observando, as interpretações que nos mereceram determinados acontecimentos, dúvidas e pistas que nos iam ocorrendo. Este diário de campo revelou-se um instrumento muito útil, sobretudo, na aplicação das entrevistas porque não houve um registo áudio. Deste modo foi possível anotar determinados factos e até mesmo informações que surgiram no momento da entrevista, mas que se situavam para além dela. Na verdade, o diário de campo, foi também, muitas vezes, utilizado como instrumento de reflexão e de orientação para o prosseguimento do trabalho.

---

<sup>19</sup> Ou diário de pesquisa como é denominado por Hermano Carmo e Manuela Ferreira (Carmo e Ferreira, 2008:117)

## **CAPÍTULO III - A IMIGRAÇÃO EUROPEIA EM PORTUGAL**



Migrações, Alteridades e Estilos de Vida. O estudo de caso da aldeia de Santa Margarida da Serra, no concelho de Grândola

#### *Introdução:*

*Neste Capítulo debruçamo-nos sobre as características e a evolução do fenómeno migratório, procura-se enquadrar este fenómeno num contexto histórico, isto é as razões históricas e políticas que levaram à ocorrência desta realidade, a “opção europeia”. Percurso escolhido pelos governos, confederações empresariais para um país recentemente saído de um longo regime ditatorial que o havia afastado das conjeturas de desenvolvimento em curso na Europa.*

*Será ainda abordada a questão das políticas de Imigração, numa perspectiva evolutiva, sendo também tratada a questão da cidadania europeia que confere direitos e deveres aos migrantes provenientes da União Europeia.*

### **3.1 – A integração de Portugal na Europa**

Portugal é, desde o dia 1 de janeiro de 1986, um Estado Membro da CEE. No entanto, o seu percurso europeu já havia sido iniciado muito antes, mas limitou-se sobretudo às suas dimensões económica e social. Integrado numa política de abertura do mercado externo, primeiro muito timidamente e ainda a par de uma estratégia que parecia inconciliável com a europeia, a constituição «Espaço Económico Português» que fomentava o estreitamento das relações comerciais com as colónias.

*(...) assiste-se neste início da década de 60 a uma redobrada atenção pelos mercados externos, ainda eventualmente contraditória e não muito entusiástica, onde se manifestam duas grandes tendências: uma primeira que significa avançar para as colónias (construção do "espaço único português"/"mercado comum português"), outra, conduzindo a um aprofundamento nos movimentos de integração europeia, na circunstância através da adesão à EFTA (consagrando um fenómeno irreprimível uma vez que a Europa já era então o nosso primeiro parceiro comercial)*

*(Matoso, 1994,p45)*

Na viragem da década de 40 para 50, e em consequência do final da II Guerra Mundial, os Estados Unidos da América criaram um programa de ajuda financeira com o objetivo de ajudarem a reconstrução dos países da Europa. Esse programa, resultante da Doutrina Truman, o chamado Plano Marshall, daria origem à OECE<sup>20</sup> (Organização Europeia de Cooperação Económica), que tinha como principal objetivo

---

<sup>20</sup> Criada a 16 de abril de 1948. Na década de 60 do século XX, após a Convenção da Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Económico, passou a OECE a ser designada Organização de Cooperação



Migrações, Alteridades e Estilos de Vida. O estudo de caso da aldeia de Santa Margarida da Serra, no concelho de Grândola

gerir os fundos financeiros do plano e promover a cooperação entre os países membros. Mas existiam outros objetivos complementares, nomeadamente a criação de zonas de comércio livre, a promoção de políticas que melhorassem as condições de trabalho e de produtividade, entre outras.

Portugal não tinha participado no conflito, mas fazia parte dos países europeus aliados e assim, torna-se um dos países membros da OECE.

Portugal, na década de 50 do século XX, já havia percebido que o caminho a seguir se situava na direção da Europa. No II Congresso dos Economistas e da Indústria portuguesa, em 1957, onde é feita *sinteticamente a história da indústria portuguesa e dos seus problemas, apontando-lhe as fraquezas, e onde nem sequer faltou um toque da atualidade através de uma enfática e inesperada referência aos fenómenos da integração europeia* (Matoso, 1999 p:463)<sup>21</sup>. Sem que os políticos portugueses quisessem perder o que de mais importante se passava em termos da integração europeia, iniciaram as conversações para a criação de uma Associação de comércio livre, a EFTA. A 4 de janeiro de 1960, nasce formalmente esta Associação composta pela Áustria, Dinamarca, Noruega, Portugal, Suécia, Suíça e Reino Unido<sup>22</sup>. Era uma resposta à criação da CEE, organização a que nenhum destes países<sup>23</sup> tinha aderido por recearem uma perda de soberania. Assim, criaram uma Zona de Comércio Livre de forma a proteger as suas economias e a aumentar o seu poder negocial com a CEE.

Portugal beneficiou de um regime específico para a sua economia em desenvolvimento, que foi negociado dentro da OECE aquando da apresentação, pelo Reino Unido, da proposta de organização de uma Zona de Livre-câmbio<sup>24</sup> entre os

---

para o Desenvolvimento Económico (OCDE) e a ela se juntam o Canadá e Os EUA. Atualmente conta com a presença de 34 países.

<sup>21</sup> Volume VII

<sup>22</sup> Em 1961, adere a Finlândia, em 1970, a Islândia e em 1991, o Liechtenstein.

<sup>23</sup> O caso de Portugal é diferente, visto que uma das condições para adesão à CEE era a de o país ser uma Democracia. Ao longo dos anos os Países da EFTA foram integrando a CEE, tornando-se Países Membros, o que os levou a abandonar a EFTA. Atualmente é apenas constituída por quatro países: Suíça, Liechtenstein, Noruega e Islândia. A partir de 1973 foram estabelecidos diversos acordos no sentido de aproximar os mercados dos países das duas organizações (EFTA e CEE). Em 1992, como consequência destes acordos e criado o Espaço Económico Europeu EEE, do qual não parte a Suíça devido ao resultado negativo do referendo realizado em dezembro de 1992

<sup>24</sup> Em 1956



Migrações, Alteridades e Estilos de Vida. O estudo de caso da aldeia de Santa Margarida da Serra, no concelho de Grândola

países da OECE e a futura CEE. A proposta inicial diria respeito apenas à indústria, o que seria prejudicial para os países em via de desenvolvimento da OECE (Islândia, Irlanda, Grécia, Turquia e Portugal).

Desde a apresentação da proposta da Zona de Livre-Câmbio, um longo período negocial se percorreu para em 1959 começar a ter forma a Zona de Comércio Livre EFTA, que é formalizada em janeiro de 1960, com a Convenção de Estocolmo. O regime especial de Portugal surge salvaguardado no Anexo G.

*Portugal procurou tornar-se membro pleno da ZCL por razões políticas e económicas. Em termos políticos, Salazar estava bem ciente da vulnerabilidade de Portugal no mundo e, particularmente, no palco europeu. Assim, o governo português receava ser excluído de um acordo intergovernamental — que garantiria o seu poder de veto —, considerando que, fora da zona, a sua dependência em relação à Europa constituiria uma ameaça aos seus interesses, já que teria inevitavelmente de negociar bilateralmente com o seu principal mercado de exportação da OECE, a CEE. Além disso, o governo português via com profundo desagrado a possibilidade de ser considerado um membro de segunda classe da OECE ao ser classificado como país subdesenvolvido, pelo que procurou o prestígio político que a adesão a uma organização de países economicamente desenvolvidos lhe conferia (Andresen-Leitão, 2004)*

Tendo em consideração a vontade de fazer parte da organização, Portugal demarcou-se favoravelmente dos outros países em vias de desenvolvimento, apresentando propostas de salvaguarda mais flexíveis, o que conduziu ao êxito negocial.

*Pelo efeito que teve sobre o crescimento económico português ao longo da década de 60 - o chamado efeito EFTA, - a participação de Portugal na Associação Europeia de Comércio Livre, na qualidade de membro fundador, é uma referência incontornável na história contemporânea de Portugal. (...) (Alípio. Elsa Santos<sup>25</sup>)*

Na verdade, o comércio internacional estabelecia-se quase exclusivamente com os países da OECE e da CEE. Por outro lado, também eram estes países que acolhiam os emigrantes portugueses. Também era deles que durante a década de 60, chegam ao país os primeiros turistas.

*Desde os anos 60 também a emigração para a Europa e o turismo de europeus em Portugal desenvolveram-se aceleradamente, com notórias consequências nos costumes e nos comportamentos (Barreto, 1994 p1051).*

O facto de Portugal ser um dos países fundadores da EFTA teve, então, consequências muito benéficas para o país, sobretudo em termos de crescimento

---

<sup>25</sup> [http://www.arqnet.pt/portal/Portugal/documentos/convencao\\_estocolmo1960.html](http://www.arqnet.pt/portal/Portugal/documentos/convencao_estocolmo1960.html)



Migrações, Alteridades e Estilos de Vida. O estudo de caso da aldeia de Santa Margarida da Serra, no concelho de Grândola

económico. Levou a um crescimento da indústria, mas de uma forma indireta contribuiu também para o equilíbrio das contas externas através das remessas dos emigrantes e também através da entrada de divisas provenientes do turismo.

*Em termos sociais contribuiu para uma melhoria do nível de vida da população e permitiu-lhe o contacto com culturas diferentes. Os horizontes culturais conheceram indelével mudança. Os emigrantes vinham a férias a Portugal, ou os parentes iam visitar os emigrados. A circulação de pessoas, bens e ideias aumentou vertiginosamente, deixando marcas na sociedade, nos costumes e nas aldeias. (ibidem:1052)*

Todas estas modificações vão conduzir a uma aspiração de ver Portugal mais próximo da Europa. Assim, e já com os seus principais parceiros europeus fora da EFTA, Reino Unido e Alemanha, Portugal, em 1972, assinou um primeiro acordo Comercial com a CEE, onde já era significativamente visível a vontade de aproximação à CEE.

*(...) Portugal estava disposto a ir o mais longe possível relativamente às relações com as Comunidades. Os resultados obtidos permitem afirmar que ultrapassámos uma etapa importante na via do grande destino (...) estreitar os laços entre os países da Europa ocidental. Estamos verdadeiramente empenhados no sucesso deste empreendimento, que embora ambicioso é necessário. Creio poder afirmar que todos nós queremos que ele se estenda a áreas cada vez mais vastas.(...) Por outro lado, a admissão do carácter evolutivo do acordo com a CEE permite antever que o objetivo de criar uma Europa verdadeiramente solidária será atingido para o bem comum, nos próximos anos.<sup>26</sup>*

A candidatura de adesão de Portugal à Comunidade económica data de 1977. Foi uma consequência direta da revolução do 25 de abril de 1974 e da perda do seu império colonial (Guiné e Cabo Verde em 1974, S. Tomé e Príncipe, Moçambique, Angola, Timor em 1975 e Macau em 1999)<sup>27</sup>. Mas, na verdade, a noção de império ficava-se por África e o império colonial era uma parte integral de um único Estado-nação “Um Estado uno e indivisível” desfez-se em 1974 (Horta, 2011:8).

---

<sup>26</sup> Excerto do discurso de Rui Patrício, ministro dos Negócios Estrangeiros a 22 de julho de 1972, por ocasião da assinatura, em Bruxelas, do Acordo Comercial entre Portugal e a CEE. [http://www.cvce.eu/obj/discurso\\_de\\_rui\\_patricio\\_sobre\\_o\\_acordo\\_comercial\\_entre\\_portugal\\_e\\_a\\_cee\\_bruxelas\\_22\\_julho\\_1972-pt-e8](http://www.cvce.eu/obj/discurso_de_rui_patricio_sobre_o_acordo_comercial_entre_portugal_e_a_cee_bruxelas_22_julho_1972-pt-e8) (consultado em Dezembro de 2013)

<sup>27</sup> Na medida em que já não se colocavam os problemas impeditivos, nomeadamente os de regime, e problemas inerentes à existência das colónias. Macau constituía um caso diferente e em 1985 já decorriam reuniões para assegurar o processo de transição da administração portuguesa para a chinesa.



Migrações, Alteridades e Estilos de Vida. O estudo de caso da aldeia de Santa Margarida da Serra, no concelho de Grândola

Outra razão que influencia a opção CEE é a crise petrolífera (1º choque Petrolífero, em 1973 e o 2º em 1982) que se repercute na economia portuguesa. A procura externa diminuiu, enquanto que a procura interna aumentou (devido ao aumento dos salários), o que não é acompanhado pelo aumento da produção e gera um aumento das importações. Esta situação conduz inevitavelmente a um défice na Balança de Transações Correntes<sup>28</sup>, que já não pode ser compensada com as remessas enviadas pelos emigrantes portugueses. Devido à mudança política ocorrida no país e também devido à crise internacional, muitos regressaram a Portugal. Esta situação agravou-se e as políticas económicas seguidas pelos governos portugueses foram ineficientes, o que culmina com a assinatura de dois acordos entre o Estado português e Fundo Monetário Internacional em 1978 e 1983. *Apoio político e moral não faltou nas Nações Unidas, nas organizações internacionais, no Banco Mundial e no Fundo Monetário Internacional, na CEE e na EFTA, no Banco Europeu de Investimentos e até junto dos grandes conglomerados bancários* (Barreto, 1994:1056).

A EFTA estava também enfraquecida devido à saída do Reino Unido, Dinamarca e Irlanda. Por todas as razões mencionadas, em março de 1977 é formalizado o pedido de adesão de Portugal à CEE.

*Em primeiro lugar é um desafio para Portugal, pois não ignoramos de modo algum as nossas fraquezas nem as nossas atuais dificuldades. Desafio também para a Europa, pois, ao bater-lhe à porta, sentimos que exprimimos a dimensão europeia das mudanças políticas e sociais ocorridas ou em curso no Sul da Europa. Ignorar esta realidade nova só iria aumentar as diferenças que separam ainda, em termos económicos, esta Europa do sul da Europa do norte, com todos os perigos de desintegração e de rutura para a Europa, a longo prazo.*<sup>29</sup>

A 19 de maio de 1978, a Comissão Europeia pronuncia-se a favor da adesão e a 6 de junho, o Conselho de Ministros pronuncia-se, por unanimidade, a favor do pedido português. Em 12 de junho de 1985 são assinados os atos de Adesão.

A adesão à CEE, em 1985, não significou o regresso à Europa, mas a plena identificação com um projeto de sociedade aberta, democrática e de bem-estar que já

---

<sup>28</sup> É um instrumento da contabilidade nacional que tem em atenção as relações comerciais de um país com o resto do mundo. Fazem parte desta Balança as importações e as exportações de produtos, serviços, capital financeiro, bem como transferências comerciais. Corresponde à soma de três balanças: a comercial, a de serviços e rendimentos e a de transferências unilaterais.

<sup>29</sup> Mário Soares, excerto de alocução, 11 de março de 1977



Migrações, Alteridades e Estilos de Vida. O estudo de caso da aldeia de Santa Margarida da Serra, no concelho de Grândola

vinha sendo desejado por cada vez maior número de portugueses, especialmente desde o final da década de 50 (Anica, 1997).

A «Europa» significava (...) apoio económico, comercial, tecnológico, político e cultural a um país em profunda crise de reconversão (Barreto, 1994), e veio permitir uma estabilização política e a consolidação da democracia. Mas também veio permitir, através dos benefícios decorrentes da adesão, os fundos estruturais e de coesão, o desenvolvimento<sup>30</sup>. Portugal moderniza-se e a população aproxima os seus níveis de vida dos níveis europeus. *As transformações (...) conduziram a população portuguesa a um nível de vida, material e imaterial, bem superior ao que conhecia antes da plena integração europeia, ainda que de forma desigual, desequilibrada e não sustentável* (Mateus, 2013).

A consolidação e alargamento da Comunidade Económica Europeia, posteriormente designada por União Europeia, levaram Portugal a um esforço para se adaptar à legislação comunitária e que teve repercussões no quotidiano dos cidadãos e empresas portuguesas, em todos os domínios.

Os diversos tratados aproximam os cidadãos europeus, primeiro espacialmente, facilitando o processo de circulação de pessoas, bens, capitais e mercadorias. Depois, com o maior aprofundamento legislativo, os cidadãos ficam mais iguais em direitos. *A cidadania da União conferida aos nacionais de todos os Estados-Membros pelo Tratado da União Europeia (TUE), destina-se a tornar o processo de integração europeia mais relevante para os cidadãos, incrementando a sua participação, reforçando a proteção dos seus direitos e promovendo a ideia de uma identidade europeia*<sup>31</sup>.

Em 1997, o Tratado de Amesterdão introduz o Acervo<sup>32</sup> Schengen no Tratado da União Europeia, que diz respeito à livre circulação das pessoas dentro das fronteiras dos Estados-Membros que aderiram a este acordo. Fazer parte do espaço sem controlos nas fronteiras internas significa que estes países:

- Deixam de efetuar controlos nas suas fronteiras internas (ou seja, as fronteiras entre dois estados Schengen);

---

<sup>30</sup> Crescimento económico canalizado para uma melhoria da qualidade de vida das populações.

<sup>31</sup> [http://www.eurocid.pt/pls/wsd/wsdwcot0.detalhe?p\\_cot\\_id=1917#bloco2](http://www.eurocid.pt/pls/wsd/wsdwcot0.detalhe?p_cot_id=1917#bloco2)

<sup>32</sup> A Convenção e o Acordo, constituem, no seu conjunto, o acervo de Schengen, que em 1999 passou a integrar o quadro institucional e jurídico da União Europeia.



Migrações, Alteridades e Estilos de Vida. O estudo de caso da aldeia de Santa Margarida da Serra, no concelho de Grândola

- Intensificam os controlos nas suas fronteiras externas (ou seja, as fronteiras com países que não façam parte do espaço Schengen), satisfazendo critérios claramente definidos.

Consequentemente, tanto os cidadãos da União Europeia como os nacionais de países terceiros que tenham sido autorizados a entrar num país do espaço Schengen podem circular livremente dentro desse espaço, desde que não seja excedido um determinado período de tempo, variando este consoante os motivos da estada e o país de origem do indivíduo.

A partir de 1986, Portugal converteu-se num país, política e economicamente mais atrativo para imigrantes, especialmente depois da assinatura da Convenção Schengen, ao criar um espaço de circulação europeu e uma cidadania europeia.

Estavam implantadas as razões que levariam a uma mudança e Portugal começava assim, a ser também um país de imigrantes.

*Reyneri diferencia Portugal do resto dos países do sul da Europa ao considerar que a sua situação era mais complexa e paradoxal. Afirma que no momento da entrada à CEE, Portugal precisou tanto de mão de obra qualificada como não qualificada, devido ao deficiente sistema educativo português e à emigração para os países da Europa do norte e central dos portugueses menos qualificados. (Padilla e Ortiz, 2012)*

### **3.2 - Caracterização Geral da Imigração em Portugal**

Há cerca de 200 milhões de pessoas deslocadas no mundo, o que corresponde a 2,8% da população mundial. Esta população é constituída por um terço de migrantes e suas famílias, um terço de migrantes trabalhadores e um terço de refugiados (Castles e Miller, 2003)<sup>33</sup>. Vivemos na idade das Migrações. Hoje, o fenómeno migratório origina que países emissores de migrantes sejam também recetores. As migrações internacionais são um fator de mudança social no mundo contemporâneo. No entanto, esta não é a novidade da atualidade, pois sempre foram um fator de mudança. A novidade situa-se na inversão dos fluxos (Castles, 2005), os países que eram anteriormente emissores passam, na atualidade, também a países recetores.

Portugal desde sempre se caracterizou como um país de emigrantes. Durante as duas últimas décadas do século XX e a primeira década do século XXI foi um país de imigrantes. Agora é um país de emigrantes e de imigrantes.

---

<sup>33</sup> Citado (Ferin, 2006 p. 19)



Migrações, Alteridades e Estilos de Vida. O estudo de caso da aldeia de Santa Margarida da Serra, no concelho de Grândola

Nos últimos 40 anos do século XX, a situação sofreu algumas alterações. Primeiro, durante os anos 60, chegaram os naturais das ainda colónias portuguesas, sobretudo os indivíduos de origem cabo-verdiana que vinham reforçar a mão-de-obra que faltava, principalmente na área da construção civil. O fenómeno emigratório, que sempre teve uma forte presença no nosso país, é, segundo alguns autores, um fator preponderante para a entrada de imigrantes; funciona como uma “câmara de compensação” de migrações laborais (Santos, 2007).

Uma década mais tarde deu-se início ao processo de descolonização e milhares de indivíduos chegaram a Portugal. A figura do retornado passa a ser a personagem que caracteriza este período (Trindade apud SOS Racismo, 2002 p 27).

Durante a década de 80 assiste-se a uma consolidação da fixação de imigrantes vindos dos países africanos de língua oficial portuguesa, devendo assinalar-se que muitos destes cidadãos, agora com estatuto de “estrangeiro”, tinham sido, anteriormente, cidadãos portugueses. *Com a perda de nacionalidade portuguesa imposta pelo Decreto-Lei n.º 308-A/75 de 24 de junho. Esta legislação criou retroactivamente uma comunidade estrangeira, “imigrante”, de ancestralidade africana, que vai subseqüentemente crescer devido a um processo de reunificação familiar* (Baganha, 2005 p31).

Portugal, no dia 1 de janeiro de 1986, passa a integrar a Comunidade Económica Europeia. Esta aproximação da Europa vai permitir a chegada de indivíduos vindos da Europa a Portugal. É, contudo, a partir da década de 90 que este movimento ganha contornos merecedores de significado, pois que até essa altura os números verificados não eram relevantes para conduzirem a estudos. Esta fase é, sobretudo, caracterizada pela entrada de imigrantes vindos do Brasil e da Europa do leste. É também notória nesta fase a intensificação e consolidação da migração asiática, sobretudo de chineses, em Portugal. Atualmente esta tem um enorme significado, na medida em que dinamizou a economia portuguesa por todo o país, inicialmente com os restaurantes de comida chinesa e, mais recentemente, com as lojas de objetos decorativos e lojas de pronto-a-vestir. Outro aspeto que merece destaque, diz respeito às relações que se desenvolvem entre os portugueses e os outros grupos étnicos, sendo estas mais intensas com os brasileiros, os africanos, os europeus do leste do que as que são desenvolvidas com os asiáticos.

A migração é determinada por um conjunto de fatores económicos, políticos e sociais. No caso português, encontramos diversos fatores exógenos e endógenos que contribuiriam para engrossar o contingente de imigrantes à escala mundial. No primeiro



Migrações, Alteridades e Estilos de Vida. O estudo de caso da aldeia de Santa Margarida da Serra, no concelho de Grândola

grupo, podemos mencionar a crise em que mergulhou o continente africano e a América Latina; o crescimento desigual da riqueza a nível mundial que tornou, os ricos mais ricos e os pobres cada vez mais pobres; a dissolução da ex-União Soviética. Quanto aos fatores endógenos, podemos referir o desenvolvimento económico que se registou em Portugal, depois da adesão à CEE, e um crescimento muito acelerado das obras públicas que atraiu milhares de imigrantes.

Um dos acordos que facilitou a entrada de imigrantes na Europa e, nomeadamente em Portugal, foi o acordo Schengen, apresentando-se este como um fator decisivo para que o número de imigrantes no país aumentasse.

Os países de origem dos migrantes diversificam-se, e estes não se fixam apenas nas grandes cidades, embora o façam maioritariamente. Por todo o país podemos encontrar migrantes, até mesmo nas aldeias mais recônditas. Alguns autores atribuem a este período a denominação de segunda vaga pela diversidade de países de origem dos migrantes que escolhem Portugal como destino.

*Procurando agrupar os tipos de migrações mais dominantes no nosso país, encontramos:*

- *Uma primeira tipologia reportada ao processo imigratório ocorrido ainda no século passado, composta por imigrantes de todos os grupos etários, portadores de títulos de residência e que beneficiaram do reagrupamento familiar para cônjuges, descendentes e ascendentes; como são os casos de Cabo Verde, Angola e Guiné-Bissau.*
- *Um segundo tipo de imigração, já registada no presente século, composto por beneficiários de regimes de regularização extraordinários ou equiparados, que numa primeira fase surgem isolados, associados a uma imigração predominantemente económica e só depois, surge a reunião familiar direcionada predominantemente para cônjuges e descendentes, como são os casos do Brasil e da Ucrânia (Patrício e al, 2013).*

Portugal, hoje visto como um país de imigração, está assim a tornar-se pluriétnico, onde o outro cada vez mais coabita (Machado, 2002, p. 36, apud Castro, 2008, p. 69), e leva a pensar que a aceitação do outro depende de todo um conjunto de características apresentadas por este e por nós, da sua conjugação, da capacidade que cada um dos lados tem para «absorver e integrar» a diferença das relações estabelecidas com o espaço aos mais diversos níveis (afetivo, económico, social, cultural).



Migrações, Alteridades e Estilos de Vida. O estudo de caso da aldeia de Santa Margarida da Serra, no concelho de Grândola

Segundo o relatório de Imigrantes Fronteiras e Asilo relativo ao ano de 2012, a população estrangeira residente em Portugal, a 31 de dezembro de 2012, totalizava 417.042 cidadãos (stock provisório), o que representa um decréscimo do número da população residente (- 4,53%) face ao ano transato. As nacionalidades com maior número de migrantes são o Brasil, a Ucrânia, Cabo Verde, a Roménia, Angola e Guiné-Bissau, como já o eram no ano anterior.

Acentua-se a tendência de decréscimo da população estrangeira residente em Portugal. Para esta situação contribuem diversos fatores, nomeadamente a alteração dos fluxos migratórios, o regresso ao país de origem, ou até mesmo a aquisição de nacionalidade portuguesa.

Quanto aos países de origem, continuam a ser os mesmos, não se verificando, por isso, neste aspeto nenhuma alteração.

No ano de 2013 foram criados instrumentos de incentivo e atração de imigrantes com a introdução dos novos regimes da autorização de residência para atividades de investimento (ARI) e o regime de entrada e residência de indivíduos migrantes altamente qualificados (Cartão Azul UE).

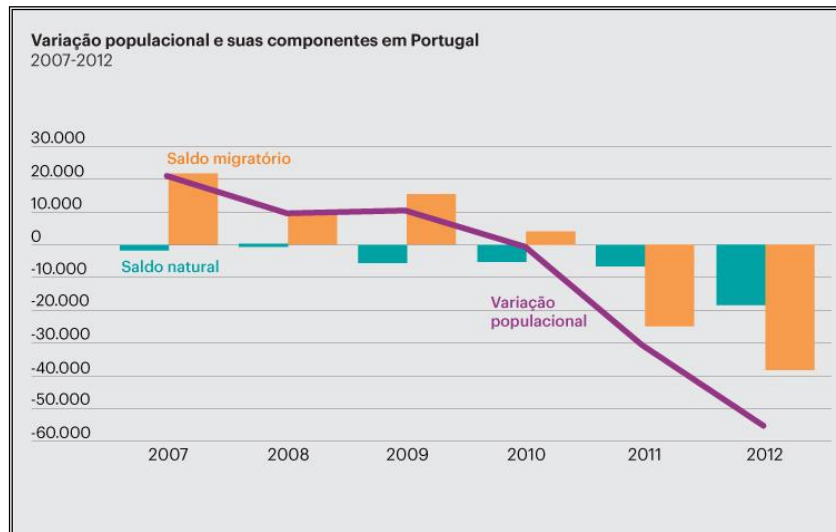
Os movimentos migratórios trazem consigo muitas vantagens para os países acolhedores, nomeadamente o rejuvenescimento da população, um aumento da taxa de atividade, contribuindo para uma atenuação da diminuição da taxa de natalidade, dado que, maioritariamente, quem imigra são os indivíduos em idade ativa, e com idade fértil. No caso português, atualmente, podemos verificar que em 2013 a população portuguesa voltou a descer pelo terceiro ano consecutivo, tendo o saldo migratório negativo sido um dos principais contributos para a quebra. Esta quebra evidencia, por um lado, que Portugal perde a sua população mais jovem e não recebe população jovem. Sabendo que é esta população a que mais dinamiza a demografia de um país, facilmente concluímos que esta quebra do saldo migratório tem consequências nefastas para Portugal<sup>34</sup>

---

<sup>34</sup> A imigração, por si só não resolve os problemas demográficos (envelhecimento, elevadas taxas de dependência etc.) embora contribua para uma atenuação dos mesmos. (cf Rosa:2004)



**Gráfico 1 - Variação da população em Portugal (2007- 2012)**



Fonte: INE (29/10/2013) <sup>35</sup>

### ***3.3 – Nacionalidades dos fluxos europeus, que se fixaram em Santa Margarida da Serra***

Neste estudo de caso podemos referir que a fixação de migrantes neste espaço difere, quer pelas razões que levaram à fixação de outros grupos, quer pelas suas características, quer ao nível da escolaridade, quer ao nível das expectativas como também ao local de origem, visto que maioritariamente os migrantes que se instalaram em Portugal foram os provenientes da CPLP e mais tarde da Europa de leste.

Como já foi referido, anteriormente estes migrantes deslocaram-se da Europa central e ocidental, de países muito mais desenvolvidos do que Portugal.

Os primeiros migrantes a chegar eram provenientes da Alemanha, tinha acontecido há relativamente pouco tempo, o desastre ecológico de Chernobyl, na ex União Soviética e este constituiu um pretexto para a já pensada saída.

<sup>35</sup> [http://www.ine.pt/ngt\\_server/attachfileu.jsp?look\\_parentBoui=184326863&att\\_display=n&att\\_download=y](http://www.ine.pt/ngt_server/attachfileu.jsp?look_parentBoui=184326863&att_display=n&att_download=y)



Migrações, Alteridades e Estilos de Vida. O estudo de caso da aldeia de Santa Margarida da Serra, no concelho de Grândola

A sua chegada foi gradual e não constituíram um grupo organizado, foi uma migração familiar, isto é, chegaram pelos seus próprios meios juntamente com o seu agregado familiar. A sua forma de fixação foi definitiva, instalaram-se numa casa e essa passou a ser a sua residência.

Da Holanda também chegaram alguns indivíduos. Uns que se fixaram, fazendo da aldeia a sua residência habitual, outros que compraram propriedades e foram adaptando os edifícios nelas existentes e só depois se fixaram, ou outros ainda, optaram pela não permanência fazendo desta habitação, uma segunda residência, utilizada para férias.

Ainda da Europa ocidental, Reino Unido e Bélgica, também se fixaram indivíduos, alguns com caráter definitivo, outros adquiriram propriedades e deslocam-se a Portugal ocasionalmente.

Nos últimos anos, o fenómeno de segunda residência tem sido mais habitual e é visível o aumento da população estrangeira em Santa Margarida da Serra nos meses de verão, particularmente, julho, agosto e setembro. Em 2012 chegou à freguesia, o único migrante de origem romena e com o intuito de vender a sua força de trabalho. Já vivia em Portugal, na península de Setúbal, e por acaso, acabou por ser contratado para auxiliar nas tarefas relacionadas com o descortiçamento. A tarefa acabou, mas o migrante ficou e vai trabalhando nas atividades agrícolas, diversificando as suas funções consoante a necessidade ditada por essa atividade.

**Mapa 1- Local de origem dos migrantes fixados em Santa Margarida da Serra**



Fonte: wikipédia (tratamento próprio)



Migrações, Alteridades e Estilos de Vida. O estudo de caso da aldeia de Santa Margarida da Serra, no concelho de Grândola

### ***3.4 - Políticas de imigração***

As migrações fazem parte da natureza humana, e como tal, são mencionadas como um direito, na Declaração Universal dos Direitos Humanos, onde se considera que na sua essência todo o ser humano é igual em direitos e que o reconhecimento deste pressuposto é o fundamento da liberdade, da justiça e da paz no mundo.

#### *Artigo XIII*

*«1. Toda pessoa tem direito à liberdade de locomoção e residência dentro das fronteiras de cada Estado.*

*2. Toda pessoa tem o direito de deixar qualquer país, inclusive o próprio, e a este regressar.».*

*(Declaração Universal dos direitos Humanos)*

É inquestionável a complexidade dos processos migratórios atuais, envolvendo aspetos tão diversos como a globalização, o envelhecimento populacional, a segurança e o terrorismo, o respeito pelos direitos humanos e a luta contra o tráfico de pessoas ou a ajuda ao desenvolvimento e à democracia nos países de origem. (SEF, 2007).

As políticas estatais visam a obtenção de determinados objetivos, nomeadamente de carácter económico e políticos, ou obedecem à necessidade de controlar reações públicas num contexto internacional ainda dividido em Estados-Nações, «em que permanecer no país de nascimento é ainda visto como norma e mudar-se para outro como um desvio» (Castles, 2005, p 18). É esta a razão, segundo este autor, pela qual o tema das migrações é tratado quase sempre como “problema”, e é neste contexto que surgem as políticas de imigração para limitar e controlar a dimensão do problema.

Ao longo da evolução do fenómeno imigratório em Portugal, foram implementadas diversas políticas associadas, quer às características do fenómeno, quer aos objetivos que se pretendem alcançar. Os Estados, no exercício dos seus direitos de soberania necessitam definir políticas migratórias, umas vezes mais restritivas, outras vezes menos restritivas de forma a controlar o volume de indivíduos que entram num determinado país. Assim, os Estados formulam, aprovam e implementam legislação que visa regulamentar os seguintes aspetos da relação cidadão estrangeiro/Estado nacional: entrada, permanência, aquisição de nacionalidade e expulsão do território nacional (Baganha, 2005).



Migrações, Alteridades e Estilos de Vida. O estudo de caso da aldeia de Santa Margarida da Serra, no concelho de Grândola

Portugal, como outros países recentemente transformados em países de acolhimento dos migrantes, inicialmente, por não ter experiência neste domínio tinha uma fraca legislação relativa ao fenómeno imigratório. Levou algum tempo até implementar legislação que se adequasse às características dos fluxos migratórios que recebia. Esse atraso legislativo poder-se-á atribuir, por um lado, como já se referiu, a uma inexperiência e, por outro lado, ao facto do fenómeno migratório ter sido considerado como uma situação temporária.

É na década de 90 do século XX, que Portugal começa a desenvolver os primeiros esforços em termos legislativos para controlar e regular os fluxos migratórios. Surgem, assim, dois períodos relativos às regularizações extraordinárias de 1992 (Lei 212/92) e 1996 (Lei 17/96) de imigrantes. São implementados também instrumentos de regularização da permanência que mais do que responder aos problemas observados, procura uma convergência com as políticas de imigração europeias, fomentando a ideia da «Europa Fortaleza» combatendo a imigração ilegal, bem como o controlo de novos influxos migratórios, em particular cidadãos de países terceiros (Horta, 2011 p 245).

Em meados da década de 90, é criado o Alto - Comissariado para a imigração e minorias étnicas (ACIME)<sup>36</sup> e mais tarde em 1998 é criado pelo Decreto-Lei n.º 39/98 o Conselho Consultivo para os Assuntos da Imigração, que vem imprimir uma nova dinâmica no tratamento da problemática das migrações, sobretudo ao nível da integração da população imigrante.

A partir de então, assiste-se ao alargamento dos direitos sociais e políticos dos imigrantes. A Lei 50/96 de 4 de setembro, artigo 1º alínea b) atribui aos estrangeiros residentes em Portugal o direito à participação política, restringida esta às eleições autárquicas. Assim os imigrantes, mesmo de países terceiros têm o direito de votar e de ser eleitos para os órgãos das Juntas de Freguesia e Câmaras Municipais. No entanto, para que exista este direito é necessário que o país de origem do indivíduo conceda esse mesmo direito aos cidadãos portugueses residentes nesse país (reciprocidade). A par deste alargamento de direitos dos imigrantes, é solicitada, cada vez mais, a participação destes na resolução de questões relacionadas com as migrações. Nesse sentido, é criada legislação que regulamenta as Associações de Imigrantes e são criados órgãos consultivos (onde os imigrantes têm assento), com o

---

<sup>36</sup> Decreto-Lei n.º 3-A/96, de 26 de janeiro. Revogado pelo Decreto-Lei n.º 251/2002



Migrações, Alteridades e Estilos de Vida. O estudo de caso da aldeia de Santa Margarida da Serra, no concelho de Grândola

objetivo de, por um lado, promover a inserção dos imigrantes, por outro, combater a exclusão social das minorias étnicas.

No virar do milénio verifica-se a consolidação das políticas iniciadas em meados da década anterior. É publicado o Decreto-Lei nº 111/2000 que veio regular a Lei n.º 134/99, de 28 de agosto<sup>37</sup>, estabelecendo, designadamente, as entidades administrativas competentes para procederem à instrução dos processos de contraordenações, bem como a autoridade administrativa que aplicará as coimas e as sanções acessórias correspondentes pela prática de atos discriminatórios e constituem contraordenações puníveis com coimas adequadas e sanções correspondentes.

É iniciada uma terceira fase, onde para além da consolidação dos direitos de cidadania é também promovido o diálogo intercultural. Procura-se legalizar os imigrantes ilegais, concedendo, quer prorrogações de permanência, quer autorizações de residência com dispensa de visto por motivos excecionais. A política nacional de imigração estrutura-se em torno de quatro grandes eixos: regulação dos fluxos migratórios, promoção da imigração legal, luta contra a imigração clandestina e integração dos imigrantes.

Neste sentido foram criados em 2003 os Centros Locais de Apoio à Integração de Imigrantes (CLAII), que funcionam como parcerias o ACIDI-IP<sup>38</sup> outras entidades, nomeadamente, autarquias, IPSS, ou Associações de Imigrantes. Nestes centros o apoio é personalizado, e por isso, com maiores possibilidades de eficácia na resolução dos possíveis problemas que ocorram no processo de legalização.

Em 2004 foram criados os Centros Nacionais de Apoio ao Imigrante (CNAI)<sup>39</sup>, que reúnem, num mesmo espaço, diferentes serviços, instituições e Gabinetes de Apoio ao Imigrante.

---

<sup>37</sup> Tem por objeto prevenir e proibir as discriminações no exercício de direitos por motivos baseados na raça, cor, nacionalidade ou origem étnica, apresentando, a título exemplificativo, o elenco de práticas discriminatórias que, a verificarem-se, constituem contraordenações puníveis com coimas adequadas e sanções correspondente.

<sup>38</sup> Antes de 2007 as parcerias estabeleciam-se entre o ACIME e as outras entidades.

<sup>39</sup> Foi considerado exemplo de uma boa prática, no "Manual de Integração para decisores políticos e profissionais" (em novembro de 2004), pela Direção-Geral para a Justiça, Liberdade e Segurança da Comissão Europeia.



Migrações, Alteridades e Estilos de Vida. O estudo de caso da aldeia de Santa Margarida da Serra, no concelho de Grândola

Em 2007 entrou em vigor a Lei 23/2007, de 4 de julho que implementou um novo regime jurídico de entrada, permanência, saída e afastamento de estrangeiros e em simultâneo procedeu à transposição para a ordem jurídica nacional de diversas Diretivas da União Europeia. As alterações mais significativas são a introdução de um título de residência único, o alargamento do reagrupamento familiar, a inadmissibilidade de aplicação da prisão preventiva a imigrantes ilegais para efeitos de afastamento, o reforço da proteção às vítimas de tráfico de seres humanos e do combate a este crime e do agravamento da moldura penal aplicável aos crimes de auxílio à imigração ilegal.

O Decreto-Lei n.º 167/2007 de 3 de maio, aprova a orgânica do Alto Comissariado para a Imigração e Diálogo Intercultural (I.P), sendo que o mesmo resultou da fusão do Alto Comissariado para a Imigração e Minorias Étnicas, da estrutura de apoio técnico à coordenação do Programa Escolhas, da Estrutura de Missão para o Diálogo com as Religiões e do Secretariado Entreculturas. Com esta reestruturação, o Governo centraliza num instituto público, as atribuições dispersas por vários organismos.

Em 2012, a 9 de agosto, é criada a Lei 29/ 2012 que entrou em vigor a 8 de outubro. Esta Lei é resultado da necessidade de incluir no ordenamento jurídico português algumas diretivas aprovadas pelo Parlamento Europeu. Foram criados instrumentos de atração, como por exemplo, o estatuto de residente de longa duração, o “Cartão Azul UE”<sup>40</sup>, ou a autorização de residência para atividades de investimento.

Relativamente aos migrantes, naturais de qualquer outro Estado Membro da UE residentes em Portugal dever ser aplicada a legislação da Comunidade Europeia.

O Tratado da CE instituiu a cidadania da União, designadamente no seu artigo 17º que estipula: “É cidadão da União qualquer pessoa que tenha nacionalidade de um Estado-Membro<sup>41</sup>.”. O Tratado de Amesterdão acrescentou a este artigo que “a cidadania da União é complementar da cidadania nacional e não a substitui.” Assim, podemos concluir que os cidadãos oriundos de qualquer um dos Estados-Membros da União Europeia, não tem legalmente a designação de imigrante, sendo, portanto um cidadão europeu fixado em Portugal.

---

<sup>40</sup> O título de residência que habilita um nacional de um país terceiro a residir e a exercer, em território nacional, uma atividade profissional subordinada altamente qualificada;

<sup>41</sup> Jornal Oficial das Comunidades Europeias, 24/12/2002.  
[http://eur-lex.europa.eu/pt/treaties/dat/12002E/pdf/12002E\\_PT.pdf](http://eur-lex.europa.eu/pt/treaties/dat/12002E/pdf/12002E_PT.pdf) (Consultado em julho de 2013)



Migrações, Alteridades e Estilos de Vida. O estudo de caso da aldeia de Santa Margarida da Serra, no concelho de Grândola

Todos os cidadãos nacionais de qualquer um dos Estados-Membros gozam dos direitos de cidadania inscritos nos tratados, nomeadamente, liberdade de circulação e de permanência em todo o território da União.

A livre circulação de pessoas é um princípio fundamental garantido pela União Europeia. Todos os residentes da UE têm o direito de se deslocar, viver, estudar, trabalhar, estabelecer ou de prestar um serviço num Estado-Membro sem estarem sujeitos a discriminação com base na nacionalidade.

A ação da UE visa tornar a livre circulação efetiva e simples no interior das suas fronteiras, nomeadamente em relação aos sistemas de segurança social.

A livre circulação de pessoas tem como contrapartida uma política de fronteiras externas que visa assegurar um espaço de liberdade, segurança e justiça, que abrange a entrada e permanência de cidadãos não europeus.

A livre circulação de pessoas reforçou-se com a criação do espaço "Schengen" que permitiu a abolição dos controlos nas fronteiras internas. Este sistema estabelece regras comuns para os controlos nas fronteiras externas, define uma política comum em matéria de vistos e introduz medidas de acompanhamento (em especial no domínio da cooperação policial e judiciária). Estas regras têm assim implicações diretas para os cidadãos no que diz respeito à livre circulação de pessoas.

Assim os cidadãos nacionais de um Estado-Membro da União Europeia têm o Direito de Residência num qualquer outro Estado-Membro, no entanto a permanência por um período superior a três meses continua a estar sujeito a certas condições:

- Exercer uma atividade económica, na qualidade de trabalhador assalariado ou não assalariado;
- Dispor de recursos suficientes e de um seguro de doença para não se tornar um encargo para a assistência social do Estado-Membro de acolhimento durante a sua residência;
- Seguir uma formação profissional enquanto estudante;
- Ser membro da família de um cidadão da União que integre uma das categorias acima referidas.

Para oficializar a sua residência noutra Estado-Membro diferente do da sua nacionalidade, o cidadão deve requerer junto das autoridades competentes um certificado de residência. O prazo para realizar esse requerimento não deve ser superior a três meses, tendo em consideração a data da sua chegada.



Migrações, Alteridades e Estilos de Vida. O estudo de caso da aldeia de Santa Margarida da Serra, no concelho de Grândola

Os Estados-Membros concedem o direito de residência aos nacionais de Estados-Membros que não beneficiem desse direito por força de outras disposições do direito comunitário, na condição de disporem, para si próprios e para os membros da sua família. Os Estados-Membros reconhecem ainda, o direito de residência a qualquer nacional de um Estado-Membro que tenha exercido na comunidade uma atividade como trabalhador assalariado ou não assalariado, na condição de beneficiar de uma pensão (de invalidez, pré-reforma ou velhice). Este direito é também reconhecido para os cidadãos que usufruam de uma renda por acidente de trabalho, ou doença profissional, que se encontrem protegidos por um seguro de doença ou de disporem de outros recursos suficientes para assegurar a sua estada.

A existência de recursos financeiros suficientes para assegurar a sua subsistência é fundamental na medida em que se prevê que nenhum cidadão seja, durante a sua permanência, uma fonte de encargos para a assistência social do Estado-Membro de acolhimento. Este direito estende-se aos cônjuges e a familiares a cargo.

Qualquer cidadão da União Europeia residente num Estado-Membro que não seja o da sua nacionalidade, tem o direito de eleger e ser eleito nas eleições Autárquicas do Estado-Membro em que reside, devendo estar inscrito nos cadernos eleitorais, segundo a lei nacional do país de residência e comprovando a sua residência nesse país.

O regime legal que regula este processo encontra-se previsto na Diretiva 94/80/CE do Conselho, de 19 de dezembro de 1994, que estabelece as regras de exercício do direito de voto e de elegibilidade nas eleições autárquicas dos cidadãos da União residentes num Estado-Membro de que não tenham a nacionalidade.

De igual modo pode votar nas eleições para o Parlamento Europeu diretamente do Estado Membro onde reside.

Relativamente aos deveres dos cidadãos nacionais de um Estado-Membro da União Europeia, no n.º 2 do Artigo 17.º (ex-artigo 8.º) do TCE "Os cidadãos da União gozam dos direitos e estão sujeitos aos deveres previstos no presente Tratado". Mas a cidadania da União não comporta, até à data, quaisquer deveres para os cidadãos da União, o que representa uma diferença substancial relativamente à cidadania dos Estados-Membros.

**CAPÍTULO IV - ESTUDO DE CASO SANTA MARGARIDA DA  
SERRA**



Migrações, Alteridades e Estilos de Vida. O estudo de caso da aldeia de Santa Margarida da Serra, no concelho de Grândola

#### *Introdução:*

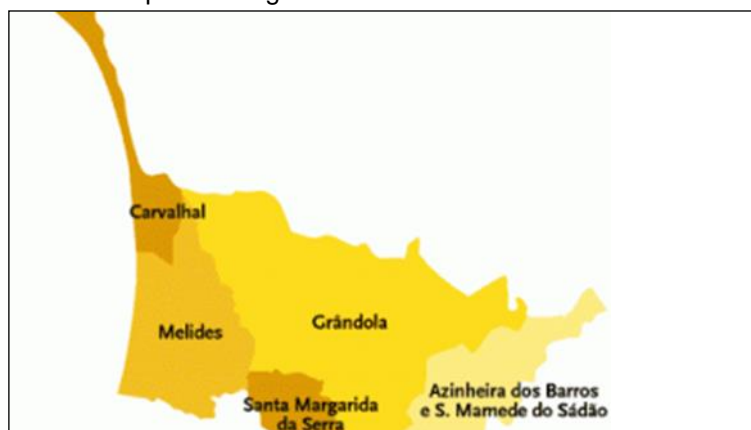
*Para compreender melhor o fenómeno que estamos a estudar torna-se importante caracterizar o meio. Assim, entende-se que a expressão "meio ambiente" deve ser interpretada de uma forma ampla, não se referindo apenas à natureza, propriamente dita, mas sim a uma realidade complexa, resultante do conjunto dos sistemas físicos, químicos, biológicos e suas relações, e dos fatores económicos, sociais e culturais com efeito direto ou indireto, mediato ou imediato, sobre os seres vivos e a qualidade de vida do homem<sup>42</sup>.*

*Este capítulo é inteiramente dedicado a Santa Margarida da Serra. Pretende-se introduzir o leitor no contexto espacial e social de Santa Margarida da Serra, que são, no nosso entender determinantes para a emergência e consolidação do fenómeno migratório aqui estudado. Para tal tornou-se necessário fazer uma pequena alusão à história desta freguesia, das mais antigas de Grândola, enquadrá-la no seu contexto físico-espacial e caracterizá-la também em termos de dinamismo populacional, social, económico e cultural.*

### **4.1 - Localização e aspetos físicos do meio**

A Aldeia de Santa Margarida da Serra, antiga sede de freguesia com o mesmo nome, situa-se no concelho de Grândola, a 7 km da vila que dá nome ao concelho, distribuindo-se ao longo da estrada nacional nº 120, que liga Grândola a Santiago do Cacém. A sua superfície com cerca de 5240 hectares (52 km<sup>2</sup>), constituía a mais pequena freguesia do concelho. Os limites da antiga freguesia foram, a norte e este, a freguesia de Grândola, a este a freguesia de Melides, a sul a freguesia de S. Francisco e da Abela, estas duas do concelho de Santiago do Cacém.

Mapa 2 – Freguesias do Concelho de Grândola



Fonte: Câmara Municipal de Grândola

<sup>42</sup> Lei 11 / 87 de 7 de abril - Lei de Bases do Ambiente (alterada pela Lei 13/2002, de 19 de Fevereiro)



Migrações, Alteridades e Estilos de Vida. O estudo de caso da aldeia de Santa Margarida da Serra, no concelho de Grândola

Situada em plena serra de Grândola, é constituída, essencialmente, por outeiros xistosos - cobertos de sobreiros, azinheiras, estevas, medronheiros e outras espécies indígenas - que vão declinando em altitude de oeste para este.

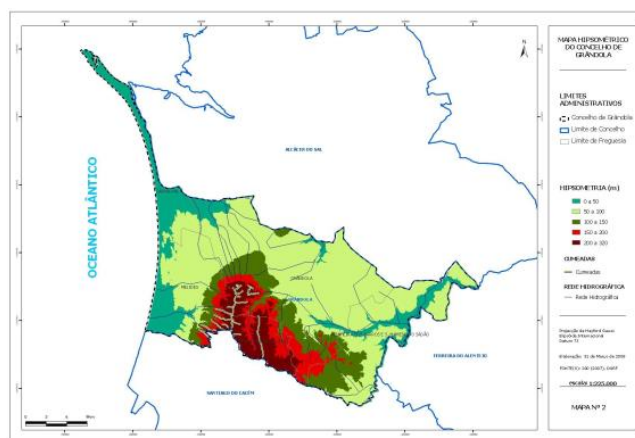
É constituída por solos pouco férteis e carentes de água que apenas poderão ser utilizados, para além do montado, também como pastagens e para culturas de sequeiro. Nas cartas de uso e capacidade de solo estes solos surgem com uma classificação, de C, D e E (A melhor capacidade, E a pior capacidade).

O seu relevo, sem poder ser considerado montanhoso, é ondulado. Conjuntamente com a pobreza dos solos, veio condicionar a estrutura fundiária na freguesia. O número de propriedades existentes na altura da sua fundação,

*“ (...) rondaria a meia centena, o que em termos médios daria 105 hectares por cada propriedade, decorridos três séculos a freguesia estava dividida em cerca de 165 propriedades, o que dá uma média de 32 hectares por propriedade. Em 1995 a situação mantinha-se aproximadamente a mesma. O quer dizer que a estrutura fundiária é mediana. As terras desde os seus primeiros povoadores, ou foram ficando dentro da família, através de heranças, ou foram vendidas, ou outras ainda, foram alienadas pelo processo enfiteutico, através do arrendamento, ou pela cedência temporária para cultivo de cereais” (Silva, 1997).*

Este processo, para ser bem-sucedido, teria de ter garantias, como por exemplo, o preço a pagar pelo foro, não sofreria aumento, bem como seria feito para além de uma vida, para que os herdeiros dos arrendatários pudessem também usufruir das benfeitorias implementadas nos campos.

### Mapa 3 – Mapa hipsométrico do concelho de Grândola



Fonte : Câmara Municipal de Grândola

*Do ponto de vista climático, esta região tem uma influência dominante do tipo mediterrânico: é caracterizada pela irregularidade, ou seja, por frios inverniais, por uma*



Migrações, Alteridades e Estilos de Vida. O estudo de caso da aldeia de Santa Margarida da Serra, no concelho de Grândola

*irregular distribuição das chuvas e, principalmente, pela coincidência do período de máxima seca com o rigor dos calores estivais.*

(Ribeiro, 1998 apud Raminhos 2002:19).

## **4.2 - Aspetos Históricos**

### **4.2.1 - A criação da freguesia**

Os primeiros registos que se encontram sobre este espaço situam-se no decurso do século XV. No entanto, pensa-se que, desde a conquista definitiva do algarve, no século XIII, os territórios recém-conquistados foram distribuídos por povoadores. Nessa altura também era muito comum, os rebanhos deslocarem-se de vários pontos do país para as pastagens de *Amtre Tejo e Odiana*. Seria também provável que alguns desses pastores se tivessem fixado nessas terras (cf Silva, 1997). A freguesia de Santa Margarida da Serra data da primeira organização administrativa do concelho de Grândola.

Em 1544, a 22 de outubro, a aldeia de Grândola, em resultado de uma petição levada a cabo pela população, recebe do rei D. João III a carta de foral que lhe vem trazer autonomia relativamente a Alcácer do Sal. Grândola já era uma comenda e em virtude de uma delimitação geográfica aquando da criação da comenda, o novo concelho passou a representar uma área territorial que abrangia, além da freguesia de Grândola, as freguesias de Azinheira dos Bairros, São Mamede do Sádão e Santa Margarida da Serra.

Relativamente à definição dos limites da freguesia de Santa Margarida da Serra, pode dizer-se que esses limites foram criados a partir dos limites das propriedades atribuídos dos primeiros povoadores pela Ordem de Santiago de Espada. A comprovar esta hipótese, está o facto de as fronteiras de delimitação do território da freguesia não se basearem em acidentes geográficos, como por exemplo, rios, ribeiras, ou ainda outeiros.

Santa Margarida da Serra, desde a criação da comenda de Grândola que é parte integrante do espaço grandolense.



Migrações, Alteridades e Estilos de Vida. O estudo de caso da aldeia de Santa Margarida da Serra, no concelho de Grândola

Mapa 4 - A freguesia de Santa Margarida



A Freguesia de Santa Margarida da Serra

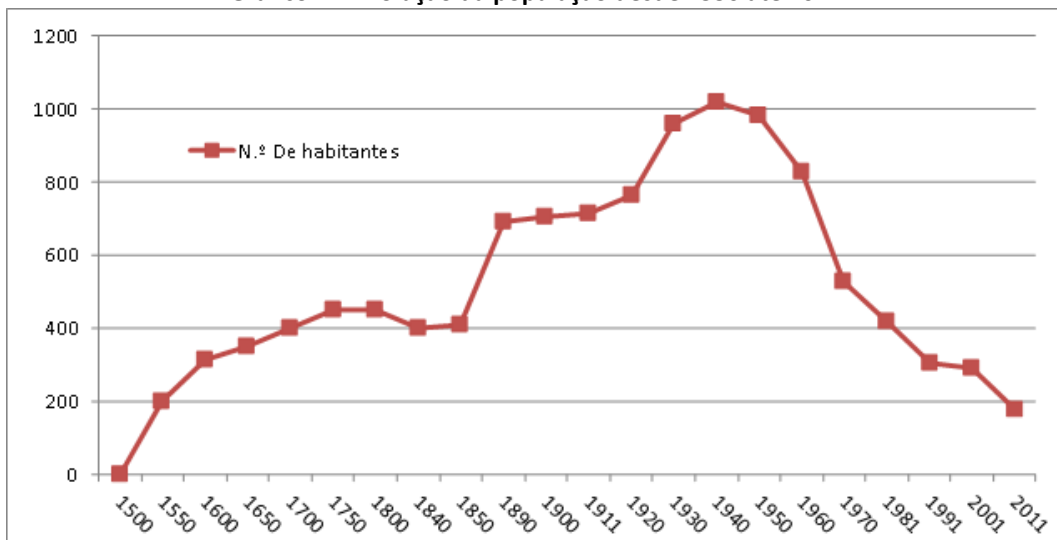
Fonte: (Silva, 1997,p 8)



### 4.3 - A População

O gráfico 2 apresenta a evolução da população desde 1500 até 2011. Ao longo dos tempos, esta população mostrou uma tendência positiva no crescimento populacional até 1940 começando, após essa data, a diminuir. É, no entanto, ao longo do século XX, que a freguesia tem um maior dinamismo demográfico, chegando a atingir o seu máximo 1018 habitantes em 1940 para depois desta data começar um decréscimo populacional avultado para que, em 1991, já tenha perdido 70% da sua população

Gráfico 2 – Evolução da população desde 1550 até 2011



Fonte: (Silva, 99) e INE – Tratamento próprio

Uma população que, em cerca de 60 anos, apresenta esta quebra só pode caminhar a passos largos para a desertificação, senão mesmo para a sua extinção. E em 2011 podemos constatar que esse valor continua a crescer, atingindo uma diminuição de 27% relativamente a 2001, constituindo claramente o que Alarcão (1969) classificou uma zona de repulsão social.

No entanto, se observarmos mais atentamente, verificamos que entre 1991 e 2001, a tendência para a diminuição não é verificável. Esta situação prende-se com a chegada dos migrantes a meio da década de 80 e que só vão ser contabilizados nos censos de 2001 devido aos processos de legalização.



A situação demográfica de 2011 já reflete a saída de migrantes da freguesia<sup>43</sup>, que se verificou a seguir à instituição da união monetária, da qual Portugal faz parte. A sua população, atualmente, constituída predominantemente por idosos, tem cerca de 177 habitantes, dos quais duas dezenas são estrangeiros e outros residentes temporários. Relativamente aos estrangeiros, estes representam 38,6% da população estrangeira do concelho e é nesta freguesia que o seu número tem maior peso, cerca de 21,5% da população total da freguesia. No concelho, registou-se um crescimento da população estrangeira no período de 2001-2011 de 4,6%. Porém, na freguesia de Santa Margarida da Serra, em 2001, existiam 57 residentes estrangeiros, o que mostra que este número tem vindo a decrescer.

A densidade populacional da freguesia é muito baixa, cerca de 3,3 hab/Km<sup>2</sup>, sendo a mais baixa de todo o concelho.

Santa Margarida da Serra é a freguesia que apresentava uma maior percentagem de população isolada em 2011.

Relativamente aos alojamentos, Santa Margarida da Serra contabiliza um decréscimo global (-8,4%) nos alojamentos familiares clássicos ocupados. No último recenseamento, verificou-se uma diminuição (-27) nos alojamentos de residência habitual e um crescimento (+11) nos alojamentos de uso sazonal ou residência secundária face ao recenseamento de 2001.

**Quadro 3 - Distribuição da População por grupos etários e Taxa de Variação variações – 2001- 2011**

	2011					2001				
	TOTAL	0-14	15-24	25-64	65+	Total	0-14	15-24	25-64	65+
	177	12	18	83	64	243	20	19	113	91
<b>Variação 01/ 11</b>	-27%	-.40%	-5%	-27%	-30%					
			-23%							

Fonte: INE (tratamento próprio)

<sup>43</sup> Situação mencionada pelos autóctones e pelos alóctones aquando da recolha de informação.

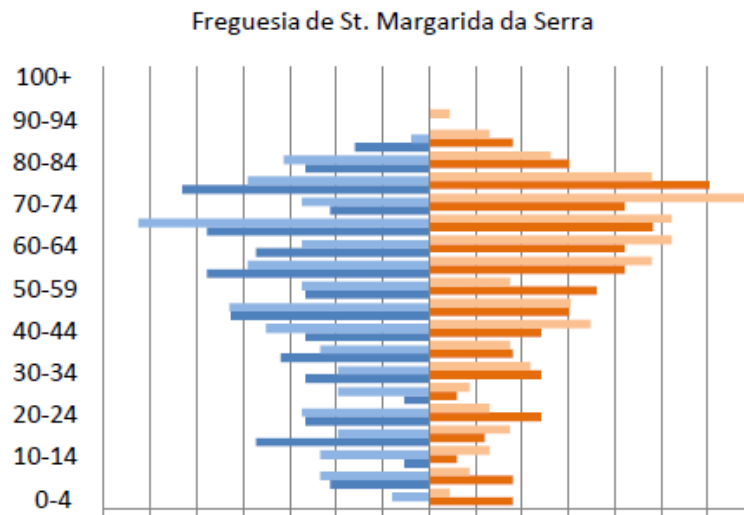


Migrações, Alteridades e Estilos de Vida. O estudo de caso da aldeia de Santa Margarida da Serra, no concelho de Grândola

Se observarmos a estrutura da população, observamos que existe um duplo envelhecimento, quer pelo número de indivíduos com idade superior a 70 anos, quer pelo diminuto número de jovens.

A estrutura etária da população pode ser representada da seguinte forma:

**Gráfico 3 - Estrutura da População na freguesia em 2011**



Fonte: CLAS Grândola

Regista-se um agravamento dos índices de sustentabilidade e rejuvenescimento da população ativa.

Relativamente ao concelho de Grândola, Santa Margarida da Serra é a freguesia que apresenta uma menor percentagem de jovens e uma maior percentagem de idosos na sua população, resultando numa taxa de envelhecimento superior a 533 idosos por cada 100 jovens. Trata-se da população com a estrutura etária mais envelhecida do concelho. Comparativamente às outras freguesias do concelho, Santa Margarida da Serra, apesar de continuar a ser a mais envelhecida das cinco freguesias (maiores índices de envelhecimento, de longevidade e de dependência de idosos; menores índices de rejuvenescimento, e de sustentabilidade potencial e de dependência de jovens), é a única freguesia que regista um decréscimo entre 2001 e 2011 no índice de dependência de idosos (-8%), o que se justifica pelo decréscimo entre censos no total da população residente (-27%) e no grupo dos 65 e mais anos (-30%).

Os decréscimos registados no índice de dependência de jovens em Santa Margarida da Serra (-21%), devem-se a perdas de população nos grupos 0-14 anos (-40%) superiores às perdas registadas nos grupos 15-64 anos (-23%).



Migrações, Alteridades e Estilos de Vida. O estudo de caso da aldeia de Santa Margarida da Serra, no concelho de Grândola

Esta freguesia é a que apresenta a maior percentagem de população inativa, 68%, e a menor percentagem de população ativa, 32%, das cinco freguesias do concelho.

Relativamente ao nível de escolaridade, como podemos observar (Quadro 4), em Santa Margarida da Serra existe uma taxa de analfabetismo de 14%. Podemos verificar que a sua distribuição por género é ligeiramente superior para o género feminino. Observa-se também, que o número de indivíduos que concluíram o Ensino Superior é superior ao número de analfabetos.

**Quadro 4 – População Residente segundo o nível de escolaridade**

População residente segundo o nível de escolaridade atingido																Analfabetos com 10 ou mais anos	Taxa de analfabetismo	
Nenhum nível de escolaridade		Ensino pré-escolar		Ensino básico						Ensino secundário		Ensino Pós-secundário		Ensino superior				
				1º Ciclo		2º Ciclo		3º Ciclo										
HM	H	HM	H	HM	H	HM	H	HM	H	HM	H	HM	H	HM	H	HM	H	
30	13	1	1	52	27	13	5	27	17	33	21	1	1	20	9	24	12	14%

Fonte INE (Tratamento Próprio)

#### **4.4 - Aspetos Económico-Sociais**

Relativamente às atividades económicas, a agricultura e outras com ela relacionadas, foram as que maior importância tiveram para estes aldeões e foram estas atividades, ou melhor o seu declínio, que fez evoluir a história da freguesia e a tornou, na realidade que hoje podemos testemunhar.

A dimensão média da propriedade agrícola nesta freguesia era pequena. A propriedade estava muito dividida, as terras eram arrendadas a grandes e médios lavradores que passavam a ser rendeiros, podendo estes explorar a totalidade das terras, ou cedê-las em parcelas mais pequenas aos seareiros. Em todo o Alentejo este grupo, os seareiros, teve uma importância muito relevante porque não sendo proprietário contribuiu decisivamente para o cultivo das terras.

*Como referem alguns autores, geralmente os proprietários, e também os grandes lavradores rendeiros, cediam as terras menos produtivas das suas explorações aos seareiros fazendo com que, proporcionalmente, estes acabassem por obter lucros mais baixos com o cultivo de cereais. Para minimizar os custos, o seareiro normalmente possuía alguns meios de produção (animais de trabalho, parelha de muares), e recorria principalmente ao trabalho familiar, o que lhe permitia assegurar por conta própria a exploração da terra arrendada. De facto, poucos eram aqueles que empregavam regularmente mão-de-obra assalariada (Carmo, 2010).*

A estratificação social da freguesia estava muito relacionada com a propriedade. A sua posse determinava a classe social a que se pertencia. Assim, era possível determinar os proprietários que possuíam as terras, mas não as cultivavam e



viviam fora da freguesia. Os lavradores, também proprietários da terra, embora pudessem residir fora da freguesia, estavam envolvidos no processo de cultivo. Os agricultores que eram os pequenos proprietários e que cultivavam as suas terras (cf Raminhos 2004), os seareiros que, mediante acordos, cultivavam as terras que os proprietários, ou que os lavradores não queriam, ou não podiam cuidar. Os seareiros muitas vezes conjugavam a sua posição de seareiro, com a de pequeno proprietário, ou até mesmo, com a posição de assalariado agrícola. «*Neste sentido, pode-se dizer que a categoria de seareiro não representava uma situação social homogénea, pelo contrário, estes indivíduos ocupavam na maior parte dos casos aquilo que Wright (1994) define como “um lugar contraditório de classe”, na medida em que podiam alternar entre a situação de trabalhador por conta própria (e por vezes de empregador) e a situação de trabalhador por conta de outrem.*» (Carmo, 2010).

Por último, encontramos os assalariados agrícolas, na base da pirâmide que não detinham a posse da propriedade, nem capacidade para estabelecer acordos, apenas possuíam a sua força de trabalho.

Quando a atividade agrícola começou a perder a sua vitalidade surgiu uma nova forma de exploração, a pluriatividade agrícola que *obrigava a uma estratégia familiar de divisão do trabalho, na qual os vários elementos do agregado se repartiam perante um conjunto diversificado de funções, podendo mudar várias vezes ao longo do ano a tarefa exercida por cada um* (idem). Esta pluriatividade também origina uma diferente forma de encarar a economia agrícola, pois a propriedade já não é uma unidade de produção, ou seja, na freguesia de Santa Margarida, os filhos mais novos deixam de ter o seu lugar na exploração agrícola e passam a procurar uma atividade fora da agricultura e fora do espaço da freguesia, muito embora possam, em alguns casos, apoiar a família nas fainas agrícolas durante os seus tempos livres.

As políticas agrícolas tomadas pelo Estado Novo, a campanha do trigo (1929) esgotaram os solos que, como já foi referido, eram pobres, posteriormente a lei da industrialização (lei de base da industrialização - de Ferreira Dias, lei n.º 2005, do Fomento e Reorganização Industrial) e mais recentemente as reformas originadas pela PAC, muito contribuíram para, por um lado, a pluriatividade e, por outro lado, para a desertificação humana, originada pela saída da população agrícola, sobretudo os assalariados agrícolas, que não sendo possuidores da terra, mais facilmente vão embora à procura de melhores condições de vida.

A pluriatividade tanto pode estar associada a um trabalho fora, quer da atividade agrícola, quer do espaço comunitário rural. Em Santa Margarida da Serra



assiste-se à pluriatividade. A agricultura a tempo inteiro não é suficiente para sustentar a família há necessidade de conciliá-la com outra atividade.

A Reforma Agrária, um processo de expropriação e coletivização da posse da terra que teve início nos primeiros meses de 1975, não teve expressão em Santa Margarida. Na freguesia não se registaram expropriações, nem coletivizações porque segundo o Decreto-Lei nº 406-A/75 de 29 de julho que veio acentuar uma tendência, de facto visível no movimento de ocupações da terra, que era a de considerar como objeto de reconversão da propriedade para as mãos do Estado, não os baldios ou os latifúndios incultos e ainda menos o critério da área de exploração, mas antes um critério de rendimento da terra calculado em pontos (Matoso, 1994).

As principais atividades económicas desta freguesia, atualmente, têm a ver com a produção de cortiça, a panificação, o artesanato e o comércio.

#### **4.4.1 - Agricultura**

No que respeita à agricultura pode-se observar que na sua maioria, a exploração agrícola é de culturas arvenses, onde o trigo teria sido predominante. A produção cerealífera deve ter conhecido um grande incremento, graças à Campanha do Trigo, iniciada em 1929. Este facto coligado com a introdução de adubos químicos que permitiam aumentar a produtividade da terra e diminuir o tempo de pousio. Segundo Germezindo (Silva,1997), na década de 40 do século XX, a produção de trigo teria atingido o seu auge, para tal muito teria contribuído a política de subsídios. No entanto, em meados da década de 90 do século XX, já quase que não se produzia trigo na freguesia, não só como resultado das novas Políticas Agrícolas ditadas pela União Europeia, mas também pela avolumada perda de população.

Outra forma de agricultura eram as culturas hortícolas, se bem que, em termos de ocupação do espaço não fossem significativas, elas teriam e têm grande importância na freguesia. Distribuíam-se pelas áreas circundantes às casas de habitação (tradicionalmente designadas por cercas) e forneciam alimentos numa perspectiva de autoconsumo.

A agricultura, mesmo que nunca tivesse sido muito lucrativa era, sem dúvida, importante para a freguesia. As atividades mais lucrativas seriam a subercultura que permitia, em concomitância, a produção de gado e a posterior venda de cortiça. *O solo magro e o clima seco obrigam a manter pousios que só recentemente foi possível encurtar e suprimir; portanto, o arvoredos com seus recursos de azeite, cortiça e bolota,*



Migrações, Alteridades e Estilos de Vida. O estudo de caso da aldeia de Santa Margarida da Serra, no concelho de Grândola

*o pastoreio de ovelhas e as varas de porcos, constituem a natural compensação do fraco rendimento das culturas arvenses (Santos, 2011:23).*

#### **4.4.2 - Silvicultura**

A freguesia de Santa Margarida da Serra apresenta um coberto florestal de grande importância, não só pelo total da área ocupada, mas também pelo adequado aproveitamento que dele é feito. As suas principais funções são a económica, na medida em que produz matérias-primas e frutos secos, gerando emprego e riqueza; a ecológica, fundamental na preservação dos solos, a da conservação da água, que regulariza o ciclo hidrológico, armazenando o carbono e protegendo a biodiversidade e por último, mas não menos importante a função social que proporciona espaços de lazer e conseqüentemente de interação social (muito importante nesta freguesia na comemoração de algumas datas, como por exemplo, o dia do trabalhador, em que é frequente os habitantes juntarem-se para fazerem piqueniques e assim passarem todo o dia entre comes e bebes e cantorias).

No que respeita à silvicultura, não encontramos apenas a cortiça como fator de exploração, temos, também, a madeira. Esta madeira foi durante muitos anos, vendida a carpintarias e vendida como combustível, mas também queimada para a produção de carvão. Existiram alguns carvoeiros na freguesia. Mas a cortiça é, sem dúvida o produto mais “rico” visto que apresenta uma maior rentabilidade, apesar de ser retirada apenas de nove em nove anos, continua a ser bastante importante para as gentes da freguesia.

##### **Ilustração 1- Silvicultura**



Fonte: A própria

Mas o sobreiro fornece-nos outro tipo de “riqueza”: os seus frutos, três tipos de frutificação – o bastão, a lande ou bolota, e o landisco. Dos três tipos, a lande é a de



Migrações, Alteridades e Estilos de Vida. O estudo de caso da aldeia de Santa Margarida da Serra, no concelho de Grândola

produção mais significativa e com maior valor reprodutivo e alimentício para os animais. O bastão e o landisco são frutificações irregulares, o bastão surge no outono e o landisco surge em dezembro, janeiro e o fruto não chega a atingir a plena maturação devido às baixas temperaturas.

Para além do sobreiro e da azinheira, existem outras árvores, como a oliveira que, por norma se encontra como parte do montado, em regime de simultaneidade com outros produtos, por exemplo, as searas.

#### Ilustração 2 – A olivicultura



Fonte: Própria

No que diz respeito à subericultura, esta desenvolveu-se, no concelho de Grândola, em finais do século XIX. Este concelho é dos maiores produtores a nível nacional e a sua cortiça também está muito bem classificada, em termos, de qualidade. Santa Margarida da Serra é uma freguesia muito rica em cortiça.

Relacionadas com a silvicultura podemos encontrar duas outras atividades, também de grande importância para a freguesia, a caça e a apicultura.

No que concerne à caça, todo o concelho de Grândola revela ao longo da história uma apetência para esta atividade, sendo esta visível até com a lenda da origem do nome de Grândola<sup>44</sup>. A freguesia de Santa Margarida da Serra possui

---

<sup>44</sup> Lenda da origem do nome de Grândola - Conta-se então que, antigamente, a zona de Grândola estava cheia de mato, no qual se escondia muita caça grossa, como por exemplo, javalis e veados.

Os príncipes do reino vinham para aqui caçar em grupo, juntamente com os seus caçadores e criados. Um dos príncipes, D. Jorge de Lencastre, construiu neste local uma casa, para ficar por cá uns dias e preparar as suas pândegas com os seus amigos e caçadores. Juntaram-se a este grupo muitos caçadores



excelentes condições para o desenvolvimento desta atividade. Nos seus primeiros tempos, o coberto vegetal seria **imperioso**, esse maquis, habitat de inúmeras espécies de grande e médio porte, veados, lobos, javalis e lincos, foi desaparecendo à medida que se fazia o arroteamento dos campos. Assim, a caça passou a estar restringida ao coelho, à lebre, à perdiz e aves de arribação.

Quanto à apicultura, é também uma atividade de grande importância e desenvolvida na freguesia desde que há memória. O seu coberto natural, urze, estevas, medronheiros, giestas, rosmaninho, entre outros, possui grandes aptidões para a produção de mel. São plantas que, por serem espermatófitas<sup>45</sup> (com órgãos sexuais visíveis) propiciam a existência de enxames. Esta atividade teria sido, ao longo dos anos, uma atividade complementar e nunca uma atividade principal.

Atualmente é possível juntamente com o mel criar novos produtos, como por exemplo, o vinagre de mel, aguardente de mel, já para não falar do pólen e da cera. São doze as regiões de Denominações de Origem Geográfica Protegidas (IGP) existentes em Portugal. São elas: Serra da Lousã, Parque de Montesinho, a Serra d'Aire, Albufeira de Castelo do Bode, Ribatejo Norte, Bairro e Alto Nabão, Terras altas do Minho, Terra Quente, Serra de Monchique, Barroso, Alentejo e Açores.

*«Na freguesia o rendimento do mel e da cera produzidos não eram tão desprezíveis quanto isso. No momento em que escrevo (1995), há cerca de 7 apicultores que extraem entre 500 a 600 quilos de mel e uns 300 a 400 quilos de cera anuais.» (Silva 1997: 114).*

#### **4.4.3 - A Pecuária**

A pecuária talvez tenha sido uma das principais atividades da freguesia. O gado sempre foi uma importante fonte de receita, sendo ainda atualmente lembrada como a mais importante.

---

e houve necessidade de edificar mais casas, nascendo assim uma pequena aldeia. Certo dia, no fim de uma caçada, abateram um enorme e gordo javali. Enquanto cozinhavam num grande caldeirão, alguém terá exclamado: “- Oh!!! Que grande olha!”.

Daí em diante o lugar passou a chamar-se “Grandolha”, mais tarde “Grandolla”, até atingir a forma atual de Grândola.

<sup>45</sup> (Silva, 97:114) - chama-lhe fanerogâmicas. Este termo foi substituído por espermatófitas no uso científico, embora fanerogâmicas, apesar de obsoleta, ainda se encontre frequentemente na literatura.



Migrações, Alteridades e Estilos de Vida. O estudo de caso da aldeia de Santa Margarida da Serra, no concelho de Grândola

Nos primeiros tempos, o gado caprino teria sido o que melhor se adaptou às características morfológicas do terreno. Mas com o decorrer dos tempos foram introduzidas outras espécies, não só os ovinos e os suínos, mas também os bovinos.

Mais tarde a suinicultura terá sido a atividade que mais ocupou os produtores de animais. Esta produção tanto se destinava à comercialização como também ao consumo próprio. Durante muitos anos era possível ver varas de porcos nos montados guardados pelos porcariços, ou moirais. Pode dizer-se que a suinicultura foi uma importante fonte de rendimento da população da freguesia. A produção de porcos em montado apresentava baixos custos devido ao tipo de alimentação praticado, que assentava no aproveitamento dos recursos excedentários (restolho) e dos frutos da azinheira e sobreiro. A engorda era lenta e a carne demasiado gorda, embora saborosa. «Em compensação, o porco alentejano era um animal perfeitamente adaptado ao terreno e resistente.» (Santos, 2011).

A partir dos anos 50 do século XX, dá-se uma modificação nos hábitos alimentares, em que há uma consciencialização dos perigos das carnes gordas para a saúde. Os suínos passam a ser cruzados com outras espécies estrangeiras. Por essa altura surge a peste suína e com o êxodo rural verificado, a suinicultura começa a desaparecer na pecuária da freguesia.

Para além da suinicultura, era possível encontrar também o gado ovino que ocupava uma posição de relevo, cuja importância foi crescendo ao longo dos tempos. À medida que as culturas arvenses foram abandonadas e que se começou a valorizar o montado, os criadores apostaram na criação de gado ovino. Esta foi uma forma de rentabilizar a atividade económica dos proprietários. Não existiram grandes rebanhos, mas tendo em consideração a dimensão da propriedade pode dizer-se que os rebanhos tinham o tamanho possível.

As pessoas mais idosas ainda recordam o tempo em que se faziam queijos e que estes eram vendidos, nas vilas, quer de Grândola, quer de Santiago de Cacém (hoje cidade).

Um facto também curioso é a produção do gado bovino que ocupou um lugar importante na história da atividade económica da freguesia. No final do século XIX, este tipo de gado ocupava o terceiro lugar na atividade pecuária da freguesia. Essa importância foi observável até 1934 e depois começa a decrescer, não tendo relevância no momento presente. A função económica dos bovinos até à industrialização consistia na produção de leite e como força de trabalho.



Migrações, Alteridades e Estilos de Vida. O estudo de caso da aldeia de Santa Margarida da Serra, no concelho de Grândola

Foi a forte produção de gado que deu origem à instituição da feira de Santa Margarida da Serra.

#### **4.4.4 - A Indústria**

Na freguesia de Santa Margarida da Serra a ausência de indústrias é uma realidade sentida desde sempre. As indústrias existentes relacionam-se diretamente com a alimentação como sempre foi.

##### **4.4.4.1 - A Panificação**

Foi uma atividade muito importante na vida da freguesia. Inicialmente não teria um caráter comercial. Cada casa teria o seu forno e essa seria uma tarefa da mulher, quem não o possuía, tinha com certeza uma vizinha que lhe oferecia o pão.

À panificação era essencial a existência de moinhos e na freguesia existiam muitos moinhos. A panificação mais industrializada e com importância comercial, surge em 1946. Começou por uma produção diária de 50 quilos, chegando aos 400 quilos. Esta produção destinava-se a servir a população local, mas também era comercializado na sede de concelho.

Dez anos mais tarde, abre uma segunda padaria com uma produção menor, cerca de 100 quilos diários. Atualmente esta padaria, já renovada e com um novo proprietário, produz até 600 quilos de pão diariamente e tem como destino o abastecimento dos restaurantes de Canal Caveira (aldeia situada junto à estrada que liga Grândola a Faro e bastante conhecido pelo tradicional cozido à portuguesa).

A moagem foi uma atividade que teve algum peso para os habitantes da freguesia, a ver pelo número de moinhos que existiram. No entanto, não se pode dizer que fosse uma profissão de sucesso, pois os moleiros provavelmente teriam que conjugar esta sua atividade com outra e, por norma, seria o trabalho assalariado rural.

Atualmente existe apenas um moinho que se encontra em estado de possível recuperação, situado a oeste da aldeia e que foi o último a deixar de funcionar (há registo de que funcionou até 1965).



Migrações, Alteridades e Estilos de Vida. O estudo de caso da aldeia de Santa Margarida da Serra, no concelho de Grândola

**Ilustração 3 - Moinho a oeste da aldeia de Santa Margarida**



Fonte: Própria

#### **4.4.5 - O comércio**

A atividade comercial não tem grande relevância na freguesia, no que diz respeito a estabelecimentos comerciais. Destes, os mais comuns são e foram as tabernas e as vendas. As poucas mercearias que muitas vezes funcionavam ao lado da taberna foram encerrando as portas, porque os clientes, com a generalização da propriedade de veículos motorizados, preferem fazer as suas compras na sede de concelho.

**Ilustração 4 – Panorâmica da última mercearia de Santa Margarida (foto atual)**



Fonte: Própria

##### **4.4.5.1- Vendas e tabernas**

Ao longo dos tempos, as tabernas e as vendas desempenharam um papel muito importante na vida da aldeia e da freguesia. Local privilegiado de convívio e de



Migrações, Alteridades e Estilos de Vida. O estudo de caso da aldeia de Santa Margarida da Serra, no concelho de Grândola

abastecimento, foi também o sítio onde os “ margaridos “ viram televisão pela primeira vez e onde recebiam as boas e as más notícias.

Ao que parece, durante os tempos em que há registo, sempre se mantiveram em funcionamento pelo menos 3 tabernas, fechando nuns sítios, abrindo noutros, mas sempre assim foi. Talvez, a da ventoinha, por possuir um gerador de eletricidade que funcionava com uma ventoinha no topo, fosse a mais famosa. Foi a primeira a ter rádio (telefonía) e claro, mais tarde, a televisão. O movimento era grande nesses tempos, pois de todos os montes vinham pessoas para assistir às emissões televisivas. Hoje, já sem o gerador da ventoinha, ainda contínua em funcionamento.

**Ilustração 5 - Casa Dimas (antiga venda da ventoinha)**



Fonte: Própria

Outras fecharam e perderam a sua antiga função, hoje são montes de segunda habitação, como a venda de baixo, ou da estrada, como os habitantes lhe chamavam.

**Ilustração 6 – Venda de Baixo**



Fonte: Própria



Migrações, Alteridades e Estilos de Vida. O estudo de caso da aldeia de Santa Margarida da Serra, no concelho de Grândola

Ao final da tarde os cafés da aldeia enchem-se de homens que chegam das suas atividades laborais. É por aqui que se “ põem as conversas em dia” e se gastam as últimas horas antes do regresso a casa.

Existem três cafés, aliás dois, porque um deles é uma taberna. Os cafés, Casa Dimas e Café Triunfo situam-se junto à estrada nacional N -120.

**Ilustração 7 - Café Triunfo**



Fonte: Própria

A taberna situa-se naquele espaço a que poderíamos chamar o centro histórico da aldeia, perto do largo da Feira, sensivelmente a 1 Km de distância dos cafés.

*Numa ponta da fachada da casa, a taberna - com o balcão que sustenta o tradicional pipo - as mesas e bancos de madeira, o lavatório de ferro e as antigas medidas de alumínio para o vinho.*

*De seguida, a mercearia com balcão de madeira a proteger as telhas (também em madeira) que antes serviam para depósito de géneros para venda a peso. (...) Sobre o balcão a balança de pratos com pesos para pesarem as batatas, as cebolas, os tomates, os melões e as melancias espalhados pelo chão (Chainho, 2011).*



Migrações, Alteridades e Estilos de Vida. O estudo de caso da aldeia de Santa Margarida da Serra, no concelho de Grândola

**Ilustração 8 - A Taberna do Sr. Agostinho**



Fonte: Própria

Os ambientes variam muito, bem com os seus públicos. No entanto, em todos estes espaços, o petisco faz parte da ementa da tarde. O petisco é feito com base na gastronomia tradicional, que consoante a época do ano, nos presenteia, quer com a caça, os cogumelos, sempre acompanhados de vinho. Em termos de público podemos constatar que os alemães frequentam mais os cafés e os holandeses frequentam mais a taberna.

“A importância cultural das tabernas, como espaços tradicionais que, para além da função social e económica que desempenhavam nas comunidades onde se inseriam. Eram locais privilegiados de encontro e convívio, sobretudo dos homens (...)

„<sup>46</sup>

#### **4.4.6 - O artesanato**

O artesanato que podemos encontrar na freguesia nos tempos mais recentes tem a ver com a atividade desenvolvida por dois migrantes e são os bonecos de madeira e as peças de serralharia.

No entanto, relativamente aos bonecos de madeira, neste momento são peças de coleção da própria artesã que já não os fabrica porque concebe o artesanato como

---

<sup>46</sup> As tabernas do concelho de Grândola, Grândola, Câmara Municipal de Grândola, 1999, p. 3



Migrações, Alteridades e Estilos de Vida. O estudo de caso da aldeia de Santa Margarida da Serra, no concelho de Grândola

uma forma de arte<sup>47</sup>, se são construídos com um espírito diferente perdem o seu significado e como necessitava de meios de subsistência foi obrigada a abandonar aquela atividade e dedicar-se ao trabalho (como ela refere fazendo a distinção entre o prazer de fazer artesanato e a obrigação do trabalho).

#### 4.4.7 - O ensino

Num meio rural com uma grande dispersão geográfica, onde a vida era dura, para se conseguir obter alguma rentabilidade da atividade agrícola, desde tenra idade todos os membros da família tinham de participar. O dia começava cedo e terminava tarde. As crianças começavam, de muito pequeninas, a ter de ajudar os pais. Estamos em presença da família como uma verdadeira unidade produtiva.

As vias de comunicação durante muitos anos foram muito más, caminhos de terra, que durante as épocas de chuva ficavam intransitáveis. Com estas condições de vida, facilmente se perceberá que a instrução não era uma prioridade. A maior parte da população teria sido analfabeta durante muitos anos, sobretudo a população feminina.

Na aldeia, só muito tarde se conseguiram reunir (ou foram impostas) as condições necessárias para o funcionamento de uma escola. Deve ter sido um processo difícil, todos os motivos e pretextos serviam de justificação ao adiamento. Havia muitas crianças em idade escolar no final do século XIX, não haveria era vontade por parte de uma população pouco motivada para a frequência escolar. Não se via grande utilidade da aprendizagem para o futuro das crianças e era ainda a perda de “braço de trabalho” que, por muito pouco que fizesse, fazia muita falta na organização das tarefas quotidianas da família.

Por assim dizer, havia a vontade política de instituir a instrução na aldeia, havia crianças em número suficiente, faltaria a motivação da população.

A escola começou, finalmente, a funcionar em 1895 e manteve-se no mesmo espaço até 1920. A partir deste ano letivo passou para a casa do Largo do chafariz (hoje a sede da junta de freguesia).

Esse edifício era também utilizado como residência de professores. Tinha apenas uma sala de aula com 3 janelas. Durante o inverno as crianças não tinham

---

<sup>47</sup> «Se é arte, tu fazes quando estás inspirada e isso te dá prazer. Se fazes por necessidade não te dá prazer, não é arte. É trabalho!» (entrevistado migrante, feminino, 50-59 anos)



abrigo para se protegerem da chuva. A sala de aula nem sequer tinha luz elétrica. Foi solicitada a construção de uma nova escola, mas tal só veio a acontecer numa época em que o número de crianças já tinha diminuído consideravelmente, em 1971.

Segundo os registos dos diversos professores, o sucesso escolar ficava muito aquém do que seria considerado razoável. As crianças faltavam muito, não só por ficarem doentes, mas também porque tinham de ajudar os pais nos campos.

Na verdade, existiriam diversos fatores que se conjugavam para explicar esta situação, se não havia grande motivação, com as tão deficientes condições escolares, dificilmente as crianças e as famílias conseguiriam perceber a necessidade de frequentar a escola.

Desde 1910 que, sentida a elevada taxa de analfabetismo, se procurou instituir o ensino noturno, não tendo este sido autorizado. Apenas nos anos letivos de 1955/56 e 1956/1957 se conseguiu abrir um curso noturno nas Estírias<sup>48</sup>.

Depois dessa data apenas em 1973 e até 1975 e mais tarde entre 1982 e 1987 funcionaram cursos noturnos.

Poucos foram os jovens que prosseguiram os seus estudos e os que o fizeram foram para Grândola, para a Escola Básica do 2º e 3º ciclos, D. Jorge de Lencastre e os que ainda continuaram os estudos, dividiram-se entre a Escola Secundária António Inácio da Cruz e pela Escola Profissional de Desenvolvimento Rural de Grândola. Se poucos foram os que saíram para Grândola, menos teriam sido os que ingressaram no ensino superior.

O reordenamento do parque escolar originou o encerramento da maioria das escolas do primeiro ciclo com reduzido número de alunos. As zonas rurais foram as mais afetadas pois viram desaparecer a única esperança de sobreviverem à desertificação a que estão votadas.

Esta escola, incluída no Programa Escolas Rurais, era muito dinâmica e sem dificuldades financeiras, visto que, quer a junta de freguesia, quer a população estavam sempre disponíveis para responder as todas as solicitações.

*«E mesmo quando não havia recursos financeiros, havia o “arregaçar das mangas” e fazer o que era necessário. Por exemplo, num ano em que o encontro das escolas rurais se realizou em Santa Margarida o próprio presidente da Junta e a funcionária foram cortar roseiras, visto que estas poderiam constituir algum perigo para as*

---

<sup>48</sup> Monte da freguesia, mas afastado da aldeia. Na altura a que nos referimos, os montes ainda eram povoados.



Migrações, Alteridades e Estilos de Vida. O estudo de caso da aldeia de Santa Margarida da Serra, no concelho de Grândola

*crianças do ensino pré-primário que também vinham visitar a escola» (Professora do 1º ciclo do Ensino Básico)*

Dada a realidade social onde a escola estava inserida, houve a preocupação de tornar a escola num espaço intercultural. «*A comunidade era pequena com poucas crianças e como todas as comunidades rurais e, sobretudo as alentejanas, fechada. Não é num primeiro momento que as pessoas se abrem, esperam para ver e só depois se dá o processo de abertura*»<sup>49</sup>. A escola era um espaço onde se pretendia que cada um dos alunos percebesse a sua interdependência relativamente aos outros. O conceito intercultural não se limita a descrever uma situação particular, definindo, antes, um processo de natureza social em que os intervenientes são impelidos a tomarem consciência da sua interdependência, é o reconhecimento da diversidade de representações e valores é o diálogo, a interação entre diversos grupos cujas referências são múltiplas e partilhadas (Peres, 2000). Nesse sentido, era muito frequente os alunos experimentarem a comida dos seus colegas estrangeiros, alguns vegetarianos e que por essa razão a sua alimentação incidia muito no consumo de frutos secos. Os primeiros alunos estrangeiros foram um menino, de nacionalidade holandesa e uma menina de nacionalidade alemã.

Nos últimos anos de funcionamento os alunos eram muito poucos, sendo sensivelmente igual o número de crianças de origem portuguesa e de origem estrangeira.

A escola primária de Santa Margarida da Serra encerrou no ano letivo de 1995/1996.

#### **4.4.8 - Equipamentos coletivos**

Dos equipamentos coletivos, Santa Margarida da Serra possui um lavadouro público, chafarizes e sanitários públicos.

O lavadouro público foi construído em 1973 e ainda hoje é utilizado apesar de o seu uso ter decrescido nos últimos anos do século, devido à generalização de máquinas de lavar roupa.

---

<sup>49</sup> A última professora Primária de Santa Margarida da Serra



Migrações, Alteridades e Estilos de Vida. O estudo de caso da aldeia de Santa Margarida da Serra, no concelho de Grândola

### Ilustração 9 - Lavadouro Público



Fonte: Própria

São diversos os chafarizes que se distribuem pelas ruas da aldeia de forma a facilitar o abastecimento de água que anteriormente era feito nas fontes, as quais se situavam relativamente longe das habitações.

Relativamente aos sanitários públicos, na aldeia existem duas instalações; uma junto ao parque de merendas que possui balneários; e outra junto à paragem dos autocarros.

**Ilustração 10- Sanitários Públicos da aldeia (à direita instalações junto à EN 120, à esquerda instalações junto à igreja e ao parque de merendas)**



Fonte: Própria

A freguesia de Santa Margarida chegou ao século XX sem água canalizada e sem eletricidade.

O seu principal núcleo populacional (Santa Margarida da Serra) só teve iluminação pública em 1934, telefone em 1962, luz elétrica em 1963, e água



Migrações, Alteridades e Estilos de Vida. O estudo de caso da aldeia de Santa Margarida da Serra, no concelho de Grândola

canalizada em 1964. O serviço de correios inicialmente era tratado na taberna da Ventoinha.

Em 2000 foi criado um Centro Comunitário em Santa Margarida, resultado do trabalho de uma associação, a Associação de Solidariedade Social e Desenvolvimento de Santa Margarida “A *Flor da Serra*”, uma IPPSS que para além do centro de dia tem em funcionamento o serviço de apoio domiciliário (SAD).

A Associação foi constituída a 4 de maio de 1999 e reconhecida como IPSS em 6 de janeiro de 2000. Dos seus objetivos, como consta nos seus estatutos, fazem parte a construção do Centro de Dia, implementação de um parque de campismo rural e, de uma forma mais lata, o apoio a jovens e idosos.

Inicialmente começou a funcionar provisoriamente no Monte de Vale de Loba de Baixo (localizado a seis longos quilómetros do núcleo urbano da aldeia por estradas de terra que no inverno se enchem de buracos repletos de águas pluviais). Lá permaneceram durante seis anos. Para além das atividades diárias de entretenimento e desenvolvimento direcionado para a idade (e consequentes necessidades) dos indivíduos que constituem o seu público-alvo, também organizam eventos no casão do senhor Agostinho, proprietário, da taberna junto à igreja, tendo esses, como objetivo a animação da população da aldeia, a angariação de fundos e ainda atrair população de fora.

Com o loteamento de terrenos por parte da Junta de Freguesia, a Associação, com o apoio da Câmara Municipal de Grândola construiu um edifício adequado às suas necessidades, onde para além das atividades de ocupação de idosos, também funciona a cozinha e lavandaria.

Relativamente aos funcionários (funcionárias) existem 3 ajudantes de apoio familiar e uma técnica de serviço social.

Presentemente o Centro Comunitário tem 20 clientes no centro de dia e 5 clientes que recebem apoio domiciliário. No apoio domiciliário os serviços prestados são a higiene diária e o fornecimento das refeições.

As atividades desenvolvidas são:

- *Matinés* dançantes;
- Passeios fora do concelho (3 por ano);
- Participação no Encontro (anual) de idosos;
- Intercâmbio entre instituições.



Migrações, Alteridades e Estilos de Vida. O estudo de caso da aldeia de Santa Margarida da Serra, no concelho de Grândola

No início do funcionamento do Centro, os utentes passavam mais tempo na instituição, talvez porque era “novidade” e também porque os clientes eram transportados por carrinhas e assim teriam que esperar pelo transporte.

Agora, com a mudança de instalações para o centro da aldeia, o mais habitual é a utilização do centro de dia como fornecedor de refeições. No entanto, as atividades referidas são bem-sucedidas, quer em termos de taxa de participação, quer pela satisfação demonstrada pelos participantes.

As *matinés* dançantes são um exemplo desse sucesso. Realizam-se mensalmente, na última sexta-feira de cada mês e atraem muita população que vem também de fora da aldeia e da freguesia.

No que concerne à relação dos estrangeiros com a instituição, pode dizer-se que as relações são cordiais, com um respeito mutuo. Nenhum dos migrantes, atualmente é cliente do Centro de dia, mas isso não invalida que estes procurem ocasionalmente a instituição para tomarem o almoço.

Há alguns anos atrás, dois migrantes, um alemão e um inglês, foram clientes até ao momento da sua morte (um está sepultado no cemitério de Santa Margarida, o outro no cemitério de Grândola).

Pode ainda dizer-se que existem dois tipos de relacionamentos com os estrangeiros, os holandeses procuram mais a instituição e colaboram muito nas atividades, os alemães procuram menos e apenas participam em algumas. São mais “desprendidos”<sup>50</sup>.

#### **4.4.9 – A Saúde**

Nos últimos anos têm havido muitas alterações no que concerne a este domínio. Assim sendo, o Centro de Saúde de Grândola deixou de contar com o Serviço de Atendimento Permanente, passando a ter um Serviço de Atendimento Complementar. Este funciona das 9 às 20 horas. O número de médicos tem vindo a diminuir desde 2008. Como respostas aos problemas de saúde o concelho de Grândola conta com o Hospital do Litoral Alentejano (situado a cerca de 25 km de distância) e com o Centro de Saúde de Alcácer do Sal (23Km) que continua munido de SAP.

---

<sup>50</sup> Técnica de Serviço Social, aquando da entrevista.



Migrações, Alteridades e Estilos de Vida. O estudo de caso da aldeia de Santa Margarida da Serra, no concelho de Grândola

Como é fácil verificar, as populações mais isoladas e mais envelhecidas são as que mais sentem estas dificuldades, e dentro deste grupo podemos enquadrar a população da Freguesia de Santa Margarida da Serra.

No entanto, a Câmara Municipal de Grândola em parceria interinstitucional – com a ARS Alentejo aderiu ao projeto, Unidade Móvel de Saúde (UMS) concretizado através de um veículo que apresenta as condições necessárias à deslocação de uma equipa de profissionais, para prestação de cuidados de saúde e apoio social a pessoas isoladas geograficamente.

Os seus objetivos são:

- Contribuir para diminuir as diferenças na acessibilidade aos cuidados de saúde das pessoas idosas e/ou com dependência, que vivem isoladas;
- Promover a prestação de cuidados de saúde em proximidade e a saúde das pessoas que vivem em aglomerados isolados;
- Diminuir o isolamento social através do apoio psicossocial;
- Permitir conhecer e acompanhar a população idosa mais isolada geograficamente;
- Identificar critérios de fragilidade e vulnerabilidade.

Santa Margarida da Serra foi uma das localidades que usufruiu deste UMS, logo no seu início a 8 de abril de 2013.

**Ilustração 11- 1º dia da visita da UMS à aldeia**



Fonte: Própria

A área da saúde manifesta-se como uma carência da população da freguesia. Desde há alguns anos que esta população reivindica uma melhor assistência médica,



Migrações, Alteridades e Estilos de Vida. O estudo de caso da aldeia de Santa Margarida da Serra, no concelho de Grândola

e apesar de ser um pedido da população e a junta de freguesia ter disponibilizado uma sala para o atendimento médico, tal nunca foi concretizado.

Em tempos recuados, as pessoas morriam em casa e, na maioria das vezes, nem se sabia a causa da morte.

Como em todos os meios rurais, as mezinhas caseiras, o recurso aos “endireitas” e até a fé em N<sup>a</sup> Senhora da Saúde constituíam os apoios e a possibilidade de cura desta população.

Também no caso da gravidez esta não tinha qualquer acompanhamento médico. As parteiras eram, ou uma vizinha, ou alguém com mais experiência, sendo esta adquirida através da prática. Quando ocorria uma dificuldade, por muito boa vontade que a parteira tivesse, não tinha os conhecimentos suficientes para solucionar as possíveis complicações que surgissem, talvez por essa razão a mortalidade infantil e de parturientes fosse muito elevada.

No século XX começaram a existir alguns apoios aos doentes, como por exemplo, subsídios para deslocações e até mesmo transporte de doentes para o hospital de Grândola. Só com o aparecimento do corpo de bombeiros em 1949 é que as condições neste domínio foram alteradas para melhor.

#### **4.4.10 - A Vivência Política**

Neste trabalho foram apenas analisados os resultados das eleições autárquicas, particularmente, os resultados da Assembleia de Freguesia, por serem estas as eleições que interferem mais na vida da população da freguesia e, por isso, com maior significado.

*Segundo Powell (2002) as eleições dão ao povo a oportunidade de influenciar as políticas públicas, e são elas os instrumentos que permitem aos cidadãos forçar ou encorajar os governantes a prestarem lhes atenção.*

*As eleições são utilizadas pelos cidadãos para, por um lado, escolher entre potenciais equipas de governantes e, por outro lado, para premiar ou punir os governos incumbentes.*

(Ramalho, 2012)

O aspeto político nunca foi vivido de uma forma muito intensa. Estando a freguesia inserida num meio onde a reforma agrária, depois do 25 de abril de 1974, não teve grande importância, porque a propriedade era de pequenas dimensões não possuindo, por isso, a pontuação mínima para que se pudesse efetuar a dita reforma.

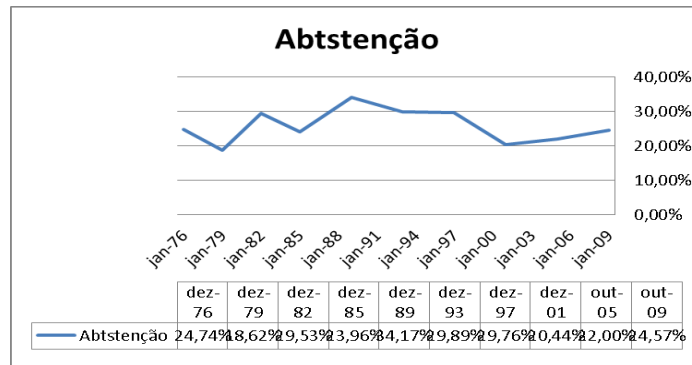
Por outro lado, e tendo em consideração a análise da evolução dos valores da abstenção, porque a abstenção é um fenómeno muito importante e, segundo Lijphart



Migrações, Alteridades e Estilos de Vida. O estudo de caso da aldeia de Santa Margarida da Serra, no concelho de Grândola

(1997) ela é importante porque representa uma forma funcional de desigualdade política e, participação desigual, significa influência desigual, na medida em que acarreta importantes consequências para quem é eleito e para o conteúdo das políticas públicas.

**Gráfico 4 - A abstenção nas eleições autárquicas de 1976 a 2009 na freguesia**

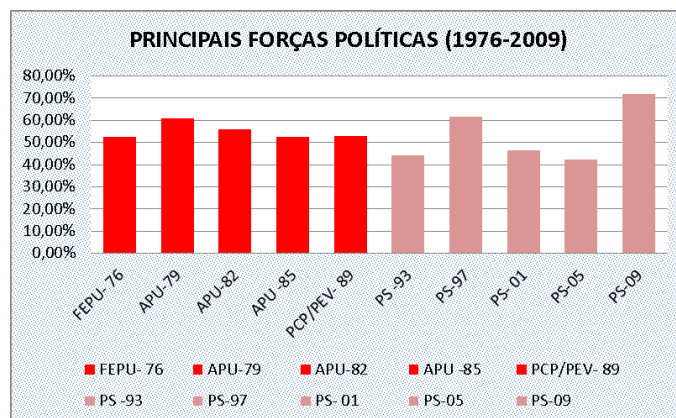


Fonte: CNE (tratamento próprio)

Outra possibilidade de justificação para a abstenção é, e que nos parece adequar-se à realidade observada, baseando-nos em Eva Anduiza Perea, a sua utilização é feita de uma forma estratégica, isto é a possibilidade dos eleitores optarem por se abster em vez de votar estrategicamente noutro partido que não o seu preferido (2003, p 247).

Observe-se, então, que a abstenção mostra uma tendência de ascensão entre 1979 e 89, numa época em que o PCP estava em maioria, para depois durante a década de 90 baixar até ao valor de 20%, aumentando ligeiramente na década 00 (Gráfico 4).

**Gráfico 5- Forças Políticas na Assembleia de Freguesia**

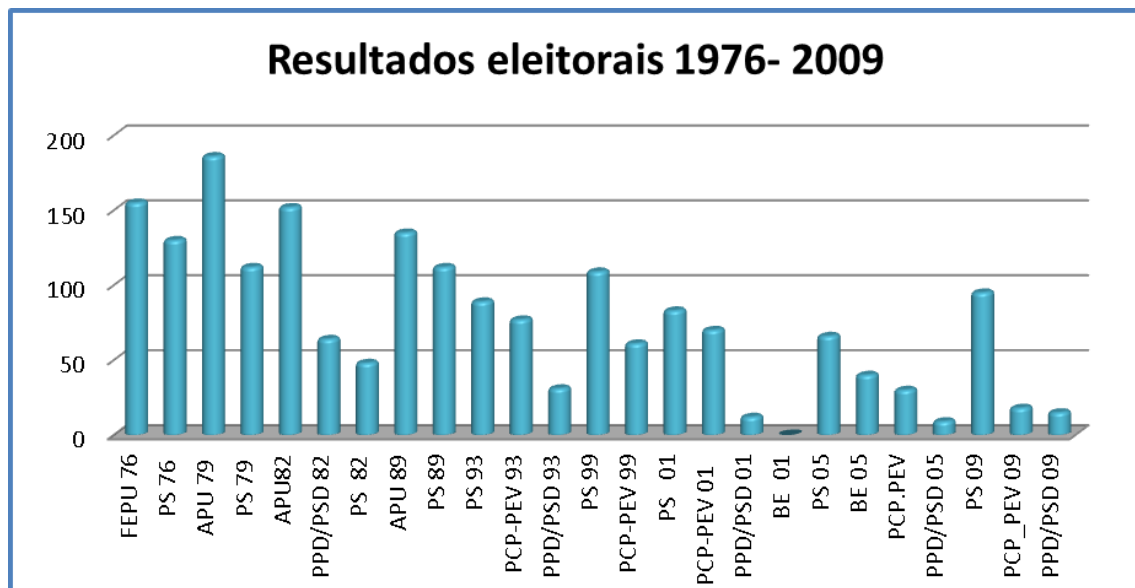


Fonte CNE (Tratamento próprio)



Relativamente às tendências de voto, podemos observar que existe uma alternância entre dois partidos, o PCP e o PS. Nos primeiros cinco períodos eleitorais o PCP, aliado a outras forças, em 1976 com a denominação de FEPU, surge coligado com o MDP/ CDE e FSP. Na década de 80 surge com uma nova denominação APU, resultado da saída da FSP, consegue obter a maioria dos mandatos. Nos últimos 5 anos (Gráfico 5) o Partido Socialista passa a contar com a maioria dos votos.

Gráfico 6- Resultados eleitorais de 1976 a 2009



Fonte: CNE ( tratamento próprio)

Da análise dos resultados eleitorais podemos concluir que as forças políticas que sempre se apresentaram perante o eleitorado foram o PS e o PCP, enquanto, que o PPD/PSD se apresentou a partir de 1982. O BE surge nesta freguesia pela primeira vez em 2001, sem conseguir um único voto, no entanto em 2005 consegue ser a segunda força política mais votada com 40 votos (Gráfico 6).

Em 2009 a lista do PCP- PEV para a Assembleia de Freguesia é encabeçada por uma migrante Annick Marie Françoise Danet Paixão, muito embora os resultados eleitorais não tenham sido favoráveis, consegue ser a única eleita da sua lista, para a Assembleia. Outra leitura que podemos fazer a partir dos resultados eleitorais das eleições de 2009, é que o facto de ser escolhida para cabeça de lista migrante não



Migrações, Alteridades e Estilos de Vida. O estudo de caso da aldeia de Santa Margarida da Serra, no concelho de Grândola

levou a que, em termos gerais, a população da freguesia tivesse tido um comportamento eleitoral diferente do habitual. Podemos até observar que os valores da abstenção subiram de 22% para 24% (Gráfico 4).

**Ilustração 12 - Anike Paixão, cabeça de lista à Assembleia de Freguesia de Santa Margarida da Serra**



Fonte: Rente à Relva [http://rentearrelva.blogspot.pt/2009\\_08\\_01\\_archive.html](http://rentearrelva.blogspot.pt/2009_08_01_archive.html)

#### **4.4.11- Importância da Instituição Religiosa para a Freguesia**

Uma comunidade rural pode ter uma grande área territorial, pode até englobar muitas aldeias. No entanto, há dois pontos que fazem dela a sede da comunidade, a existência de um cemitério e de uma igreja.

A igreja de Santa Margarida da Serra é mult centenária e ocupa na história da freguesia um lugar fundamental (Silva, 1997). E embora a relação da população com a igreja não seja sempre igual, isto é, conheceu alterações ao longo dos quinhentos anos de história da freguesia, ainda hoje é notório o orgulho da população na sua igreja.

Na sua história conta com a visita de D. Jorge de Lencastre, cavaleiro da ordem de Santiago que a encontrou muito danificada (Silva, 1997), o que comprova que a ermida teria sido construída há muitos anos. Sabe-se também que foi construída às expensas da população porque, por um lado, a religiosidade no final da Idade Média era bastante intensa e, por outro lado, porque seria muito mais barato construir o templo do que ter que se deslocar à sede de concelho para ouvir a missa.



Migrações, Alteridades e Estilos de Vida. O estudo de caso da aldeia de Santa Margarida da Serra, no concelho de Grândola

Era também usual fazer-se a festa do orago, e muito embora não se saiba exatamente quando começou, sabe-se que em 1786 esta festa já estava instituída.

Associada às manifestações religiosas surgem as confrarias sendo estas, na verdade, associações de laicos. Estas associações representavam uma das formas de vivência coletiva mais importantes. As confrarias tinham como objetivo participar na assistência espiritual e material às populações e contribuíram para o fortalecimento da vivência do catolicismo, através da orientação doutrinal dos fiéis, da procura sacramental, do culto dos mortos, da prática da caridade e de outras atividades devocionais e piedosas (Mota Guilhermina apud Silva 1997)<sup>51</sup>. Santa Margarida da Serra teve duas Irmandades, a da Nossa Senhora da Saúde, e a Irmandade de Nossa Senhora das Almas<sup>52</sup>.

A Irmandade de Nossa Senhora da Saúde começou a organizar festas que acabariam por ter um maior êxito que as próprias festas do Orago.

Associadas à religiosidade surgem as crenças nas almas errantes ou penadas que, por um motivo ou outro, mas sempre relacionado com algo prometido e que não foi cumprido e por essa razão não conseguiram entrar no céu e desse modo são almas errantes, ou penadas que surgem para “desabafarem” o seu descontentamento.

*Longe de constituírem “crendices absurdas” (...) esses elementos mitológicos resistem às transformações sociais e à sucessão das gerações, porque arrastados pela memória e pela persuasão coletivas, se integram num conjunto de valores e desempenham funções sociais determinadas; todo o sistema desaparece desde que deixe de exercer a função para que foi criado.*

(Santo, 1980)

Estas histórias surgem ligadas a um espaço concreto relacionado com modo de vida aldeão. Em Santa Margarida da Serra estas histórias são muito importantes para o modo de vida. Há muitos anos atrás, num tempo em que a eletrificação ainda não tinha chegado às ruas e nem às casas da freguesia, eram contadas à noite nos serões junto ao lume de chão (chaminé).

*«Também se contam muitas histórias de lobisomens que aparecem de noite, nos cruzamentos dos caminho (...) Num desfiar de dizeres acaba por vir à baila a estória da “costureirinha” que segundo a crença popular quando ela morreu, por ter feito uma*

---

<sup>51</sup> Mota, Guilhermina (1987), A Irmandade da Senhora do Carmo da Marmeleira, Mortágua., p267, Coimbra, Revista- História das Ideias

<sup>52</sup> Prestam apoio aos vivos e aos mortos, aos vivos ajudando economicamente a família; aos mortos, organizando gratuitamente o funeral. (Santo,1980.162)



Migrações, Alteridades e Estilos de Vida. O estudo de caso da aldeia de Santa Margarida da Serra, no concelho de Grândola

*promessa que não cumpriu, em vez de entrar no reino dos céus foi-lhe aplicado um castigo: ter de andar de casa em casa sempre a costurar.»*

(Chainho, 2011).

Segundo Moisés Espírito Santo (1980), estas crenças, e ao contrário do que pensavam aqueles “Confiantes da Deusa Razão”, que estas desapareceriam com a escolaridade geral e obrigatória, na verdade, só desaparecerão com a mobilidade social e habitacional, com a mecanização da agricultura e também com a eletrificação. Estas crenças são pertença do grupo social e entendidas apenas por eles.

**Ilustração 13- A igreja de Santa Margarida - Vista de norte (esquerda), vista de sul (direita)**



Fonte: Própria

#### **4.4.12 - O Cemitério da Freguesia**

O primeiro cemitério era de pequenas dimensões e funcionou durante alguns anos, não obstante as deficientes condições. Situado junto à ermida, no quintal da casa dos sacristães. Assim, a partir de 1838 Santa Margarida da Serra tem o seu primeiro cemitério. Antes, o local de enterramento dos mortos era a ermida, mas a utilização, para esse efeito, de igrejas e ermidas foi proibida pelo Governo.

Dada a exiguidade do espaço do cemitério, cedo se avançou com outras propostas, mas que, por uma razão ou por outra, nunca foram avante. Em 1911, decidiu-se que os enterramentos seriam em Grândola mas tal nunca veio a acontecer, a população opôs-se determinantemente. Finalmente, em 1912, foi construído o novo cemitério, tendo sido dotado de guarda e de um coveiro (cf. Silva, 1997).

Mais recentemente, já no presente século foram feitas obras de reparação, e a população continua a poder cumprir os seus rituais de enterramento. Presentemente,



Migrações, Alteridades e Estilos de Vida. O estudo de caso da aldeia de Santa Margarida da Serra, no concelho de Grândola

este cemitério também serve de lugar de repouso para dois dos migrantes que chegaram na década de 80 do século XX.

Para qualquer freguesia rural, a existência de um cemitério é da máxima importância. Acompanhar os mortos e enterrá-los em condições condignas faz parte dos hábitos de qualquer comunidade.

Em Santa Margarida da Serra, por tudo o que já foi descrito anteriormente, a falta de cuidados médicos, a exiguidade de transportes, era muito habitual morrer-se em casa. Em tempos muito recuados, as vias de comunicação para a sede concelho, eram escassas e circundavam os cursos de água, o que tornava o caminho muito mais distante. Deste modo, era extremamente importante a existência de um cemitério que permitisse o enterramento dos mortos da freguesia. Uma população rural que tem uma confraria das almas revela bem a importância que os mortos têm na comunidade. Segundo Moisés Espírito Santo (1980). As almas para a comunidade rural ganham um significado diferente daquele que a religião instituída lhes dá. A crença popular favorece a “alma errante” e por essa razão para a alma se desligar dos lugares que são os dos vivos há certos rituais que devem ser cumpridos.

**Ilustração 14- Cemitério de Santa Margarida**



Fonte: Própria

#### **4.4.13 - Festas e Feiras**

Muito importantes para a comunidade rural, era habitual as pessoas fazerem longas caminhadas, depois de um dia de trabalho árduo para ir ao baile. Dançava-se até de madrugada ao som da concertina. Eram festas simples que promoviam a coesão da comunidade e contribuía para a sua perpetuação, pois que também era



Migrações, Alteridades e Estilos de Vida. O estudo de caso da aldeia de Santa Margarida da Serra, no concelho de Grândola

nestes bailes que muitos namoros se faziam. Eram seguramente as festas mais apreciadas numa terra em que as novidades custavam a chegar.

Aquando da chegada dos estrangeiros ainda aconteceu que um dos migrantes holandeses que tinha uma grande camioneta (autocarro sem bancos) chegou a transportar muitas pessoas, que levavam uma cadeirinha de casa, aos bailes das freguesias vizinhas. E eram, segundo a opinião de todos os envolvidos, uma verdadeira animação.

Hoje em dia, com a mudança dos tempos, como forma de potenciar a aproximação entre os habitantes, na freguesia organiza-se, na última sexta-feira de cada mês, uma matiné dançante, assim como a celebração da festa de aniversário dos idosos no centro comunitário na última sexta-feira de cada mês acessível a todos os que queiram participar.

As principais festas da freguesia de Santa Margarida da Serra foram as do Orago e posteriormente, as organizadas pelas duas confrarias. A festa em honra de Nossa Senhora da Saúde, realizada em setembro, foi muito importante na mobilização da população. Chegou até a ser visitada pelo bispo de Setúbal. A Confraria desapareceu, mas a festa continuou, até 1964, no entanto, em 1997 realizou-se mais uma edição, tendo sido a última.

Eram escolhidos o juiz e a juíza, e o tesoureiro e a tesoureira, de entre os rapazes e raparigas da aldeia. Elas iam vestidas de branco, cabelos soltos com grinaldas, pareciam noivas. Eles vestiam-se com fatos completos. E assim desfilavam na frente da procissão que percorria todas as ruas da aldeia que, por sua vez também se encontravam engalanadas, colchas coloridas nas janelas para ver passar o cortejo.

O natal não era comemorado de um modo especial, havia apenas os doces tradicionais, fritos e azevias (muito característicos desta região) e a refeição era melhorada, havendo um galo, ou galinha da criação familiar para o almoço.

Já a passagem de ano era comemorada num bailarico com concertina, num casão da aldeia. Todos lá estavam, novos e velhos para enterrarem os piores momentos do ano que acabava e receberem com muita esperança o novo ano.

Na freguesia também era hábito cantarem-se as janeiras. Havia um grupo, composto por homens e mulheres que de casa em casa iam cantando e enchendo os sacos com bolos, linguiça, chouriços, pão, tudo caseiro, sempre confeccionados pelas pessoas nas suas casas.

Festejava-se ainda a quinta-feira da Ascensão, muito importante para todas as comunidades rurais. Este dia era festejado normalmente no campo à sombra dos



Migrações, Alteridades e Estilos de Vida. O estudo de caso da aldeia de Santa Margarida da Serra, no concelho de Grândola

sobreiros, junto a um curso de água, construía-se um palanque enfeitado com plantas, para que um tocador animasse o baile.

A tradição mais comum está ligada ao ramo de espiga, com «poderes de virtude benfazeja», que se colhe neste dia pelos campos, constituído por espigas de trigo (abundância de pão), tronquinhos de oliveira (que simbolizam a paz), papoilas (a alegria), malmequeres brancos (a prata) e malmequeres amarelos (o ouro) – sempre em número ímpar em relação a cada um destes elementos.

*Manifestações e ritos associados às diferentes festas agrárias anuais, o ato de colher o ramo de espiga – simbolizando ao mesmo tempo um elemento favorecedor da conservação e coesão do lar e do fortalecimento da família – poderá, supostamente, remeter-nos para épocas remotas. Particularmente, quando na Grécia Antiga se efetuavam as celebrações (estabelecidas pelos deuses da Antiguidade) em louvor de Deméter (a Ceres dos Romanos), deusa da agricultura e das searas, e de sua filha Perséfone (em Roma Prosérpina), deusa do trigo, da germinação, dos rebentos e das folha*

(Costa, 2002)

As festas de S. João também eram muito importantes, colocava-se um mastro no largo da aldeia acendia-se uma enorme fogueira que se tornava um desafio para os mais novos, rapazes e raparigas que a saltavam com toda a astúcia. E, como em todas as outras festas lá estava o tocador que assegurava mais uma noite de baile até que sol raiasse.

O carnaval também era festejado na freguesia, seria hábito os mascarados percorrerem os caminhos que os levavam pelos montes para pedirem gulodices. À noite realizar-se-ia o habitual baile de carnaval.

O 1º de maio embora não fosse feriado sempre foi comemorado na comunidade rural de Santa Margarida da Serra.

*No dia 1º de maio era tempo de matar um borrego, juntar tachos panelas, condimentos e rumar caminho do campo para lá confeccionar o melhor prato que depois era saboreado por todos reforçando os laços da amizade, da solidariedade e cumplicidade Era um dia passado no campo, longe de olhos curiosos e de ouvidos suspeitos*

(Chainho,2011)

A data da instituição da feira teria sido 5 de agosto de 1916, o local escolhido foi o largo da aldeia em frente à igreja. Esta feira era vocacionada para a venda de gado, por isso, os outros tipos de comércio nunca tiveram uma grande expressão. A feira ter-se-ia realizado até 1990.



Migrações, Alteridades e Estilos de Vida. O estudo de caso da aldeia de Santa Margarida da Serra, no concelho de Grândola

#### Ilustração 15 - A Feira de Santa Margarida da Serra em 2012



Fonte: Própria

No entanto, por iniciativa da Junta de freguesia realizaram-se duas edições da feira da Serra, em 2011 e 2012. As duas tiveram lugar no largo da aldeia, onde se juntaram alguns comerciantes do concelho vendendo utilidades, veículos motorizados, sobretudo aqueles, destinados ao *target* da aldeia, que não necessitam de carta de condução para serem utilizados e ainda bancas com frutos e legumes.

No ano de 2013, não se realizou a feira, dando esta lugar à festa da Serra que consistiu num dia de animação musical, com *matiné* dançante, no casão anexo à taberna.

#### 4.4.14 - A casa Museu Manuel Chainho

No ano de 2013 foi inaugurada a casa Museu Manuel Chainho, iniciativa da Junta de Freguesia e provavelmente a sua última obra feita.

#### Ilustração 16 - A casa Museu Manuel Chainho



Fonte: Própria



Migrações, Alteridades e Estilos de Vida. O estudo de caso da aldeia de Santa Margarida da Serra, no concelho de Grândola

Para construir este museu houve a necessidade de cedência do espaço, uma casa devoluta, cedida pelos herdeiros à autarquia. Depois foi o fazer obras e «arrumá-la com todo o espólio conseguido e que faz parte da memória coletiva do povo de Santa Margarida». <sup>53</sup>

*Em contexto rural, os museus podem constituir elementos fundamentais na salvaguarda, divulgação e valorização do respetivo património local, no qual se reflete e se encontra a história, a tradição e a imagem ancestral do mundo rural, onde os visitantes possam perceber como se trabalhou e viveu naqueles lugares, o que se produziu, as histórias que se contavam, as tradições das populações.* (Carvalho, s/d)

E como disse o senhor Presidente da Junta de Freguesia, no discurso de inauguração da casa museu "Ao princípio era apenas mais uma casa em ruínas no centro da aldeia" agora, *acrescentamos, é uma casa tradicional recuperada e simultaneamente um espaço onde se conta a história de um povo.*

*“Consideram-se museus as instituições, com diferentes designações, que apresentem as características e cumpram as funções museológicas previstas na presente lei para o museu, ainda que o respetivo acervo integre espécies vivas, tanto botânicas como zoológicas, testemunhos resultantes da materialização de ideias, representações de realidades existentes ou virtuais, assim como bens de património cultural imóvel, ambiental e paisagístico”* (Carvalho s/d)<sup>54</sup>

A casa museu foi inaugurada no dia 21 de abril de 2013, dia em que as portas abriram para depois voltarem a encerrar. No passado dia 5 de janeiro de 2014, por ocasião do Concerto de Natal na Igreja de Santa Margarida da Serra, a Casa Museu esteve aberta entre as 15 e as 16 horas.

---

<sup>53</sup> Retirado da entrevista ao Presidente da Junta de Freguesia

<sup>54</sup> Em referência à Lei-Quadro dos Museus Portugueses (Lei nº 47/2004, de 19 de agosto)



Migrações, Alteridades e Estilos de Vida. O estudo de caso da aldeia de Santa Margarida da Serra, no concelho de Grândola

### Ilustração 17- Inauguração da Casa Museu



Fonte: Rente à Relva <http://rentearrelva.blogspot.pt/2013/04/casa-museu-manuel-chainho.html>

No mês de setembro de 2013 foi aprovado um protocolo entre o Município de Grândola e a Freguesia de Santa Margarida da Serra para integração da Casa Museu Manuel Chainho no Museu Municipal Polinucleado de Grândola.

A Casa Museu Manuel Chainho é tutelada pelo poder local e pode ser caracterizada como um museu do tipo etnográfico e antropológico e pode vir a ter uma importância relevante na comunidade.

*(...) é necessário contrapor algumas dinâmicas positivas relacionadas quer com iniciativas vinculadas a recursos e capitais endógenos quer com ações, capitais e fluxos urbanos que de forma pontual atenuaram ou contrariaram as referidas<sup>55</sup> tendências de fundo. Os recursos patrimoniais e paisagísticos, associados a escalas de valor (económico, estético, simbólico, terapêutico, entre outros) configuram vértices de centralidade para explicar as tendências recentes em matéria de ocupação, utilização e modos de viver do e no espaço rural.*

(Carvalho, s/d)

---

<sup>55</sup> (...) redução significativa do emprego no setor primário, mobilidade demográfica e desvitalização económica e social progressiva do meio rural (em especial nos contextos mais afastados dos espaços urbanos), despovoamento e nova organização do sistema de lugares, abandono crescente da paisagem rural na perspetiva das suas componentes funcionais, estigmas negativos e reduzida autoestima em torno do rural e dos rurais.



Migrações, Alteridades e Estilos de Vida. O estudo de caso da aldeia de Santa Margarida da Serra, no concelho de Grândola

#### 4.4.15 - A Estrada Nacional Nº 120

A denominação Estrada Nacional começou a ser utilizada após a implantação da República, como substituição da antiga designação de Estrada Real.

As vias de comunicação antes do século XIX eram bastante deficitárias em todo o país, não só em número, mas sobretudo em qualidade e como tal o concelho de Grândola e nomeadamente a freguesia de Santa Margarida da Serra não fugia à regra.

A aldeia era cortada quase a metade pela estrada, inicialmente, municipal n.º 1 que mais tarde passou a ser denominada Estrada Real, nº 50 que ligava Grândola a Santiago do Cacém e que já nos anos 30 do século XX usufruiu de obras de melhoramento e passou a integrar a Estrada Nacional 120.

*Merece uma referência especial a construção desta via de comunicação que a estrada nacional de 1ª classe 120 que liga Alcácer do Sal a Lagos, passando por Grândola, Santiago do Cacém, Odemira, Aljezur e finalmente atinge a cidade de Lagos. “Admitindo então, que uma rede de transporte terrestre constitui um importante elemento para a compreensão da organização do território, porque nele se articula como causa e/ou efeito das suas dinâmicas”*

(Pacheco, 2004)

Essas obras de melhoramento eram um anseio antigo desta população que por diversas vezes solicitou à Câmara Municipal que melhorasse os caminhos e construísse pontes sobre os cursos de água. Para se deslocar para qualquer local a população tinha que passar por vales, onde corriam ribeiros, o que na época das chuvas tornava quase inviável a deslocação, ou se ficava em casa, ou faziam-se grandes desvios para serpentear os cursos de água, o que tornava a viagem muito mais demorada. Quando, finalmente as obras aconteceram, por vontade do poder central, foi outro momento importante para a história da aldeia, primeiro porque utilizaram muita mão-de-obra de indivíduos da aldeia (freguesia) e, por outro lado, encurtava a distância que separava a aldeia ao resto do país.

As vias de comunicação são importantes para promover o desenvolvimento de uma região.

*“As estradas são indispensáveis por mais de um motivo; são indispensáveis para que as produções, e os homens possam circular. É preciso que a população rural venha á cidade, e a urbana vá ao campo. Sem esta fusão, Portugal, não obstante ser tão pequeno, não há de ser nação, nem o seu governo será senão Lisboa, e alguma coisa do Porto; o resto do paiz não há de ter a consciência necessária do que se entende por esse vocábulo, nem lhe-há-de importar muito adquiri-la”* (Costa, 1842)



Migrações, Alteridades e Estilos de Vida. O estudo de caso da aldeia de Santa Margarida da Serra, no concelho de Grândola

Ora, nesta perspetiva e segundo o autor do artigo supracitado, as estradas seriam importantes, também para trazer a população urbana ao campo. Foram necessários muitos anos até que isso se tornasse uma realidade. Nas primeiras décadas da história da estrada N 120, assistimos a uma enorme saída da população rural para a cidade e não se tratava de um movimento de ir e vir. A estrada constituía um elemento que favorecia a partida da população. Esta nova via de comunicação, e seguindo a conjectura indigitada por Jenkins no seu livro *Morte de uma aldeia portuguesa* (1979), veio modificar toda a lógica de vida autossuficiente. A partir deste momento é possível não só fazer o escoamento das produções excedentárias da aldeia, como adquirir na vila, os produtos que não conseguem produzir. A estrada, diríamos, se não foi um “golpe” fatal na experiência comunitária da população local, contribuiu, sem dúvida, para uma modificação irreversível deste espaço social.

Mas numa outra perspetiva, a estrada também permitiu que uma aldeia enclausurada na serra começasse a ser vislumbrada, pelos turistas, sobretudo, os estrangeiros de outros países da europa, que passavam naquela estrada em direção ao algarve.

*Desde o início dos anos 60, que Portugal, e em particular o Algarve, constituem um dos principais destinos turísticos para o Reino Unido, Alemanha e Holanda. O litoral Algarvio converteu-se num local de 2ª residência de eleição para investidores Ingleses e Irlandeses.*

(Ferreira, 2009, p 3)

Assim, desde 1980 a estrada N 120, agora quase sem movimento devido à construção do IC33 (Grândola-Sines)<sup>56</sup>, testemunhou uma inversão de fluxos, e começou a ver chegar a população urbana como preconizava Cláudio Adriano da Costa. Mas, para além desta, chegaram também estrangeiros, vindos dos países urbanizados e industrializados da europa, os mesmos que há algumas décadas atrás, percorrendo a EN 120, tinham vindo conhecer o Algarve.

---

<sup>56</sup> Itinerário Complementar construído na década de 80 do século XX., cujo traçado permite, por um lado fugir ao serpenteado da serra de Grândola e por outro lado, sendo mais moderna, tem uma melhor qualidade de pavimentação, desvia-se dos traçados urbanos, tornando assim, o percurso mais rápido. Atualmente este troço de estrada só é utilizado por quem tem a intenção de se deslocar para alguma das aldeias que se situam na sua proximidade (nota dos autores).



Migrações, Alteridades e Estilos de Vida. O estudo de caso da aldeia de Santa Margarida da Serra, no concelho de Grândola

### Ilustração 18 – A Estrada Nacional Nº 120



Fonte: A própria

A estrada Nacional também foi um fator importante para a comunidade do ponto de vista económico e acrescentaríamos, também do ponto de vista lúdico, proporcionando novas formas de passar o tempo. Era através dela que se fazia o transporte de peixe fresco de Sines para outros pontos do Alentejo. O peixe, sendo um alimento caro, não fazia parte da dieta alimentar habitual desta população.

*«Tombou-se mais uma camioneta (...) Como a notícia rapidamente se espalhava, a maioria dos alunos da escola- para quem o peixe era uma iguaria- passava de imediato à ação. E ao intervalo muniam-se de sacos de plástico e “voavam” para o local, onde ensacavam o mais que podiam, alheados do comum acidente provocado pelo facto daquela estrada – a única que ligava Sines a Grândola - ser muito estreita e de curvas acentuadas, o que a tornava extremamente perigosa e muitas vezes fatal»*

(Chainho, 2011)

**CAPITULO V - OS “MIGRANTES” E OS “ MARGARIDOS”  
ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS**



### *Introdução:*

*Neste capítulo pretende-se apresentar e discutir os resultados que obtivemos a partir da aplicação de entrevistas estruturadas à população migrante as motivações que conduziram à escolha da freguesia de Santa Margarida da Serra como local de fixação, quais os atrativos de uma pequena aldeia sede de uma freguesia caracterizada pela dispersão, de edifícios e populacional, localizada em plena serra de Grândola, envelhecida, pouco dinâmica, que de dia para dia parecia mais votada ao abandono e esquecimento. Como tiveram, estes migrantes, conhecimento da sua existência?*

*Procurar-se-á mostrar a forma de integração dos indivíduos migrantes na comunidade, bem como a imagem que os “margaridos” têm do outro e também o modo como estes (os “margaridos”) são vistos pelos migrantes. Quais as expectativas mútuas? Como se relacionam? Quais os contornos desta coabitação?*

*Pretende-se também clarificar o contributo da comunicação social para a construção da imagem dos migrantes e para a sua aceitação por parte dos autóctones. Ainda relativamente a esta temática, comunicação social, importa conhecer como é que a população migrante lida com o interesse que a comunicação social lhe presta.*

*Pretende-se também mostrar qual o tipo de relacionamento que estes migrantes desenvolvem com os órgãos institucionais, quer a nível do poder local, quer a nível nacional.*

*Por fim apresenta-se a avaliação que os migrantes fazem do seu projeto migratório.*

## **5.1 - Caracterização sociodemográfica**

Passamos a apresentar uma breve caracterização da população migrante em estudo, cujas trajetórias migratórias se diferenciam dos fluxos emigratórios em Portugal – fortemente pautados por motivações económicas. De facto, encontramos na aldeia de Santa Margarida migrantes com um modo de vida muito próprio, que pouco estará relacionado com motivações económicas. Por um lado, Santa Margarida é um meio rural, muito pequeno, muito envelhecido, onde a atividade económica se resume à produção agrícola e silvícola desenvolvidas de um modo muito tradicional, quase rudimentar, como já foi referido no capítulo anterior. Por essa razão facilmente compreendemos que, para estes migrantes, a motivação económica que não está subjacente no seu projeto migratório para a freguesia de Santa Margarida da Serra.

Muitos destes migrantes já tinham deixado a localidade de onde efetivamente eram naturais. No caso dos alemães, alguns nascidos em grandes cidades, encontravam-se na zona da Baviera, uma migração interna já com o intuito de procurarem uma melhor qualidade de vida quando decidiram partir rumo ao sul.



Entre meados de 80 e a década de 90 do século XX, mais de cinquenta indivíduos de nacionalidade estrangeira residiam em Santa Margarida da Serra.

No âmbito deste estudo exploratório, identificámos três principais grupos:

1. Os que vivem isolados e que pouco se relacionam com os residentes portugueses;
2. Os que vivem em caravanas e que têm um modo de vida mais nómada, "deambulando" entre as praias do concelho de Grândola e a serra de Grândola, passando a maior parte do ano em Santa Margarida da Serra;
3. Os que se relacionam mais com a população, oferecem-se para participar na organização das festas locais.

Quanto aos meios de subsistência desta população migrante, importa referir a diversificação das fontes de rendimento:

- Subsídios estatais - ou do estado português, ou do estado país de origem.
- Artesanato e comercialização de produtos naturais, por eles produzidos. Ainda no que respeita ao aproveitamento dos recursos naturais, alguns dedicam-se à atividade agrícola, sendo esta desenvolvida de uma forma tradicional, uma agricultura realizada numa perspetiva de autossuficiência.
- Outros estabeleceram-se por conta própria, por exemplo, uma oficina de serralharia civil, ou ainda uma unidade de turismo rural desenvolvida paralelamente com outra atividade remunerada.
- Apenas dois trabalham por conta de outrem, um na oficina de serralharia e outro trabalha em Sines, como electricista.

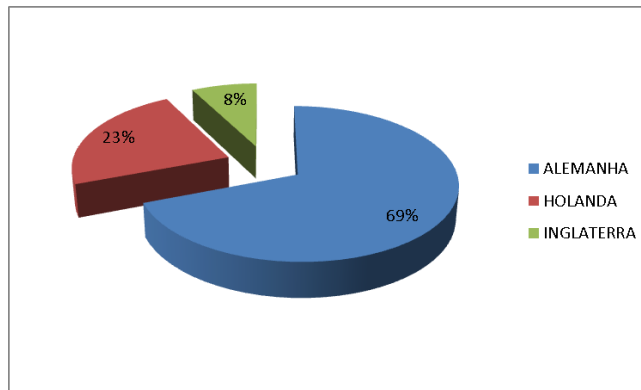
Para caracterizar esta população utilizámos a informação recolhida através de uma entrevista estruturada. De um universo de 23 migrantes entrevistaram-se 16, o que representa aproximadamente 70% do total de população. Acreditamos que a amostra que construímos é representativa.

-Quanto aos países de origem dos entrevistados estes são maioritariamente a Alemanha, seguindo-se a Holanda e por fim a Inglaterra. (Gráfico 7)



Migrações, Alteridades e Estilos de Vida. O estudo de caso da aldeia de Santa Margarida da Serra, no concelho de Grândola

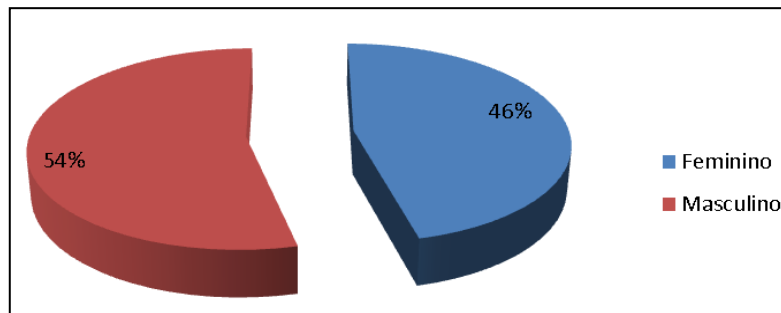
**Gráfico 7- Países de origem dos entrevistados**



Fonte e tratamento próprio

Podemos verificar que o género masculino apresenta um valor ligeiramente superior (59%). Poder-se-á dizer que existe um equilíbrio de género (Gráfico 8).

**Gráfico 8- Distribuição do género na amostra**



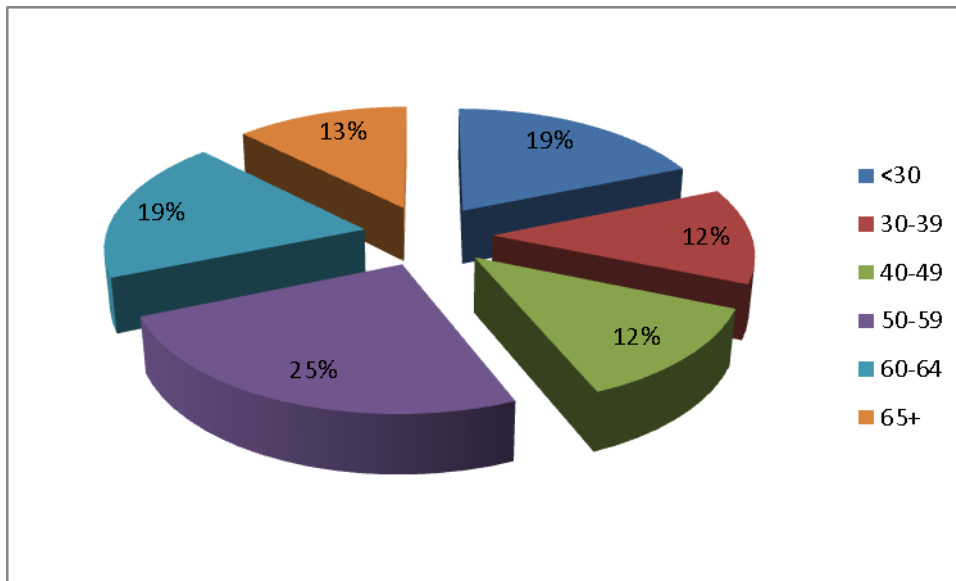
Fonte e tratamento próprio

Relativamente à distribuição por grupos etários (Gráfico 9), verificamos que a maioria dos indivíduos entrevistados tem entre 50 e 59 anos (25%). Verificamos, igualmente, que existe uma distribuição equilibrada entre os restantes grupos etários.

Neste estudo, devido a um escasso número de indivíduos com idades inferiores a 30 anos, construímos uma categoria (<30) que agrupou todos indivíduos que se encontrassem nessa situação.



Gráfico 9- Distribuição etária na amostra



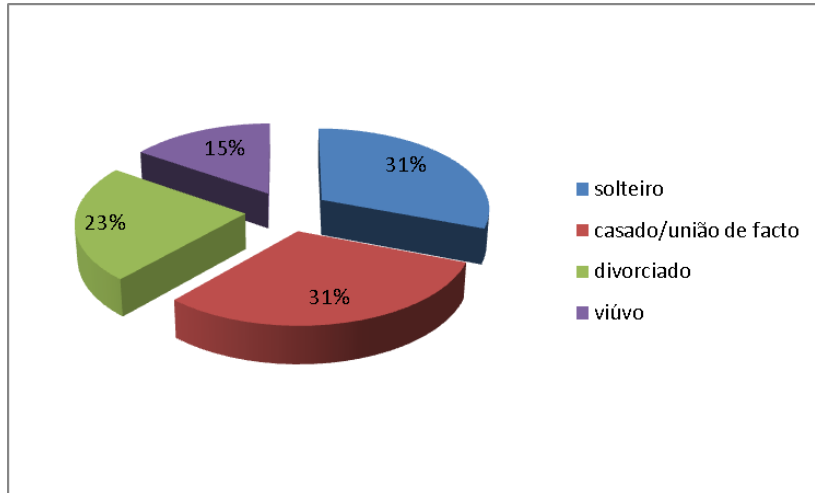
Fonte e tratamento próprio

No que concerne ao estado civil (Gráfico 10) podemos constatar que existem dois grandes grupos: o das pessoas casadas ou a viver em união de facto, e os solteiros. Esta situação não difere muito da situação que se verificava aquando da sua entrada em Portugal.

Na maioria dos casos, houve uma manutenção do estado civil, embora durante o período de estada tivessem ocorrido mudanças: constituições de família em regime de união de facto, dissoluções de famílias; tendo daí resultado, maioritariamente, o regresso de um dos cônjuges ao país de origem. Neste contexto, são maioritariamente as mulheres que regressam ao país de origem e no caso de já existirem filhos, estes acompanham as mães.



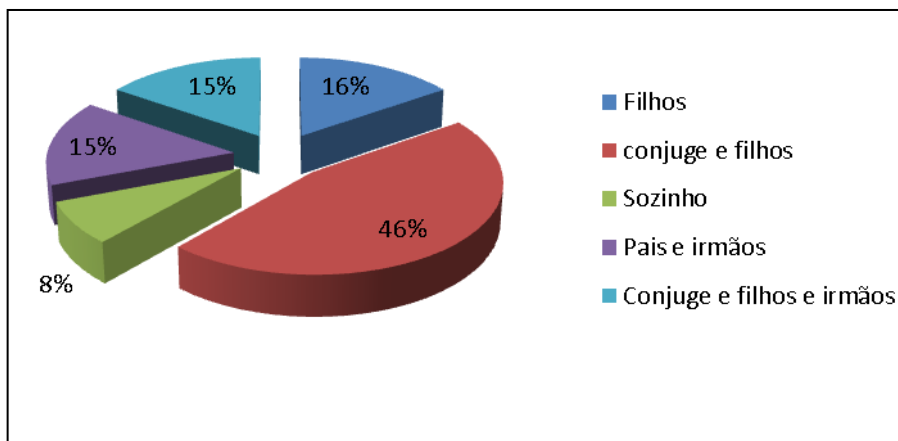
**Gráfico 10 - Estado civil dos indivíduos incluídos na amostra**



Fonte e tratamento próprio

Trata-se de um tipo de migração familiar, já que na sua maioria os migrantes chegaram com as suas famílias (Gráfico 11). O que está de acordo com as razões que enunciaram para justificar a sua decisão migratória: Encontrar um local melhor que proporcionasse maior qualidade de vida a família.

**Gráfico 11 - Indivíduos que a acompanharam os entrevistados no processo**



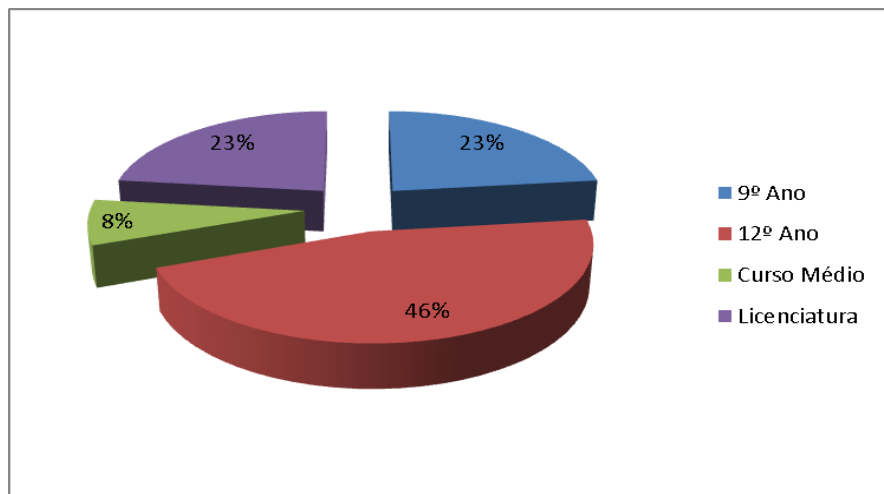
Fonte e tratamento próprio

Relativamente ao nível de instrução (Gráfico12), o grupo com maior afirmação é o dos indivíduos que concluíram o 12º ano (46%). No entanto, podemos também observar que o número de entrevistados licenciados é muito significativo (23%),



igualando o número de indivíduos entrevistados, cuja escolaridade é o 9º ano que é o nível de escolaridade mais baixo entre os migrantes entrevistados. Facilmente se observa que o nível de escolaridade da população migrante é superior ao da população autóctone (Gráfico 51, p. 167) onde se observa que entre os autóctones, o 12º ano é o nível mais elevado de escolaridade e é simultaneamente aquele onde se verifica um menor número de indivíduos.

**Gráfico 12- Nível de escolaridade na amostra**

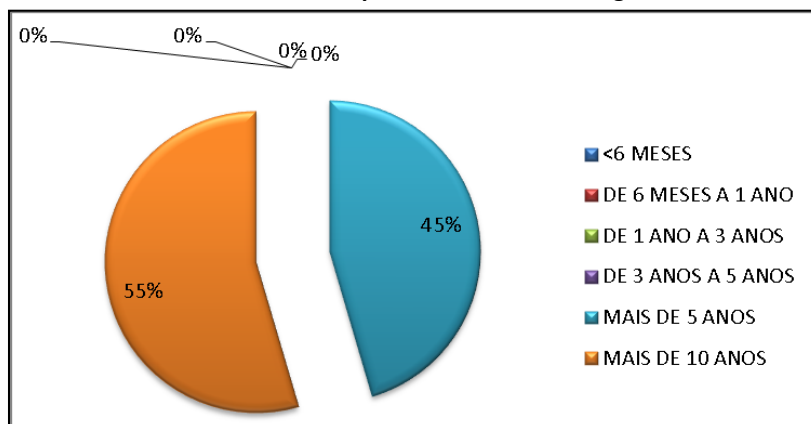


Fonte e tratamento próprio

Os migrantes que constituíram a amostra na sua maioria, residem em Portugal há mais de 10 anos, muitos há cerca de trinta anos, chegaram a Santa Margarida ainda na década de 80 do século XX.

Quase todos residem em Santa Margarida da Serra desde que partiram dos seus países de origem.

**Gráfico 13 - Tempo de estada em Portugal**

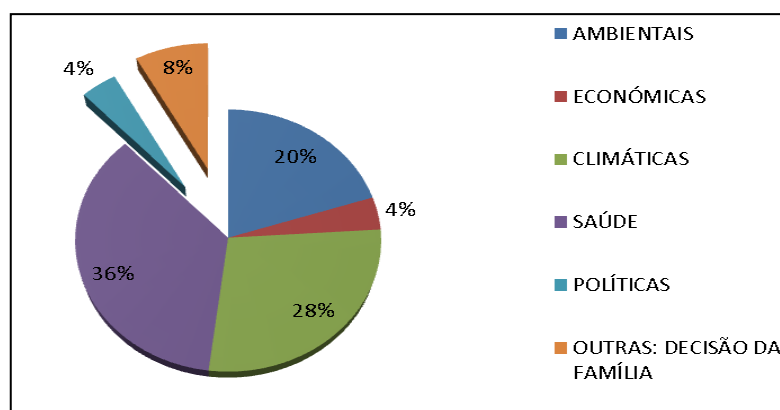


Fonte e tratamento próprio



As razões que os levaram a deixar o seu país (Gráfico 14) prendem-se essencialmente com a sua preocupação com a saúde (36% dos entrevistados). Os entrevistados referem que a saúde foi o fator preponderante para a sua saída. Na verdade, segundo referiram, havia a consciência de que o contexto ambiental, político e económico dos países de origem não seria o ideal para a preservação da saúde. Alguns referem mesmo o desastre ecológico de Chernobyl como fator decisivo para a sua saída «Logo que aconteceu o desastre de Chernobyl tomei a decisão de pegar na mulher e nas filhas e ficar no lugar mais longe possível» (entrevistado migrante, masculino > 65 anos). Observamos que as razões climáticas (28%) e ambientais (20%) surgem com fatores também importantes na decisão de saída. O fator económico foi também referido, mas num contexto diferente daquele que seria esperado; não como sinónimo de uma procura de um melhor trabalho e maiores rendimentos, mas reportando-se a uma condição económica do país de origem nada satisfatória, devido a um excessivo apego ao sistema capitalista «Ou continuava lá a trabalhar, a trabalhar e a trabalhar, a ganhar dinheiro e ficava preso ao sistema (*capitalista*)<sup>57</sup>, a perder a saúde, a ser infeliz...» (entrevistado migrante, masculino, 50-59 anos. É importante referir que alguns dos entrevistados chegaram a Portugal ainda crianças acompanhando os pais, não tendo sido, por isso, a saída uma decisão sua. No entanto, manifestaram a sua concordância com a decisão que os pais tomaram «independentemente de continuar ou não a viver em Portugal foi importante para mim ter cá vivido...» (entrevistado migrante, feminino, 30-39 anos).

Gráfico 14 - Razões de Saída do País de Origem



Fonte e tratamento próprio

<sup>57</sup> - Termo introduzido pela autora.

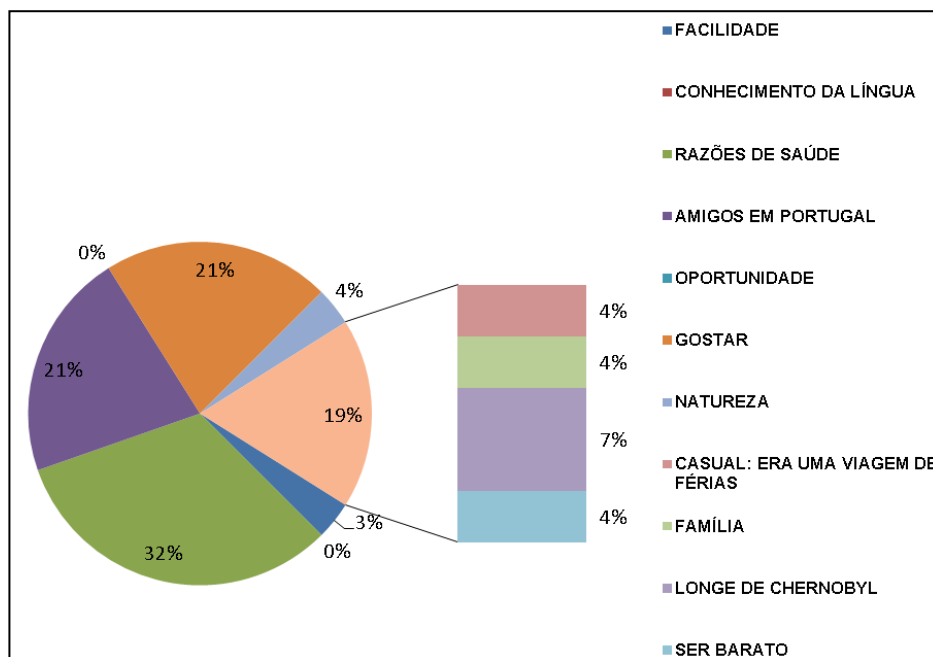


No que concerne às razões que motivaram a vinda deste grupo de migrantes para Portugal (Gráfico 15), podemos verificar que as razões de saúde (32%) foram as mais importantes, seguindo-se a existência de amigos já fixados em Portugal (21%) e o gostar do país (21%).

Relativamente à existência de amigos já fixados em Portugal, como já foi anteriormente referido no capítulo anterior, no concelho de Grândola, na freguesia de Melides, também estão fixados migrantes, cujo processo de fixação se iniciou pouco tempo (meses) antes da chegada dos primeiros migrantes a Santa Margarida da Serra «Quando cheguei a Portugal ainda estive uns tempos em Melides com amigos que tinha lá ...» (entrevistado migrante, masculino, <65 anos).

Os entrevistados mencionaram ainda outras razões, onde se inclui o fator do câmbio de moeda, entre o escudo e, principalmente, o marco alemão «Quando cheguei a Portugal tinha tanto dinheiro e tudo era tão barato!» (entrevistado migrante, masculino, 40-49anos), «Adquirir um terreno aqui era extremamente barato.» (entrevistado migrante, feminino, 60-64 anos). A escolha de Portugal também foi casual para alguns, na medida em que saíram do país com o intuito de fazer umas férias «Longe da confusão do que tinha sido o último ano, cheio de trabalho, de stress... Quase a ficar doido, e depois encontrei este lugar e decidi que seria um bom sitio para viver...» (entrevistado migrante, masculino, 60-64 anos).

Gráfico 15 - Razões que motivaram a escolha de Portugal



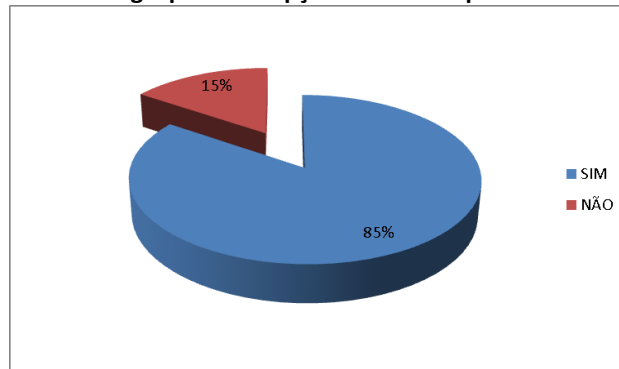
Fonte e tratamento próprio



Migrações, Alteridades e Estilos de Vida. O estudo de caso da aldeia de Santa Margarida da Serra, no concelho de Grândola

Para a maioria dos migrantes estudados, Portugal foi a primeira opção de destino (Gráfico 16). Podemos observar que 15% dos entrevistados estiveram antes noutros países. Contudo, e segundo o que referiram, as razões da sua estada nesses países foram por motivos diferentes, tinham a ver com o trabalho. Tratava-se de uma emigração económica, diferente por isso, das razões que motivaram a escolha de Portugal como país de destino. É também importante referir essa estada foi igual ou superior a um ano.

**Gráfico 16 - Portugal primeira opção de destino para os entrevistados**



Fonte e tratamento próprio

A decisão migratória foi resultado de uma decisão individual ou familiar e foi empreendida pelos próprios meios.

Portugal era visto como um país muito interessante, saído recentemente de uma revolução, sendo uma democracia jovem, com pessoas muito abertas, amáveis e recetivas. Era entendido como um país muito rural, muito longe do desenvolvimento do resto da Europa, o que se afigurava como uma vantagem comparativamente aos países de origem.

Este tipo de migração não é, claramente, motivada por dificuldades económicas, ou pela procura de trabalho, ou ainda por alguma forma de segurança financeira. Se trabalham (na verdadeira aceção da palavra) este é entendido como um meio para atingir um fim e essa ocupação vai variando, sobretudo, no que diz respeito à entidade empregadora.<sup>58</sup>

<sup>58</sup> Como será analisado em 5.2.1.5



Migrações, Alteridades e Estilos de Vida. O estudo de caso da aldeia de Santa Margarida da Serra, no concelho de Grândola

São pessoas que fizeram uma escolha consciente não apenas sobre como viver, mas também sobre onde viver.

Têm um estilo de vida peculiar, onde quase tudo é feito ao ritmo da natureza. Embora, num primeiro momento, pensemos que constituem um grupo fechado para quem não é conhecido, apercebemo-nos, contudo, que é relativamente fácil estabelecer a comunicação.

Assim a opção Santa Margarida começa a fazer sentido como local de destino, conscientemente escolhido. Para se chegar a Santa Margarida da Serra é necessário querer mesmo ir até lá, isto é; com a reestruturação da rede viária esta localidade fica longe dos itinerários principais que ligam Grândola a Lagos.

### **5.1.1 - Motivações e Expectativas**

Santa Margarida da Serra já era conhecida por alguns destes migrantes antes de chegarem a Portugal para se fixarem.

Em muitos casos o conhecimento deu-se na juventude, aquando de viagens turísticas a Portugal. A aldeia, como já foi referido, é atravessada pela Estrada Nacional Nº 120 que liga Alcácer do Sal a Lagos. O Algarve é, desde há muitos anos um destino turístico privilegiado dos europeus e como tal também atraiu alguns dos migrantes que atualmente encontramos neste território.

Os primeiros migrantes foram cidadãos alemães. Chegaram em autocaravanas que estacionaram no largo central da aldeia junto à Estrada Nacional n.º 120 e aí permaneceram durante algum tempo (semanas, ou meses). Foi deste modo que conheceram os primeiros habitantes. Estes, intrigados com aquele modo de estar, procuraram ajudar e sabendo da existência de alguns montes devolutos, logo se prontificaram para mediar a comunicação entre os migrantes e os proprietários. O seu contributo foi decisivo para que os proprietários entendessem que a fixação nas casas abandonadas dos montes da freguesia seria muito benéfica.

Nas razões de escolha do local (Gráfico 17) são referidas as belezas naturais, a amabilidade da população, a facilidade de alojamento fora da localidade, permitindo um certo recato, por um lado, e também, por outro lado, a prática de uma agricultura



Migrações, Alteridades e Estilos de Vida. O estudo de caso da aldeia de Santa Margarida da Serra, no concelho de Grândola

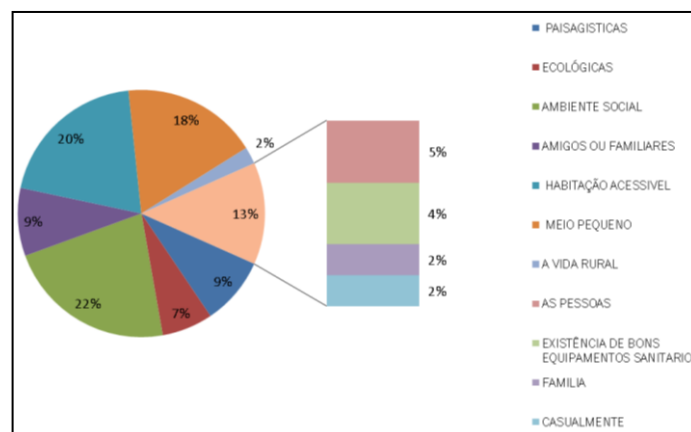
de autossuficiência. Todos esses aspetos positivos do lugar de destino escolhido são constantemente, apontados como uma vantagem relativamente ao país de origem.

Podemos verificar que as motivações dos entrevistados se distribuem, maioritariamente, por três aspetos: o ambiente social (22%); a existência de habitação acessível, quer quanto ao custo, quer quanto à sua disponibilidade (20%); e ainda o facto de ser um meio pequeno (18%).

Relativamente à primeira razão (ambiente social), esta é enfatizada quando alguns migrantes referem que uma das razões da escolha deste local foi, a vida rural «*Muito bonito sentir a vida rural. As pessoas têm “cercas”<sup>59</sup> onde produzem os seus alimentos. Toda a gente se conhece, toda a gente diz bom dia. É bom viver no campo*» (entrevistado feminino, 60-64). A importância do ambiente social é ainda reforçada pela seleção de outra opção de resposta: as pessoas, fortemente destacadas pela forma como se disponibilizaram para ajudar os estrangeiros «*além dos amigos da minha nacionalidade, também tive a ajuda de alguns portugueses...*» (entrevistada 60-64 anos), mas diversos entrevistados recorreram a esta ideia para justificar a sua escolha.

Como muitos migrantes chegaram em autocaravanas, ou similares, a escolha de Santa Margarida da Serra é também justificada com a existência de bons equipamentos sanitários e lavadouros públicos, «O lavadouro e os balneários públicos foram muito importantes logo quando chegámos. Com duas crianças pequenas era necessário cuidar da higiene e das roupas» (entrevistado migrante, masculino, 60-64 anos).

Gráfico 17- Razões de escolha de Santa Margarida da Serra



Fonte e tratamento próprio

<sup>59</sup> Hortas.



As motivações relacionam-se com uma melhoria da qualidade de vida, uma vida com maior liberdade, vivida com uma maior plenitude, em maior proximidade com a natureza, viver a vida de uma forma natural.

Uma vida simples para uns, baseada no espírito da partilha, onde os excedentes são trocados por aquilo que faz falta. A vida é vivida com muita calma, ao ritmo do prazer de disfrutar cada elemento da natureza, como se fosse único.

Para outros, uma vida simples, mas não tão afastada do sistema capitalista, onde se procura um equilíbrio entre o mundo “desenvolvido” e o mundo “tradicional”. Alia-se a simplicidade da vida rural às exigências da complexa sociedade urbana.

Estamos, portanto, perante dois estilos de vida diferentes, mas não antagónicos. Embora um grupo valorize mais a proximidade com a natureza e o outro valorize mais o modo de vida rural, a proximidade entre estes dois grupos é visível tanto no seu inter-relacionamento, como na perceção da forte interligação entre natureza e vida rural.

Para ambos os grupos foi uma “fuga” da cidade para o campo. Foi uma procura de uma vida mais saudável, mais próxima do “natural”. Para uns, uma “fuga” planificada «Primeiro comprámos a propriedade, depois fomos criando as condições para que um dia pudéssemos viver cá» (entrevistado migrante, feminino, 60-64 anos).

Para outros, uma aventura que conduziu a uma planificação de um novo estilo de vida, *«Chegámos num camião enorme, vimos os lavadouros que foram muito importantes. Parámos e tínhamos a ideia de ficar apenas alguns dias, mas gostámos das pessoas e da aldeia. Percebi que era um bom sítio pra viver com os filhos. Primeiro arranjámos uma casa e depois acabámos por comprar, por indicação de um belga. Estava cansado da vida na cidade.»* (entrevistado migrante, masculino, 60-64 anos).

Para outros ainda, uma “fuga” para a descoberta, o “destino” é construído dia após dia. «Quando cheguei não tínhamos casa, dormimos algumas noites num curral, só depois arranjámos uma casa num monte (...) Alguns anos mais tarde consegui outra, também num monte, mas melhor do que a primeira (...)» (entrevistado migrante, masculino, > 65 anos).

Nos dois grupos encontramos a crença de que a mudança de local residencial não conduz a melhores oportunidades na vida, mas sim, a algo “superior” que pode ser descrito como uma melhor qualidade de vida e / ou uma maneira mais satisfatória de vida.



Tudo o que Santa Margarida podia dar para responder às motivações dos migrantes parece ter sido suficiente para que estes ultrapassassem as dificuldades iniciais.

## ***5.2 - Processos de Integração e de Interação***

### **5.2.1 - Fixação e dinâmicas de integração**

#### **5.2.1.1- Principais dificuldades no momento de chegada**

As principais dificuldades sentidas à chegada (Gráfico 18), foram a língua, o processo de legalização e o clima, sobretudo no verão (como nos foi referido).

A língua portuguesa constituiu uma dificuldade porque a totalidade dos migrantes não a dominava no momento de chegada. Sabiam expressar-se em inglês, mas o problema subsistia, porque a população autóctone desconhecia esse idioma. Mas a comunicação existia e nos dois grupos (autóctone e alóctone) verificava-se um forte empenho para que a comunicação se processasse. Nos primeiros tempos era muito habitual o uso de dicionários, por parte dos migrantes e da gesticulação, por parte dos autóctones. A língua foi assinalada como fator muito fácil para 15% dos entrevistados, para cerca de 39% dos entrevistados foi assinalada com os níveis mais altos de dificuldade (4 e 5), verificando-se, mesmo que para 15% dos entrevistados este aspeto foi muito difícil. Os restantes 47 % distribuíram-se pelos níveis de dificuldade 2 e 3, sendo este último o que reuniu maior concentração de escolhas.

O processo de legalização, para a maioria (55%) dos entrevistados situou-se nos níveis intermédios de dificuldade (2 e 3). Se 15% dos entrevistados referiu que sentiu muitas dificuldades no processo de legalização, cerca de 30% referiu que foi muito fácil. Esta situação pode ser explicada recorrendo à data de entrada no país. Para os primeiros a chegar, o processo de legalização foi mais moroso e com maiores exigências burocráticas. Contudo, 88% dos indivíduos migrantes entrevistados têm a sua situação regularizada. E curiosamente, cerca de 8% dos entrevistados referiu gostar de obter a nacionalidade portuguesa.

O clima não foi considerado muito fácil para nenhum dos entrevistados, assim como também não foi considerado muito difícil. Mas foi um fator que causou algum desconforto inicialmente «No primeiro ano pensámos que íamos morrer com tanto calor no verão, mas depois o corpo foi-se habituando, mas ainda custa» (entrevistado migrante, masculino, > 65). No cômputo geral foi assinalado como a segunda maior dificuldade sentida, conjuntamente com o processo de regularização.



A integração na escola foi descrita como muito difícil para um número significativo de entrevistados, cerca de 15%, mas no entanto, foi muito fácil para 69% da população entrevistada. Observámos que o processo de integração na escola foi também diferenciado dentro da mesma família, em que para uns filhos foi muito difícil e para outros foi muito fácil «Para as meninas foi muito fácil para o filho foi muito difícil. Ele não gostava da escola» (entrevistado migrante, masculino, > 65).

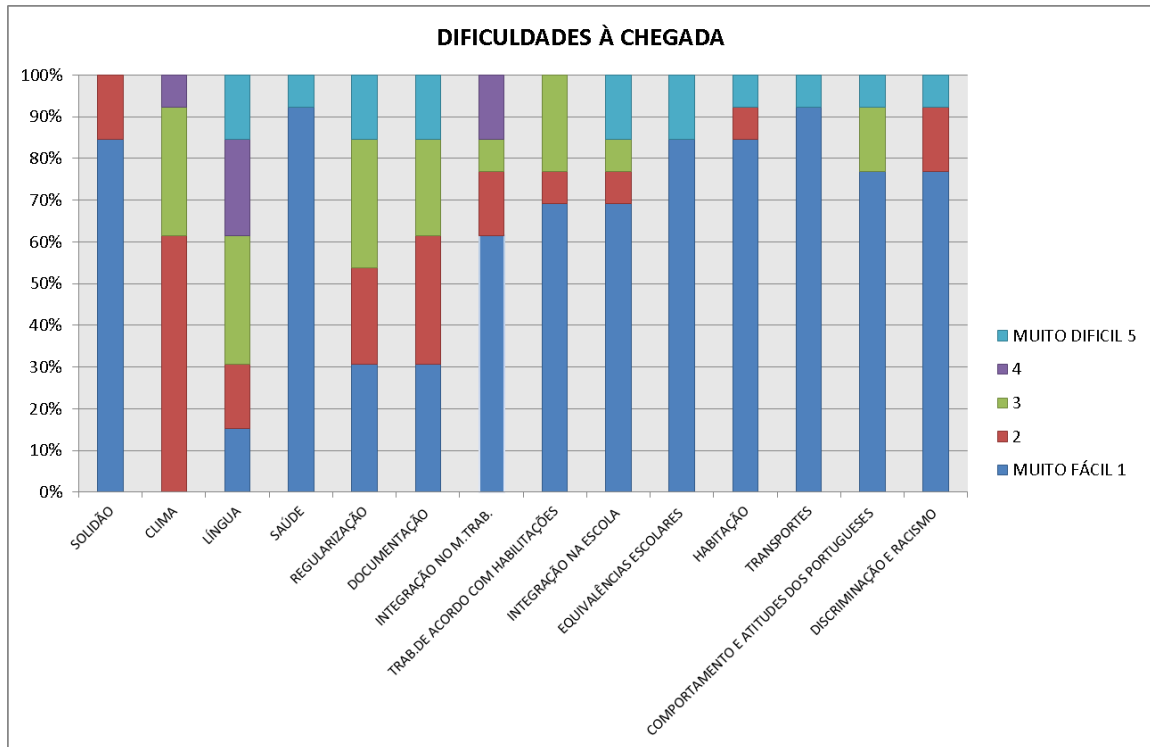
Relativamente às equivalências escolares, 15% da população entrevistada referiu ter tido muitas dificuldades e que essas dificuldades se deveram a muitas exigências do processo burocrático. Para os restantes 85% dos entrevistados, esse processo foi considerado muito fácil, o que poderá também estar relacionado com a idade dos filhos, no momento da chegada.

Podemos constatar que os comportamentos e atitudes dos portugueses e a discriminação e racismo foram aspetos muito fáceis para a maioria dos migrantes (cerca de 77%). No entanto, o primeiro foi assinalado com o nível 3 (15%) e o nível 5 (8%). No caso da discriminação e racismo, 15 % escolheu o nível 4 e 8 % escolheu o nível 5. A escolha dos níveis de dificuldade diferentes do 1, nestas duas variáveis, está fortemente relacionado com o género feminino. Este sentimento poderá ser resultante do facto de não ser usual há 30 anos atrás as mulheres portuguesas frequentarem as tabernas, comportamento comum nas mulheres migrantes «Quando entrava nos cafés todos olhavam para mim (...)» (entrevistado migrante, feminino, 50-59 anos).

A solidão também não foi um problema, pois a maioria dos entrevistados viajou acompanhado da família. Mas também não sentiram solidão porque foram muito bem recebidos pela população no geral, como referiram diversas vezes ao longo da entrevista «Todos nos queriam pagar copos» (entrevistado migrante, masculino, > 65 anos), ou «Os portugueses foram muito gentis (...)» (entrevistado migrante, feminino, 60-64anos)



Gráfico 18 - Dificuldades sentidas pelos entrevistados à chegada



Fonte e tratamento: Próprio

Foi também colocada a questão sobre as dificuldades atuais para compreendermos melhor o que mudou durante o período de estada em Portugal. Deste modo, podemos observar que, de um modo geral, as dificuldades são muito menores, ou quase inexistentes. No entanto, a língua, embora, com valores mais baixos, continua a ser a maior dificuldade com 30% dos entrevistados a classificá-la com um nível 3 e 30% também a classifica-la com o nível 4. Surgem, contudo, outras dificuldades, como por exemplo, a saúde (referida por 30 % dos entrevistados, repartidos identicamente pelos níveis 3 e 4) e a solidão (8%).

No cômputo geral e estabelecendo uma comparação<sup>60</sup> com as dificuldades sentidas no momento de chegada (Quadro 5), observa-se um aumento das dificuldades sentidas na solidão, de 1,2 para 1,5 e na saúde, de 1,3 para 1,6.

De um modo geral, podemos concluir que a fixação destes migrantes não foi muito difícil, situando-se num nível 2 de dificuldade.

<sup>60</sup> Utilizou-se a média ponderada das dificuldades sentidas (chegada e atuais) de forma a conseguimos uma maior objetividade.



Migrações, Alteridades e Estilos de Vida. O estudo de caso da aldeia de Santa Margarida da Serra, no concelho de Grândola

É necessário realçar que, quase trinta anos separam a chegada a Portugal e a realização da entrevista, o que pode ter levado a uma atenuação das dificuldades. A memória humana é seletiva, e com o distanciamento dos anos, os factos afiguram-se menos dolorosos, porque foram ultrapassados com sucesso e é esse sucesso que fica registado.

**Quadro 5 – Comparação entre as dificuldades sentidas no momento da chegada e atualmente (média ponderada)**

DIFICULDADE	ATUALMENTE	CHEGADA
SOLIDÃO	1,5	1,2
CLIMA	1,5	2,5
LÍNGUA	1,9	3,1
SAÚDE	1,6	1,3
REGULARIZAÇÃO	1,3	2,5
DOCUMENTAÇÃO	1,3	2,3
INTEGRAÇÃO NO MERCADO DE TRABALHO	1	1,8
TRABALHO DE ACORDO COM HABILITAÇÕES	1	1,6
INTEGRAÇÃO NA ESCOLA	1	1,8
EQUIVALÊNCIAS ESCOLARES	1	1,6
HABITAÇÃO	1,3	1,3
TRANSPORTES	1,2	1,4
COMPORTAMENTO E ATITUDES DOS PORTUGUESES	1,2	1,6
DISCRIMINAÇÃO E RACISMO	1	1,5
<b>Média aritmética</b>	<b>1,28</b>	<b>1,82</b>

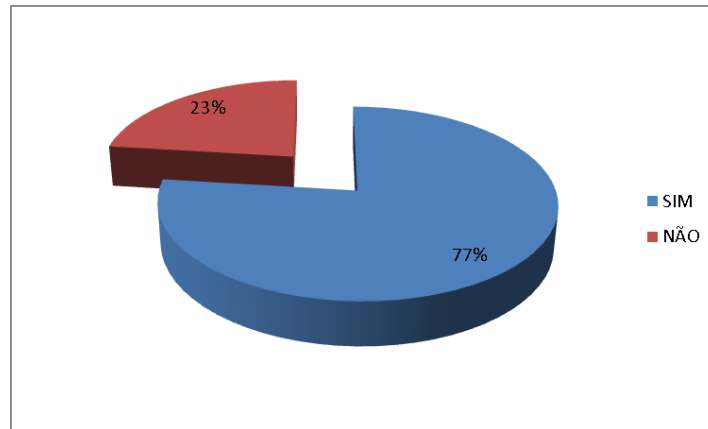
Fonte e tratamento próprio

### 5.2.1.2- Sistema de Apoios recebidos pelos migrantes

Para que o processo de integração fosse bem-sucedido foi fundamental o sistema de apoios ou ajudas que, de uma forma geral, foi prestado aos migrantes e que permitiu a superação das dificuldades sentidas inicialmente. Podemos constatar através do gráfico 19 que 77% dos entrevistados mencionou que tinha recebido ajudas. No entanto, 23% referiu que não teve qualquer tipo de ajuda, ou seja tudo o que conseguiu foi por si próprio.



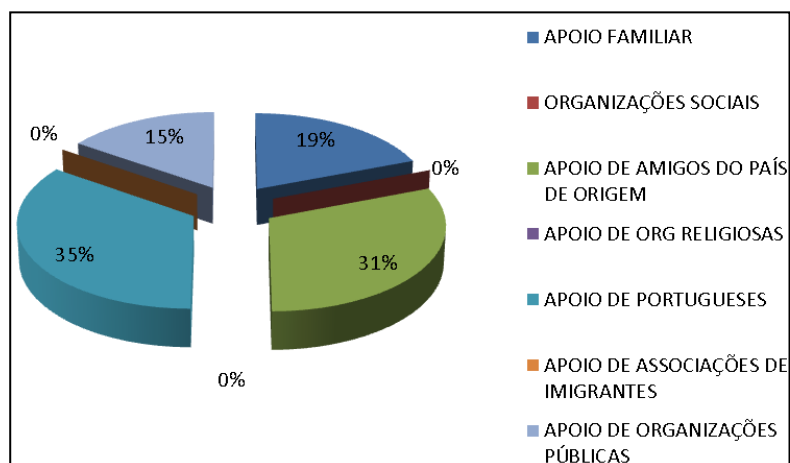
**Gráfico 19 - Apoio recebido pelos entrevistados no momento da chegada**



Fonte e tratamento próprio

O apoio recebido (Gráfico 20) foi, na sua maioria, prestado por portugueses (35%), seguindo-se o apoio dos amigos do país de origem que já viviam em Portugal (32%) e o apoio familiar (19%). O apoio das organizações públicas foi importante (15%) que segundo os nossos entrevistados se distribuiu entre o apoio dado pela escola e pela segurança social. Nem as organizações sociais, nem as religiosas, nem as associações de imigrantes forneceram qualquer apoio. Esta situação é perfeitamente justificada pela originalidade da situação, visto que nos finais da década de 80 do século XX o fenómeno imigratório era incipiente.

**Gráfico 20 - Apoiantes dos entrevistados no processo de integração**



Fonte e tratamento próprio

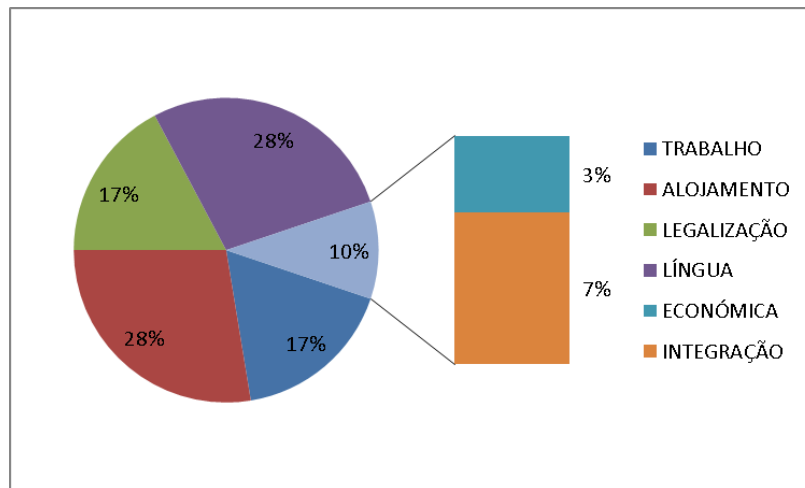


Migrações, Alteridades e Estilos de Vida. O estudo de caso da aldeia de Santa Margarida da Serra, no concelho de Grândola

As áreas de apoio mencionadas (Gráfico 21) foram a língua (28%) e o alojamento (28%), áreas em que o apoio dos portugueses foi fundamental. Os portugueses serviram de intermediários nesse processo, conhecendo os proprietários, não foi difícil convencê-los das vantagens que teria a cedência dos montes que, deste modo passariam a estar habitados e cuidados, o que evitaria a sua crescente degradação. Contudo, o apoio dos portugueses foi importante, segundo os entrevistados, também noutras dimensões (trabalho e legalização).

Alguns migrantes receberam também ajuda monetária, como referiram, «Se não me apoiassem, não tinha ficado...Estava a ser muito difícil. Muitas vezes pensava regressar» (entrevistada,50-59).

Gráfico 21 - Área em que se manifestou o apoio aos entrevistados



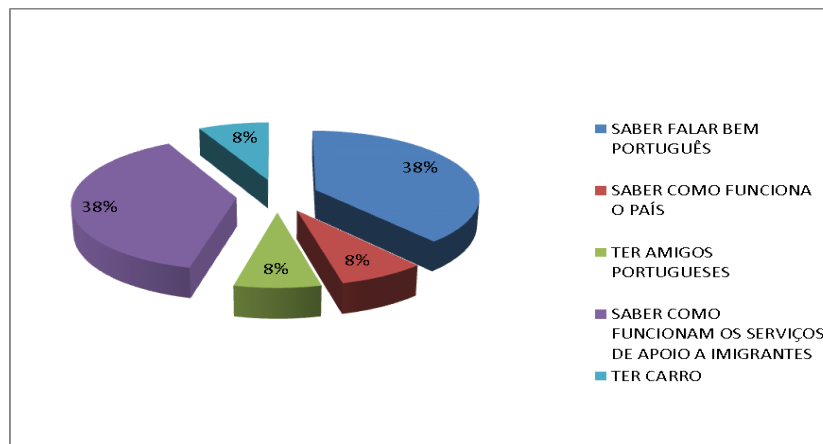
Fonte e tratamento próprio

### 5.2.1.3 - Aspetos facilitadores da Integração

Para os migrantes estudados, os fatores que facilitam a integração (Gráfico 22) são principalmente expressar-se bem em português (38%) e saber como funcionam os serviços de apoio aos imigrantes (38%) e depois, com menor relevância, ter amigos portugueses, o saber como funciona o país e ter carro, todos referidos por 8% dos entrevistados. Ter amigos portugueses é importante, mas não fundamental «É importante ter amigos portugueses, mas o mais importante é falar bem português, não podemos ter o amigo português todo o dia ao nosso lado a viver a nossa vida (...) Para tratar dos assuntos é muito importante saber como funcionam os serviços. Às vezes andamos de serviço em serviço...Perdemos a cabeça ... E depois era tão fácil» (entrevistado migrante, masculino, 60-64 anos).



**Gráfico 22 - Fatores facilitadores da integração na perspectiva dos migrantes entrevistados**



Fonte e tratamento próprio

O domínio da língua é muito importante para o grupo de migrantes entrevistados «entrar num país e não saber falar a língua é um handicap...» (entrevistado migrante, masculino, 50-59 anos). A língua é entendida como um instrumento de interação, logo para haver integração é necessário estabelecer uma interação que é facilitada se houver um entendimento mútuo entre emissor e recetor. Assim, como nos foi dado a observar, houve um grande empenho na aprendizagem da língua portuguesa, quer de um modo formal, quer informal.

Do estudo realizado podemos constatar (Gráfico 23) que cerca de 9% dos entrevistados, compreendendo a importância do domínio da língua portuguesa para uma melhor integração, começou a aprendizagem da língua antes da deslocação, frequentando um curso de língua portuguesa no país de origem. No entanto, a maioria dos entrevistados frequentou um curso realizado em Santa Margarida da Serra (83%), organizado pela Junta de Freguesia em parceria com a Câmara Municipal de Grândola. Todos os entrevistados que frequentaram o curso de português realizado na aldeia consideraram-no muito bom «O curso foi muito bom, a professora era muito simpática e muito competente... Aprendemos muito» (entrevistado migrante, masculino, <65 anos). Podemos ainda observar que 8% da população da amostra não sentiu necessidade de frequentar esse curso. «Tive conhecimento do curso, mas não senti necessidade de fazer. O meu nível de português é suficiente para as atividades que faço no meu dia-a-dia» (entrevistado migrante, masculino 50-59 anos).

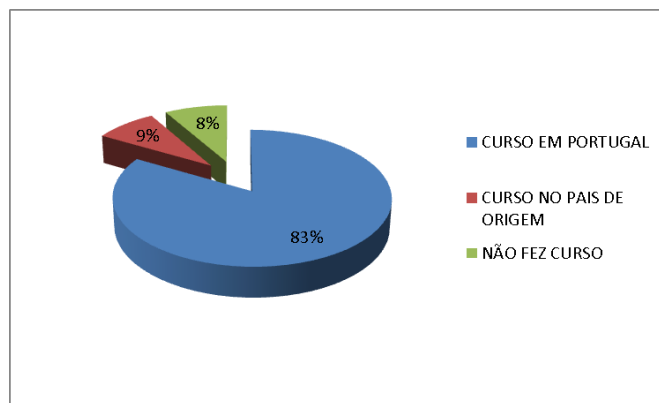
O curso funcionou em horário pós laboral, o que também pode ter diminuído o interesse dos entrevistados que não frequentaram o curso, visto que o acesso (como já foi referido) aos seus locais de residência é muito difícil, sobretudo à noite. Os



Migrações, Alteridades e Estilos de Vida. O estudo de caso da aldeia de Santa Margarida da Serra, no concelho de Grândola

caminhos de acesso são de terra, impróprios para veículos de passeio com a tração mais habitual a duas rodas, serpenteando a densa vegetação que alberga animais noturnos, alguns de grande porte (javali, entre outros). Esses caminhos são muitas vezes atravessados pelos diversos cursos de água existentes, e para dificultar ainda mais, não têm iluminação. «A minha vida é feita com o ritmo do sol (...) Se vou à aldeia, ou a Grândola procuro regressar antes do pôr-do-sol.» (entrevistado migrante, masculino, 50-59 anos).

**Gráfico 23 - Aprendizagem formal da Língua portuguesa dos entrevistados**



Fonte e tratamento próprio

Quanto à avaliação que fazem do seu domínio da língua portuguesa (Gráfico 24) podemos verificar que, no que no cômputo geral, analisando as três dimensões, (a expressão oral, a escrita e a leitura) a maioria dos entrevistados autoavalia com bom o seu domínio da língua portuguesa. Outra constatação, é que nenhum entrevistado autoavalia com insuficiente o seu domínio da língua portuguesa, em nenhuma das dimensões propostas.

Se analisarmos cada uma das dimensões separadamente, observamos que a expressão oral é aquela que mais confiança oferece aos entrevistados «*Um dia precisei de telefonar para o SEF e a senhora que me atendeu nem queria acreditar que eu era estrangeiro e na brincadeira até disse que eu era o holandês mais alentejano que ela conhecia (...)*» (entrevistado migrante, masculino, 30-39 anos). Contudo, verifica-se que cerca de 8% da população da amostra avalia-se com o nível razoável.

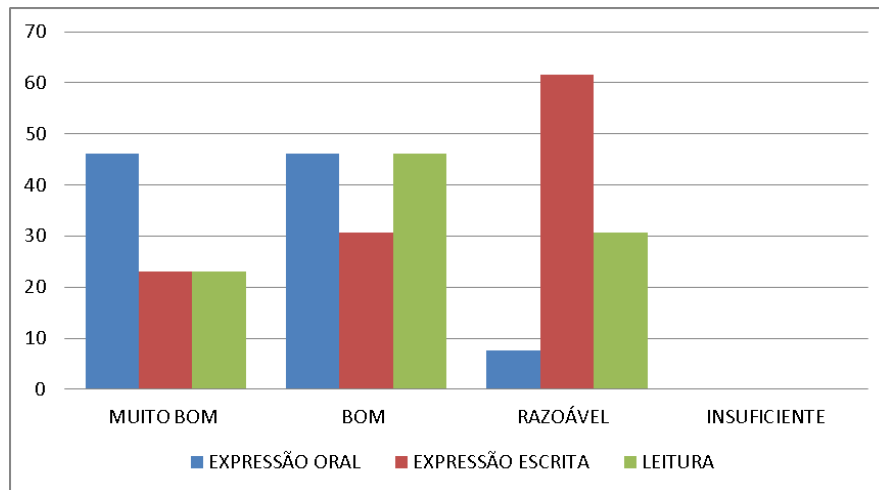
Ao nível da leitura, os entrevistados autoavaliam-se, maioritariamente, com bom (46%), distribuindo-se os restantes por razoável (31%) e muito bom (23%). «Já li os Lusíadas, sim... Li um livro que numa página estava escrito em português e ao lado



(a outra página) estava escrita em alemão. Mas li ...» (entrevistado migrante, > 65 anos).

No que concerne à expressão escrita, domínio em que os entrevistados manifestam uma maior dificuldade, autoavaliam-se com o nível razoável, maioritariamente (62%).

Gráfico 24 - Autoavaliação do domínio da língua portuguesa nos entrevistados (%)



Fonte e tratamento próprio

Quando os entrevistados são questionados sobre a língua mais falada em casa respondem-nos que é a língua do país de origem, mas a língua portuguesa também já vai sendo utilizada, sobretudo, entre os mais novos e entre pais e filhos.

Falar uma língua em casa e outra no mundo exterior (escola, amigos...) é uma realidade para os jovens filhos dos migrantes. O domínio de ambas permite que haja uma maior interação nos diversos contextos e surge como um facilitador para os pais que recorrem os filhos, cujo domínio da língua portuguesa é maior, para mediar os processos de interação quando estes se tornam mais difíceis.

No que concerne aos serviços de apoio aos imigrantes, a maior parte dos entrevistados, mencionou que este aspeto era, aquando da sua chegada, muito deficiente. Embora o considerem muito importante, não receberam qualquer tipo de ajuda dos serviços de apoio a imigrantes. Apenas é feita referência<sup>61</sup> a uma associação de imigrantes holandeses que prestou apoio na contratação de professores para ensinar crianças holandesas na aldeia de Bicos (concelho de

<sup>61</sup> Como se pode verificar no ponto 5.4 deste capítulo do trabalho.



Migrações, Alteridades e Estilos de Vida. O estudo de caso da aldeia de Santa Margarida da Serra, no concelho de Grândola

Odemira). Referem ainda os entrevistados que, quando contactavam os serviços de imigrantes havia sempre uma grande dificuldade, devido a um excesso de exigências burocráticas. Por essa razão, consideram muito importante para o processo de integração os serviços de apoio a imigrantes. Desconhecem também a existência de associações de imigrantes (exceção feita à associação holandesa), mas referem que estas teriam um papel muito importante para facilitar a integração de estrangeiros no país acolhedor.

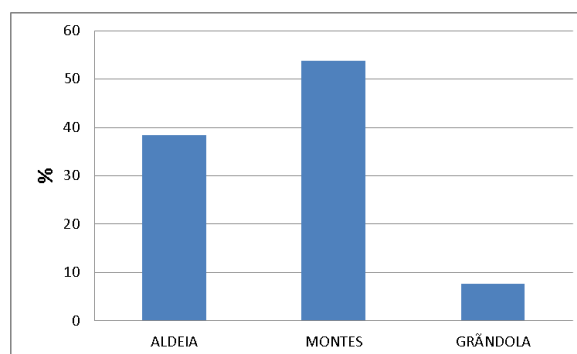
#### 5.2.1.4 – Local de residência e habitação

No que concerne ao local de residência (Gráfico 25) e às condições de habitabilidade (Gráfico 27), é importante referir que encontramos duas realidades diferentes. Por um lado, encontramos os migrantes que vivem na aldeia, ou muito perto dela e que são proprietários das suas habitações. Mais afastados da aldeia vivem os migrantes cujas habitações lhes foram cedidas (Gráfico 26). Alguns vivem em Grândola, deslocaram-se para a sede de concelho por uma questão de melhor acessibilidade à escola e aos empregos.

Os estrangeiros que vivem em zonas mais remotas da freguesia não revelam grande preocupação em relação à falta de acessos e infraestruturas, muito pelo contrário até valorizam essa ausência.

Podemos constatar que cerca de 54% dos migrantes entrevistados vivem em montes; cerca de 38 % vivem na aldeia; e cerca de 8% na vila de Grândola.

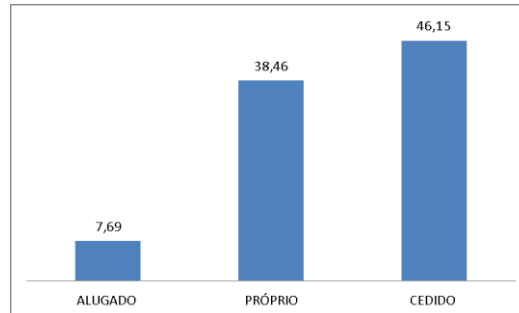
Gráfico 25 – Local de residência dos entrevistados



Fonte e tratamento próprio



**Gráfico 26 – Propriedade da habitação dos entrevistados**



Fonte e tratamento próprio

A cedência das casas nos montes é justificada, primeiro, porque, ao estarem ocupadas ficam menos sujeitas aos atos de vandalismo que poderão ocorrer; segundo, ficam menos expostas à degradação; e terceiro, os migrantes vão aproveitando os recursos naturais, vão cultivando as terras, ajudando nas tarefas agrícolas e vão reparando e cuidando os equipamentos existentes na propriedade. Facilmente se compreende que há interesses de parte a parte. Esta situação origina uma espécie de dívida da qual os migrantes têm consciência «*Esta situação de ceder a casa não existe muito. Há outros estrangeiros, noutras sítios que têm que pagar as casas, é um favor que nos fazem e nós como não pagamos, temos que ajudar (...) Trato disto como se fosse meu (...) apanho medronho para mim e para o dono, corto as silvas, arranjo as cercas (...) reparo a casa*» (entrevistado migrante, masculino, 50-59 anos).

Todas as habitações são tradicionais, muito antigas, algumas evidenciando as marcas do abandono, sobretudo aquelas que situam mais afastadas da aldeia. Muitas foram restauradas, pequenos arranjos no telhado, nas janelas, ou nas paredes, mas mantêm sempre a traça original. Alguns deram um aspeto diferente à casa através de pinturas nas paredes exteriores de símbolos orientais, muito relacionados com a *New Age* (ilustrações 19 e 20).

Na aldeia existem muitas casas abandonadas e degradadas, mas os seus proprietários, muitos deles, a viverem noutras localidades, não as vendem, nem as restauram.



Migrações, Alteridades e Estilos de Vida. O estudo de caso da aldeia de Santa Margarida da Serra, no concelho de Grândola

**Ilustração 19 – Monte do Açude**



Fonte: SIC, 2010

**Ilustração 20- Monte do açude, outra perspectiva**



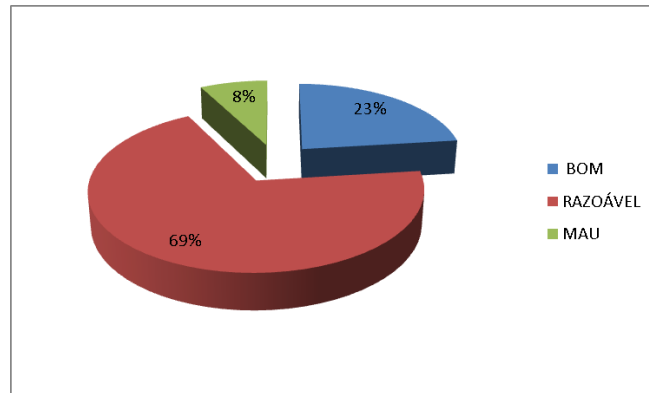
Fonte: SIC, 2009

Segundo a avaliação feita pelos entrevistados (Gráfico 27), o estado de conservação das suas habitações é razoável (69%) «A casa tem as condições que chegam para nós, não é preciso mais» (entrevistado migrante, masculino > 65 anos). Para 23% é bom e cerca de 8% considera o estado de conservação mau «Não posso dizer outra coisa... A casa é má ...» (entrevistado migrante, masculino, 50-59 anos).



Migrações, Alteridades e Estilos de Vida. O estudo de caso da aldeia de Santa Margarida da Serra, no concelho de Grândola

**Gráfico 27 – Estado de Conservação das habitações dos entrevistados**



Fonte e tratamento próprio

A maioria das habitações tem 3 divisões, quer as que se encontram na aldeia, quer as dos montes. As casas, com uma traça retangular, por norma, têm uma sala de entrada que é simultaneamente a sala e a cozinha (Ilustração 21) e que dá acesso direto aos quartos. Há uma grande originalidade e criatividade na forma como é aproveitado o espaço disponível. Por exemplo, a partir de instalações, que em tempos serviram para abrigar animais, fizeram-se casas de habitação, sem o recurso a obras, Os tetos com telha à vista foram forrados com mantas de lã e outros tecidos e, deste modo são cumpridas três funções: higiene (visto que protege do pó); climatizar (protege do frio e do calor) e por fim, uma função estética e de conforto (Ilustração 22). As habitações, de um modo geral, apresentam as condições entendidas como suficientes para o número de pessoas que as habita. As casas da aldeia possuem eletricidade e água canalizada da rede pública.



Migrações, Alteridades e Estilos de Vida. O estudo de caso da aldeia de Santa Margarida da Serra, no concelho de Grândola

**Ilustração 21 - cozinha e sala**



Fonte: Hamburgo – Alentejo, 2012 RTP2

**Ilustração 22 - Sala**



Fonte: Hamburg - Alentejo, 2012 RTP2

As casas dos montes não têm nem eletricidade, nem água da rede pública. Existem muitas fontes distribuídas pela serra de Grândola. Assim, é possível o abastecimento de água, sendo esta, depois de acondicionada em bidões transportada em carros de mão (ilustrações 23 e 24). Em casa a água é mantida nas tradicionais bilhas de barro alentejanas.



Migrações, Alteridades e Estilos de Vida. O estudo de caso da aldeia de Santa Margarida da Serra, no concelho de Grândola

**Ilustração 23 - A fonte**



Fonte: Hamburg - Alentejo, 2012 RTP2

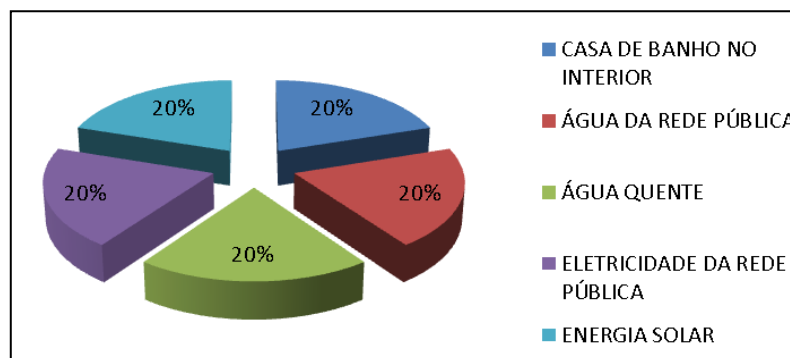
**Ilustração 24 - O transporte da água**



Fonte: Hamburg - Alentejo, 2012 RTP2

Assim, no geral (Gráfico 28), podemos verificar que 20% das casas têm água da rede pública e eletricidade, tendo também casa de banho no interior com água quente. Do conjunto de casas dos migrantes, 20 % está equipada com energia solar.

**Gráfico 28 - Características das habitações dos entrevistados**



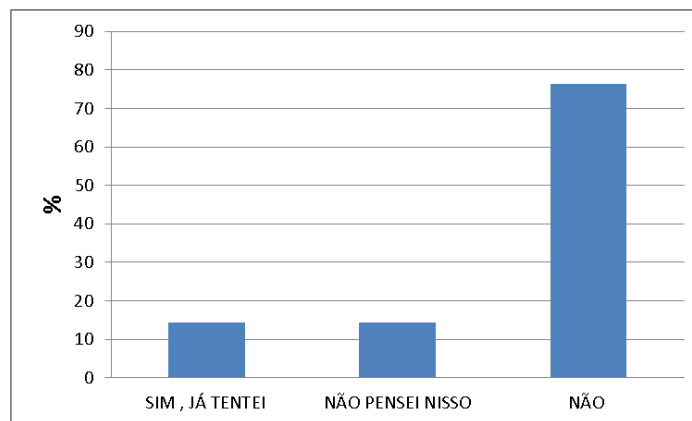
Fonte e tratamento próprio



Os entrevistados foram questionados sobre a sua pretensão de adquirirem casa própria (Gráfico 29) e assim podemos verificar que 72 % não o pretende fazer, Cerca de 14 % nunca pensou sequer nessa possibilidade e também 14 % pretende adquirir casa própria. À elevada percentagem da resposta “não”, não é, com certeza, alheio o facto de as suas casas lhes terem sido cedidas, o que é uma vantagem, visto que dispensa os encargos com a habitação.

Os entrevistados que responderam “sim” indicaram também que ao comprarem casa, seria no concelho de Grândola e preferencialmente no meio rural.

**Gráfico 29 - Pretensão dos entrevistados quanto à aquisição de habitação própria**

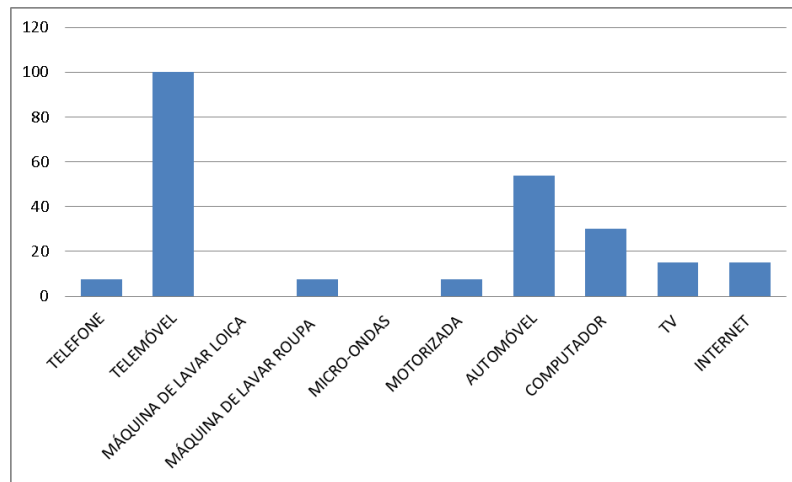


Fonte e tratamento próprio

Relativamente às condições de habitabilidade os entrevistados responderam sobre os equipamentos disponíveis nos seus lares. Assim, e conforme o gráfico 30, dos equipamentos utilizados destaca-se o telemóvel, que todos os entrevistados possuem. Destacam-se também a ausência de micro-ondas e máquina de lavar loiça. A internet existe em 15% dos lares, bem como a televisão.



**Gráfico 30 - Equipamentos utilizados pelos entrevistados**



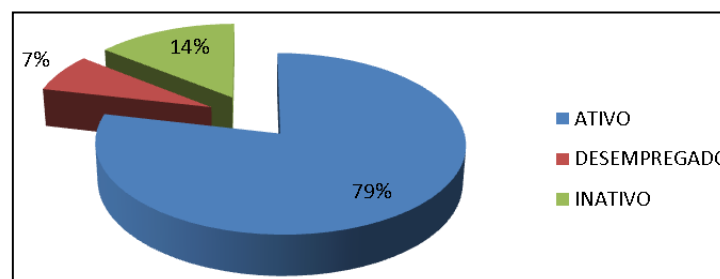
Fonte e tratamento próprio

### 5.2.1.5- Ocupação profissional

Relativamente à situação profissional dos entrevistados (Gráfico 31), começaremos por dizer que dos migrantes que constituíram a nossa amostra, 14%, devido à sua idade, estão já estão inativos. Dos restantes, 7%, considera-se desempregada e a maioria desempenha uma atividade (79%).

Quanto aos desempregados, a sua subsistência é assegurada com trabalhos pontuais, na área da restauração e dos serviços domésticos, e ainda com o recebimento de ajuda monetária por parte dos familiares que vivem no país de origem. Nestes casos os migrantes não têm direito a auferir subsídio de desemprego.

**Gráfico 31 - Situação Profissional atual dos entrevistados**



Fonte e tratamento próprio

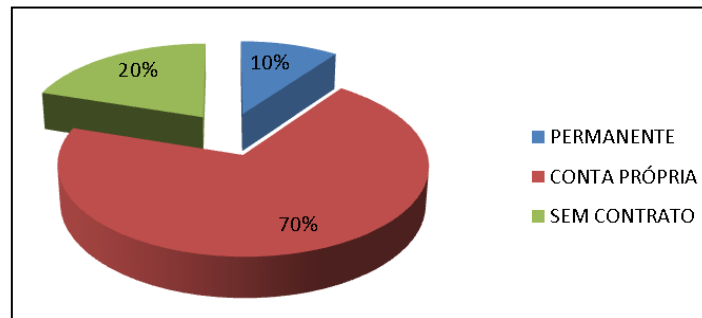
Relativamente à situação na profissão (Gráfico 32), verificámos que 70% dos migrantes entrevistados que se encontram ativos, exercem uma atividade por conta própria, 20 % trabalham por conta de outrem, mas sem contrato, e 10 % com contrato



Migrações, Alteridades e Estilos de Vida. O estudo de caso da aldeia de Santa Margarida da Serra, no concelho de Grândola

e de uma forma, considerada, permanente. Todos os entrevistados já tiveram mais do que um trabalho e todos já trabalharam em Portugal por conta de outrem. «O meu primeiro trabalho foi tirador de cortiça... Custou tanto, muito difícil» (entrevistado migrante, masculino, > 65 anos).

**Gráfico 32 - Situação dos entrevistados na profissão**



Fonte e tratamento próprio

O trabalho atual dos entrevistados situa-se, sobretudo, na área das atividades agrícolas, ou com ela relacionada. No entanto, é possível encontrar entrevistados a trabalhar na área da educação, na área dos serviços, industrial e ainda na área da hotelaria e da restauração.

**Quadro 6 - Área do trabalho atual dos entrevistados**

Área de trabalho	% De Entrevistados
INDÚSTRIA	16
COMERCIAL	7
EDUCAÇÃO	16
AGRICULTURA E AFINS	31
HOTELARIA E RESTAURAÇÃO	7
ESTUDANTES	23

Fonte e tratamento próprio

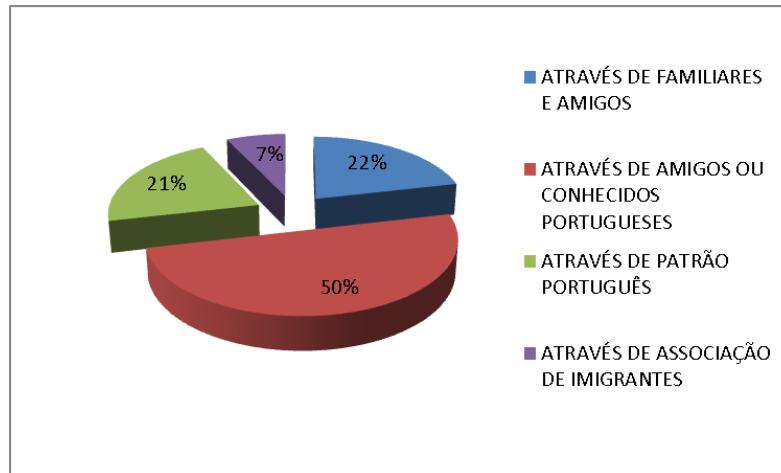
Um testemunho da integração dos migrantes, refere-se à forma como estes migrantes arranjaram o seu trabalho.

Os migrantes entrevistados, para conseguirem os trabalhos que já executaram, ou executam, em Portugal, contaram, segundo o que relataram, com o apoio dos portugueses (50%), através de familiares e amigos (22%), através do contacto direto com um patrão português (21%), o que é explicado pelas características do meio, onde o suprimento das necessidades de mão-de-obra, principalmente na agricultura, é tratado, de um modo informal, muitas vezes nas



tabernas da aldeia. Por fim, referiram que conseguiram o seu trabalho através de uma Associação de Imigrantes (7%).

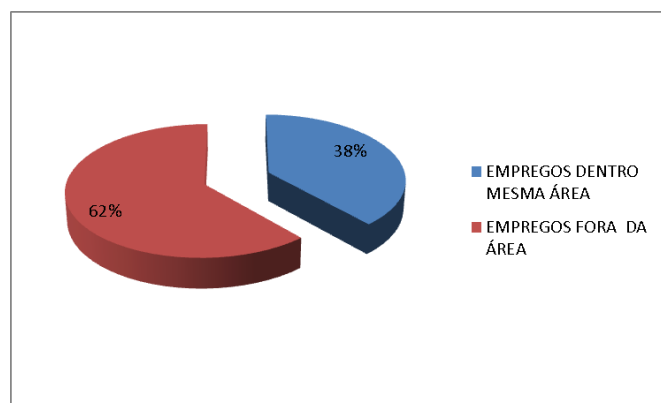
**Gráfico 33 - Formas como os entrevistados conseguiram o seu trabalho**



Fonte e tratamento próprio

Verifica-se que, quando comparamos a ocupação / trabalho que os migrantes entrevistados tinham no seu país de origem, antes de iniciarem o seu projeto migratório (Gráfico 34), houve uma manutenção na área de trabalho para 38% dos entrevistados. 62% dos entrevistados trabalham, ou procuram trabalho fora da área onde trabalhavam.

**Gráfico 34 – Comparação entre a ocupação no país de origem e no país de acolhimento**



Fonte e tratamento próprio

Tendo em consideração que a maioria dos entrevistados estão atualmente a trabalhar numa área diferente daquela em que trabalhavam no seu país de origem,

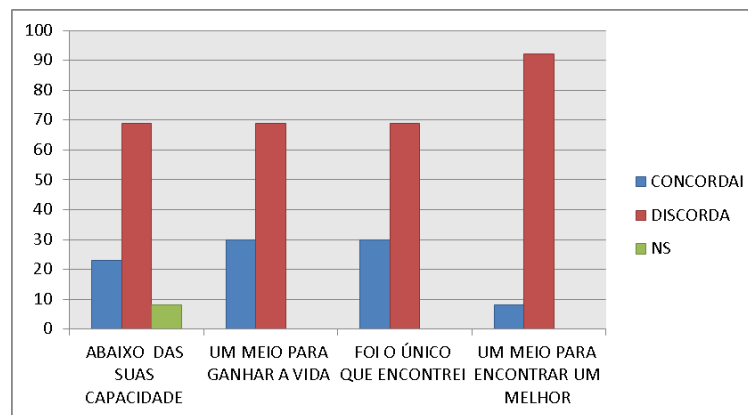


Migrações, Alteridades e Estilos de Vida. O estudo de caso da aldeia de Santa Margarida da Serra, no concelho de Grândola

solicitou-se-lhes que manifestassem a sua opinião sobre quatro situações relativas ao seu trabalho atual (Gráfico 35).

Verifica-se que a maioria dos entrevistados discorda de todas as situações propostas. O trabalho exercido, atualmente, por 70% dos entrevistados, não está abaixo das suas capacidades, no entanto, 20% concorda com a afirmação e 8 % não tem a certeza que assim seja. O trabalho atual não é apenas um meio para ganhar a vida (70%), mas é-o para 30% dos entrevistados. Não foi o único trabalho que encontrou para 70%, mas 30 % dos entrevistados, refere que foi o único trabalho que conseguiu. A situação que merece maior discordância (92%), o trabalho atual não é um meio para arranjar um trabalho melhor, no entanto esta afirmação é verdadeira para 8% dos entrevistados.

**Gráfico 35 – Perceção dos entrevistados sobre o seu trabalho atual**



Fonte e tratamento próprio

Alguns migrantes trabalham numa perspetiva de autossuficiência, isto é, trabalham para garantir a satisfação das suas necessidades. O trabalho tem um carácter diferente, quase lúdico. O dia começa cedo e é o sol e as condições climáticas que determinam as atividades quotidianas a realizar. Desde o semear dos alhos, das cebolas, das batatas, do aipo, das nabijas, até ao apanhar medronho, ao tratar das abelhas, tudo é vivido com muita simplicidade, sem dependência de equipamentos mecanizados, sem uma lógica de mercado (Ilustração 25).

Nesta perspetiva, vigora o autoconsumo e a partilha. Estamos perante um entendimento do trabalho como uma forma pela qual o homem se apropria da natureza, apenas para satisfazer suas necessidades «Era isto que sonhávamos, uma vida no campo, longe das cidades, uma vida simples (...)» (entrevistado migrante,



Migrações, Alteridades e Estilos de Vida. O estudo de caso da aldeia de Santa Margarida da Serra, no concelho de Grândola

masculino,> 65 anos), «A natureza dá-nos tudo, podemos viver perfeitamente com o que a natureza nos dá» (entrevistado migrante, feminino grupo 50-59 anos).

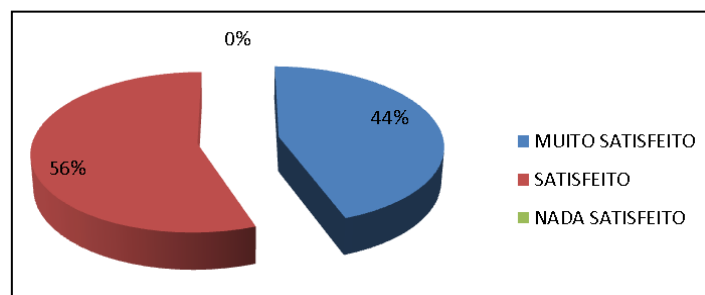
**Ilustração 25 – Apicultura**



Fonte: Própria

Deste modo, quando inquirimos os migrantes sobre o grau de satisfação sobre a sua atual ocupação / trabalho (Gráfico 36), 44 % considera-se muito satisfeito e a maioria, 56%, considera-se satisfeito. Nenhum dos entrevistados está na situação de “nada satisfeito” com o seu trabalho atual.

**Gráfico 36 - Nível de satisfação dos entrevistados com a ocupação profissional atual**



Fonte e tratamento próprio

Verificou-se também, que alguns migrantes entrevistados já trabalharam no estrangeiro durante a sua estada em Portugal (Gráfico 37). Essa situação ocorre, em alguns casos, aquando das deslocações ao país de origem, sobretudo, na época de



Migrações, Alteridades e Estilos de Vida. O estudo de caso da aldeia de Santa Margarida da Serra, no concelho de Grândola

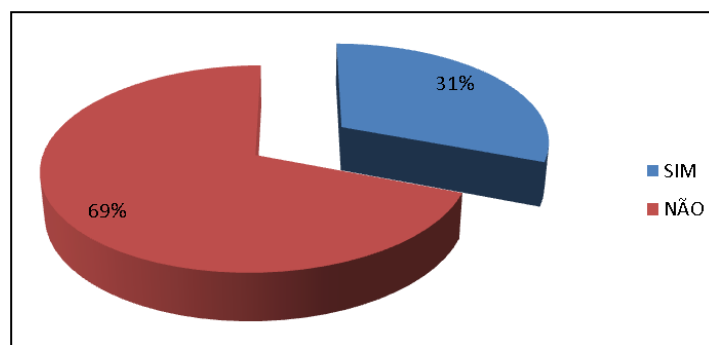
natal. Conciliam a sua estada com a venda de artigos de artesanato e de cosmética biológica nos “mercadinhos” de natal. Não é, no entanto, uma atividade declarada (no sentido contributivo). Trata-se de um trabalho ocasional, cujo objetivo é angariar dinheiro para fazer face à satisfação de necessidades temporárias.

Existem, no entanto, migrantes que mantêm uma relação de trabalho permanente com o país de origem. Constituíram uma empresa de exportação de lareiras e outros materiais. A empresa foi constituída em Portugal, onde funcionou a sua sede durante alguns anos. Recentemente, a sede passou a ser na Holanda, mas funciona da mesma forma. Esta situação prende-se com a atual crise económica vivida em Portugal e tornou-se mais vantajosa a deslocalização da sede da empresa.

Importa também referir que alguns migrantes entrevistados atingiram a idade de reforma já em Portugal, mas que, no entanto, estão a receber a sua pensão através do país de origem.

Desde o ano 2013 surgiu uma reforma na lei, mais concretamente, no código do IRS que em linhas gerais refere que, o estatuto de residente temporário permite que os reformados que recebam a pensão noutra país tenham isenção de IRS durante 10 anos. Por outro lado, os profissionais de valor acrescentado (como engenheiros ou investigadores) que venham trabalhar para Portugal, beneficiam de uma taxa fixa de 20% de IRS, pelo mesmo período. Esta situação beneficia claramente o país de acolhimento (Portugal), atraindo cidadãos da UE, no entanto, e porque é penalizador para os países de origem, o controlo a montante é muito grande. De notar que, para se conseguir este estatuto, é necessário não ter tido residência permanente no país de acolhimento nos cinco anos anteriores. Assim sendo, esta medida agora adotada, não se aplica aos migrantes entrevistados.

**Gráfico 37- Trabalho no estrangeiro durante a estada em Portugal**

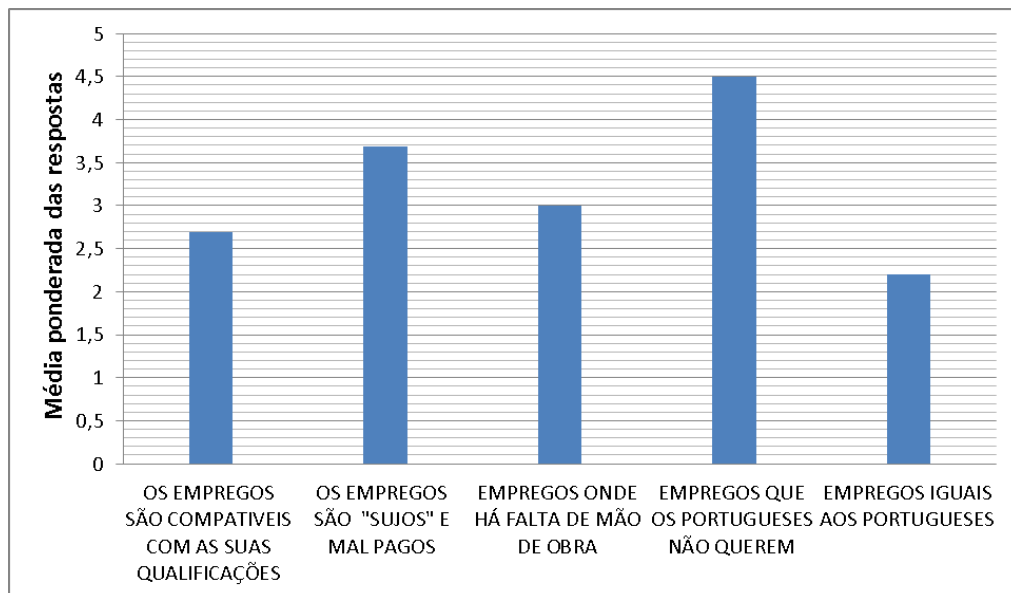


Fonte e tratamento próprio



Solicitou-se aos entrevistados para que, numa escala de 1 a 5 (1 - concordo totalmente e 5 - discordo totalmente), manifestassem a sua opinião sobre trabalho dos imigrantes em Portugal (Gráfico 38). Deste modo, verificámos que a discordância dos entrevistados é maior nas situações que se seguem: são os empregos que os portugueses não querem (4,50); seguindo-se: são empregos sujos e mal pagos (3,69); e empregos onde há falta de mão-de-obra (3,0). Para a maioria dos migrantes entrevistados os empregos dos imigrantes em Portugal são empregos iguais aos dos portugueses.

**Gráfico 38 - Perceção dos entrevistados sobre o trabalho disponíveis para os imigrantes (Média ponderada)**



Fonte e tratamento próprio

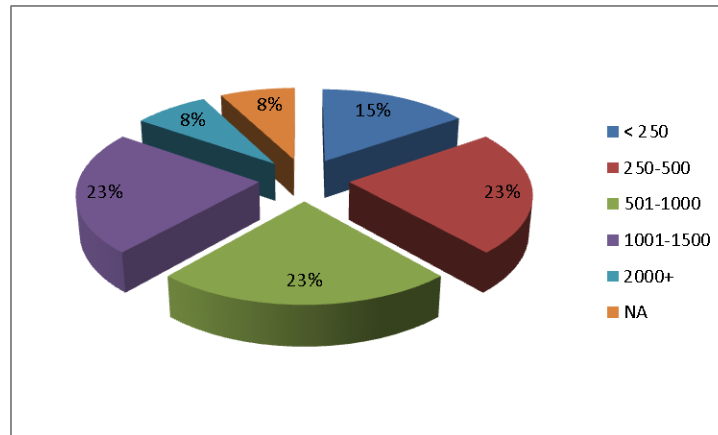
No que diz respeito ao rendimento que os entrevistados referem auferir (Gráfico 39), observamos que existe uma grande disparidade nos rendimentos auferidos. Situam-se entre valores mensais inferiores a 250 euros (15%) e iguais a 2000 euros (8%). Um igual número de entrevistados (23%) situa-se nos grupos de rendimentos, 250 - 500 €; 501 - 1000€ e 1001 - 1500€.

Os rendimentos mais baixos estão associados aos migrantes que se dedicam quase exclusivamente a atividades agrícolas e silvícolas com carácter de subsistência. *«No campo, não precisas de dinheiro. A natureza dá-te tudo o que precisas para comer. A roupa não importa, podes ter pouca e velha, o campo não se importa. Quando vais à aldeia também não faz mal, é sinal de que trabalhas, não és um preguiçoso»* (entrevistado migrante, masculino, 50-59 anos).



Migrações, Alteridades e Estilos de Vida. O estudo de caso da aldeia de Santa Margarida da Serra, no concelho de Grândola

**Gráfico 39 - Rendimento Mensal dos entrevistados**



Fonte e tratamento próprio

### 5.3 - Alteridades e Sociabilidades

A capacidade natural do ser humano de viver em sociedade, viver sempre em contato com outras pessoas. É por meio da socialização, que os indivíduos, ao nascerem e integrar certo grupo, seja ele familiar ou de amigos, acaba incorporando algumas características ao seu modo de viver.

#### 5.3.1 - Os autóctones

Começaremos este ponto com uma breve caracterização dos autóctones entrevistados. Assim, foram entrevistados 20 indivíduos distribuídos, pelo género e por diversos grupos etários, como se pode verificar nos quadros 7 e 8.

**Quadro 7 - Género dos autóctones entrevistados**

Value Label	Value	Frequency	Percent	Valid Percent	Cum Percent
F	1,00	11	55,00	55,00	55,00
M	2,00	9	45,00	45,00	100,00
	Total	20	100,0	100,0	

Fonte e tratamento próprio (PSPP)



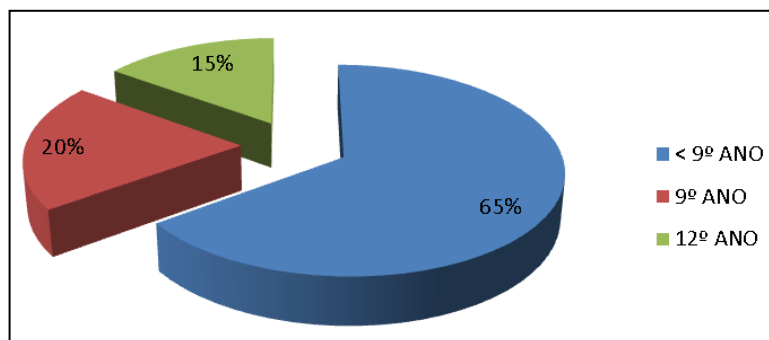
**Quadro 8 - Grupos etários dos autóctones entrevistados**

<i>Value Label</i>	<i>Value</i>	<i>Frequency</i>	<i>Percent</i>	<i>Valid Percent</i>	<i>Cum Percent</i>
10-14	1,00	1	5,00	5,00	5,00
15-24	2,00	2	10,00	10,00	15,00
30-39	4,00	4	20,00	20,00	35,00
40-49	5,00	4	20,00	20,00	55,00
50-59	6,00	1	5,00	5,00	60,00
65 >	8,00	8	40,00	40,00	100,00
<i>Total</i>		20	100,0	100,0	

Fonte e tratamento próprio (PSPP)

Quanto à escolaridade (Gráfico 40), podemos verificar que a maioria dos autóctones entrevistados, se situa abaixo do 9º ano de escolaridade, cerca de 15% não sabem ler, nem escrever e 20 % concluíram o 1º ciclo do ensino básico. Sendo o maior nível de escolaridade, o 12º ano que é também aquele em que encontramos um menor número de indivíduos (15%).

**Gráfico 40 - Nível de escolaridade dos Autóctones**

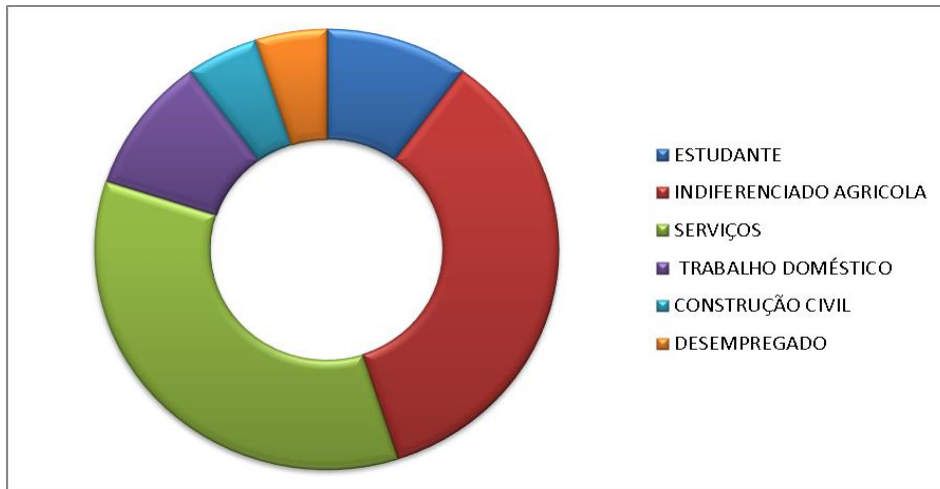


Fonte e tratamento próprio

Relativamente à profissão que exerce ou exerceu, podemos verificar que esta, na maioria dos entrevistados está relacionada com o trabalho indiferenciado, na agricultura (35%) e os serviços (35%). Nesta categoria foram agrupados indivíduos que trabalham para o setor público e para o setor privado, e em diversas áreas, como a comercial, as reparações, serviços de saúde humana e apoio social e serviços de beleza e estética. Seguem-se o trabalho doméstico e os estudantes (10%) e a construção civil (5%). Por último, a categoria desempregado que representa 5% da população entrevistada.



**Gráfico 41 – Profissão que exerce ou exerceu**

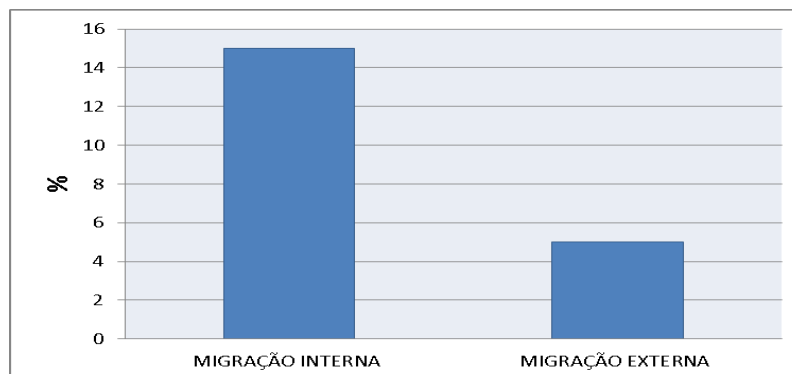


Fonte e tratamento próprio

A mobilidade dos autóctones (Gráfico 42) pareceu ser um sinal importante para perceber até que ponto há ou não tolerância para compreender as diferenças do outro. A maioria dos autóctones nunca viveu noutra local. No entanto, podemos observar que 15% deslocaram-se dentro do país, cerca de 10% para viverem em Santa Margarida, cerca de 5 % deslocaram-se de Santa Margarida para outra localidade. Neste caso, o contacto com a terra natal é quase diário, justificado, como nos foi referido, com a necessidade de cuidar dos bens que ainda ali têm. No entanto, exercem outra atividade laboral. Para além do contacto quase diário com o meio, os entrevistados que se encontram nesta situação residiam em Santa Margarida da Serra, aquando da chegada dos migrantes, por isso pareceu-nos pertinente a sua inclusão neste estudo.

No que diz respeito às migrações externas, apenas 5 % dos autóctones entrevistados passou por essa situação.

**Gráfico 42 - Migrações entre o grupo autóctone.**



Fonte e tratamento próprio



Migrações, Alteridades e Estilos de Vida. O estudo de caso da aldeia de Santa Margarida da Serra, no concelho de Grândola

### **5.3.1.1 – A aceitação do Outro**

A aceitação do outro depende muito das representações que o autóctone tem do outro. Essa representação influencia e condiciona as atitudes e os comportamentos dos indivíduos. Cada grupo étnico tem um significado diferente para o autóctone, consoante as diferentes representações que um determinado grupo lhe sugere e que se traduzem, em estereótipos.

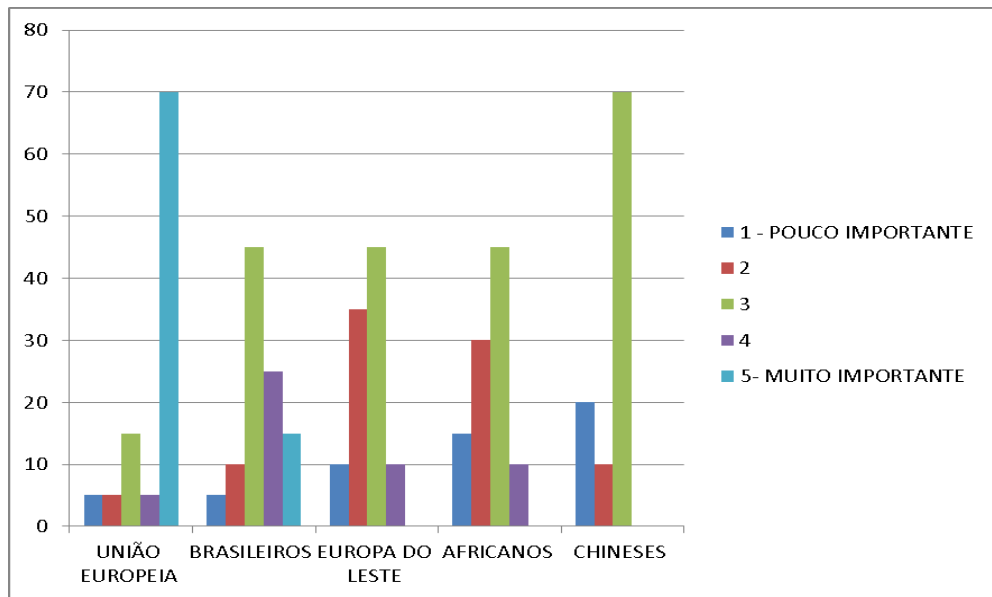
O chegar para se instalar numa comunidade, em quase tudo diferente da sua de origem. É um ato de coragem que poderá não ser reconhecido pela comunidade acolhedora. O facto da maioria dos entrevistados nunca ter saído do concelho onde nasceu para trabalhar ou residir, e as suas fracas habilitações literárias, são fatores que poderão contribuir para uma maior dificuldade na aceitação do outro. Se não se conhece, também não há muita consciência dele, isto é, consciência dos seus problemas, das suas dificuldades.

Para compreendermos o grau de aceitação do outro que existe na comunidade acolhedora, optou-se por pedir ao entrevistado que atribuísse um nível de importância, entre 1, pouco importante e 5, muito importante, aos grupos étnicos apresentados. Desse escalonamento resultou que: 70% dos entrevistados atribuíram o nível de importância 5 aos migrantes vindos da União Europeia, nível, esse que só foi também atribuído aos migrantes brasileiros; mas, em muito menor número, apenas por 15% dos entrevistados.

Destaca-se, ainda, a convergência na atribuição do nível 3 de importância aos chineses (70%) e ainda de atribuição desse mesmo nível de importância aos brasileiros; europeus do leste e africanos (45% em cada grupo).



Gráfico 43 - Nível de aceitação do Outro



Fonte e tratamento próprio

Depois de ordenados os diversos níveis de importância atribuídos através da média ponderada (Quadro 10), verifica-se que a aceitação que os entrevistados têm dos migrantes oriundos da União Europeia é francamente superior, com uma distância significativa (5), comparativamente aos outros grupos a que os entrevistados atribuem o nível 3. Este facto prende-se, com certeza, com um melhor conhecimento destes migrantes e com uma representação positiva, pois caso não o fosse, os entrevistados não elegeriam, destacadamente, este grupo como muito importante.

É pertinente referir que o grupo dos chineses suscita na população entrevistada uma aceitação, ligeiramente superior à verificada nos grupos dos europeus do leste e dos africanos.

A importância atribuída aos migrantes chineses estará relacionada com a crescente implementação da atividade comercial, por eles desenvolvida e que é bastante atrativa para as populações, de um modo geral, e em particular para as populações de meios mais pequenos, onde o comércio tradicional não consegue, por vários motivos, fazer frente à concorrência dos bazares chineses nem, no que diz respeito à diversidade de produtos, nem aos preços praticados. «Os chineses? Pois é ... Com as lojas, são importantes pois. E eu até os acho simpáticos (...）」 (entrevistado autóctone, feminino, 40 - 49 anos).



O nível de importância atribuído aos brasileiros é justificado pela proximidade linguística «Os brasileiros são simpáticos e falam a mesma língua que nós (...)» (entrevistado autóctone, feminina > 65 anos).

**Quadro 9- Nível de aceitação do outro (média Ponderada)**

ORIGEM	MÉDIA DA IMPORTÂNCIA	NÍVEL DE IMPORTÂNCIA
EUROPEUS (UE)	4,6	5
BRASILEIROS	3,4	3
EUROPEUS DO LESTE	2,5	3
AFRICANOS	2,5	3
CHINESES	2,7	3

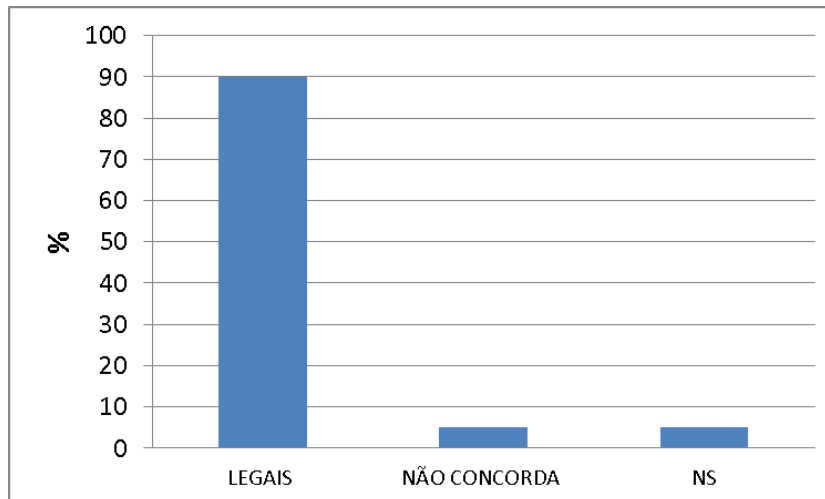
Fonte e tratamento próprio

Procurou-se saber a posição dos entrevistados face à imigração, no geral, e assim, conclui-se que esta população, onde 21,5 % da população são migrantes, aceita de uma forma assumida a vinda do outro, desde que essa entrada seja legal (90%). Uma pequena percentagem, 5% não concorda com a imigração e também 5% não sabe e refere que depende das situações.

A relutância à imigração, neste caso, está muito relacionada com os estereótipos, muitas vezes criados através de notícias veiculadas pela comunicação social, em que os imigrantes surgem associados à criminalidade, mendicidade ou ainda que no país de origem os que imigram eram considerados indesejáveis. Esta opinião foi usada, por alguns dos entrevistados mais idosos, em referência a migrantes que estiveram em Santa Margarida da Serra, na década de 90 do século XX e que agora já partiram, «Os que cá ficaram foram os melhores, aqueles que se entendem connosco, porque estiveram aí alguns que ninguém os queria, nem no país deles... Pagavam-lhes para se virem embora (...)» (entrevistado autóctone, masculino, > 65 anos).



**Gráfico 44- Posicionamento do autóctone face à Imigração**



Fonte e tratamento próprio

### 5.3.1.2 - Cidadania, Direitos e Deveres

Assumindo que cidadania é o exercício dos direitos e deveres civis, políticos e sociais estabelecidos na lei, pensou-se ser relevante perceber como percecionam os autóctones o outro como cidadão. Desta perceção depende a qualidade do relacionamento entre os dois grupos, da noção de que se vive numa sociedade, onde há regras que implicam o cumprimento de deveres e o usufruto de direitos comuns a todos os membros. A capacidade de respeito e cumprimento, dos pressupostos enunciados condiciona fortemente a visão que se tem do outro, o que influencia as interações e os relacionamentos.

Nesta perspetiva procurou-se perceber como são percecionados os direitos e deveres dos migrantes que residem na comunidade. Sobre os direitos dos cidadãos migrantes (Gráfico 45), os autóctones entrevistados consideram, na sua maioria (65%), que estes cidadãos usufruem de mais direitos do que o cidadão português. «Alguma vez nos era permitido viver assim como alguns deles vivem, em montes cedidos... E se não trabalhássemos íamos para a rua» (entrevistado autóctone, masculino, > 65).

Os direitos são iguais para 15% da população entrevistada «Eu acho que os direitos são iguais, somos todos cidadãos europeus, por isso os direitos são iguais»

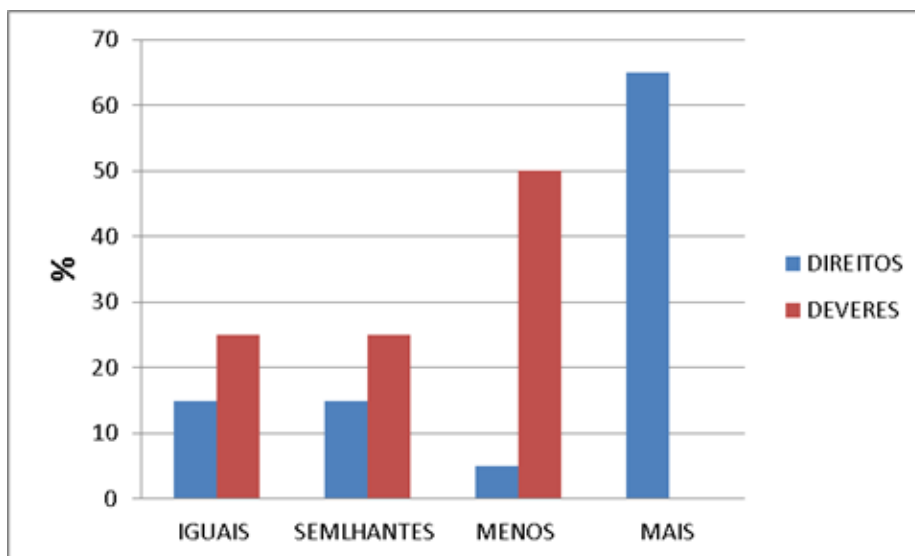


(entrevistado autóctone, feminino, 20-29 anos) . Também para 15% dos entrevistados os migrantes têm direitos semelhantes. Para 5% da população entrevistada os direitos são muito menores.

No que respeita aos deveres, podemos observar que a opinião é alterada e o cidadão migrante tem menos deveres que o cidadão português, conforme nos referem 50% dos autóctones entrevistados «Então alguns nem pagam impostos (...)» (entrevistado autóctone, masculino, > 65 anos). Desta forma 25% considera que os deveres são semelhantes e a mesma percentagem considera que os deveres são iguais.

As opiniões referidas são transversais à idade. Há, na verdade um desconhecimento da lei, mas se tivermos em consideração que estamos perante uma população envelhecida, com um baixo nível de instrução, de um modo geral, e ainda uma população que sempre viveu em Santa Margarida da Serra, e sem experiência migratória, é compreensível a abordagem que fazem ao tema.

Gráfico 45 – Perceção dos Direitos e Deveres do Outro



Fonte e tratamento próprio

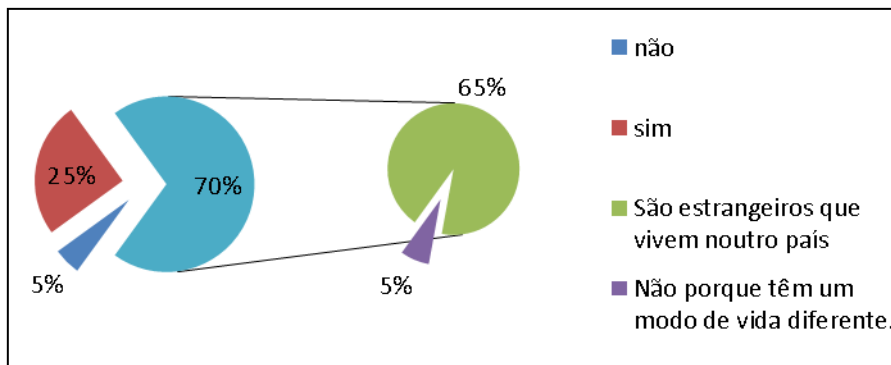
### 5.3.2 - Perceções sobre “Outro”

Observamos que os autóctones, na sua maioria, não consideram os estrangeiros que se alojam em Santa Margarida como imigrantes (Gráfico 46). Na maioria dos casos, foi-nos referido que são estrangeiros que escolheram viver fora do seu país (65%) e também que não são imigrantes porque têm um modo de vida



diferente (5%). Claramente, na opinião dos autóctones entrevistados apenas consideram imigração a deslocação do país de origem para outro, quando o móbil dessa deslocação é económico «Não, eles não são imigrantes. Eles quando vieram para cá tinham muito mais dinheiro que nós. Não precisavam sequer trabalhar. O único que é imigrante é o romeno, esse sim.» (entrevistado autóctone, masculino > 65 anos).

Gráfico 46 – Opinião dos entrevistados sobre a condição do Outro – Imigrantes, ou não?



Fonte e tratamento próprio

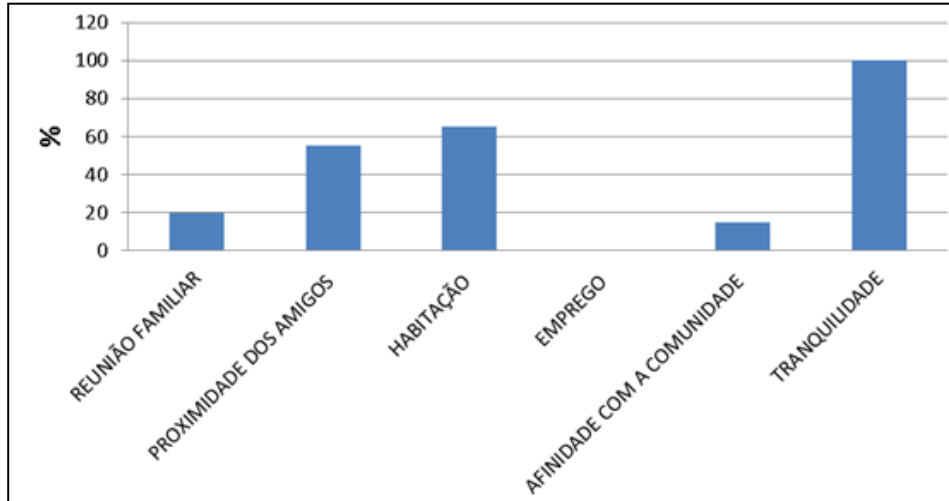
A escolha de Santa Margarida como local de fixação é motivada (Gráfico 47), no entender dos autóctones, pela tranquilidade do sítio, 100% dos entrevistados referiu este aspeto, combinando-o com outro, nomeadamente a existência de habitação de baixo custo (65%) e a proximidade de amigos da mesma nacionalidade (55%). Por fim, podemos observar que com menor importância surge a reunião familiar (20%), porque alguns dos migrantes alemães são da mesma família e não chegaram juntos. A afinidade com a comunidade é referida por 15% dos entrevistados. No entanto, se confrontarmos com as razões de escolha de Santa Margarida da Serra indicadas pelos migrantes, podemos constatar que o ambiente social foi uma das principais razões, havendo mesmo, alguns migrantes que fizeram questão de destacar a importância que a população teve nessa escolha (Gráfico 17, p. 118).

As razões de emprego não recolhem a escolha de nenhum dos entrevistados. «Este sítio era o ideal para eles (alemães) não pagavam habitação e estavam longe dos olhares dos outros, podiam viver como queriam. Os holandeses, esses, já eram diferentes, eram mais “dados”<sup>62</sup>» (entrevistado autóctone, feminino, > 65 anos).

<sup>62</sup> Dados, significa mais sociáveis.



Gráfico 47 - Opinião dos Autóctones entrevistados sobre os motivos que originaram a fixação dos migrantes

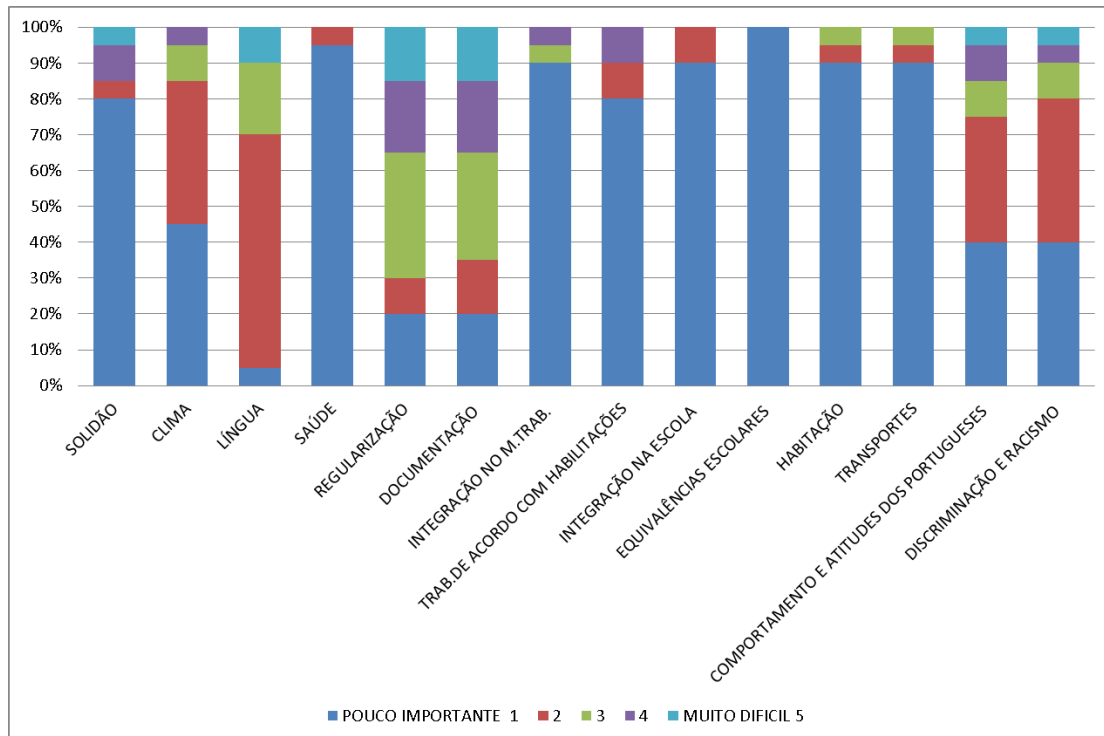


Fonte e tratamento próprio

Quando questionados sobre as dificuldades que, na sua opinião, os migrantes sentiram no momento de chegada a Santa Margarida da Serra (Gráfico 48), os autóctones entrevistados referiram-nos que as maiores dificuldades teriam sido os processos de regularização e de obtenção de documentação «Eles tiveram muitas dificuldades em tratar dos papéis. Alguns, se calhar até nem queriam... Estavam aqui em caravanas, outros viviam lá para os montes (...)» (entrevistado autóctone, masculino, > 65 anos), seguidamente foram apontadas, a língua portuguesa e o comportamento e atitudes dos portugueses que seriam a terceira maior dificuldade sentida pelos migrantes. Fazendo uma comparação com as respostas dadas pelos migrantes, observamos que a língua foi apontada como a maior dificuldade, seguidas pelo clima e o processo de regularização (Gráfico 18, p 122).



Gráfico 48 - Perceção das dificuldades sentidas pelo Outro à sua chegada



Fonte e tratamento próprio

Pareceu-nos pertinente comparar as dificuldades sentidas no momento de chegada pelos migrantes e as dificuldades percecionadas pelos autóctones referentes ao mesmo momento (Quadro 10). Assim, facilmente se percebeu que os autóctones percecionaram níveis diferentes, daqueles que foram efetivamente sentidas pelos migrantes. De um modo geral, podemos observar que os autóctones pensaram que os migrantes teriam sentido menores dificuldades do que na realidade sentiram, mas, no entanto, o reconhecimento das dificuldades não difere significativamente do que nos foi referido pelos alóctones, nos dois grupos a média aritmética da perceção das dificuldades situa-se (por arredondamento) no nível 2.

Os migrantes apontaram a língua portuguesa como o seu maior problema e para os portugueses, essa dificuldade não foi reconhecida com a mesma intensidade que foi sentida pelos migrantes «Eles depressa aprenderam palavras portuguesas, são inteligentes (...) Sempre nos percebemos uns aos outros» (entrevistado autóctone, masculino, > 65 anos). Do mesmo modo, o clima, que se manifestou como um problema para os migrantes, os portugueses não se aperceberam da sua verdadeira dimensão. Os autóctones consideraram que os seus comportamentos e



Migrações, Alteridades e Estilos de Vida. O estudo de caso da aldeia de Santa Margarida da Serra, no concelho de Grândola

atitudes teriam sido mais difíceis de perceber ou, até mesmo, aceitar por parte dos migrantes, mas na realidade tal não se verificou.

**Quadro 10 - Comparação das dificuldades sentidas pelos migrantes e percecionadas pelos autóctones à chegada (média ponderada)**

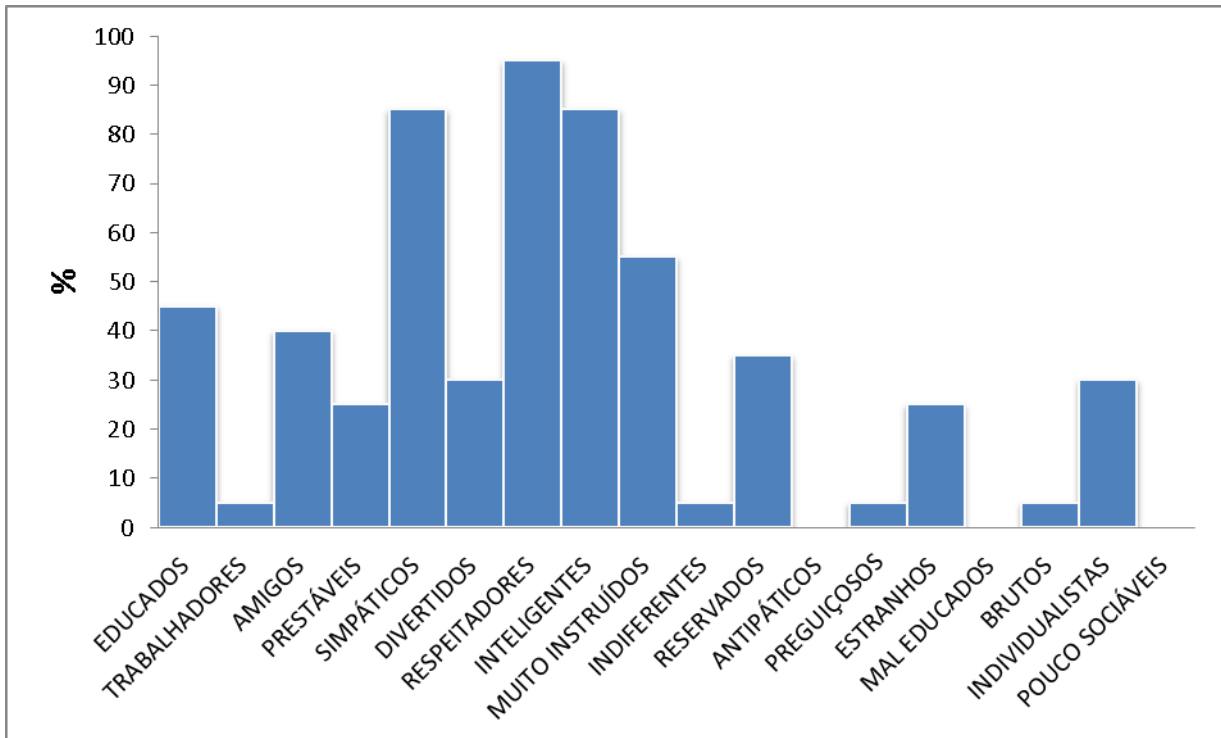
DIFICULDADE	AUTÓCTONES	ALÓCTONES
SOLIDÃO	1,5	1,2
CLIMA	1,8	2,5
LÍNGUA	2,5	3,1
SAÚDE	1,1	1,3
REGULARIZAÇÃO	3,0	2,5
DOCUMENTAÇÃO	3,0	2,3
INTEGRAÇÃO NO MERCADO DE TRABALHO	1,3	1,8
TRABALHO DE ACORDO COM HABILITAÇÕES	1,4	1,6
INTEGRAÇÃO NA ESCOLA	1,1	1,8
EQUIVALÊNCIAS ESCOLARES	1	1,6
HABITAÇÃO	1,2	1,3
TRANSPORTES	1,2	1,4
COMPORTAMENTO E ATITUDES DOS PORTUGUESES	2,1	1,6
DISCRIMINAÇÃO E RACISMO	1,8	1,5
<b>Média aritmética</b>	<b>1,71</b>	<b>1,82</b>

Fonte e tratamento próprio

Solicitámos aos autóctones que seleccionassem algumas características que, na sua opinião, descrevessem a população migrante (Gráfico 49). Verificámos que o outro é visto, em primeiro lugar, como respeitador (95%), seguidamente como inteligente e simpático, ambos com 85% das escolhas. Deste modo, procurando traçar o perfil do outro aos “olhos” da população autóctone entrevistada, podemos dizer que o outro além de ser respeitador, simpático e inteligente é também muito instruído (55%), educado (45%), amigo (40%), reservado (35%), divertido (30%), individualista (30%), prestável (25%) e estranho (25%). Ser trabalhador, bruto, preguiçoso, ou indiferente, não são as suas principais características, embora representem, cada uma das delas, a opinião de 5% da população autóctone entrevistada. O outro não é antipático, mal e educado e pouco sociável, na medida em que estas categorias não foram seleccionadas por nenhum dos entrevistados.



**Gráfico 49 - Caracterização do Outro pelos autóctones**



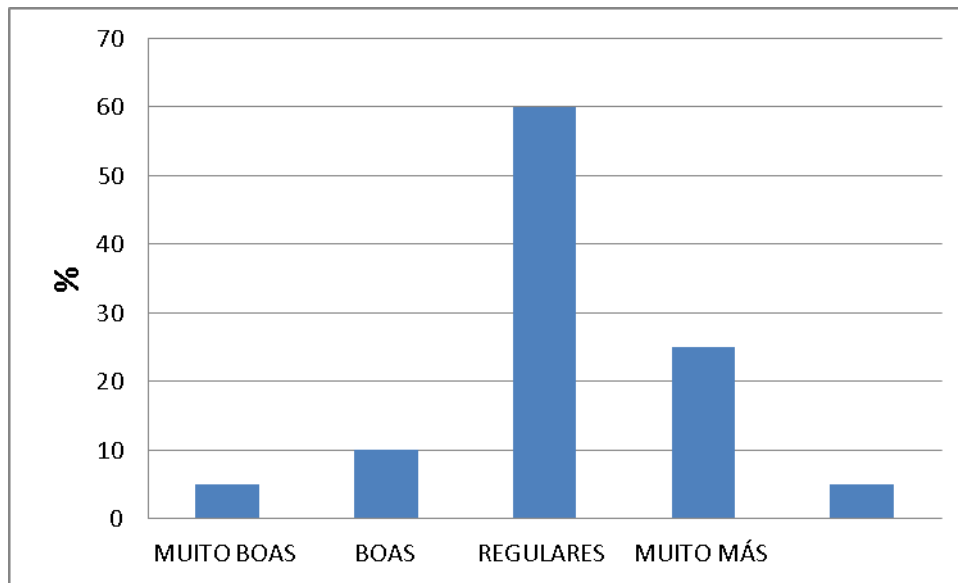
Fonte e tratamento próprio

Na Avaliação das condições de habitabilidade (Gráfico 50), os autóctones evidenciaram alguma dificuldade em fazer generalizações. Aliás, já na caracterização dos migrantes mostraram alguma dificuldade em fazer generalizações, o que realça que poderá haver uma perceção diferenciada que parece ser influenciada pela nacionalidade e pelo local de residência escolhido «Os holandeses, esses vivem bem, os alemães, coitados vivem nos montes... Sei lá as condições que alguns podem ter. Aquilo é tudo velho. Já não era habitado quando eles cá chegaram (...)» (entrevistado autóctone, feminino <65).

A Avaliação divide-se entre regulares (60%), muito más (25%), boas (5%), muito boas (5%) e 5% dos entrevistados mencionaram que desconheciam, porque não era habitual entrar nas casas dos migrantes.



**Gráfico 50 - Avaliação das condições de habitabilidade do Outro**



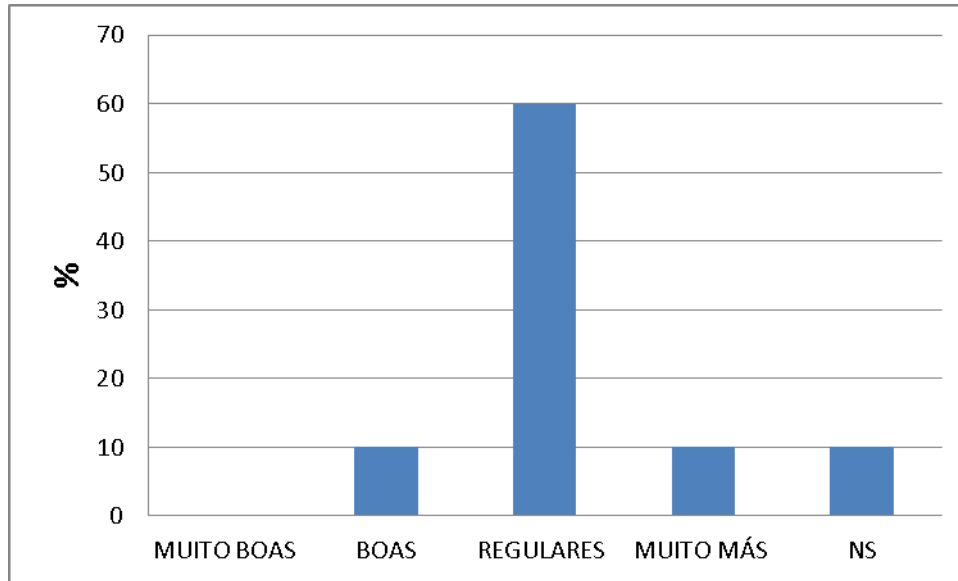
Fonte e tratamento próprio

No que concerne à avaliação das condições de trabalho (Gráfico 51) foi considerada uma questão difícil, a avaliar pelo número de entrevistados que referiram não saber.

Para 60% dos entrevistados, as condições de trabalho são regulares. No entanto, 10% considera que as condições de trabalho são muito más, « *Os que trabalham na agricultura , as condições de trabalho são más, como o são para todos, os que trabalham nesta atividade. Está-se o dia inteiro, ou apanhar o sol quente, o frio, o vento a chuva, a geada . E nos terrenos da serra não é nada fácil. É preciso muito trabalho para retirar qualquer coisa da terra. Mas eles parecem gostar e não se queixam (...)*» (entrevistado autóctone, masculino, >65). O mesmo número de entrevistados (10%) considera que as condições de trabalho são boas « *(...) têm bons trabalhos, não sei muito bem o que fazem , mas acho que uma é professora acho que vai ensinar noutras terras os filhos de outros estrangeiros. Os que a gente vê trabalhar cá, trabalham muito, mas as condições de trabalho são boas*»(entrevistado autóctone, masculino., 40-49 anos). 10% dos entrevistados diz não saber quais as condições de trabalho.



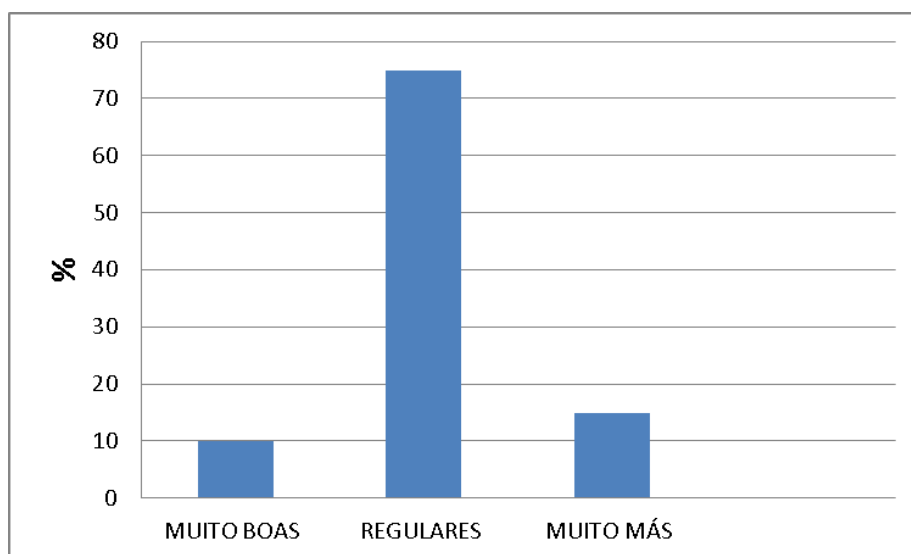
**Gráfico 51- Avaliação das condições de trabalho do Outro**



Fonte e Tratamento próprio

No que concerne às condições de vida (Gráfico 52), os autóctones entrevistados consideram que as condições de vida dos migrantes são regulares (75%), muito más (15%) e muito boas (10%). No entanto, mais uma vez foi perceptível a dificuldade de generalizar as respostas « Isso depende , os holandeses esses têm boas condições de vida, há alemães que também têm, mas também há alguns que têm condições de vida muito más» (entrevistado, autóctone, masculino >65 anos).

**Gráfico 52 - Percepção do autóctone sobre as condições de vida do Outro**



Fonte e tratamento próprio



### 5.3.3 - Interações e relações entre “Nós “ e o “Outro”

Numa comunidade tão pequena , como é Santa Margarida da Serra torna-se muito difícil não haver interação entre os habitantes. Por isso a possibilidade do outro ser completamente indiferente, de não se relacionar com o autóctone é diminuta, a menos que algum dos indivíduos pertencente a qualquer um dos grupos, voluntariamente o pretenda.

Nestas comunidades é habitual cumprimentarem-se as pessoas independentemente de se manter com elas uma relação. Em Santa Margarida da Serra também acontece e os migrantes fazem-no sempre, como se se tratasse de um primeiro requisito para a aceitação.

Depois desta primeira constatação das formas de relacionamento pretendeu-se conhecer como é que efetivamente elas se desenvolvem e concretizam no dia a dia.

Solicitou-se, assim, aos autóctones que caracterizassem o tipo de relação que estabelecem com os migrantes (Gráfico 53). Verificamos que 65% dos entrevistados refere que a relação que mantêm com o outro é essencialmente de vizinhança «São os vizinhos que vivem mais próximo da minha casa, não andamos na casa uns dos outros, mas damos-nos bem (...)» (entrevistado autóctone, feminino, 40-49 anos). «Amigos? Eles são amigos , mas não daqueles amigos, mesmo amigos, que vivem toda a vida conosco, que já nos conhecem desde pequeninos... Agora, é verdade que sinto amizade por eles, mas como também sinto pelos meus outros vizinhos (...)» (entrevistado autóctone, >65 anos ).

No entanto, alguns entrevistados referem que são conhecidos (10%) « Sei quem são (...), cumprimentamo-nos bem (...) eles são educados e simpáticos, mas não posso dizer que temos uma relação, somos conhecidos e não temos razões de queixas... Eu até gosto deles » (entrevistado autóctone, masculino 30-39 anos). A esta ausência de relacionamento não será alheia uma tendência relativamente recente de jovens casais adquirirem casas na zona nova da aldeia, onde vivem , mas que durante o dia estão a trabalhar em Grândola. Nestas circunstâncias o estabelecimento de uma relação torna-se mais difícil.

Para 20% da população entrevistada, os migrantes são considerados amigos «São meus amigos desde os tempos de escola. Hoje em dia, saímos juntos para Grândola, para a feira , para os bares... Para o divertimento. Quando é preciso também os ajudo nas coisas (trabalho) deles, ontem foi até às tantas

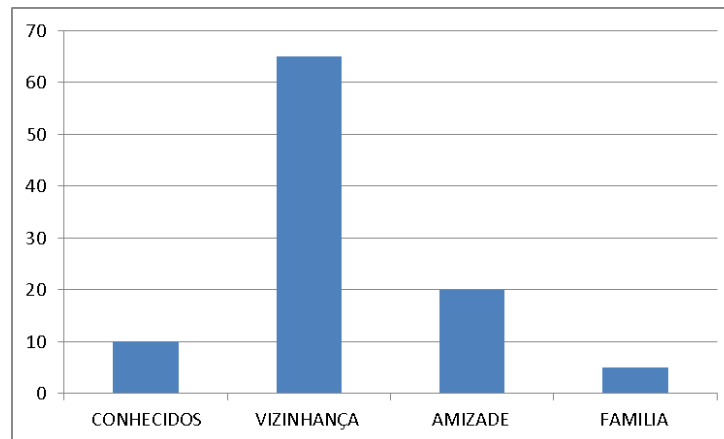


(...)»(entrevistado autóctone, 20-29 anos). É entre os mais jovens que se observa preferencialmente este tipo de relacionamento.

Para 5% da população fazem parte da família « Sou padrinho do filho mais novo (o único que nasceu em Portugal) e que até tem o mesmo nome que eu. Foi assim porque eu fui a primeira pessoa que lhes estendeu a mão quando chegaram» (entrevistado autóctone, masculino, >65 anos) .

Pedi-se, também, aos entrevistados que avaliassem a relação de vizinhança que têm com os migrantes. Essa avaliação foi considerada pela totalidade dos entrevistados como boa.

**Gráfico 53 – Relações entre os autóctones e o Outro**

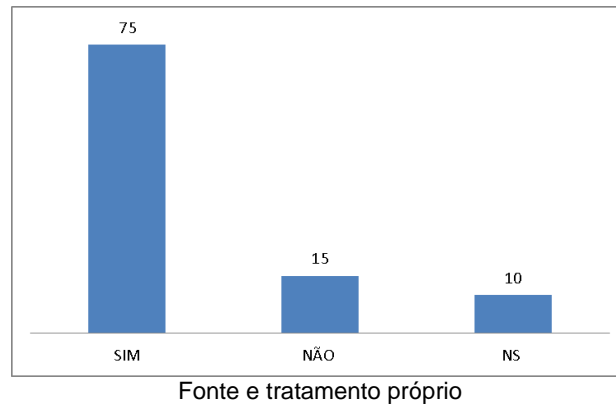


Fonte e tratamento próprio

Perguntou-se também aos entrevistados se, numa situação de emergência recorreriam aos migrantes para conseguirem ajuda (Gráfico 54). Observámos que 75% respondeu, sem hesitação, que pediria ajuda «Claro que pedia ajuda e tenho a certeza que me ajudavam. Aqui, nos meios pequenos, todos se ajudam em caso de uma aflição (...)» (entrevistado autóctone, feminino 40-49 anos). 15 % refere que não pediria ajuda e 10% não sabe o que faria numa situação de emergência. Para estes, dependeria da situação e do migrante. Esta segurança na certeza de que pediria ajuda é bastante significativa das relações que se desenvolvem entre os grupos no seio da comunidade.



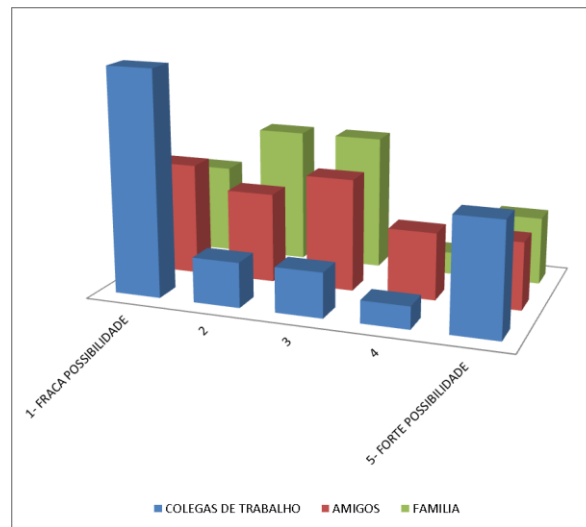
**Gráfico 54 - Possibilidade dos entrevistados Pedirem auxílio ao Outro**



Para compreendermos melhor o grau de aceitação do outro pela comunidade, perguntámos sobre o futuro dos relacionamentos com os migrantes, isto é, a possibilidade de 1 (fraca possibilidade) a 5 (forte possibilidade) de cada um dos entrevistados, vir a ter um determinado relacionamento com o outro (Gráfico 55). Destaca-se que uma clara maioria de entrevistados, sente uma fraca possibilidade de concretização de um relacionamento de colegas de trabalho, no entanto verifica-se que, para alguns, cerca de 25% dos entrevistados admitem essa possibilidade «*Ser colega de trabalho, sim e até já trabalhei. É só uma questão de eles quererem trabalhar para um patrão, todos os dias, como eu faço... Ou algum deles me contratar para trabalhar com ele, o que vai acontecendo de vez em quando (...)*» (entrevistado autóctone, masculino, 30-39 anos). Relativamente a um relacionamento de amizade, a maior possibilidade situa-se no nível 3, o que significa que cerca de 25% dos entrevistados, não exclui essa possibilidade de relacionamento, que aliás (tendo em consideração as médias ponderadas), é a forma de relacionamento melhor posicionada, embora ligeiramente, com 2,8 de possibilidade de relacionamento (Quadro 11). No que concerne a uma futura relação de família, verificamos que mais claramente os entrevistados se posicionam nos níveis 2 e 3, no entanto, 15% sente que há uma forte possibilidade de existir essa forma de relacionamento.



**Gráfico 55 - Possibilidade de relacionamento entre os entrevistados e o Outro**



Fonte e tratamento próprio

Verificamos que os três tipos de relacionamento têm mesma possibilidade de ocorrer. No entanto, o relacionamento com uma maior possibilidade é a amizade e seguidamente a relação familiar «Se a minha filha, ou o meu filho quisessem casar com estrangeiros, não via problema nisso, até gostava...» (entrevistado autóctone, feminino, 40-49 anos). O relacionamento de colegas de trabalho é colocado como uma menor possibilidade de acontecer. Este posicionamento não acontece ao acaso, relaciona-se, por um lado pela forma como alguns dos migrantes perspetivam o trabalho agrícola, a subsistência. Por outro lado, prende-se com as atividades, quando não agrícolas, que desenvolvem que necessitam de conhecimentos muito específicos que não fazem parte dos conhecimentos dos entrevistados. Por fim, muitos destes já estão reformados, por isso referiram não ver essa possibilidade no futuro.

**Quadro 11 - Possibilidade de relacionamento entre o autóctone e o Outro (média ponderada)**

RELACIONAMENTO	MÉDIA DE POSSIBILIDADE	GRAU DE POSSIBILIDADE
COLEGA DE TRABALHO	2,5	3
AMIGO	2,8	3
FAMÍLIA	2,7	3

Fonte e tratamento próprio



### 5.3.4- Perceções na perspetiva do outro

O indivíduo imigrante apenas se poderá considerar integrado a partir do momento em que é aceite pela sociedade de acolhimento e participe nos seus respetivos mecanismos sociais.

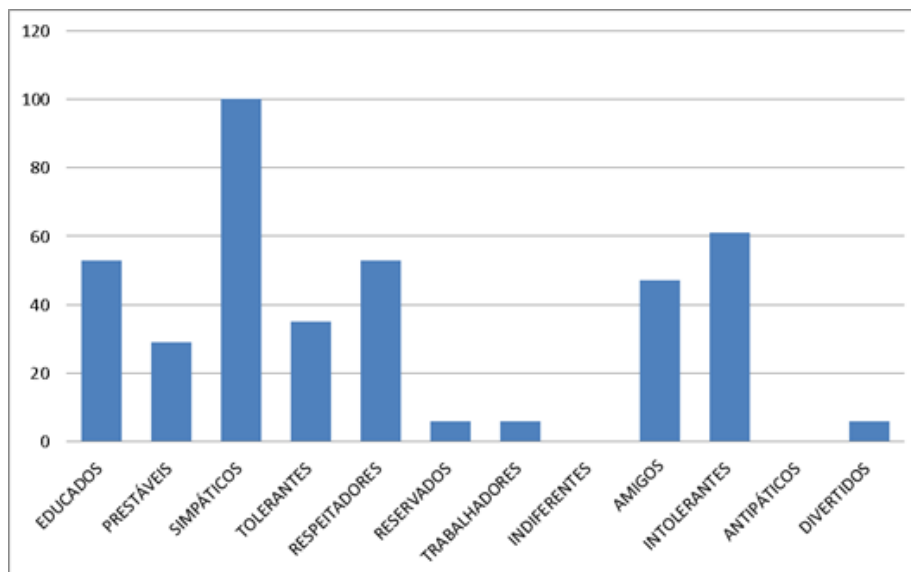
Neste ponto começaremos por mostrar como é visto o autóctone na perspetiva do migrante: As principais características; As relações que desenvolve com ele.

#### 5.3.4.1 – Representação social do autóctone

Procurou-se conhecer a representação social do autóctone aos “olhos” dos migrantes (Gráfico 56).

Para os migrantes a principal característica é a simpatia, que foi mencionada pela totalidade dos entrevistados. Pode-se também observar que o autóctone é intolerante (61%), no entanto, também é considerado tolerante por 35% da população entrevistada, o que não deixa de ser interessante, pois se relacionarmos a escolha desta característica com o género dos respondentes, apercebemo-nos que a intolerância é mais sentida pelo género feminino e também pelos mais novos. O autóctone também é considerado respeitador e educado (53%), amigo (47%), prestável (29%), trabalhador, divertido e reservado na perceção de 6% da população migrante entrevistada. O autóctone não é indiferente, nem antipático na perceção que os migrantes têm dele.

Gráfico 56 - Caracterização do autóctone pelos migrantes entrevistados



Fonte e tratamento próprio.

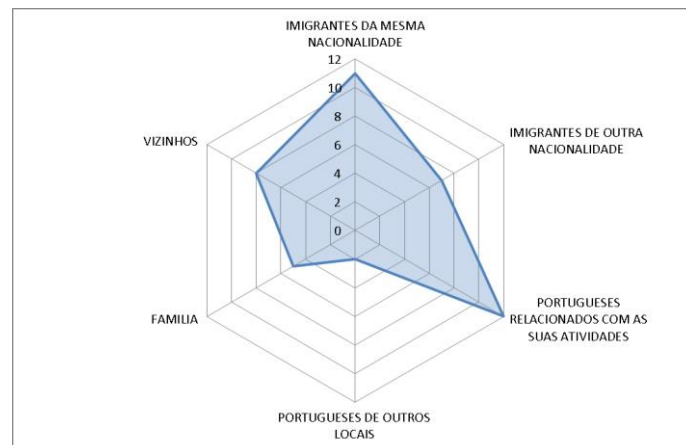


### 5.3.4.2 – Rede de relacionamentos e de apoios

Relativamente aos amigos que os migrantes têm em Portugal, a maioria dos migrantes referem maioritariamente que os seus amigos em Portugal são portugueses que conheceram em consequência das suas atividades quotidianas (27%). Em segundo lugar os migrantes referem que os seus amigos em Portugal são os migrantes da mesma nacionalidade (24%). Os vizinhos ocupam também um lugar de destaque na resposta a esta questão (18%). Os migrantes de outra nacionalidade (16%) surgem com uma percentagem superior à família (11%). Também é importante referir que, segundo as respostas a esta pergunta, os migrantes que entrevistámos não têm muitas relações de amizade fora da comunidade, na medida em que apenas 4% dos entrevistados menciona esta categoria.

Os relacionamentos mais próximos desenvolvem-se dentro da própria comunidade acolhedora.

Gráfico 57- Amigos dos migrantes entrevistados em Portugal



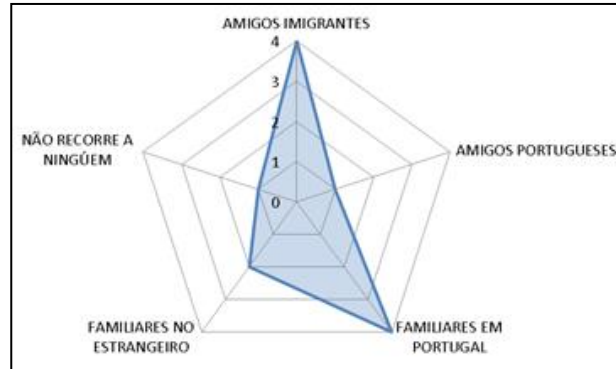
Fonte e tratamento próprio

Numa situação de emergência, os migrantes recorriam em primeiro lugar, quer a migrantes (34%), quer à família que está em Portugal (33%). Segue-se a família no estrangeiro e por último os migrantes recorriam aos amigos portugueses (8%) «Se for um problema muito grande só a família, ou os amigos da mesma nacionalidade podem ajudar, porque nos conhecem melhor e compreendem as nossas necessidades» (entrevistado migrante, feminino, 60-64 anos).

É de notar que também 8% dos entrevistados referem que não recorrem a ninguém, procuram resolver as dificuldades por si próprios.



**Gráfico 58 - Numa situação de Emergência a quem recorrem os migrantes entrevistados**

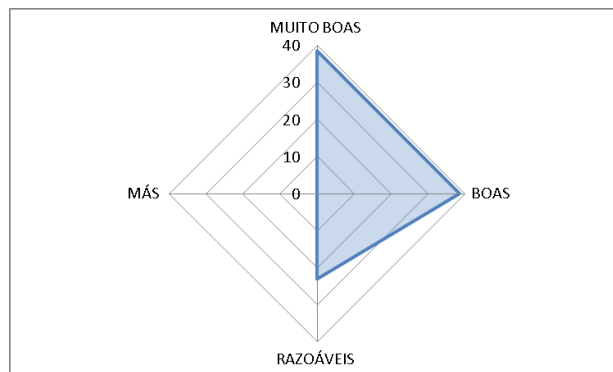


Fonte e tratamento próprio

Relativamente às relações que os migrantes têm com os vizinhos portugueses (Gráfico 59), observamos que a maioria dos migrantes entrevistados considera-as muito boas (39%) ou boas (38%). Para 23% dos entrevistados essa relação é caracterizada como razoável. De referir que os portugueses classificaram, na totalidade dos casos, as suas relações com os vizinhos boas.

Tendo em consideração a importância das relações de vizinhança para integração dos migrantes, pode-se constatar que essa relação é estimulada pelos dois grupos, ambos reconhecendo que essa relação se traduz em laços de solidariedade, ligados à entajuda, contribuindo para um aumento efetivo da segurança, quer física, no sentido em que há alguém por perto, quer emocional, no sentido de que há quem que nos apoia «Não tenho vizinhos portugueses muito próximo de casa. Os mais próximos estão a uns 15 minutos da minha casa, mas dou-me muito bem com eles e sempre que precisam eu ajudo (...)» (entrevistado migrante, masculino 50-59 anos).

**Gráfico 59 - Relações dos migrantes com os vizinhos portugueses**



Fonte e tratamento próprio



### 5.3.5 – Participação na Comunidade de Acolhimento

No dicionário, podemos verificar que **participação** pode ter diversos significados, como: comunicar, tomar parte (em); intervir (em), compartilhar (de) fazer parte integrante (de), ter qualidades comuns (a); ser parte (de), associar-se pelo pensamento ou sentimento (a) fazer queixa (de); denunciar<sup>63</sup>. Podemos então referir que em sentido amplo o termo participação refere-se à adesão dos indivíduos na organização da sociedade.

A participação nos eventos e festas promovidos pela comunidade acolhedora (Gráfico 60) é muito importante revelando que o indivíduo faz parte de uma comunidade. Esta participação também é importante para o desenvolvimento das interações, sendo um local, por excelência onde se desenvolvem as sociabilidades. No entanto, pode-se observar que a maioria dos migrantes entrevistados participa raramente (61%), que só 31% participa sempre «Vou a todas as festas. Aqui há tão poucas... É preciso ir (...)» (entrevistado migrante, masculino, > 65 anos) e que 8% participa algumas vezes.

Percebeu-se que este elevado número de raramente participantes nos eventos e festas, deve-se, primeiro, à exiguidade de eventos, ou festas, segundo, à natureza dos eventos e festas.

Os eventos que mais se realizam são as matinés dançantes, promovidas pelo Centro de Dia da Associação Flor da Serra, o que não atrai os migrantes «O que vou eu fazer para a matiné? (...)» (entrevistado migrante, masculino, 50-59 anos).

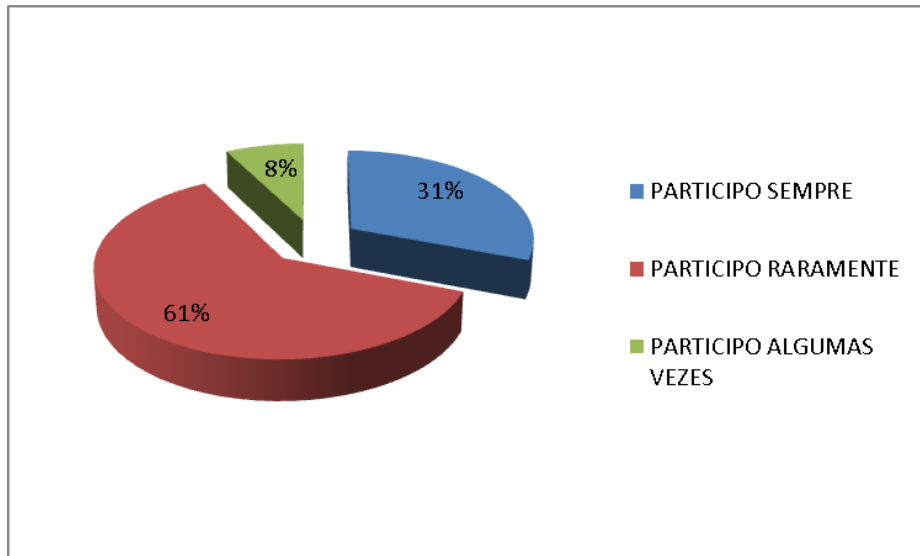
A feira não existiu durante muitos anos. Recentemente realizaram-se duas edições da feira e em 2013 realizou-se, em vez da feira, a Festa da Serra (como já foi referido no capítulo IV). Nestas festas alguns migrantes participaram para vender os seus produtos. «O presidente da junta convidou-me para mostrar e vender o mel (...)» (entrevistado migrante, masculino, 50-59 anos).

---

<sup>63</sup> Participar in Dicionário da Língua Portuguesa com Acordo Ortográfico [em linha]. Porto: Porto Editora, 2003-2015. [consult. 2015-02-18]. Disponível na Internet: <http://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/participar>



**Gráfico 60 - Participação dos migrantes entrevistados nos eventos da comunidade acolhedora**



Fonte e tratamento próprio

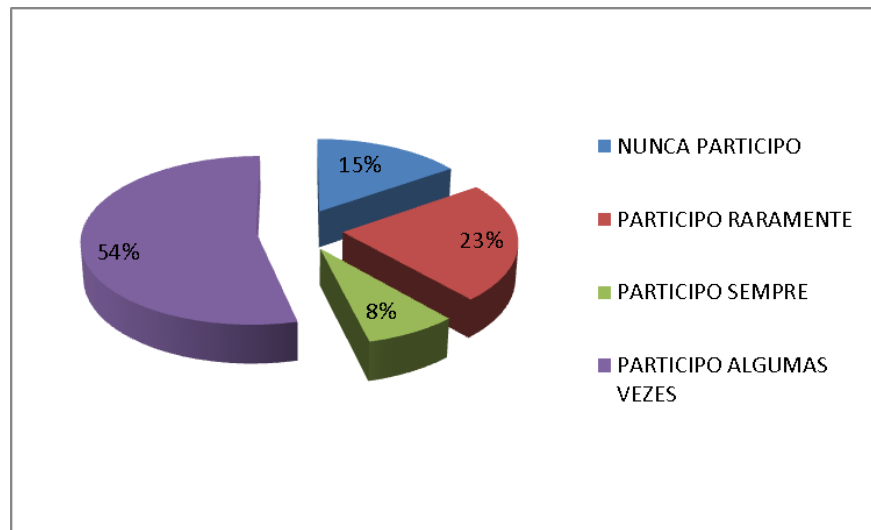
As festas realizadas com a organização da comunidade de migrantes, segundo o que nos foi dito, foram as festas da lua cheia, ou da fogueira, como também lhe chamaram, e o “bar de música ao vivo ” do Café Triunfo. Esta última com muito êxito junto da população migrante.

Atualmente são poucos, ou nenhuns os eventos e festas promovidos pela comunidade migrante (Gráfico 61). Verifica-se, assim, que a maioria dos entrevistados participa, ou participava algumas vezes (54%) que 23% raramente participa, ou participou, 15 % nunca participa, ou participou e 8% participa sempre.

A rara participação em eventos e festas, não significa que os migrantes estejam isolados da vida da comunidade, antes pelo contrário, significa que se comportam como a população autóctone, com liberdade de escolher os eventos onde desejam participar, consoante o seu gosto pessoal.



**Gráfico 61 - Participação dos migrantes entrevistados nos eventos da comunidade migrante**



Fonte e tratamento próprio

A cidadania europeia possibilita certos direitos e privilégios no seio da União Europeia; em muitas áreas os cidadãos europeus têm os mesmos ou similares direitos que os cidadãos nacionais de um Estado-membro.

Assim sendo, o migrante, enquanto cidadão europeu, goza de um conjunto de direitos e deveres. Entre os quais surge o direito e o dever políticos de votar e ser votado às eleições locais e europeias em qualquer Estado-membro sob as mesmas condições que os nacionais do Estado em que reside.

A participação política, sobretudo a nível local, é entendida como um direito porque o indivíduo tem o direito de exprimir as suas escolhas políticas e é um dever porque exprimindo as suas escolhas políticas vai contribuir, de uma forma consciente, no que crê ser benéfico para a comunidade onde constrói a sua vida.

A participação política, que não é obrigatória, nem sequer para os cidadãos portugueses, exige que cada cidadão se encontre recenseado. Para os portugueses o recenseamento é, desde 2008, automático. Para os cidadãos da União Europeia, residentes em Portugal, esse processo, que não é obrigatório devido ao regime de voluntariedade de que gozam, como previsto na lei, carece de uma inscrição junto das comissões recenseadoras, ou do Serviço de Estrangeiros e Fronteiras.

Pelo exposto anteriormente, a participação política pode ser reveladora da inserção dos migrantes na comunidade acolhedora. Deste modo, verificou-se que os

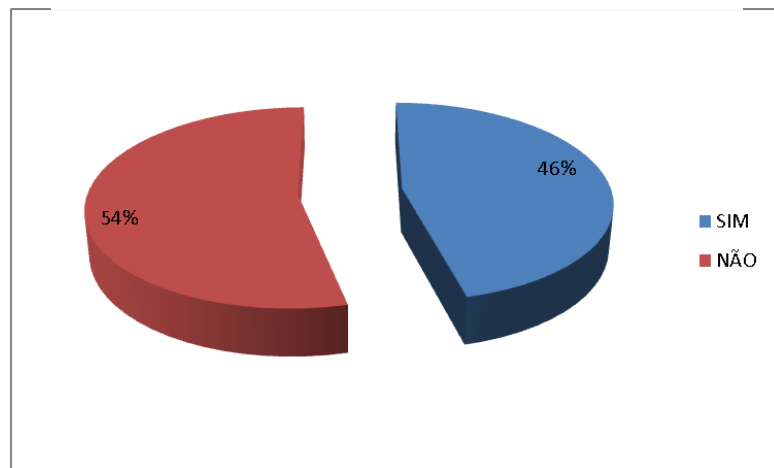


Migrações, Alteridades e Estilos de Vida. O estudo de caso da aldeia de Santa Margarida da Serra, no concelho de Grândola

migrantes entrevistados legalmente residentes em Portugal estão inscritos nos cadernos eleitorais.

Quando questionados sobre este tema referem que participam 46% dos entrevistados «Participo sempre, é muito importante... Acho que nunca falhei (...)» entrevistado migrante, masculino, > 65 anos), enquanto 54% não participa. As razões apontadas para a não participação não diferem muito das justificações dos portugueses que também não participam, ou seja uma descrença no sistema político atual «Não voto, porque o meu voto não ia alterar nada (...) Sim sei que é um direito que tenho, mas também é um direito que tenho, o não votar...» (entrevistado migrante, masculino, 50-59 anos).

**Gráfico 62 - Participação política dos migrantes entrevistados**



Fonte e tratamento próprio

### 5.3.6 - Atividades de Tempos livres

No dia-a-dia, as principais atividades praticadas nos tempos livres (Gráfico 63) são desenvolvidas com o grupo de amigos da mesma nacionalidade (24%). Nestas atividades podemos incluir, segundo nos foi dito, a conversa, a meditação, a idas aos cafés. No que concerne às conversas, muitas vezes estas têm um papel para além do trivial, são quase fóruns de discussão e aconselhamento. Quando surge algum problema, ou acontecimento que gere desconforto, tristeza, ou alegria num dos migrantes há a necessidade de partilhar essa informação com o grupo «Quero contar o que se passou ao grupo para que eles saibam.» (entrevistado migrante, masculino, 50-59 anos).

Relativamente à meditação, alguns elementos do grupo encontram-se semanalmente, às quartas-feiras, por volta das 11 horas da manhã, junto à residência dos migrantes que promoveram esta atividade.



Migrações, Alteridades e Estilos de Vida. O estudo de caso da aldeia de Santa Margarida da Serra, no concelho de Grândola

As idas ao café fazem parte do processo de integração na comunidade, embora estejam juntos enquanto grupo, partilham o mesmo espaço e os mesmos hábitos que os autóctones. No dia-a-dia é frequente encontrarmos grupos de migrantes ao final da tarde nos cafés da aldeia. Este é um hábito também dos habitantes locais, sobretudo, dos indivíduos do sexo masculino que se juntam depois do trabalho. Embora os migrantes estejam agrupados entre si verifica-se que há interação entre os migrantes e os autóctones que entre comentários e algumas brincadeiras vão pagando “rodadas” de bebida uns aos outros.

Verificamos que a leitura também é uma atividade muito apreciada (20%). Os livros, muitas vezes são partilhados entre os migrantes «Por vezes vou a casa do Singo que é a minha biblioteca (...) (entrevistado migrante, masculino, 50-59 anos). Estas atividades são mencionadas, sobretudo, nos estratos etários superiores que também apreciam as caminhadas e passeios pela serra.

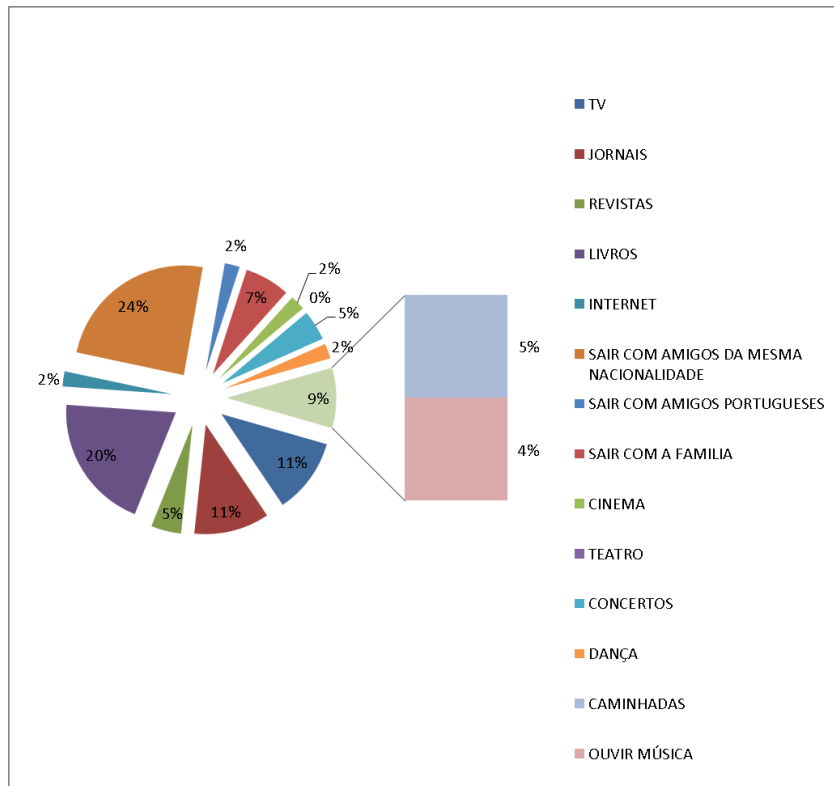
Entre os jovens, as atividades de tempos livres diferem, a internet e a TV, ouvir música, são as atividades mais habituais.

Os mais jovens repartem os seus tempos livres entre Grândola e Santa Margarida da Serra, pelo contrário os mais velhos passam a maior parte do tempo em Santa Margarida e raramente saem do concelho para assistirem a um espetáculo ou uma saída noturna.

Os mais jovens têm, de um modo geral, as mesmas atividades de tempos livres que os jovens portugueses da mesma idade.



**Gráfico 63 - Atividades de tempos livres**



Fonte e tratamento próprio

#### **5.4 - Relações Institucionais**

O acesso aos bens sociais, designadamente à educação, à saúde, à segurança social e à ação social, é indicador fundamental na análise da integração e inclusão social dos imigrantes, na medida que permite avaliar o acesso destes bens, hoje generalizadamente considerados como elementos básicos e constituintes da própria cidadania. Por outro lado permite-nos também perceber as tendências das políticas públicas face a esta população. Desta forma, achou-se pertinente o estudo dos serviços mais utilizados pela população.

Perguntou-se aos entrevistados quais os serviços que conheciam e a que recorriam em Grândola (Gráfico 64). Foram assinaladas três situações, o conhecimento, o inquerido sabe da existência do serviço, mas não o utiliza; o não assinalamento (NA) que significa que o entrevistado não conhece a existência do serviço em questão, e por fim assinalou-se o recurso, quando o serviço é utilizado pelo entrevistado. Podemos verificar que os serviços mais acedidos são a Junta de Freguesia de Santa Margarida (100%) que é utilizada para fins também de informação



Migrações, Alteridades e Estilos de Vida. O estudo de caso da aldeia de Santa Margarida da Serra, no concelho de Grândola

e aconselhamento, para além das suas funções. É também lá que alguns dos entrevistados recebem as suas encomendas de correio, dado que não é possível colocá-las na caixa dos apartados de correio que muitos dos entrevistados fazem uso, ou porque o acesso aos locais de residência é muito difícil. A Junta de Freguesia é também o único local público, onde é possível aceder à internet e, por isso, alguns dos entrevistados dirigem-se também a este espaço para utilizar a internet, ou como forma de procura de informação, ou, mais frequentemente, como forma de contacto com parentes que se encontram longe. Destacam-se ainda os transportes, os bancos e o Centro de Saúde, todos com uma utilização de 95%.

Na situação de não utilização destaca-se os serviços de polícia que foram apenas utilizados por 41% dos migrantes e na maior parte das vezes o recurso a este serviço esteve relacionado com o processo de legalização e documentação. É um serviço a que os entrevistados, de um modo geral, não gostam de recorrer, embora a avaliação que fazem deste serviço, não seja má «Ir à polícia é mau é sempre sinal de que alguma coisa correu mal. O bom é não precisar deles perto da casa» (entrevistado migrante, masculino, > 65 anos).

Também de salientar que há um maior número de entrevistados a não recorrer (53%) aos serviços do IEFP. Situação que confirma a diferença quanto aos objetivos do projeto migratório dos entrevistados. Ainda em relação a este serviço podemos verificar que 12 % dos entrevistados desconhecem a existência deste serviço.

O serviço de saúde público (Centro de Saúde) foi utilizado pela quase totalidade dos entrevistados, apenas cerca de 5% nunca utilizaram este serviço. Os serviços públicos de saúde foram utilizados para situações não muito graves para a maioria dos utentes, como nos referiram, para situações casuais. Verifica-se, no entanto, o recurso a formas de medicina alternativas, como por exemplo, a acupuntura. Podemos referir que os 5% dos entrevistados que não utilizam o serviço público de saúde utilizam as medicinas alternativas que são privadas «*Não gosto de medicinas... Uma vez sentia muitas dores na barriga e estava muito mal disposto, já ia a pé em direção ao Centro de Saúde de Grândola quando as dores passaram, voltei logo para casa e agradei a Deus ter evitado que fosse aos médicos que me iam encher de químicos. A acupuntura trata-nos de uma forma boa, sem químicos, faz bem ao corpo.*» (entrevistado migrante, masculino 50-59 anos). Os migrantes que recorrem, ou já recorreram ao serviço nacional de saúde podem também recorrer, ou já recorreram, a formas de medicinas alternativas. Neste caso, a seu recurso varia com a patologia verificada.

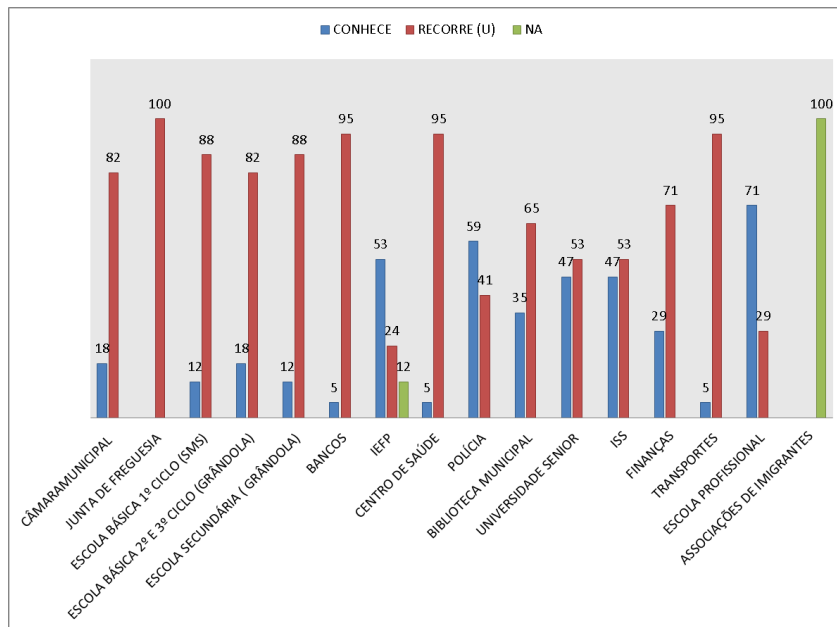


Migrações, Alteridades e Estilos de Vida. O estudo de caso da aldeia de Santa Margarida da Serra, no concelho de Grândola

Relativamente à educação observamos que quase todos os níveis de educação foram utilizados pelos entrevistados migrantes.

É também importante assinalar que 100% dos entrevistados desconhece a existência de alguma Associação de imigrantes em Grândola, embora exista uma Associação implementada pelos migrantes de nacionalidades brasileira, cuja atuação é pouco visível. Esta associação, Associação Luso Brasileira do Alentejo Litoral, existe legalmente desde fevereiro de 2011. Estatutariamente dirige-se aos indivíduos de nacionalidade portuguesa, brasileira e ainda aos indivíduos provenientes da CPLP. No entanto, esta é uma questão que poderá ser alterada, se houver adesão de indivíduos de outras nacionalidades.

**Gráfico 64 - Recurso dos entrevistados aos serviços no concelho de Grândola**

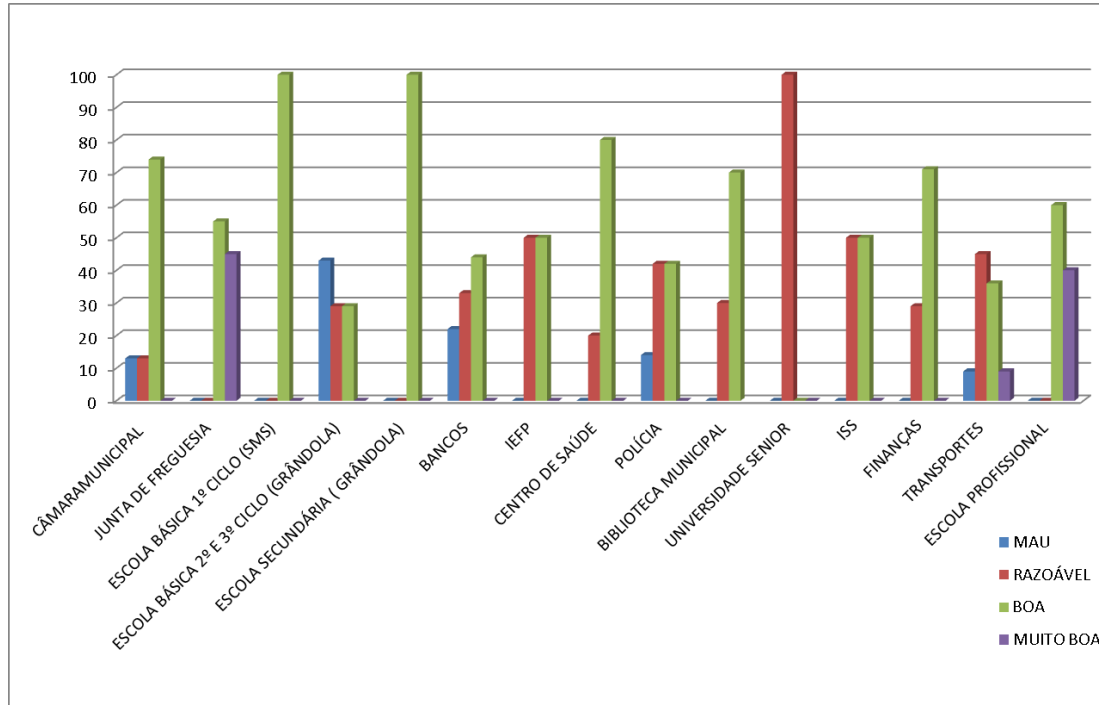


Fonte e tratamento próprio

Quanto à avaliação que os entrevistados fazem dos serviços que utilizam em Grândola (Gráfico 65), verificamos que, de um modo geral, todos os serviços são avaliados maioritariamente com bom. Destacam-se a Universidade Sénior que é o único serviço avaliado como razoável por todos os entrevistados que a ela recorreram. A Escola Básica de 1º ciclo de Santa Margarida da Serra (43%), a Escola Profissional de Desenvolvimento Rural (40%) e os transportes públicos (8%) mereceram por parte de alguns entrevistados a classificação de muito bom. A Escola Básica de 2º e 3º ciclo é o serviço que merece por parte de 40% dos entrevistados a classificação de mau.



**Gráfico 65 - Avaliação dos serviços utilizados em Grândola pelos entrevistados**



Fonte e tratamento próprio

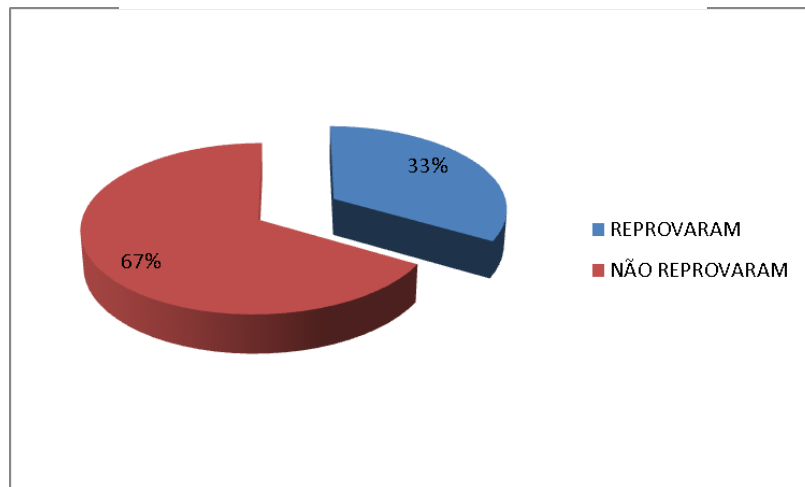
A escola é um local privilegiado para a integração pelo contacto com os autóctones, mas também pela aprendizagem de diversos conteúdos que refletem a realidade nacional, bem como pela aprendizagem da língua portuguesa. Assim, procurou-se, por um lado, caracterizar o percurso escolar dos filhos dos migrantes e, por outro lado, conhecer o envolvimento dos pais entrevistados no processo educativo dos seus filhos.

Quanto ao sucesso escolar podemos observar que 67% dos filhos dos entrevistados nunca reprovaram (Gráfico 66). Relativamente aos que reprovaram, os motivos apontados relacionam-se com o desinteresse que sentiam pela escola, o que originava dificuldades de aprendizagem. Nenhum dos entrevistados apontou razões que se relacionassem com o sistema educativo. Na maioria dos casos, as crianças filhas dos migrantes iniciaram o seu percurso escolar e nos primeiros anos de escolaridade não se registaram muitos problemas. Sendo os filhos dos migrantes considerados, quer pela professora do 1º ciclo que os acompanhou em Santa Margarida da Serra, quer pelos seus colegas de turma, como bons alunos, com uma boa capacidade de aprendizagem. No entanto, e admitindo que, se já é mais difícil o



sucesso escolar para as crianças das aldeias que para se deslocarem para a escola necessitam de transportes públicos, mais seria para algumas destas crianças filhas de migrantes que viviam nos montes afastados da aldeia, «Era difícil no inverno... As crianças tinham de se levantar muito cedo e andar mais de meia hora a pé para apanhar o autocarro para Grândola. Era duro ...» (entrevistado migrante, masculino, > 65 anos).

Gráfico 66 - Sucesso escolar dos filhos dos imigrantes



Fonte e tratamento próprio

Também muito importante, são as relações que se estabelecem no espaço escolar (Gráfico 67). Assim pode-se observar que a avaliação das relações destas crianças com os professores, distribui-se maioritariamente, e em valor igual (30%) pelos níveis razoável, bom e muito bom. No entanto, 10 % dos entrevistados classificam essa relação como má.

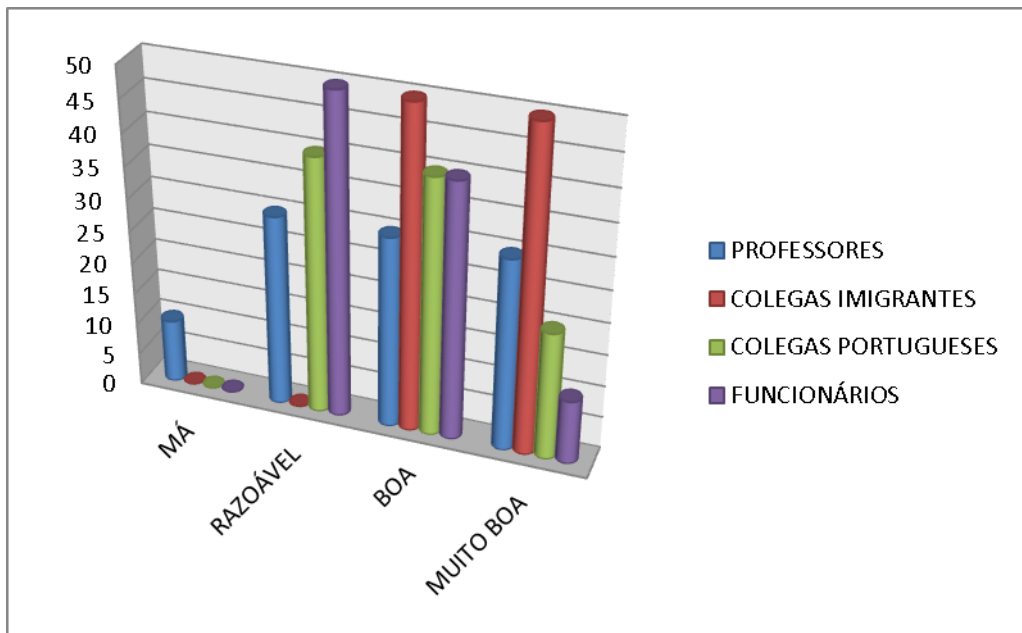
A relação com os colegas imigrantes é maioritariamente classificada com bom (50%) e muito bom (50%), enquanto com os colegas portugueses 40% refere a relação como razoável e 40% classifica-a com bom e 20% alega que essa relação é muito boa. De notar que nenhum dos entrevistados classifica esta relação como má.

No que se refere à relação com os funcionários verificamos que para 50 % é razoável e para 40% é boa e 10% refere mesmo que essa relação é muito boa.

Nenhum dos entrevistados fez parte, durante o percurso escolar dos filhos, de uma Associação de Encarregados de Educação e todos referem que iam à escola quando, por algum motivo, eram convocados.



Gráfico 67 - Interrelações desenvolvidas na escola



Fonte e tratamento próprio

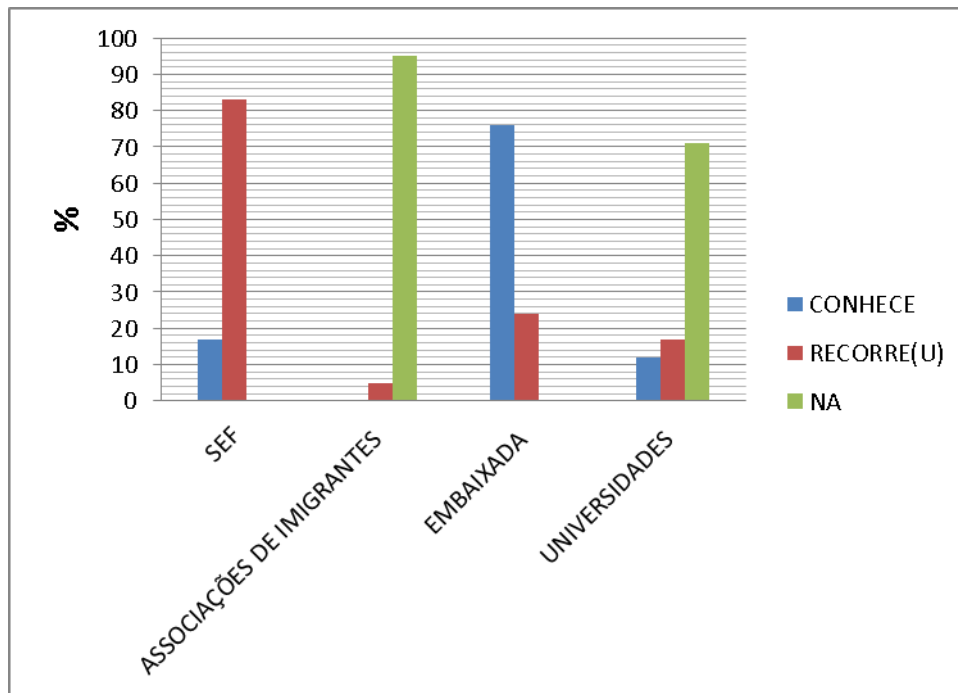
Os serviços que os migrantes mais utilizam fora do concelho (Gráfico 68), são o Serviço de Estrangeiros e Fronteiras (83%), as Embaixadas (24%) e por último as Universidades (17%). As Associações de Imigrantes apenas são assinaladas como recurso para cerca de 6% dos entrevistados. Utilizou-se a mesma nomenclatura da questão relativa à utilização dos serviços em Grândola.

Em Portugal, a vida destes migrantes é quase exclusivamente vivida no concelho de Grândola, as saídas para fora do concelho estão relacionadas com os aspetos burocráticos, regularização da sua estada e da sua documentação.

O recurso às universidades é feito tanto para efeitos de frequência de uma licenciatura, de pós-graduações e também de mestrado. A utilização das universidades não é exclusiva aos filhos dos migrantes. Também encontramos migrantes de 1ª geração a utilizá-las. As universidades mencionadas foram as de Évora e do Minho e os cursos referidos situam-se na área da saúde, agricultura e cultura.



Gráfico 68 - Recurso dos entrevistados aos serviços fora do concelho de Grândola



Fonte e tratamento próprio

Quanto à avaliação feita pelos migrantes entrevistados que recorreram a estes serviços (Gráfico 69), podemos constatar que a totalidade dos migrantes que recorreu às universidades avalia este serviço como razoável. As justificações apresentadas relacionam-se quase sempre com os aspetos burocráticos e em alguns casos, embora em número, quase irrelevante, com aspetos relacionados com a forma de atendimento e relacionamento.

Relativamente à avaliação das Associações de Imigrantes foi considerada boa e os serviços do SEF e Embaixadas, não mereceram consenso por parte dos entrevistados. Verificando-se que no caso do SEF para 13% dos entrevistados o serviço é mau, para 50% é razoável e para 37% é bom.

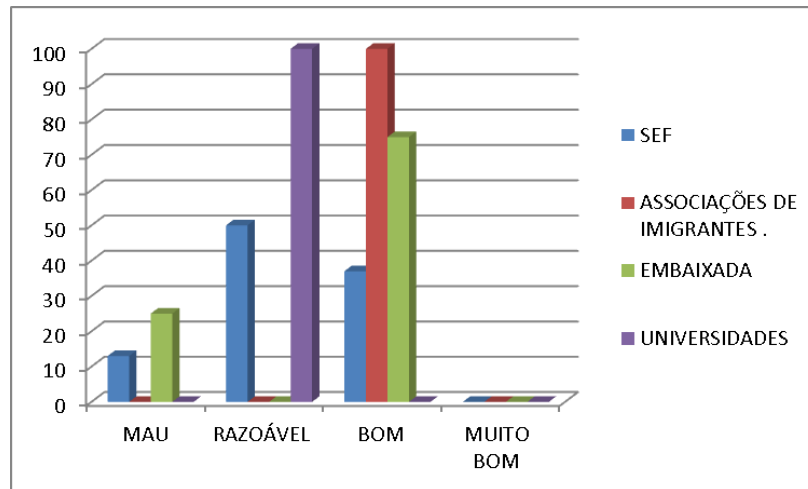
No que concerne aos serviços prestados pelas Embaixadas, para 25% dos entrevistados são maus e são considerados bons para 75% dos entrevistados.

Os resultados desta avaliação não são condicionados pela nacionalidade dos entrevistados, excetua-se a avaliação às Associações de Imigrantes que é totalmente influenciada pela nacionalidade dos migrantes.



Migrações, Alteridades e Estilos de Vida. O estudo de caso da aldeia de Santa Margarida da Serra, no concelho de Grândola

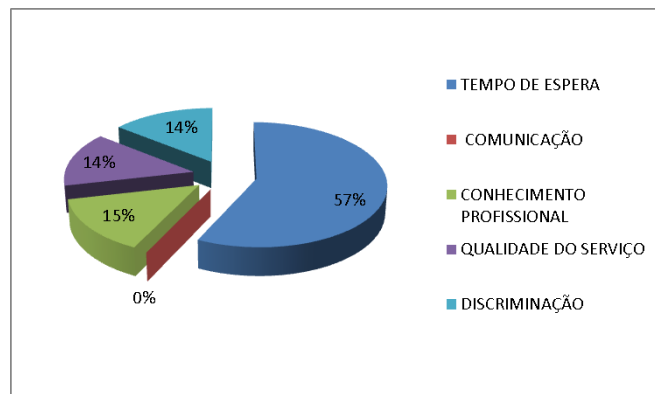
**Gráfico 69 - Avaliação dos entrevistados aos serviços fora de Grândola**



Fonte e tratamento próprio

As dificuldades sentidas pelos migrantes (Gráfico70), relacionam-se, sobretudo, com o tempo de espera que se verifica nos serviços públicos (57%). No entanto, alguns entrevistados referem ainda os conhecimentos profissionais (15%) «Foi muito difícil tratar dos papeis para mudar a residência. O funcionário parecia não saber do que estava a tratar, primeiro dizia uma coisa, depois já era outra...» (entrevistado migrante, masculino, 60-64 anos). A qualidade dos serviços e a discriminação foram também mencionadas, ambas por 14% dos entrevistados. As dificuldades sentidas pelos migrantes não são diferentes daquelas que a população portuguesa sente.

**Gráfico 70 - Dificuldades sentidas pelos entrevistados no recurso aos serviços portugueses**



Fonte e tratamentos próprio

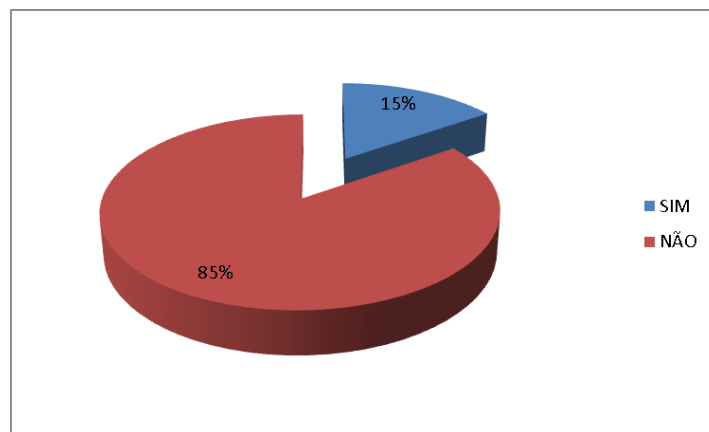


Migrações, Alteridades e Estilos de Vida. O estudo de caso da aldeia de Santa Margarida da Serra, no concelho de Grândola

A discriminação é muito importante para compreender a capacidade de aceitação do outro. Neste trabalho já observámos que, ao nível da comunidade acolhedora, os migrantes entrevistados não sentiram muito a discriminação, mas a questão continua a ser pertinente, quando se ultrapassa o nível local. Será que estes migrantes sentem-se discriminados? (Gráfico 71).

Quando a questão é colocada diretamente, 15% dos entrevistados assume já se ter sentido discriminado. Sentem-se discriminados, algumas vezes os mais jovens, e as mulheres, sendo referidas algumas situações pontuais. Mas, de um modo geral, os migrantes entrevistados não se sentem vítimas de discriminação, elogiando até os portugueses, que caracterizam, de um modo geral, como atenciosos, prestáveis e respeitadores.

**Gráfico 71 - Discriminação sentida pelo migrante**



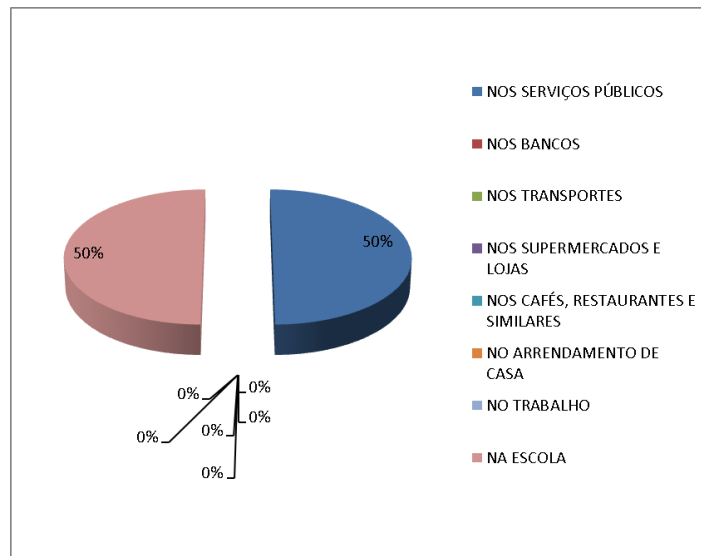
Fonte e tratamento próprio

A maioria dos migrantes nunca se sentiu discriminada (Gráfico 72). Quando essa situação acontece (15%) reporta-se, por norma, à forma de atendimento, nos serviços públicos e ao grupo de pares na escola.

Nos estratos etários superiores a situação de discriminação está muito associada ao género feminino, nos mais jovens não se pode fazer essa associação.



**Gráfico 72 - Locais onde o migrante se sentiu discriminado**



Fonte e tratamento próprio

Verifica-se que ao nível das relações estabelecidas entre os migrantes e as instituições há uma relação diferente, quer se trate de uma instituição de carácter local, regional ou nacional.

A Junta de Freguesia é a instituição a que todos recorrem mais frequentemente, sendo esta definida como uma aliada na resolução de todos os problemas.

No que se refere às instituições que funcionam na sede de concelho são utilizadas, quando necessário, por exemplo, o Centro de Saúde, a Câmara Municipal. Acerca do funcionamento destas instituições as críticas são, em tudo semelhantes às de qualquer habitante autóctone, normalmente prendem-se com o tempo e número de impressos necessários para solucionar algum problema, num caso e noutro, infundáveis.

Relativamente às Instituições de carácter nacional, surge o SEF, como instituição privilegiada, no entanto, as relações não são as melhores possíveis, porque a resolução dos problemas não é tão urgente como seria desejado. A forma de tratamento também não é a melhor e mais uma vez, surge o volume de impressos a preencher e documentos a apresentar necessários à resolução de um problema. Por vezes, as soluções apresentadas nem sempre são as corretas, o que acarreta um novo acesso ao serviço.



Migrações, Alteridades e Estilos de Vida. O estudo de caso da aldeia de Santa Margarida da Serra, no concelho de Grândola

## ***5.5 - A Comunicação Social e as Representações Mediáticas dos Migrantes***

Os media têm um importante papel na construção de representações, no geral, e, neste contexto, sobre os imigrantes e as minorias étnicas residentes em Portugal.

Nos dois cafés da aldeia, a TV está quase sempre desligada, a taberna nem sequer tem televisão, mas nem por isso, o serviço de Televisão tem menos importância na comunidade. Ao contrário de algumas décadas atrás, em que as pessoas se juntavam nos cafés para assistirem às emissões televisivas, agora, graças ao desenvolvimento tecnológico, o televisor já faz parte da mobília dos lares.

A razão que justifica que os televisores estejam desligados é, como nos foi dito, porque os clientes quando frequentam aquele espaço, fazem-no para conversar e não para assistirem a programas de TV, já que é em casa que assistem aos programas que gostam de ver.

Também não é habitual encontrar jornais nos cafés. A imprensa escrita não terá tanta importância para esta população autóctone devido às suas fracas habilitações literárias.

De notar também que em nenhum dos estabelecimentos existem rádios. Encontramos na imprensa nacional algumas referências aos migrantes de Santa Margarida da Serra.

Tomamos como referência quatro peças; três são peças televisivas e uma da imprensa escrita nacional. Procurámos saber qual o contributo destas para a representação social deste grupo de migrantes. Verificámos que os artigos televisivos foram vistos por quase todos os autóctones. Do grupo dos migrantes, nem todos o viram. O artigo do jornal foi também mencionado por todos, neste caso, também todos os migrantes o conheciam, ou já tinham ouvido falar dele,

Utilizámos como modelo de análise, a forma, o conteúdo e o discurso (Ferin e Santos, 2008).

### **5.5.1- Imprensa escrita**

No que concerne à imprensa escrita, antes da análise torna-se importante fazer notar que a peça foi publicada numa edição de um domingo de verão, onde por



Migrações, Alteridades e Estilos de Vida. O estudo de caso da aldeia de Santa Margarida da Serra, no concelho de Grândola

norma, os jornais têm um maior número de leitores. No período de 2005/2006 o Correio da Manhã é o jornal que mais peças dedica ao tema (Ferin e Santos, 2008).

O artigo intitulado, “Grândola Vila Loira”, foi publicado em 20 de agosto, de 2006, na Revista Domingo, do Correio da Manhã<sup>64</sup>. É capa dessa edição da Revista, com uma foto que a ocupa. O desenvolvimento encontra-se nas páginas interiores, ocupa uma página. A foto mostra um casal alemão que foi entrevistado.

O tema insere-se, em nosso entender, nas condições sociais, mas facilmente pode ser entendido como transgressão social. São apresentados diversos depoimentos dos estrangeiros residentes em Santa Margarida da Serra.

Os depoimentos estão identificados com a identidade (nome, idade, género, ocupação e nacionalidade) do interlocutor. Relativamente à situação jurídica, a peça não é específica e pode até induzir o leitor em erro, crendo este que todos os migrantes de Santa Margarida da Serra estão em situação ilegal, como se pode verificar no excerto que se segue, «Gente que, apesar das tentativas, nunca consegue visto de residência. “Queriam dinheiro por fora mas eu não tinha para lhes dar.”».

As questões abordadas são a sua forma de vida, as razões de estada, a sua perceção da população autóctone, as suas sociabilidades e a perceção do seu futuro.

Na peça é ainda feita uma alusão aos movimentos contraculturais, no sentido de esclarecer o leitor sobre quem são os protagonistas da reportagem. No final é apresentado o depoimento do presidente da Junta de Freguesia, à data, sobre esse grupo de migrantes e a sua importância para a comunidade de Santa Margarida da Serra.

No que concerne ao discurso podemos observar que a narrativa utilizada é irónica, como se pode observar no lead, « (...)O presidente da junta de freguesia de Santa Margarida da Serra não os vê com bons olhos: “são porcos e drogados”, afirma à Domingo.». No decurso da peça, observamos mais evidências da ironia «São holandeses e não se misturam com os alemães. Ou melhor, misturam-se mais com os animais e com as plantas do que com as pessoas» e também «*Não se considera hippie. “Sou uma artesã que vive da sua profissão e não de uma ideologia. Gosto do que faço, gosto de trabalhar, não vivo nessa de flores, paz, amor ou felicidade. Não tenho nada a ver com isso. O meu caminho é diferente”. Pode até ser. Mas ninguém diria.*». Ou ainda «(...) afirma, bengala pousada na motorizada, humor à flor da pele,

---

<sup>64</sup> <http://www.cmjornal.xl.pt/domingo/detalhe/grandola-vila-loira.html> (consultado em maio de 2012)



monólogo fluido». Estes excertos retratam, no nosso entender, a ironia presente na narrativa.

O tom transmitido através da peça é, em nosso entender, negativo, como se está ilustrado nos excertos seguintes: «Na aldeia há quem goste de Arnold mas também há os que não lhe perdoam o facto de fumar marijuana (...) Fuma desde os 30 anos. (...) A polícia apanhou-o com o charro na boca. “Uma vez vieram aqui umas 30 pessoas da bófia. Levaram-me preso». «*O presidente da Junta de Freguesia de Santa Margarida da Serra diz que os hippies não passam de bêbados e drogados. (...) Vieram porque tínhamos cá febras assadas e vinho. Não enchiam a barriga há mais de 15 dias. (...) “Eles e elas, tudo bêbado. Alguns nem visto de permanência têm. Não dão qualquer lucro à freguesia, não trabalham, nada (...) Aí há dois rendimentos. O da droga, que vendem e o subsídio mensal que a Alemanha paga às mulheres que têm filhos. São solteiras e sobrevivem à custa disso. O que é certo, é que não têm civilização nem sabem dar civilização aos filhos. Não trouxeram vantagens para a gente.»*

A voz associada aos atores e presente nesta peça é o presidente da Junta de Freguesia que no seu testemunho utiliza sempre a primeira pessoa do plural, passando a ideia de que esta é a opinião da comunidade.

Quadro 12 – Síntese da análise da notícia do Correio da Manhã

Forma		Conteúdo	Discurso
Data		Tema	Tom
20 /8/2006		Condições de vida	Negativo
Secção		Atores	Argumentação
Revista		Comunidade hippie de Santa Margarida da Serra	Narrativa irónica
Tipo de Peça		Nacionalidade-	Vozes
Reportagem		alemã e holandesa	Presidente da Junta de Freguesia.
Espaço ocupado		Género – masculino e feminino	
Capa e 1 página interior		Ocupações- serralheiro, informático, artesã e sem ocupação.	
Foto	Espaço Ocupado	Situação jurídica: alude, mas não explicita (pode até conduzir a erro)	
Sim	Página / Capa		

Tratamento próprio



No cômputo geral, este artigo contribui para uma representação negativa deste grupo de migrantes, da comunidade autóctone e também dos seus representantes políticos. A reportagem é quase na sua totalidade a reprodução de excertos dos testemunhos recolhidos, a poucas intervenções do autor da notícia não são explicativas, usando, mesmo uma narrativa pouco assertiva, no nosso entender. Como podemos ver no excerto seguinte: «“poder abrir uma oficina de serralharia sem ser mestre na profissão”». Esta afirmação, mesmo colocando a possibilidade de ter sido proferida pelo ator, carecia de alguma explicação, porque apresentada desta forma pode originar no leitor a ideia de que o ferreiro não tem qualificações para exercer a sua profissão.

Procurando construir a imagem do estrangeiro a partir da informação enunciada na peça, este seria, um consumidor de drogas, já preso por diversas vezes, pelas autoridades policiais, ilegal, hippie, mas sem o assumir. Sem qualificações para exercer a atividade a que se dedica. Pouco sociável, prefere estar próximo dos animais e plantas, do que das pessoas. E a comunidade, representada pelo poder local, olha-os como uns “porcos”, bêbedos e esfomeados.

Há contudo dois aspetos que consideramos positivos, o primeiro que revela a vontade de ser aceite, a vontade de se integrar de um dos atores da peça «“ (...) Agora, como dizem os alentejanos, são tempos de condor; com dor aqui, com dor ali”. (...) “As pessoas quiseram saber se eu era boa pessoa e trabalhador. Tive que aprender a tirar cortiça dos sobreiros ao lado deles. Muito duro. Até cortei os cabelos para parecer mais português.” “Os portugueses dão tudo, desde que se lhes peça.”» O segundo aspeto revela respeito pelos estrangeiros retratados na peça «Há quem admire a coragem e o despojamento de gente como Arnold. Gente que se desvincula da sociedade para viver num mundo em que não é preciso quase nada para sobreviver.».

As imagens que nos chegam sobre o outro, imigrante e minoria, através dos vários *media*, contribuem para a reformulação das nossas opiniões e representações sobre o outro (Macedo, 2012, p 180). E considerando que existe na nossa sociedade uma iliteracia mediática - não há, por parte do público, o desenvolvimento da capacidade de desconstrução de determinados estereótipos sociais que são veiculados pelos *media* (cf Macedo, 2012) - esta peça poderá facilmente conduzir à representação negativa sobre o outro.



Migrações, Alteridades e Estilos de Vida. O estudo de caso da aldeia de Santa Margarida da Serra, no concelho de Grândola

Esta notícia teve um grande impacto na comunidade, sendo do conhecimento de todos os entrevistados, migrantes e portugueses que mencionaram que foi uma notícia infeliz e que não foi bem aceite pela comunidade «O senhor Filipe não estava bem e coitado, já morreu (...)» (entrevistada autóctone, feminina > 65 anos), «A hora da conversa com o jornalista não foi a melhor (...)» (entrevistado migrante, masculino, <65 anos).

### **5.5.2 - Imprensa televisiva**

No que se refere à televisão tomamos como referência de análise 3 peças televisivas, uma da RTP1, outra da SIC, e a terceira da RTP2.

A análise que apresentamos é uma análise conjunta das três peças e a ordem de apresentação deve-se ao critério cronológico das suas transmissões.

#### **5.5.2.1 - RTP1**

No que concerne à RTP 1, quanto à forma, a peça teve a duração de 4 minutos, foi transmitida no dia, 1 de outubro de 2009, quinta-feira, às 8 horas e 30 minutos, na rubrica “País”, do programa matinal “ Bom dia Portugal”. Nessa altura assinalavam-se os 25 anos do 25 de abril de 1974 e por essa razão, esta rubrica destacava acontecimentos, terras ou factos que estivessem relacionados com a data assinalada. Deste modo, surgem Grândola e Santa Margarida da Serra, onde também, na altura, e talvez por isso, uma das candidatas à junta de Freguesia era uma cidadã de origem estrangeira. É neste contexto que surge o ferreiro alemão de Santa Margarida da Serra, título da peça. Pode ser enquadrada no género reportagem.

Quanto ao conteúdo e começando pelo tema, no nosso entender, inclui-se na categoria sociografias, embora, na peça seja recorrentemente aludida a questão da integração na comunidade. Integração feita também através do trabalho, pelas suas capacidades empreendedoras, o que é reconhecido por todos os populares que são voz na peça. No entanto, ao longo da peça, não são feitas referências às políticas inclusivas, mas sim, à vida, ao trabalho, aos tempos livres do ferreiro.

Os atores passivos são em primeiro lugar a aldeia de Santa Margarida da Serra, em segundo lugar, os habitantes de Santa Margarida da Serra que têm sotaque alemão, sendo o ferreiro, o ator ativo que também é a voz principal. As vozes secundárias nesta peça são os populares que sustentam a tese defendida pelos



Migrações, Alteridades e Estilos de Vida. O estudo de caso da aldeia de Santa Margarida da Serra, no concelho de Grândola

autores da reportagem, o reconhecimento do ferreiro e consequente integração na comunidade.

Quanto ao discurso, observamos que o seu tom é positivo, no que respeita ao enquadramento é factual e argumentação é assertiva.

A introdução à reportagem, no programa foi feita do seguinte modo:

«Centenas de alemães e holandeses fixaram-se no Alentejo nos anos oitenta. Muitos não pensam regressar, como é o caso de um ferreiro alemão que vive na aldeia de Santa Margarida da Serra, em Grândola.» (RTP 1, 2009).

### 5.5.2.2 - SIC

Podemos referir que a peça do canal SIC<sup>65</sup> relativamente à forma, teve a duração de 14 minutos e 43 segundos, passou nos ecrãs entre as 20 horas e 55m, e as 21 horas e 10 minutos, no dia 27 de novembro de 2010, sábado, tendo sido essa mesma peça disponibilizada online, no dia 29 de novembro do mesmo ano. Intitulada, “SIC reencontrou comunidade estrangeira”, transmitida na rubrica, na altura, integrante do Jornal da Noite, “Perdidos e Achados”. O objetivo dessa rubrica, hoje programa, segundo informação retirada do site da SIC, é recuperar e atualizar histórias, pessoas e locais que foram notícia e de que nunca mais se ouviu falar. Podemos também dizer que se trata de uma reportagem.

Quanto ao conteúdo, no que diz respeito ao tema é, na nossa opinião, a sociografia, mais especificamente as condições de vida (habitação, integração na comunidade, sociabilidades intra grupo e extra grupo), e no que diz respeito à 2ª geração são focados os temas, integração na escola e perspetivas futuras. Os atores são as famílias alemãs instaladas em Santa Margarida da Serra. Assim sendo, os atores estão caracterizados, pela nacionalidade, pelo género, pela idade. Não é feita referência à situação jurídica e são indicadas as ocupações de alguns migrantes. Os migrantes são atores ativos, na medida em que a peça é inteiramente sobre eles e são também eles as vozes principais, uma vez que são os protagonistas que emitem o seu testemunho pessoal são vozes secundárias elementos da população e o presidente da junta de freguesia, à data.

---

<sup>65</sup> <http://sicnoticias.sapo.pt/programas/perdidosachados/2010-11-29-sic-reencontrou-comunidade-estrangeira-em-santa-margarida-da-serra1>



Migrações, Alteridades e Estilos de Vida. O estudo de caso da aldeia de Santa Margarida da Serra, no concelho de Grândola

Relativamente ao discurso, na nossa opinião, este insere-se num tom neutro, onde se procura fazer uma descrição dos factos, por esse motivo podemos referir que o seu enquadramento é factual e a argumentação é assertiva, verifica-se a utilização de enunciados fundados na descrição da ação ou acontecimento, onde o enunciador procura distanciar-se do facto relatado (Ferin e Santos, 2008, p 99).

De salientar que esta reportagem se desenvolve em diversos contextos (escola, aldeia, monte do açude, jardim e cafés e escola secundária em Grândola).

Outro facto importante é que na peça são referidas duas outras vistas à aldeia, com o mesmo propósito, uma em 1995 e outra em 2002. Embora as visitas anteriores sejam retratadas em excertos curtos, podemos facilmente perceber as mudanças ocorridas, por exemplo, no número de migrantes e também na opinião dos populares. Também é possível observar aspetos gerais do percurso de vida e do percurso escolar de alguns atores.

Em 1995 a reportagem mostrou testemunhos de populares que manifestaram uma opinião negativa sobre a presença dos migrantes. Em 2010, recorreu-se apenas aos testemunhos de dois populares que apenas referiram a sua “tristeza” face ao encerramento da escola básica de Santa Margarida, relacionando-o com o desaparecimento das crianças na aldeia. Recorreu-se também ao testemunho da proprietária de um dos cafés da aldeia que refere as diferenças culturais, mas explica que essas não interferem no bom relacionamento entre os autóctones e os migrantes. Um outro testemunho é o do presidente da Junta de Freguesia que refere os benefícios dos alóctones na demografia daquele território.

Nesta peça, podemos assim, ter uma perspetiva evolutiva de um fenómeno, que inicialmente foi visto com desconfiança, por parte da comunidade acolhedora, mas que com o passar dos anos acabou por ser aceite. Essa perspetiva evolutiva procura mostrar também as dificuldades do processo de integração na comunidade, conduzindo este processo a uma perspetivação do futuro em torno do permanecer ou regressar ao país de origem.

### **5.5.2.3 - RTP2**

Relativamente à terceira e última peça televisiva, foi transmitida pela RTP2, a 26 de agosto de 2012, domingo à noite, teve a duração de 54 minutos, o tipo de peça



Migrações, Alteridades e Estilos de Vida. O estudo de caso da aldeia de Santa Margarida da Serra, no concelho de Grândola

é um documentário, realizado por Neni Glock<sup>66</sup>, intitulado “ Hamburg – Alentejo “ e não está disponível *online*.

Quanto ao conteúdo, o seu tema é sociográfico, procura retratar a vida de um grupo de pessoas que deixaram a Alemanha, por causa do acidente nuclear de Chernobyl. Os atores são um alemão que vive num camião transformado em autocaravana que tem um estilo de vida nómada e que está ligado por laços de amizade a um grupo de alemães que se fixou em Santa Margarida da Serra. Embora, o primeiro indivíduo seja a figura central e por isso ator ativo, o grupo de alemães também o é, na medida em que são contadas, na primeira pessoa, as suas histórias de vida. Neste documentário são identificados os autores, pela nacionalidade, género e ocupação. A situação jurídica é omissa. As vozes são os atores.

Relativamente ao discurso, o tom utilizado é positivo, o enquadramento, no nosso entender, é épico, pela forma como são contados os factos. No que concerne à argumentação, neste caso e porque o enunciador / narrador/ emissor é o próprio ator, não há, e nem podia haver, um distanciamento dos factos, aliás há um posicionamento em relação ao tema abordado, expressando os seus sentimentos e as suas impressões pessoais, No nosso entender estamos na presença de uma narrativa emotiva ou expressiva (cf Jakobson, s.d).

Na página da RTP pode ler-se a sinopse do documentário:

*«O acidente atómico em Chernobil na Ucrânia, em 1986, além das perdas humanas transformou a vida de milhares de pessoas, também nos países vizinhos como a Alemanha.*

*Muitos foram os que deixaram as suas terras com receio dos ventos e chuvas radioativas e foram em busca de novos ares.*

*O sul de Portugal foi o local de eleição de uma pequena comunidade de alemães, em sua maioria amantes da filosofia hippie, que há 26 anos ali se estabeleceram e onde criaram seus filhos, longe das grandes cidades, em liberdade e em harmonia com a natureza.*

*Hoje, com orgulho, sentem-se filhos do Alentejo.»*

(RTP, <http://www.rtp.pt/programa/tv/p29359>)

Este documentário, à semelhança, da peça da SIC, também se desenrola em diversos contextos espaciais, onde se movem os migrantes, desde as casas dos

---

<sup>66</sup> Produtor e realizador de documentários de autor de nacionalidade brasileira que viveu e trabalhou em Portugal entre 1990 e 2012.



Migrações, Alteridades e Estilos de Vida. O estudo de caso da aldeia de Santa Margarida da Serra, no concelho de Grândola

protagonistas, fontes, hortas, cafés frequentados, na aldeia e em Grândola, bem como os supermercados, também em Grândola.

Ao contrário das peças anteriores, em que o outro é visto sob “olhar” da comunidade acolhedora, nesta peça fílmica, o outro é visto sob o seu próprio “olhar”. É quase que uma reflexão sobre o seu projeto migratório.

Pareceram-nos também importantes as declarações que o autor do documentário fez sobre as motivações que estiveram na origem da realização da obra.

*Este documentário tem uma história que o procede, bem interessante. Conheci à beira do rio Tejo, em Lisboa, um alemão nômade, Wolfgang. Ele vivia em antigo caminhão restaurado por ele e transformado em sua casa. Assemelhava-se a um ônibus tatuado. Tão bem feito, por dentro e por fora, que o fotografei para uma revista de decoração de interiores.*

*Levou-me a conhecer uma comunidade de alemães hippies, que fugidos das possíveis chuvas radioativas do incidente de Chernobil, na Ucrânia, se mudaram para Portugal, no Alentejo. Alguns foram para Santa Margarida da Serra. Fiz uma reportagem para uma revista e algumas visitas posteriores com meu amigo Wolfi que anualmente nos visita por algumas semanas.*

*Cinco anos se passaram sem ter notícias dele. Um pouco antes de eu deixar Portugal, e voltar ao Brasil, apresentei o documentário para uma televisão e fui ver se ainda era possível a realização, porque as pessoas poderiam não lembrar de mim. Fiz isto pensando que o ideal era ter o Wolfi como personagem central. Assim que cheguei no pequeno povoado, lá estava, como uma miragem o ônibus tatuado, parado no mesmo lugar como se ali sempre estivera. Depois foi deixar fluir. É um documentário de 2012<sup>67</sup>*

Em síntese podemos dizer que nas peças televisivas apresentadas, são veiculadas imagens positivas.

Na imprensa escrita, a notícia analisada pode conduzir a uma representação negativa dos migrantes, mesmo havendo fatores positivos na notícia, há um reforço dos aspetos negativos.

É também pertinente realçar que alguns dos migrantes que são atores nas peças, têm uma grande percepção da importância do meio mediático para a sua integração no meio, evidenciando uma grande disponibilidade de colaboração com os *media*.

---

<sup>67</sup> <http://www.cinemaskope.com/galeria-teix-exibe-documentario-hamburg-alentejo/>



Migrações, Alteridades e Estilos de Vida. O estudo de caso da aldeia de Santa Margarida da Serra, no concelho de Grândola

Quadro 13- Síntese da análise das peças televisivas

Peça	Forma	Conteúdos	Discursos
<b>O ferreiro alemão de Santa Margarida da Serra (RTP1)</b>	<b>Duração:</b> 4 minutos	<b>Tema:</b> Sociografias	<b>Tom:</b> Positivo
	<b>Proeminência:</b> Programa Matinal		
	<b>Tipo de Peça</b>	<b>Atores</b>	<b>Enquadramento</b>
	Reportagem	<b>Ativo:</b> - O Ferreiro <b>Passivos:</b> A aldeia de Santa Margarida e os habitantes com sotaque alemão	Factual
		<b>Identities:</b> Nacionalidade, o género, a ocupação. A situação jurídica está implícita	
	<b>Vozes:</b>	<b>Narrativa</b>	
	<b>Principal:</b> - O ferreiro <b>Secundárias</b> - Os populares	Assertiva	
<b>SIC reencontrou comunidade estrangeira</b>	<b>Duração</b>	<b>Tema</b>	<b>Tom</b>
	14 minutos e 43 segundos	Sociografias	Neutro
	Jornal da Noite	<b>Atores</b>	<b>Enquadramento</b>
		As famílias alemãs instaladas em Santa Margarida da Serra. <b>Identities:</b> Idade, Género, Ocupação- Alguns atores, Situação jurídica – não referida	Factual
	<b>Tipo de Peça</b>	<b>Vozes</b>	<b>Narrativa</b>
Reportagem	<b>Principal:</b> - Atores <b>Secundários:</b> - Populares - Presidente da Junta de Freguesia	Assertiva	
<b>Hamburg- Alentejo</b>	<b>Duração</b>	<b>Tema</b>	<b>Tom</b>
	54 minutos	Sociográfico	Positivo
		<b>Atores</b>	<b>Enquadramento</b>
		Alemão nómada e os seus amigos fixados em Santa Margarida <b>Identities</b> Nacionalidade Género Ocupação Situação jurídica- não referida	Épico
	<b>Tipo de Peça</b>	<b>Vozes</b>	<b>Narrativa</b>
Documentário	Atores	Emotiva	

Tratamento próprio



## **5.6 - Avaliação do projeto migratório**

Pessoas que um dia deixaram os seus países à procura de um clima ameno e condições de vida associadas ao mundo natural, aos valores pós-modernos onde pudessem estar longe das grandes cidades e de tudo o que elas representam.

Os primeiros holandeses a chegar, ao contrário dos alemães, procuraram casas no centro da aldeia. Embora também tivessem chegado com autocaravanas, o processo de instalação foi diferente, até mesmo o sentimento que gerou na população autóctone foi diferente. Eram uma família convencional, os pais e os filhos, ainda muito novos.

Estava assim iniciado um processo que iria perdurar por algumas décadas. Por um lado, chegavam os amigos dos alemães que escolhiam como sítio de permanência, os montes devolutos e afastados da aldeia, sem água canalizada, eletricidade e outras comodidades, impensáveis para qualquer autóctone destes tempos. Por outro lado, chegavam também holandeses, que mesmo não se fixando no núcleo residencial, diferiam dos alemães porque se tornavam proprietários, comprando a sua própria residência.

Neste período, décadas de 80 e 90 do século XX, muitas foram as propriedades agrícolas que foram vendidas, como segunda habitação, não só a estrangeiros como também a portugueses vindos dos grandes centros urbanos. Santa Margarida da Serra assistiu a esse processo, sendo um local privilegiado devido à sua localização.

Dos sonhos de outrora, dos tempos da chegada encontramos, agora, em muitos casos a ideia de concretização dos mesmos, e noutros, mas em menor número sente-se um certo desencanto. O isolamento, ou melhor o recato, a vida simples ainda continua a ser possível por parte daqueles que o idealizam, longe das grandes cidades.

Alguns constataram que era necessário desempenhar uma atividade económica para sobreviver. Por exemplo, o fabrico de artesanato, que era visto como uma arte e não um meio de subsistência, foi substituído por outras atividades, até mesmo, o trabalho doméstico, na vila de Grândola.

O trabalho continua a ser visto como um meio para a sua subsistência, distante do sistema económico capitalista.

No grupo dos migrantes alemães continua a sentir-se a rejeição pela “modernidade”. As inovações tecnológicas, sobretudo a internet, é vista com grande



Migrações, Alteridades e Estilos de Vida. O estudo de caso da aldeia de Santa Margarida da Serra, no concelho de Grândola

desconfiança. A maior parte dos entrevistados não têm computador e muito menos internet.

Continuam a viver sem luz elétrica, sem água canalizada na maior parte dos casos. Mas quase todos têm energia solar.

As casas continuam as mesmas, com muitas reparações que lhes fizeram inicialmente para tornar habitáveis os montes que estavam em ruínas.

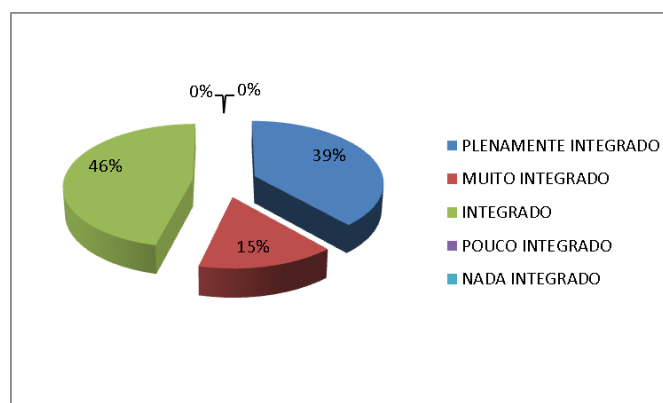
O convívio com os autóctones ensinou-lhes uma nova língua e expressam-se fluidamente, com expressões e erros gramaticais tão característicos do Alentejo. Também do convívio com os portugueses aprenderam o modo de tratar a terra, e os recursos silvícolas e como aproveitar tudo o que a natureza oferece. Introduziram-lhe algumas inovações, resultantes das leituras e das várias experiências feitas, só possíveis para quem vive a vida com toda a calma.

Outro ensinamento que receberam destes quase trinta anos de convívio foi a diferença entre o ser trabalhador e o ser preguiçoso. O trabalho é entendido como um valor e alguns migrantes inculcaram bem este valor.

No nosso entender, é francamente relevante para a avaliação do projeto migratório, o grau de integração na comunidade acolhedora (Gráfico 73).

Podemos verificar que a maioria dos entrevistados se considera integrado (46%), que 39% considera-se plenamente integrados e 15% considera-se muito integrado. De salientar que as categorias, pouco integrado e nada integrado não foram referidas pelos entrevistados.

**Gráfico 73 - Avaliação dos entrevistados sobre a sua integração na comunidade**



Fonte e tratamento próprio



Migrações, Alteridades e Estilos de Vida. O estudo de caso da aldeia de Santa Margarida da Serra, no concelho de Grândola

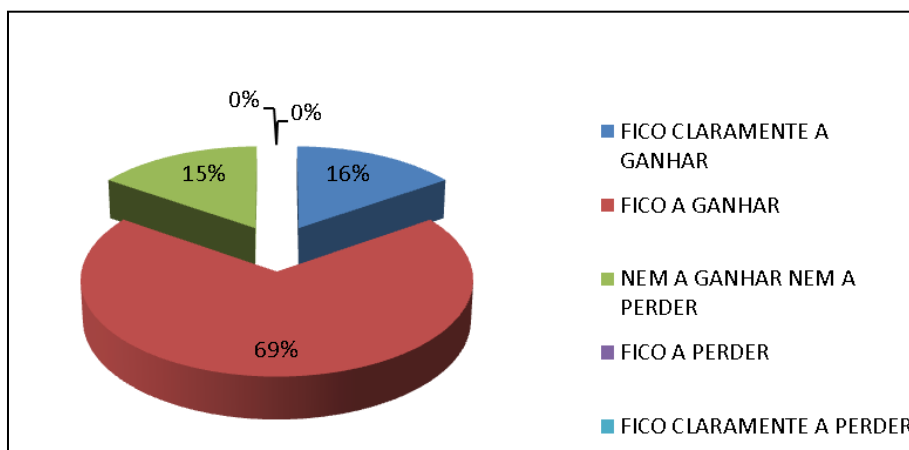
No que concerne à avaliação do projeto migratório (Gráfico 74), constata-se que 69% considera que ficou a ganhar com a sua vinda para Santa Margarida da Serra, chegando mesmo 16% a considerar que ficou claramente a ganhar e 15% considera apenas que não ficou nem a ganhar, nem a perder, mas nenhum dos entrevistados sente que ficou a perder, ou claramente a perder.

O projeto migratório foi bem-sucedido, os migrantes referem que gostam de Santa Margarida da Serra, gostam das pessoas, gostam dos cafés e sobretudo gostam da calma que se vive nesta comunidade. Reconhecem que muito aprenderam. Observa-se também que procuram agir em conformidade com os códigos socialmente aceites «Posso andar sujo, porque isso é sinal de trabalho, mas rasgado nunca, porque os portugueses não gostam» (entrevistado, 50-59 anos).

Percebe-se a importância que tem para os migrantes a questão da integração, «Eu já tenho raízes portuguesas, metade da minha vida está em Portugal, pensando que passei um ano noutro país diferente do meu, este é o país onde estou há mais anos (...)» (entrevistado, 50-59 anos). Esta é uma questão que quase todos referem, sentirem-se portugueses.

O problema da integração situa-se ao nível extra comunitário e no aspeto burocrático. Ainda é notória uma falta de hábito, aliada ao receio, nas deslocações aos serviços, sobretudo, para tratar de assuntos referentes à sua estada em Portugal. «Não percebo porque é que tenho que andar sempre a renovar a autorização... Nem percebo porque é que isso tem de ser tratado fora de Grândola» (entrevistado > 65 anos).

**Gráfico 74 – Avaliação dos entrevistados sobre o seu projeto migratório**



Fonte e tratamento próprio



### Conclusão:

Neste capítulo apresentámos uma caracterização dos migrantes. Trata-se de uma migração cujo móbil não é económico. É um tipo de migração familiar, com um nível médio-alto de qualificações académicas.

As principais causas que levaram estes migrantes a deixar o seu país foram os motivos de saúde, climáticos e ambientais. Fixaram-se em Santa Margarida da Serra, por se tratar de um pequeno meio rural, com habitações de baixo custo e com um ambiente social muito atrativo.

O processo de integração não foi, muito difícil para os migrantes. Mesmo assim, sentiram maiores dificuldades na língua, no processo de regularização e de adaptação ao clima.

Os autóctones tiveram um papel muito importante neste processo. Auxiliaram, **reconhecidamente**, os migrantes principalmente nas questões relacionadas com o alojamento.

Na época em que estes migrantes se fixaram em Portugal, os serviços oficiais de apoio aos migrantes eram praticamente invisíveis, por essa razão estes apenas contaram com o apoio dos populares.

Encontramos duas realidades distintas no que diz respeito ao local e propriedade da habitação. Um grupo vive na aldeia, ou em montes, mas tanto num caso, como noutro são os seus proprietários. O outro grupo de migrantes vive mais afastado da aldeia, em montes, cujas casas lhes foram cedidas.

As condições de habitualidade são também, ainda que ligeiramente, diferenciadas, as casas da aldeia possuem eletricidade e água da rede pública. A maioria das casas dos montes não dispõe destes serviços públicos, recorrendo-se, em substituição da eletricidade pública, à energia solar. O fornecimento de água para as habitações é feito através das fontes existentes.

No que respeita à ocupação laboral a maioria dos migrantes desenvolve atividades diferentes das que praticava no país de origem.

As atividades que desenvolvem, na sua maioria relacionam-se com a agricultura, por exemplo, a pecuária e o turismo em espaço rural. Alguns migrantes têm pequenas hortas nas propriedades que habitam e praticam uma agricultura biológica de autossuficiência, utilizando as técnicas tradicionais. Para além destas



Migrações, Alteridades e Estilos de Vida. O estudo de caso da aldeia de Santa Margarida da Serra, no concelho de Grândola

atividades, há migrantes que aproveitam os recursos silvícolas disponíveis para fabrico de produtos, aguardentes, pomadas, mel entre outros.

Alguns estabeleceram-se por conta própria, abrindo pequenas oficinas de serralharia e carpintaria com maior intervenção local. Outros ainda, também por conta própria, constituíram pequenas empresas na área da exportação e importação, mantendo uma relação preferencial com o mercado do país de origem.

As ocupações laborais desenvolvidas por estes migrantes proporcionam-lhe um grau de satisfação muito elevado. Apesar de muitas vezes ser um trabalho duro é muito mais vantajoso do que as atividades que realizavam no país de origem.

No que concerne ao direitos e deveres dos migrantes a população autóctone revela um desconhecimento, o que é explicável se considerarmos as suas fracas habilitações académicas e também a ausência de experiência migratória. No entanto, revelam uma aceitação para a imigração, preferencialmente de indivíduos da União Europeia.

As relações de sociabilidade entre os migrantes e não-migrantes assentam no respeito mútuo. Verificando-se que da parte dos autóctones que não refutam a possibilidade de ter um migrante como familiar.

As relações de vizinhança são muito importantes nesta comunidade, tanto para os autóctones como para os alóctones. Estes, na sua maioria, pouco saem da comunidade acolhedora e quando o fazem é para a vila de Grândola, onde vão adquirir produtos que nem podem produzir e que não podem comprar na aldeia. Nos seus tempos livres as atividades predominantes são a leitura, o convívio nos cafés da aldeia e as caminhadas pelos campos. A ocupação de tempos livres dos mais jovens é em tudo semelhante à dos jovens não-migrantes.

A avaliação que fazem, de um modo geral, dos serviços públicos portugueses é boa.

A adaptação dos mais novos na escola foi na maioria dos casos muito boa. No entanto, alguns não se adaptaram de todo e por esse motivo regressaram ao país de origem.

Portugal é um país, no seu entender, onde a população é muito acolhedora e sem comportamentos discriminatórios. A discriminação não é um problema, no entanto, os mais jovens referem que já se sentiram discriminados, em situações pontuais, pelos colegas de escola.

Graças ao seu peculiar modo de vida este grupo de migrantes foi algumas vezes ator nos meios de comunicação social que desde 1995 tem manifestado o seu interesse nestas histórias de vida. Alguns migrantes acolhem bem esta exposição



Migrações, Alteridades e Estilos de Vida. O estudo de caso da aldeia de Santa Margarida da Serra, no concelho de Grândola

mediática, percebendo que esta é uma forma de contarem na primeira pessoa a história do seu projeto migratório que tanta satisfação lhe proporciona.

Os migrantes consideram que ficaram a ganhar com o empreendimento do seu projeto migratório.

**CAPITULO VI - O IMPACTO DOS MIGRANTES PARA O PARA  
O DESENVOLVIMENTO DE SANTA MARGARIDA DA SERRA.  
MUDANÇAS E PERSPETIVAS FUTURAS**



### *Nota Introdutória:*

*Neste capítulo procura-se avaliar a importância destes migrantes para o desenvolvimento/manutenção da comunidade.*

*Se a primeira geração escolheu esta terra e esta agora é sua, o que pensa a segunda geração? Aqueles que já nasceram em Portugal, ou que para cá vieram muito pequenos e que, para além, do reflexo da mudança dos tempos, passaram por um processo de socialização, caracterizado por um “choque” de culturas. Que valores se impuseram? Como perspetivam o seu futuro? A perpetuação de um estilo de vida virado para o reencontro com a natureza, ou se pelo contrário, este modo de vida já não lhes diz muito, já não é o seu e esta realidade social já não é a sua?*

*Relativamente aos autóctones, pretende-se também compreender como interpretam e como acolhem, ou rejeitam este processo de mudanças numa perspetiva de futuro da aldeia/ comunidade/ comunidades*

## **6.1- Mudanças Induzidas Pelos Migrantes**

Na comunidade de acolhimento são visíveis as transferências feitas pelos migrantes que compõem o nosso objeto de estudo. Muitas dessas transferências são feitas de um modo não intencional, tem apenas a ver com diferentes formas de cultura. Nessas transferências encontramos os comportamentos económicos, os saberes, o saber-fazer e as trocas sociais e culturais.

O contributo mais visível é o que diz respeito à demografia. O despovoamento e o envelhecimento da freguesia estudada auguravam uma “morte” lenta, ao ritmo do desaparecimento físico dos habitantes da aldeia. Depois de intensas conturbações demográficas e migratórias que se desenrolaram desde os anos 60 do século passado, e que provocaram enormes desequilíbrios visíveis ainda, ou cada vez mais no século XXI. A tendência é o interior continuar a desertificar-se.

A chegada destes migrantes e das suas famílias veio imprimir uma nova dinâmica à população que, mesmo sem crescer, manteve-se (Gráfico 2,p 69), e rejuvenesceu.

Esse rejuvenescimento da população foi acompanhado da entrada de crianças, umas que chegaram com os pais, outras que nasceram já em Portugal. Essas crianças vieram permitir que a escola básica do primeiro ciclo de Santa Margarida da Serra continuasse a funcionar.

Como em todos os meios rurais, poucos são os que continuam os seus estudos, poucos serão aqueles que atingiram e concluíram o ensino superior. E os que o conseguiram foram maioritariamente os estrangeiros. Mas não é um fenómeno



Migrações, Alteridades e Estilos de Vida. O estudo de caso da aldeia de Santa Margarida da Serra, no concelho de Grândola

diferente do que acontece noutras localidades, quer do concelho quer do país. Sendo relacionado, na nossa opinião, com carácter monocultural da escola e a consequente desigualdade de oportunidades provocada pela indiferença relativamente às particularidades dos contextos socioculturais de origem dos alunos.

Estamos em crer que podemos justificar o maior sucesso dos alunos, filhos dos migrantes, porque, por um lado, seriam mais autónomos e mais habituados às relações com culturas diferentes e por isso, com uma maior capacidade de adaptação a novas situações, a novos espaços, a novas relações. Por outro lado, porque o nível de escolaridade dos pais era mais elevado do que a maioria dos pais autóctones.

Assim, registou-se também uma outra mudança, consequência da entrada de migrantes: o nível de escolaridade sofreu alterações, beneficiando assim de um nível mais alto de escolaridade, o que diminuiu peso da taxa de analfabetismo.

Os estrangeiros contribuíram para a manutenção da aldeia. Dinamizaram a sua economia, quer como consumidores, quer como produtores. No que diz respeito ao consumo, os migrantes são indubitavelmente os maiores consumidores da aldeia. A manutenção dos três estabelecimentos (cafés) em funcionamento só foi possível graças aos consumidores estrangeiros, mesmo tendo em consideração que é um hábito intrínseco na população masculina, o petisco ao final da tarde, depois do trabalho.

Contribuíram ainda para a preservação dos montes situados em locais de difícil acesso e que se não tivesse sido o facto de serem habitados por estrangeiros não eram mais do que ruínas. O mesmo se pode dizer em relação às matas que, também, devido à intervenção de alguns migrantes vai mantendo o seu equilíbrio. Em alguns casos, podemos observar que há uma preservação das atividades ancestrais com métodos, semelhantes aos sempre utilizados, nomeadamente a produção de produtos hortícolas, mel e aguardentes. Verificámos que houve a introdução de inovações, resultantes de informação recolhida através de leituras sobre os temas e também de experiências realizadas, no sentido de obter melhores resultados, no que diz respeito à qualidade dos produtos.

Outro aspeto importante é a introdução da energia solar nos “montes” como alternativa à energia elétrica.

As ocupações laborais desenvolvidas pelos migrantes também foram um benefício para a população. Os migrantes, valorizando os recursos naturais existentes, recriaram muitos remédios e mezinhas usados em tempos passados. Muitos recorrem



às pomadas e cremes de eficácia reconhecida para tantas maleitas que atormentam autóctones e alóctones.

Entre os mais jovens há ainda a lembrança dos hábitos de higiene pessoal muito cuidada que os colegas estrangeiros usavam na escola, como nos foi referido aquando da realização das entrevistas «eles lavam-se sempre, não necessitavam de papel. Isso era um ótimo hábito, visto que o papel higiénico nem sempre estava disponível... Foi um exemplo que nunca esqueci ...» (entrevistado autóctone feminino, 15-24 anos).

É também ao nível dos mais novos que podemos assistir a um outro contributo, uma das entrevistadas autóctones refere que foi o seu contacto com os estrangeiros que lhe permitiu perceber que existiam novos entendimentos do mundo para além daquela “velha ordem” que era transmitida em Santa Margarida da Serra. “os estrangeiros abriram-lhe os horizontes”.

O artesanato também foi uma mudança introduzida. Esta atividade não existia, mas a arte dos migrantes tornou-se num *ex libris* da aldeia.

Todos os produtos resultantes destas atividades têm pouca visibilidade fora da comunidade. Sendo esta fraca visibilidade, uma opção de muitos dos migrantes que elegem a comunidade de Santa Margarida de Serra, pequenas feiras, como mercados preferenciais.

A importância dos migrantes é também perceptível a outros níveis. O migrante atual tem de ser entendido numa perspetiva transnacional e sobretudo os migrantes oriundos de países da União Europeia. Os migrantes entrevistados estabelecem múltiplas relações (familiares, económicas e sociais), colocando em contacto o local e o global. A dupla pertença, isto é, reside num local de acolhimento, mas mantém ligações com a sua terra natal, adotando estratégias de vida com múltiplas afiliações e identidades.

Alguns migrantes constituíram empresas em diversos ramos de atividade, como por exemplo, o turismo em espaço rural, ou na área da importação / exportação de lareiras, de cortiça e de cerâmicas, neste caso, para a Holanda. Até 2011, a sede da empresa estava localizada em Portugal, mas em 2012, com o agravamento da crise económico-financeira e conseqüentemente com um aumento da contribuição fiscal registou-se uma deslocalização da sede desta empresa para a Holanda.

Estas atividades têm um caráter transnacional, pois ligam o local e o global. Têm uma página na internet, podendo, por isso, ser acedidas em qualquer ponto do globo, mas destinam-se preferencialmente a um mercado específico, o holandês.



Migrações, Alteridades e Estilos de Vida. O estudo de caso da aldeia de Santa Margarida da Serra, no concelho de Grândola

Alguns estrangeiros passam períodos de férias em Santa Margarida da Serra, registando-se já uma regularidade na vinda.

Encontramos também uma serralharia e uma carpintaria que também têm um grande impacto na aldeia porque muitos trabalhos são feitos para clientes extra comunidade.

Alguns autóctones, talvez tomando como exemplo a experiência holandesa, começaram também a preparar as suas casas desabitadas para receber alguns estrangeiros.

Estas atividades, sobretudo, a produção animal e o turismo criaram algumas possibilidades de trabalho para os autóctones, dadas as suas qualificações, pessoas que sempre trabalharam nos campos. As atividades que proporcionam uma ocupação aos autóctones, são que se relacionam com o tratamento pecuário e os serviços de limpeza. Porém, de um modo geral, todas elas contribuíram para um maior dinamismo económico e visibilidade da aldeia.

Embora a atividade agrícola na freguesia já tenha perdido o vigor de outros tempos, ela continua a existir e é frequente assistir a um trabalho de entreaajuda, por parte dos mais novos com os estrangeiros, sobretudo os holandeses, o que leva à manutenção do espírito de ajuda e cooperação entre vizinhos, tão importante nas comunidades rurais.

Os migrantes ao mesmo tempo que contribuíram para a manutenção da aldeia contribuíram também para a criação de emprego, inovação e dinamização da economia local. Conduziram também à incorporação de novos hábitos, novas maneiras de perceber o mundo, contribuindo para a mudança de mentalidades.

## ***6.2 - Perceções dos migrantes e dos descendentes sobre o projeto migratório e perspetivas futuras***

A permanência no local de chegada prende-se muitas vezes com a manutenção ou cessação das motivações que fizeram o imigrante escolher aquele local para residir ou trabalhar.

Os mais velhos, segundo a entrevista aplicada, refiram que o futuro ainda não está definido (Gráfico 75), percebe-se que o seu ideal é continuar pelas terras de Santa Margarida. «O futuro? O futuro, não sei, mas provavelmente vou morrer aqui, para onde vou agora?» (entrevistado migrante, masculino, > 65 anos).



Migrações, Alteridades e Estilos de Vida. O estudo de caso da aldeia de Santa Margarida da Serra, no concelho de Grândola

Os seus receios relacionam-se, sobretudo, com uma estabilidade que lhes permita continuar o estilo de vida escolhido.

75% dos entrevistados refere que as perspetivas de futuro ainda não estão definidas. Apenas 6% tem já definido o que pretende fazer e nessa pretensão está o permanecer em Portugal. No que concerne aos restantes 19 % dos entrevistados pretendem voltar ao país de origem. São, sobretudo, os mais novos que manifestam este desejo.

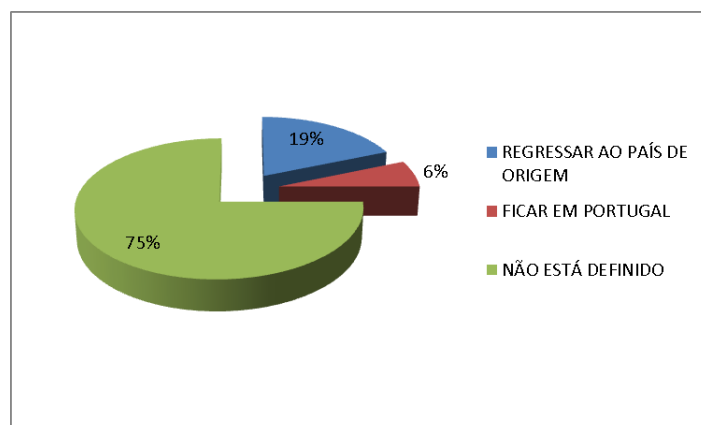
Os mais novos, na sua maioria partem logo que concluído o 12ºano, porque as perspetivas de vida são melhores, mais aliciantes.

Verifica-se também que de um modo geral os mais jovens, que já nasceram em Portugal, ou para cá vieram muito pequeninos estão na sua maioria bem integrados na sociedade, em termos globais. Não tanto na sociedade campestre, isto é, ao modo de vida aldeã, como todos os jovens de Santa Margarida da Serra, da sua idade.

Portugal e Santa Margarida passam a ocupar assim um destino de férias, visto que são os familiares mais próximos ficam em Portugal.

No entanto, esta saída, poderá não representar mais do que uma alternativa meramente económica, porque o ser alentejano, as suas raízes também estão em Portugal. E este movimento de saída acaba por ter a mesma origem e motivação que tem em muitos jovens, neste momento, em Portugal. No caso da 2ª geração de migrantes a terra de origem dos pais é apenas mais um suporte, porque ainda lá encontram muitos familiares.

**Gráfico 75 - Perspetivas futura dos migrantes**



Fonte e tratamento próprio

Se as perspetivas de futuro ainda se afiguram incertas é fácil compreender que existe um forte envolvimento com a nação de origem (Gráfico 76). Alguns destes migrantes agem quase como se tivessem uma dupla nacionalidade, têm parentes e

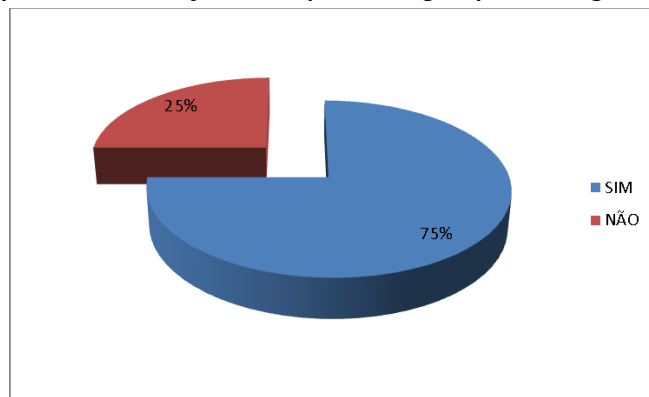


Migrações, Alteridades e Estilos de Vida. O estudo de caso da aldeia de Santa Margarida da Serra, no concelho de Grândola

amigos nos dois contextos. Têm dupla fidelidade. Neste sentido já é frequente assistir a uma partilha de residência entre Santa Margarida da Serra e o país de origem. Em suma, apenas tiram proveito de uma situação prevista na lei supranacional que rege os dois polos; o país acolhedor e o país de origem, visto que estamos perante cidadãos da União Europeia.

Verifica-se que 75% dos entrevistados considera importante o contacto com o país de origem. Os 25% que não consideram importante esse contacto, mas contudo contactam com a família que deixaram no país de origem.

**Gráfico 76 - Importância da relação com o país de origem para os migrantes entrevistados**



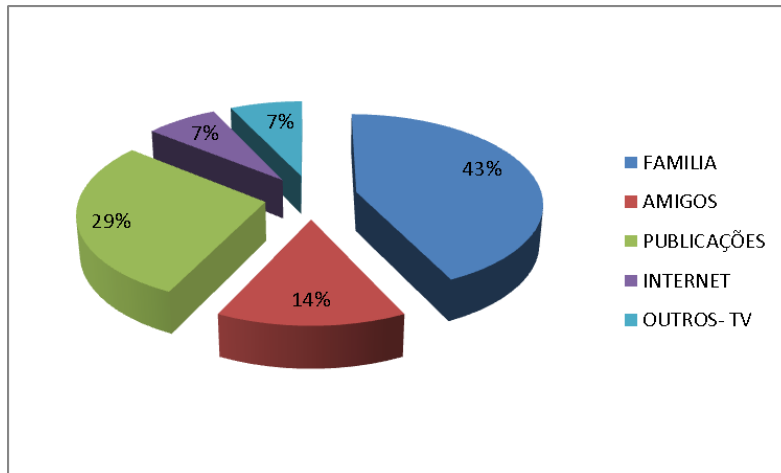
Fonte e tratamento próprio

As relações com o país de origem são estabelecidas de diversos modos (Gráfico 77). 43 % dos entrevistados refere que é através da família que se relaciona com o seu país. Para 29 % as publicações que recebem diretamente do país de origem, ou que adquirem em Portugal são a forma de contacto privilegiado. Seguem-se os contactos através de amigos que vivem nos países de origem (14%) e por último, através da internet e televisão, ambos adotados por 7% dos entrevistados.



Migrações, Alteridades e Estilos de Vida. O estudo de caso da aldeia de Santa Margarida da Serra, no concelho de Grândola

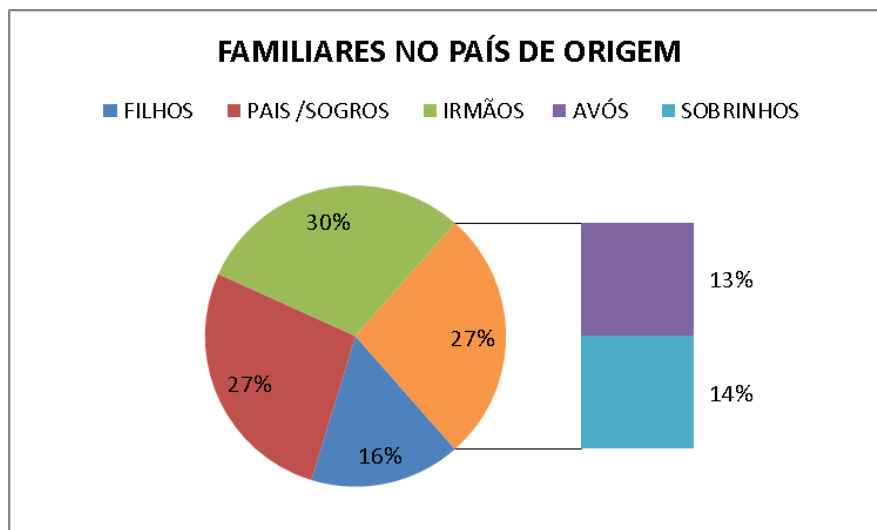
**Gráfico 77 - Meios utilizados para o contacto com o país de origem**



Fonte e tratamento próprio

A totalidade dos entrevistados tem familiares no país de origem. São os irmãos que ocupam a maior percentagem (30%). Seguem-se os pais e/ ou sogros (27%), os filhos (16%).

**Gráfico 78 - Familiares que os migrantes têm no país de origem**



Fonte e tratamento próprio

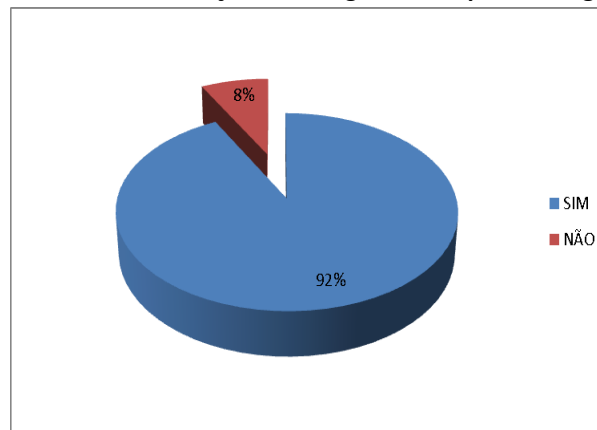


Quando se pergunta se pretendem que esses familiares venham para Portugal respondem negativamente (94%), referindo que alguns desses familiares já estiveram a viver em Portugal e não se adaptaram, por isso, regressaram ao país de origem. Outros acrescentam que os familiares no país de origem têm as suas vidas organizadas, mas no entanto, alguns deslocam-se a Portugal para os visitar. Apenas 6% responde afirmativamente. «Os meus pais já são idosos e gostam muito de Portugal, por isso, é natural que venham viver para cá...» (entrevistado migrante, masculino 40-49 anos).

Pareceu-nos também pertinente saber se os entrevistados se deslocam ao país de origem (Gráfico 79) para compreendermos o tipo de relação que estes migrantes desenvolvem com o seu país.

A maioria dos entrevistados já se deslocou ao país de origem e todos os que o fizeram, deslocaram-se mais do que uma vez. Os que não fizeram justificam essa sua opção com o facto de os familiares gostarem de vir a Portugal e que o fazem frequentemente, nas épocas festivas e de férias.

**Gráfico 79 – Deslocações dos migrantes ao país de origem**

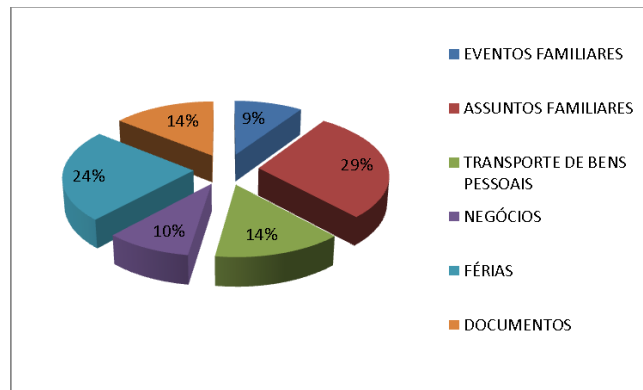


Fonte e tratamento próprio

Quanto aos motivos que originam as deslocações ao país de origem podemos constatar que são múltiplos (Gráfico 80). A maioria das deslocações é motivada por assuntos relacionados com a família (29%) e eventos de cariz familiar (24%). Seguem-se o transporte de bens pessoais e assuntos legais, ambos comuns a 14% dos entrevistados. Cerca de 10% deslocam-se em negócio e 9% desloca-se por motivo de férias.



**Gráfico 80 - Motivos das deslocações ao país de origem dos migrantes**



Fonte e tratamento próprio

As remessas, entendidas aqui (Gráfico 81), como todo o tipo de transferências monetária que os migrantes enviam para o país de origem (Tolentino, Rocha e Tolentino, 2008, p 28).

As remessas enviadas para o país de origem dão-nos uma visibilidade da forma como os migrantes perspetivam o seu futuro (cf. Castro,2008). Neste caso verificamos que maioritariamente não há um envio de remessas significativo, visto que 83% dos entrevistados não o faz e os 17% que envia, remete entre 51 a 250€ mensais.

Afigura-se então que não há por parte dos migrantes, nem um investimento financeiro, nem poupança, no país de origem.

No entanto, há um aspeto que nos pareceu digno de referência, que se prende com a noção de remessas sociais, que Peggy Levitt definiu como conjunto de ideias, práticas, atitudes, visão e capital social que voluntária e involuntariamente o migrante transfere do país de acolhimento para o país de origem (Tolentino, Rocha e Tolentino, 2008, p 28). Neste contexto, entendemo-las, como a influência dos migrantes na divulgação de objetos e valores culturais da sociedade acolhedora no país de origem. Os migrantes enviam encomendas com produtos regionais (culturais) alentejanos e também parte do produto da sua produção laboral (que reflete um *Know-How associado à cultura da comunidade acolhedora*) que como nos foi dito são muito apreciados pelos seus familiares. «O meu pai gosta muito da gastronomia portuguesa. Costumo enviar-lhe linguiças e queijos, vinhos ...». (entrevistado masculino, 40-49 anos). «Envio mel, é o que posso mandar (...) Estou a pensar mandar uma encomenda com produtos que sejam mesmo daqui e deferentes do que eles



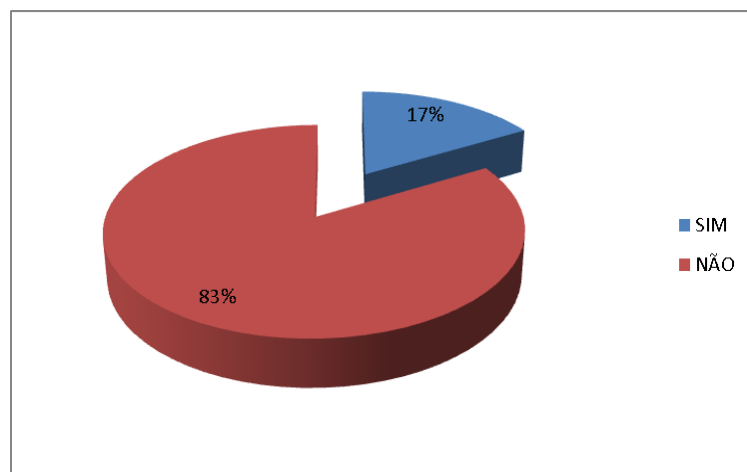
Migrações, Alteridades e Estilos de Vida. O estudo de caso da aldeia de Santa Margarida da Serra, no concelho de Grândola

conhecem...» (entrevistado masculino 50-59 anos). Estes envios são feitos, sobretudo, na quadra natalícia e também em datas comemorativas especiais.

A maioria das remessas, em sentido amplo, é enviada por vias informais. A justificar este facto encontramos algumas razões: os custos de envio de uma encomenda postal; a fragilidade e a perecibilidade dos produtos enviados e alguns dos migrantes entrevistados não têm contas bancárias.

A questão das remessas, é de facto muito importante não só por, de algum modo elucidar da perspetiva futura dos migrantes, mas também porque é mais um reforço para a compreensão do migrante no seu todo, isto é; integralmente.

**Gráfico 81 - Remessas enviadas pelos migrantes**



Fonte e tratamento

Apenas 8% dos migrantes referiu que gostaria de adotar a nacionalidade portuguesa, os restantes não veem qualquer benefício nesse procedimento.

E relativamente à questão de mandar vir os familiares mais próximos para Portugal, também 8% referiu ser essa a sua intenção e, embora ainda não esteja bem definida.



### ***6.3 - Perceções dos autóctones face às populações migrantes e ao seu impacto na aldeia***

Portugal e os portugueses mantêm há quinhentos anos um discurso sobre a sua capacidade de tolerância, adaptabilidade e assimilação relativa ao outro (Ferin, 2003).

Nos anos 50, e anteriores na freguesia, as crianças desde tenra idade começavam a ajudar os pais nas lides agrícolas, o seu trabalho ainda não era considerado trabalho pois não havia remuneração como troca da força de trabalho empregue (cf Cutileiro, 1971). Estas crianças pouco iam à escola, porque as lides agrícolas ocupavam-lhe o tempo de aprender e assim encontramos, hoje em dia, uma população pouco letrada.

Muitos quase não conhecem outros limites territoriais que não os do concelho. População de hábitos conservadores, mantidos ancestralmente.

Quando viram chegar os primeiros migrantes, certamente, como em todas as comunidades rurais, o sentimento foi de desconfiança e estranheza.

Os mais recentes habitantes deslocavam-se dos países desenvolvidos, onde o nível de vida era muito superior para se fixarem numa aldeia.

Hospitaleiros, reservados e observadores, prontificaram-se para ajudar e acolher bem o outro.

*O senso de hospitalidade observado em numerosas sociedades camponesas parece estar em contradição com outros traços, particularmente a importância do grupo doméstico e da coletividade local que supõe uma ou outra forma de rejeição ao exterior (...) O aldeão mais convencido da torpeza do mundo exterior recebe bem o estrangeiro (...) que chega de fora traz novidades e portanto uma melhor compreensão desse mundo exterior (...) Receber bem o estrangeiro é também um meio de neutralizá-lo, caso sejam más as suas intenções.*

(Mendras, 1978)

Apoiados na informação veiculada pela comunicação social e pela investigadora, já mencionada neste trabalho que se dedicou ao estudo da comunidade de Santa Margarida da Serra, tínhamos, inicialmente, a ideia de que a perceção dos autóctones face às populações migrantes não seria muito positiva.

Nas reportagens quer da imprensa escrita, quer da televisiva, onde eram visíveis apreciações negativas como por exemplo « (Eles) para cá (aldeia) não têm



importância nenhuma ... Não fazem cá nada...»<sup>68</sup>(SIC, 2010), ou «já lhes dei trabalho, mas eles sentam-se e não fazem nada e depois querem ganhar como os outros que se matam a trabalhar...»<sup>69</sup> (Idem). Por outro lado, a investigadora também constatava essa imagem negativa. Os estrangeiros eram vistos pela população anfitriã com desconfiança que advinha do facto de serem, por um lado, estrangeiros (pessoas estranhas que não podem ser definidas positivamente), por outro, de serem pouco trabalhadores (mesmo que os estrangeiros quisessem trabalhar, não lhe era dada essa possibilidade) (cf. Raminhos, 2004).

No entanto, algumas diferenças relativamente ao anteriormente exposto, foram encontradas. Observámos que, à primeira vista, tudo se pauta pelo que é socialmente aceite «são pessoas diferentes de nós, mas sem deixar de ser boas pessoas” (entrevistada feminina > 65 anos). Subentendem-se as diferenças culturais que, levam a que os membros da comunidade anfitriã construam a sua diferença ancorada em fatores que possam, somente, ser partilhados pelos seus membros, originando o nós e o outro. (cf. Raminhos, 2004). Mas atualmente o outro também é percecionado de forma diferenciada, quer na distinção entre as nacionalidades de origem, quer dentro dos próprios grupos de nacionalidade.

As diferenças também são visíveis na caracterização que o autóctone faz do outro (Gráfico 49, p166) o que pode indicar que as sociabilidades foram aprofundadas.

De um modo geral, podemos verificar que os estrangeiros gozam junto da população de uma simpatia e reconhecimento.

Procurámos, então compreender melhor a perceção que o autóctone face ao contributo dos migrantes na comunidade (Gráfico 82). As áreas propostas foram desenvolvimento da aldeia; atrair mais população; tornar a aldeia mais conhecida e atrair riqueza. Solicitámos aos entrevistados que atribuíssem um nível a cada uma das variáveis. Observamos, então, que os níveis 3 e 4, para as todas as variáveis propostas, foram os mais indicados pelos autóctones. A variável, tornar a aldeia conhecida, só é apontada nos níveis de importância 3, 4 e 5, destacando-se no nível 4 com 50% das escolhas dos entrevistados. Ao invés, a variável, atrair riqueza, revela um posicionamento diferente, sendo mais escolhida nos níveis de importância menor, atingindo o máximo de escolhas, no nível 2 com 40%.

---

<sup>68</sup> Excerto de testemunho, em 1995, data da primeira reportagem da SIC, recuperado na reportagem de 2010.

<sup>69</sup> Idem

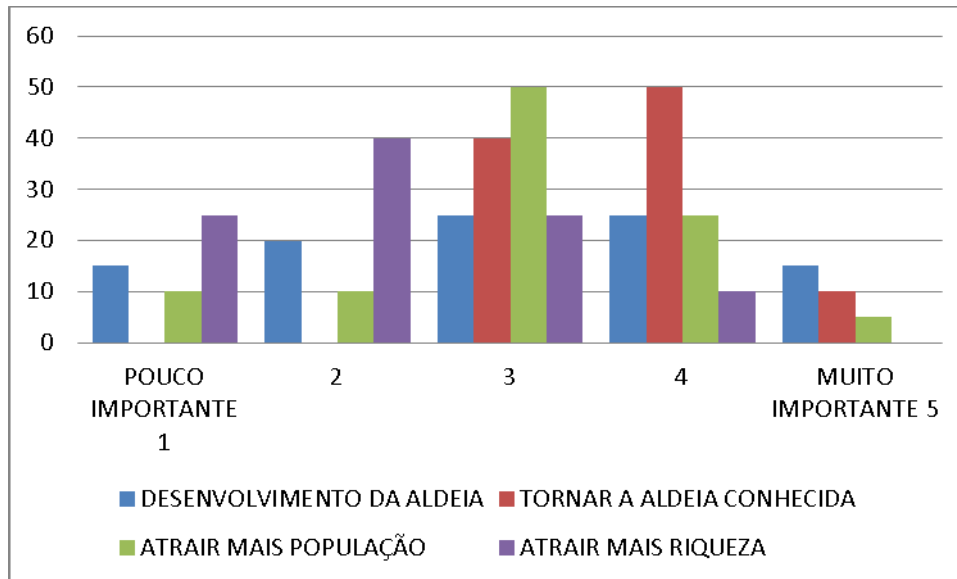


Migrações, Alteridades e Estilos de Vida. O estudo de caso da aldeia de Santa Margarida da Serra, no concelho de Grândola

No que concerne ao contributo dos migrantes para o desenvolvimento da aldeia, verificamos que esta variável é escolhida em todos os níveis, atingindo o seu máximo nas escolhas dos entrevistados nos níveis, 3 e 4 (25% em ambos).

Verificamos também que, há uma concentração dos contributos dos migrantes nos níveis 3 e 4.

**Gráfico 82 - Percepção dos autóctones dos níveis e áreas de contributo dos migrantes para a comunidade %**



Fonte e tratamento próprio

Se recolhermos à utilização das médias ponderadas (Quadro 14) para analisar a distribuição das variáveis, verificamos que na opinião dos entrevistados o maior contributo dos migrantes foi dar uma maior visibilidade aldeia, a que atribuíram o nível 4 de importância. O contributo para o desenvolvimento da aldeia e a atração de mais população foram classificados pelos autóctones com o nível 3. O menor contributo dos migrantes situa-se na atração de riqueza para a aldeia, classificada com o nível 2.

Observamos assim que no cômputo geral os migrantes a contribuição dos migrantes não se situa nem no nível pouco importante, nem no nível muito importante.

**Quadro 14 - Níveis e áreas de contributo dos migrantes para a comunidade**

ÁREA DO CONTRIBUTO	IMPORTÂNCIA
DESENVOLVIMENTO DA ALDEIA	3,1
ATRAIR MAIS POPULAÇÃO	3,1
TORNAR A ALDEIA MAIS CONHECIDA	3,7
ATRAIR MAIS RIQUEZA	2,2

Fonte e tratamento própria



Migrações, Alteridades e Estilos de Vida. O estudo de caso da aldeia de Santa Margarida da Serra, no concelho de Grândola

No que concerne ao contributo dos migrantes para uma maior visibilidade da aldeia é reconhecida pelos autóctones e justificada de diferentes formas. A primeira forma justificação prende-se com o interesse que a comunicação social atribuiu aos migrantes e conseqüentemente à aldeia. «Por causa dos “maganos” a aldeia até passou a ser conhecida através da televisão” (...) Ainda vieram cá umas vezes» (entrevistado masculino, > 65 anos). Uma outra justificação prende-se com a visibilidade de Santa Margarida da Serra, em locais tão longínquos como, nos países de origem dos migrantes «Somos conhecidos na Alemanha, na Holanda ... Eles até vêm cá passar férias e gostam disto porque vão voltando ...» (entrevistado feminino > 65 anos). Ou ainda «Eles (em referência à serralharia e carpintaria) trabalham bem» (entrevistado feminino 40- 49 anos).

### Conclusão:

São evidentes os contributos dos migrantes para a manutenção da aldeia. Esses contributos espelham-se na dimensão demográfica, cultural e económica. Os migrantes contribuem ainda para atrair mais população estrangeira para a aldeia, funcionando como uma rede social. Nos últimos anos tem vindo a assistir-se a um crescente número de estrangeiros que sistematicamente procuram esta localidade para passar longas temporadas. A esta escolha não é alheia a existência dos migrantes.

Verifica-se também que estes migrantes se sentem muito integrados na comunidade e consideram que ficaram a ganhar com a sua decisão migratória

No que diz respeito às expectativas de futuro, embora, estas ainda não estão definidas, podemos referir que se encontram duas visões diferentes. A segunda geração mostra uma maior apetência pelo regresso aos países de origem, justificando este seu desejo com a procura de melhores perspectivas de vida.

Encontramos também distinções na forma como estes migrantes se relacionam com o seu país. Embora todos eles já tenham efetuado deslocações a esses países, uns fazem-no por motivos de participação em acontecimentos familiares, outros fazem-no por motivos de negócios.



Migrações, Alteridades e Estilos de Vida. O estudo de caso da aldeia de Santa Margarida da Serra, no concelho de Grândola

Os migrantes não enviam remessas ou essas não têm um valor expressivo. O meio informal é aquele que é preferencialmente utilizado pelos migrantes para enviar as suas remessas. É habitual o envio de produtos da região de acolhimento.

A população autóctone reconhece que a população migrante contribuiu principalmente para dar visibilidade à comunidade, mas também concorda que contribuiu para atrair população à aldeia e também concorda que promoveu o desenvolvimento.

## **Capítulo VII CONCLUSÃO**



Migrações, Alteridades e Estilos de Vida. O estudo de caso da aldeia de Santa Margarida da Serra, no concelho de Grândola

## ***Conclusão***

Santa Margarida da Serra, uma pequena aldeia localizada em plena serra de Grândola, oferecia todas as condições que eram consideradas necessárias para a fixação dos migrantes que, na década de 80 do século passado, deixaram os seus países. Pouco populosa devido ao êxodo rural e com muitas propriedades abandonadas, com temperaturas amenas no inverno e boa qualidade ambiental.

Foi uma fuga do mundo moderno, das sociedades modernas para uma vida com muito mais qualidade, mais próxima da essência humana.

Encontramos dois grupos distintos.

Os indivíduos que foram os primeiros a chegar já tinham saído das suas cidades e viviam em comunidades, embora no seu país de origem. Alguns assumem-se como fazendo parte do espírito hippie, porque adotaram um modo de vida comunitário, ou estilo de vida nómada e escolheram a vida em comunhão com a natureza. Negavam o nacionalismo e a guerra, bem como todas as formas de violência, inspiravam-se em religiões como o budismo, hinduísmo, e estavam em desacordo com valores tradicionais da classe média e das economias capitalistas e totalitárias. Outros, não se consideram hippies, mas o seu estilo de vida não difere dos que se assumem como tal.

O segundo grupo fixou-se mais tarde e a sua fixação em Santa Margarida da Serra foi uma atitude planeada. Compraram propriedades agrícolas e/ou casas. Deixaram os empregos que tinham e iniciaram uma nova forma de vida nesta aldeia, dedicando-se a atividades laborais, como a pecuária; produção de gado ovino, ou ainda o turismo em espaço rural. Muitos vivem na aldeia. Mantêm, na maior parte dos casos, um contacto muito próximo com o país de origem. Mas a sua residência, o seu lar, está em Santa Margarida da Serra.

A comunidade acolhedora, mesmo com a estranheza própria de todas as comunidades rurais apoiou o processo de fixação. A estranheza devia-se ao facto desta população não conhecer outras motivações para a saída do local de origem que não as económicas.

Eram migrantes que deixavam países desenvolvidos que, para a comunidade acolhedora, permitiam uma confortável segurança económica até para os estrangeiros que para lá chegavam (entre eles os portugueses).



Mostravam um despojamento pelos bens materiais, alojando-se em casas onde já ninguém queria morar. Esta nova realidade era incompreensível para a comunidade acolhedora.

O segundo grupo de migrantes não causou tanta estranheza e as relações com a população autóctone foi caracterizada, logo desde o início, como mais próxima. Este facto prende-se com a escolha do local de residência, na maior parte dos casos na aldeia e por outro lado, com a posse da propriedade.

Passados quase trinta anos desde o início deste processo, dos muitos estrangeiros (centenas) que passaram por Santa Margarida, restam cerca de vinte.

Atualmente, os estrangeiros que se mantiveram foram os que se aproximaram mais da população, os que criaram laços importantes com a comunidade. Todos os outros foram desaparecendo, tendo regressado para os seus países de origem, desde a entrada em circulação do euro.

Todos se sentem integrados na comunidade e dominam a língua portuguesa: Falam, leem e escrevem em português. Conhecem e respeitam os hábitos e costumes portugueses, isto é, a cultura portuguesa.

Ao nível das relações interpessoais verifica-se que estas assentam no respeito mútuo, são verdadeiras relações de vizinhança, onde podemos encontrar o espírito de entreatajuda. Outro aspeto importante que merece ser realçado prende-se com a dimensão da segurança que estes migrantes transmitem aos seus vizinhos que muitas vezes são mais idosos e a sua presença é uma companhia que atenua o isolamento dos montes.

No que concerne às suas ocupações destacam o facto de poderem controlar os seus próprios horários, de trabalhar com o ritmo e a agenda que definem, sem as pressões que tinham quando trabalhavam por conta de outrem. Além disso, sentem-se realizados por poderem trabalhar em contacto com a natureza, apesar de ser um trabalho duro e para o qual não tinham preparação. Mas o facto de serem eles próprios a definir os seus horários e o seu ritmo, é algo que suplanta toda a dureza desse trabalho.

Noutros casos, é pertinente referir que a facilidade de criar uma oficina em Portugal é muito maior do que nos países de origem, onde para além da aptidão, o candidato a empresário tem que comprovar a experiência e ainda ter conhecimentos na área de gestão. Este aspeto para além de ser considerado uma vantagem, contribuiu para a fixação de alguns migrantes.



Migrações, Alteridades e Estilos de Vida. O estudo de caso da aldeia de Santa Margarida da Serra, no concelho de Grândola

Os migrantes contribuíram para o desenvolvimento da aldeia em diversas áreas. No ponto de vista demográfico compensaram as perdas populacionais e rejuvenesceram a população. Com as suas crianças adiaram o encerramento da escola básica do 1º ciclo de Santa Margarida da Serra. Este adiamento foi muito importante para a comunidade.

Do ponto de vista económico animaram o comércio da aldeia. Permitiram que, num meio com poucos habitantes e também envelhecidos, existissem três cafés. As pequenas empresas que alguns migrantes implementaram, para além de constituírem a sua fonte de sustento, dão visibilidade à aldeia. Estas pequenas empresas também criaram postos de trabalhos para a população autóctone.

A existência de uma rede social de migrantes alemães, holandeses, e ingleses a residir nesta região, funcionou como uma fonte de informação e, assim os migrantes também atraíram outros estrangeiros para a aldeia. Estes estrangeiros vão passando temporadas ao longo dos anos, quer alojados em casa dos migrantes, quer nas unidades de turismo rural, quer em casas particulares da população autóctone. É uma realidade emergente em Santa Margarida da Serra, o turismo de segunda habitação.

No que concerne à agricultura, são também alguns dos migrantes que vão contribuindo para a manutenção das técnicas ancestrais de trabalhar a terra. Vão também ajudando na preservação e aperfeiçoamento da exploração, e no aproveitamento dos recursos naturais que já foram tão importantes para a aldeia. Os autóctones sentem, assim, que transmitiram conhecimentos, como se fosse uma passagem de testemunho da sabedoria ancestral, de geração em geração.

Contribuíram também para a preservação da propriedade agrícola. Algumas propriedades foram vendidas aos migrantes, porque havia proprietários que não tinham interesse em manter os imóveis e os migrantes tinham capacidade económica suficiente para adquirir e recuperar estes bens. Não só os recuperaram, como os rentabilizaram, desenvolvendo a partir dos seus recursos, atividades económicas complementares.

Por outro lado, alguns migrantes, ao “conquistar” o direito de habitar os montes que estavam desocupados, também contribuem para a preservação da propriedade que vão cuidando como se fosse sua.

Do ponto de vista cultural contribuem estes migrantes de duas formas distintas. Por um lado, contribuíram para uma abertura nas mentalidades dos autóctones, principalmente os mais novos que através do contacto com os migrantes compreenderam novas formas de ver o mundo. Por outro lado, contribuíram também



Migrações, Alteridades e Estilos de Vida. O estudo de caso da aldeia de Santa Margarida da Serra, no concelho de Grândola

para a divulgação dos produtos locais, os quais vão enviando para os seus familiares nos países de origem. Estas remessas sociais assumem um maior significado do que as transferências financeiras, que neste contexto são quase inexistentes.

Relativamente forma como o futuro é perspectivado, alguns migrantes segunda geração querem voltar aos países de origem ou afastar-se da aldeia preferindo meios economicamente mais atrativos de modo a alcançarem melhores condições de vida.

Fazem-no, sem quebrarem os laços com a aldeia, que desejam continuar a visitar, ou voltar um dia. São notórios os fortes laços de amizade e de pertença que criaram, este é de alguma forma o seu país.

Para os migrantes mais velhos, as perspectivas não estão ainda definidas, mas considerando a sua idade, a sua integração na comunidade e a sua satisfação com o seu projeto migratório, existe uma forte possibilidade de permanecerem em Portugal. Todos de igual forma, autóctones e alóctones, demonstram uma preocupação com o futuro da aldeia, onde atualmente são poucos os que vêm de novo.



Migrações, Alteridades e Estilos de Vida. O estudo de caso da aldeia de Santa Margarida da Serra, no concelho de Grândola

### **BIBLIOGRAFIA:**

ACIME (1999), A integração dos imigrantes e das minorias étnicas. Linhas de atuação do ACIME 1996/1999, Publicação do ACIME, s/e, Lisboa

ALARCÃO, Alberto de (1969), Mobilidade geográfica da população de Portugal (continente e ilhas adjacentes), Migrações internas 1921-1960. Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian

ALMEIDA Armando (s/d), A CONTRACULTURA E A PÓS-MODERNIDADE, Disponível em: <http://tropicalia.com.br/v1/site/internas/producao01.php> (Acedido em Fevereiro 2015)

ANDRESEN-LEITÃO, Nicolau (2004), O convidado inesperado: Portugal e a fundação da EFTA, 1956-1960, Análise Social, vol. XXXIX (171), 285-312. Disponível em: <http://analisesocial.ics.ul.pt/documentos/1218705500E8uDM1zy8Lq83JP4.pdf> (Acedido em outubro de 2013)

ANICA Aurízia (1997), Transformações na Sociedade Portuguesa e Integração na CEE, na INTERNET, com o seguinte endereço: <http://www.eduvinet.de/eduvinet/port002.htm> (Acedido em novembro de 2013)

APPADURAI, Arjun (1997), Soberania Sem Territorialidade -Notas Para Uma Geografia Pós-Nacional revista Novos Estudos, nº49, disponível em <http://novosestudos.uol.com.br/v1/contents/view/775> (Acedido em julho de 2012)

APPADURAI, Arjun (2004). Dimensões Culturais da Globalização. Lisboa: Editorial Teorema.

BAGANHA, Maria Ioannis & MARQUES, Carlos, (2001), Imigração e Política. O Caso Português, Lisboa, Fundação Luso-Americana para o Desenvolvimento

BAGANHA, Maria Ioannis (2005) Política de imigração: A regulação dos fluxos, Revista Crítica de Ciências Sociais, 73, dezembro 2005: p 29-44

BAGANHA, Maria Ioannis, FERRÃO, João, MALHEIROS, Jorge Macaísta, "Os imigrantes e o mercado de trabalho: o caso português", Análise Social, Vol. XXXIV



Migrações, Alteridades e Estilos de Vida. O estudo de caso da aldeia de Santa Margarida da Serra, no concelho de Grândola

BAGANHA, Maria Ioannis; FERRÃO, João; MALHEIROS, Jorge (Coord.) (2002), Os Movimentos Migratórios Externos e a sua incidência no Mercado de Trabalho em Portugal, Observatório do Emprego e Formação Profissional, Estudos e Análises, s/e, Lisboa.

BAGANHA, Maria Ioannis; MARQUES, José Carlos (2001), Imigração e Política. O caso Português, Fundação Luso-Americana, s/e, Lisboa.

BAIÃO, Marco Daniel Almeida (2005), A lei nº 2005 de fomento e reorganização industrial e a oposição ao ruralismo português: um projeto adiado, Coimbra: M. D. A. Baião

BARDIN, L. (1997) Análise de Conteúdo. Lisboa: Edições 70.

BARRETO, António (1994), Portugal, a Europa e a democracia, Análise Social, vol. XXIX (129), pp. 1051-1069

BARRETO, António (1999), Tempo de Mudança. Lisboa, Col Antropos, 3ª edição, Relógio D'Água.

BASTOS, J. G. e BASTOS S. P. (1999). Portugal Multicultural. Lisboa: Fim de Século – Antropológica.

BATISTA, Luís Vicente, (1999), Mito rural, ruralidade, campos e cidades: Proposta de reflexão a propósito de uma cidade insular in Fórum Sociológico, nº1 e 2 (2ª série), pp. 283-288

BATOUXAS, Mariana (s/d), Turismo Ambiente e Desenvolvimento Regional, 1º Congresso De Estudos Rurais Ambiente E Usos Do Território disponível em <http://home.utad.pt/~des/cer/CER/DOWNLOAD/2017.PDF> (Acedido em março de 2013)

BAUMAN, Z. (2007), Tempos Líquidos, Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor

BELL, J. (1997) Como realizar um Projeto de Investigação, Coleção Trajetos, 1ª edição, Gradiva.

BENSON, Michaela (2012) 'How culturally significant representations are translated into lifestyle migration, Journal of Ethnic and Migration Studies 38(10): 1681-1696. Disponível em <https://goldsmiths.academia.edu/MichaelaBenson> (Acedido em dezembro de 2013)

CANDEIAS, Pedro (2012) Tolerância Social e Valores: uma exploração de modelos explicativos, VII Congresso Português de Sociologia, Porto.



Migrações, Alteridades e Estilos de Vida. O estudo de caso da aldeia de Santa Margarida da Serra, no concelho de Grândola

CARMO, Hermano e Ferreira e Manuela Malheiro (2008), Metodologia da investigação, Guia para a autoaprendizagem, 2ª edição, Lisboa, Universidade Aberta.

CARMO, Renato Miguel do (2004), Visões do território português; a emergência da sociedade dualista organizada em rede, VIII Congresso Luso-Afro-Brasileiro de Ciências Sociais, Coimbra, CES, disponível em <http://www.ces.uc.pt/lab2004/pdfs/RenatoMigueldoCarmo.pdf> (Acedido em julho de 2012)

CARMO, Renato Miguel do. A agricultura familiar em Portugal: ruturas e continuidades. Rev. Econ. Sociol. Rural [online]. 2010, vol.48, n.1 [cited 2014-01-28], pp. 9-22. Available from:<http://dx.doi.org/10.1590/S0103-20032010000100001> (Acedido em janeiro de 2014)

CARRILHO, Maria José e PATRÍCIO, Lurdes (2010) - A Situação Demográfica Recente em Portugal, Revista de Estudos Demográficos, nº48, 102- 145

CARVALHO, Paulo. (Coord), MUSEUS E DESENVOLVIMENTO RURAL. O CASO DO MUSEU DO PÃO (SEIA/SERRA DA ESTRELA) disponível em <http://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:http://www.eumed.net/libros-gratis/2012b/1225/museus-desenvolvimento-rural.html> (Acedido em janeiro de 2014)

CASTLES, S. e Miller, M. J. (2003) The Age of Migration: International Population Movements in the Modern World, IV edição, Londres, Macmillan. Disponível em [http://www2.dse.unibo.it/ardeni/ESI\\_2013/Castles-Miller-Ch4-7.pdf](http://www2.dse.unibo.it/ardeni/ESI_2013/Castles-Miller-Ch4-7.pdf) (Acedido em dezembro de 2013)

CASTLES, Stephen (2005) Globalização, Transnacionalismo e Novos Fluxos Migratórios dos Trabalhadores Convidados às Migrações Globais, Lisboa, Edições Fim de Século

CASTRO, Fátima Velez de (s/d) , Environmental-seekers e landscape-seekers: a importância da qualidade ambiental e da paisagem para o desenvolvimento regional, CEGOT/Departamento de Geografia - Universidade de Coimbra. Disponível em [http://www.uc.pt/fluc/depgeo/Publicacoes/livro\\_homenagem\\_FRebello/807\\_820](http://www.uc.pt/fluc/depgeo/Publicacoes/livro_homenagem_FRebello/807_820) (Acedido em abril de 2014)

CASTRO, Fátima Velez de (2008), A Europa do outro – a imigração em Portugal no início do século XXI: estudo do caso dos imigrantes da Europa de Leste no concelho de Vila Viçosa.



Migrações, Alteridades e Estilos de Vida. O estudo de caso da aldeia de Santa Margarida da Serra, no concelho de Grândola

CENSOS- 2011 (2012). Resultados Definitivos – Alentejo, Instituto Nacional de Estatística, Lisboa

CHAÍNHO, António Gamito (1997), Em Procura de um projeto de desenvolvimento local, Câmara Municipal de Grândola e Caixa de Crédito Agrícola

CHAINHO, Maria Helena, (2011), A família, edição da autora

COBUCI Leila e KASTENHOLZ Elisabeth (2011), O turismo residencial em áreas costeiras – contributo para um desenvolvimento sustentável, Journal of Tourism and Sustainability Volume I - Nr. 2 - Pp: 61-73

COBUCI Leila, KASTENHOLZ Elisabeth e BREDA Zélia (2011) O Turismo Residencial em meio rural numa perspectiva do marketing sustentável dos destinos, Book of proceedings, Volume I, International Conference on tourism & management studies, Algarve.

CONSELHO SOCIAL DE AÇÃO LOCAL (2013) - Atualização do Diagnóstico Social de Grândola, Câmara Municipal de Grândola

COSTA, António Firmino (1986) A pesquisa em Sociologia, Capítulo V, Metodologia das Ciências Sociais, 129 -148, biblioteca das Ciências, do Homem, Porto, Edições Afrontamento

COSTA Cláudio Adriano da, (1842,) «Estradas», in Revista Universal Lisbonense, nº 34, de 26 de maio, p. 402, Disponível em <http://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/> (Acedido em 15/10/2013)

COSTA, Soledade Martinho (2002), Festas e Tradições Portuguesas, vol. IV, edição Círculo de Leitores

COUTINHO, Clara P. (2005). Percursos da Investigação em Tecnologia Educativa em Portugal: uma abordagem temática e metodológica a publicações científicas (1985-2000). Braga: Universidade do Minho, Série “Monografias em Educação”

CUCHE, Denys (2003), A Noção de Cultura nas Ciências Sociais, Lisboa, Fim de Século.

CUNHA, Luís Pedro (1992), A adesão de Portugal às Comunidades Europeias e as Relações Comerciais com Países Terceiros, Gestão e desenvolvimento, 1, 87-115. Disponível em [http://www.estig.ipbeja.pt/~ac\\_direito/gestaodesenvolvimento1\\_87.pdf](http://www.estig.ipbeja.pt/~ac_direito/gestaodesenvolvimento1_87.pdf) (Acedido em outubro de 2013)

CUTILEIRO, José (1971), Ricos e Pobres no Alentejo, Lisboa, Sá da Costa.



Migrações, Alteridades e Estilos de Vida. O estudo de caso da aldeia de Santa Margarida da Serra, no concelho de Grândola

D'ALMEIDA André Corrêa, e al, (2004), O Impacto da Imigração nas Sociedades da Europa Um Estudo para a Rede Europeia das Migrações - o caso Português - Ponto de Contacto Nacional em Portugal, Serviço de Estrangeiros e Fronteiras do Ministério da Administração Interna. Disponível em [http://www.sef.pt/documentos/56/VersaoFinal\\_OImpactodalmigracaonasSociedadesdaEuropav1Port.pdf](http://www.sef.pt/documentos/56/VersaoFinal_OImpactodalmigracaonasSociedadesdaEuropav1Port.pdf) (consultado em agosto de 2013)

DINIS, Isabel e MALTA, Miguel (s/d), Da Desvitalização à Nova Ruralidade: Identidades e Destinos do Território na Serra da Lousã, 1º Congresso De Estudos Rurais Ambiente E Usos Do Território disponível em <http://home.utad.pt/~des/cer/CER/DOWNLOAD/2009.PDF> (Acedido em março de 2013)

DUARTE, Joelma do Patrocínio (2010), A contracultura e seus desdobramentos: novas experimentações e religiosidade new age, Tese de doutoramento. Universidade Federal de Juiz de Fora, Instituto de Ciências Humanas, Programa de pós-graduação em Ciência da Religião

FERIN, Isabel Cunha (2003) - Nós e os outros nos artigos de opinião da imprensa portuguesa, in [http://bocc.ufp.pt/\\_esp/autor.php?codautor=762](http://bocc.ufp.pt/_esp/autor.php?codautor=762) (consultado em novembro de 2013)

FERIN, Isabel Cunha (2003) A Imigração e as Minorias na imprensa e na televisão, in [http://bocc.ufp.pt/\\_esp/autor.php?codautor=762](http://bocc.ufp.pt/_esp/autor.php?codautor=762) (consultado em novembro de 2013)

FERIN Isabel Cunha, e SANTOS, Clara Almeida (2008), Media, Imigração e Minorias Étnicas 2005-2006, Estudos OI; 28, Observatório da imigração.

FERREIRA, Diogo Gaspar (2009) - O Turismo em Portugal após 2009, Vale do Lobo, II Conferência do Turismo e Hotelaria.

FERREIRA, Eduardo de Sousa et al (2000) Economia e Imigrantes: Contribuição dos Imigrantes para a Economia Portuguesa, Celta Editora, Oeiras

FERREIRA, Eduardo de Sousa et al (2004), Viagens de Ulisses efeitos da Imigração na Economia Portuguesa, Alto - Comissariado para a imigração e minorias étnicas (ACIME)

FRANCISCO, M. Luísa, (2002), A Ecoimigração no concelho de Monchique: uma perspetiva socioecológica, Universidade Nova de Lisboa, Lisboa [Texto Policopiado]



Migrações, Alteridades e Estilos de Vida. O estudo de caso da aldeia de Santa Margarida da Serra, no concelho de Grândola

GARCIA, José Luís (2000), Migrações e Relações Multiculturais – Uma Bibliografia, Oeiras: Celta.

GIDDENS, A (1992), As consequências da modernidade, Oeiras, Celta

GIDDENS, Anthony (2000). O Mundo na Era da Globalização. Lisboa: Editorial Presença.

GOLDENBERG, Mirian (2004) – A arte de pesquisar - Como fazer pesquisa qualitativa em Ciências Sociais, Editora Record, Rio de Janeiro e S. Paulo, 8ª edição <http://www.ufjf.br/labesc/files/2012/03/A-Arte-de-Pesquisar-Mirian-Goldenberg.pdf> (Acedido em agosto de 2013)

GONÇALVES, Ortelinda (2009), Migrações e Desenvolvimento, Livro de migrações e Desenvolvimento, CEPESE, Fronteira da Caos Editores Lda, Disponível em <http://www.cepese.pt/portal/investigacao/livro-migracoes-e-desenvolvimento> (Acedido em novembro de 2013)

GRASSI, Marzia. (2006), Globalização, Transnacionalismo e Novos Fluxos Migratórios dos trabalhadores convidados às migrações globais. Anál. Social [online]., n.178, pp. 272-277. ISSN 0003-2573., disponível em [http://www.scielo.gpeari.mctes.pt/scielo.php?pid=S0003-25732006000100016&script=sci\\_arttext](http://www.scielo.gpeari.mctes.pt/scielo.php?pid=S0003-25732006000100016&script=sci_arttext) (Acedido em dezembro de 2013)

GUIMÉNEZ Romero, (2003). Pluralismo, Multiculturalismo e Interculturalidad. Propuesta de clarificación y apuntes educativos. Educación y futuro: revista de investigación aplicada y experiencias educativas, N.º 8, pp. 11-20, disponível em: <http://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=2044239> (Acedido em maio de 2013)

HALL, Stuart. (2002) A identidade cultural na pós-modernidade. Trad. Tomaz Tadeu da Silva e Guaciara Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP&A Editora.

HALL, C., e MÜLLER, D. ( ed(2004), Tourism, Mobility and Second Homes, between Elite Landscape and Common Ground, Channel View Publications, Clevedon.

HOROWITZ, Michael G. (1999) Friedrich Nietzsche and Cultural Revivalism in Europe (1878-88), The Mankind Quarterly, Vol XL pp. 203-214, disponível em <http://www.unz.org/Pub/MankindQuarterly-1999q2-00203> (Acedido em fevereiro de 2014)



Migrações, Alteridades e Estilos de Vida. O estudo de caso da aldeia de Santa Margarida da Serra, no concelho de Grândola

HORTA, Ana Paula Beja (2008), A Construção da Alteridade. Nacionalidade, Políticas de Imigração e Ação Coletiva Imigrante na Sociedade Portuguesa Pós-Colonial. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, Capítulo III

HORTA, Ana Paula Beja (2011), As políticas de imigração em Portugal, Contextos e Protagonistas, Revista Internacional em Língua Portuguesa, Migrações, II série, nº 24, p 234-254, Associação das Universidades de Língua Portuguesa, disponível em [www.ces.uc.pt/myces/UserFiles/livros/1097\\_livro\\_migracoes.pdf](http://www.ces.uc.pt/myces/UserFiles/livros/1097_livro_migracoes.pdf) (Acedido em agosto de 2013)

HUDDLESTON Thomas et al (2011), Migrant Integration Policy Index III, disponível em [www.mipex.eu](http://www.mipex.eu) (Acedido em julho de 2013)

HUETE Raquel e MANTECÓN, Alejandro (2012), Residential Tourism or Lifestyle Migration: Social Problems Linked to the Non-Definition of the Situation, Controversies in Tourism. Wallingford: CABI, pp. 160-173. Disponível em [https://www.academia.edu/1334357/Residential\\_tourism\\_or\\_lifestyle\\_migration.\\_Social\\_problems\\_linked\\_to\\_the\\_non-definition\\_of\\_the\\_situation](https://www.academia.edu/1334357/Residential_tourism_or_lifestyle_migration._Social_problems_linked_to_the_non-definition_of_the_situation) (Acedido em dezembro de 2013)

INGLEHART, R. (1990). Culture Shift in Advanced Industrial Society. Princeton: Princeton University Press.

INGLEHART, Ronald (2012) -A revolução silenciosa na Europa: Mudança intergeracional nas sociedades pós industriais, Rev. Sociol. Polít., Curitiba, v. 20, n. 43, p. 159-191, disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rsocp/v20n43/a08v20n43.pdf> (Acedido em dezembro de 2013)

ITURRA, Raúl (1986) Trabalho de campo e observação Participante em Antropologia, Capítulo VI, Metodologia das Ciências Sociais, 149 -163, biblioteca das Ciências, do Homem, Porto, Edições Afrontamento

JACKIEWICZ, Edward L. (2010)- Special Issue on lifestyle Migration, Recreation and society in Africa, Asia & Latina America , vol. 1 , nº 1 , 1-4

JACKSON, J (1992), Migrações, Oeiras, Celta

JAKOBSON, Roman (s.), Linguística e Comunicação, São Paulo: Editora Cultrix.

JENKINS, Robin, (1979), Morte de uma Aldeia Portuguesa, Lisboa, Editorial Quercus



Migrações, Alteridades e Estilos de Vida. O estudo de caso da aldeia de Santa Margarida da Serra, no concelho de Grândola

LAGES Mário F. e al (2006), Os imigrantes e a população portuguesa imagens recíprocas, Análise de duas sondagens Alto - Comissariado para a imigração e minorias étnicas (ACIME), disponível em [http://www.oi.acidi.gov.pt/docs/Estudos%20OI/Estudo\\_OI\\_21.pdf](http://www.oi.acidi.gov.pt/docs/Estudos%20OI/Estudo_OI_21.pdf) (acedido em novembro de 2013)

LAPASSADE,G e LOURAU,P (1973), Para um conhecimento da Sociologia, Lisboa, Assirio & Alvim.

LIJPHART, Arend (1994), Electoral Systems and Party Systems: A Study of Twenty Seven Democracies, 1945-1990; Oxford, Oxford University Press.

LIJPHART, Arend (1999), Patterns of Democracy, Yale University Press, New Haven.

MACEDO, Isabel e CABECINHAS, Rosa (2012) - Reflexões em torno do Papel da Literacia Cinematográfica na Promoção da Interculturalidade, Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade, Universidade do Minho.

MADUREIRA, Nuno e al, História do Trabalho e das Ocupações, Vol. III, (Lisboa, Editorial Celta, 2001

MALHEIROS, J. M. (2005). Jogos de relações internacionais: repensar a posição de Portugal no arquipélago migratório global. In A. (. Barreto, Globalização e migrações) (pp. 251-288). Lisboa: ICS.

MANTECÓN, Alejandro (2008): La experiencia del turismo. Un estudio sociológico p298, RESEÑAS BIBLIOGRÁFICAS, Disponível em <http://rua.ua.es/dspace/bitstream/10045/14154/1/Resenya%20Cuadernos%20de%20Turismo.pdf> (Acedido em Janeiro de 2015)

MARQUES, José Carlos e GÓIS Pedro (2011) – A evolução do sistema migratório Lusófono. Uma análise, a partir da emigração e imigração portuguesa, Revista Internacional em Língua Portuguesa, Migrações, II série, nº 24, p 213- 232, Associação das Universidades de Língua Portuguesa, disponível em [www.ces.uc.pt/myces/UserFiles/livros/1097\\_livro\\_migracoes.pdf](http://www.ces.uc.pt/myces/UserFiles/livros/1097_livro_migracoes.pdf) (Acedido em agosto de 2013)



Migrações, Alteridades e Estilos de Vida. O estudo de caso da aldeia de Santa Margarida da Serra, no concelho de Grândola

MATEUS, Augusto (2013), 25 anos de Portugal Europeu, Lisboa, Fundação Manuel dos Santos, disponível em: [www.ffms.pt/estudo/18/25-anos-de-portugal-europeu](http://www.ffms.pt/estudo/18/25-anos-de-portugal-europeu) (Acedido em novembro de 2013)

MATOS, Cristina, Migrações: Decisões Individuais e Estruturas Sociais SOCIUS Working Papers, disponível em <https://www.repository.utl.pt/bitstream/10400.5/1599/1/cm-wp935.pdf> (Acedido em novembro de 2013)

MATOSO, José (1994), História de Portugal, vol. VII e VIII, Circulo de leitores

MENDRAS, Henri (1978), Sociedades Camponesas, Rio de Janeiro, Zahar Editores.

MINISTÉRIO DOS NEGÓCIOS ESTRANGEIROS (1998), Acordo de Schengen. Textos Fundamentais, publicação do MNE, s/e, Lisboa.

MIRANDA, Joana C. T. de (1994). Grupos Étnicos em Portugal. Os Estereótipos dos “Portugueses” (Dissertação de Mestrado), Lisboa: Universidade Aberta.

MOTA, Guilhermina (1987), A Irmandade da Senhora do Carmo da Marmeleira, Mortágua, Coimbra Revista- História das Ideias

MORALES, Omar Lizárraga (2012), La Transmigración placentera Movilidad de Estadounidenses A Méxic, Instituto Politécnico Nacional Universidad Autónoma de Sinaloa, disponível em, <http://www.uta.fi/yky/lifestylemigration/papers.html> (Acedido em março de 2013)

O'REILLY, Karen e BENSON, Michaela (2009) - lifestyle migration expectations aspirations and experiences, Surrey, England, Ashgate Publishing limited

OLIVEIRA, Ana e Galego, Ana Marques (2005) A Mediação Sócio-Cultural: Um Puzzle em Construção, Observatório da Imigração

PACHECO, Elsa (2004) - Alteração das acessibilidades e dinâmicas territoriais na Região Norte: expectativas, intervenções e resultantes. Tese de Doutoramento, Porto, Faculdade de Letras da Universidade do Porto.

PADILLA, Beatriz e ORTIZ, Alejandra (2012) Fluxos migratórios em Portugal: do boom migratório à desaceleração no contexto de crise. Balanços E Desafios, Revista Internacional de



Migrações, Alteridades e Estilos de Vida. O estudo de caso da aldeia de Santa Margarida da Serra, no concelho de Grândola

Mobilidade Humana., Brasília, Ano XX, Nº 39, p. 159-184. Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/remhu/v20n39/v20n39a09.pdf> (Acedido em janeiro de 2014)

PATRÍCIO, António Carlos et al (2013), RELATÓRIO DE IMIGRAÇÃO FRONTEIRAS E ASILO, SEF, Gabinete de Estudos, Planeamento e Formação

PAULILO, Maria Ângela Silveira (1999), A PESQUISA QUALITATIVA E A HISTÓRIA DE VIDA, SERVIÇO. SOCIAL. REVISTA., LONDRINA, V. 2, N. 2, P.135-148, JUL./DEZ. pp 135- 148

PEREA, Eva (2003), Características Individuais, incentivos institucionais e abstenção eleitoral na Europa ocidental, *Análise Social*, Nº. 167, pp. 339- 360.

PINTO, José Madureira. Estruturas sociais e práticas simbólico-ideológicas nos campos: elementos de teoria e de pesquisa empírica. Porto: Edições Afrontamento, 1985

PIRES, Rui Pedro Pena (2003), Migrações e integração: teoria e aplicações à sociedade portuguesa. Oeiras: Celta Editora.

PIRES, Rui Pena (2002), Mudanças na Imigração. Uma análise das estatísticas sobre a população estrangeira em Portugal, 1998-2001, *Sociologia. Problemas e Práticas*, n.º 39, Lisboa, pp. 151-166.

PONTE, João Pedro (2006). O estudo de caso na investigação em educação matemática. Disponível em [http://www.educ.fc.ul.pt/docentes/jponte/docs-pt/06-Ponte%20\(Estudo%20caso\).pdf](http://www.educ.fc.ul.pt/docentes/jponte/docs-pt/06-Ponte%20(Estudo%20caso).pdf) (Acedido em janeiro de 2014)

PORTES, Alejandro (1999), Migrações Internacionais. Origens, tipos e modos de incorporação, Celta editora, 1.ª edição, Oeiras.

Portes, Alejandro (2004) “Convergências teóricas e dados empíricos no estudo do transnacionalismo migrante”, *Revista Crítica de Ciências Sociais*, 69, pp. 73-93.

Portes, Alejandro. (2006) Estudos sobre as migrações contemporâneas – Transnacionalismo, empreendedorismo e a segunda geração. Lisboa, Ed. Fim de Século.

QUIVY, R. & CAMPENHOUDT, L.V. (2008). Manual de Investigação em Ciências sociais. Lisboa: Gradiva, 5ª edição.



Migrações, Alteridades e Estilos de Vida. O estudo de caso da aldeia de Santa Margarida da Serra, no concelho de Grândola

RAMALHO, Marina Luísa Leitão (2012), Ciclos eleitorais – Análise das eleições autárquicas da última década, Dissertação de mestrado, Aveiro, Universidade de Aveiro.

RAMINHOS, Manuela, (2004), Fronteiras da Identidade, o "Outro" na construção de um lugar na Serra de Grândola.

RASERO, Lluís Samper e al (2002), Noves I Velles Migracions: Dimensions De La Integració Sociocultural Dels Immigrants A Lleida, Catalunya. Departament de Política Territorial i Obres Públiques, p 47-55, disponível em <http://repositori.udl.cat/handle/10459.1/46918> (Acedido em dezembro de 2013)

REGO, Conceição e al ( ), Perfil dos imigrantes em Portugal: dos países de origem às regiões de destino, disponível em <http://www.apdr.pt/congresso/2009/pdf/Sess%C3%A3o%2010/199A.pdf> (Acedido em julho de 2013)

REIFFERS Jean-Louis et al 1982- Las Empresas transnacionales y el desarrollo endógeno: efectos sobre la cultura, la comunicación, la educación, la ciencia y la tecnología.

Representações Sociais, Migrações e Media: Reflexões em

RESENDE, José e VIEIRA, Maria Manuel (1992), Subculturas Juvenis nas Sociedades Modernas: os hippies e yuppies, Revista Critica de Ciências Sociais, nº 35, pp 131-147

RIBEIRO, Orlando; LAUTENSACH, Hermann e DAVEAU, Suzanne (1999), Geografia de Portugal vol. III. 3ª ed.. Lisboa: Edições João Sá da Costa,

ROCA, Maria de Nazaré e al (s/d), Second Homes In PortugaL: conceptual Issues And Findings Of Desk And Field Research, disponível em <http://www.congresos.cchs.csic.es/lifestyle-migration/sites/congresos.cchs.csic.es.lifestylemigration/files/Paper%20Maria%20Nazar%C3%A9%20Roca,%20Jose%20Antonio%20Oliveira,%20Zoran%20Roca%20&%20Luis%20Costa.pdf> (Acedido em março de 2013)

ROCHA-TRINDADE, Maria Beatriz (1995) – Sociologia das Migrações, Lisboa, Universidade Aberta



Migrações, Alteridades e Estilos de Vida. O estudo de caso da aldeia de Santa Margarida da Serra, no concelho de Grândola

ROCHA-TRINDADE, Maria Beatriz (2002), “A imigração em Portugal: contribuição externa para o desenvolvimento interno”, in Ministério da Segurança Social e do Trabalho (org.), Imigração e mercado de trabalho. Oeiras: Celta Editora, 145-160.

RODRIGUES, Maria Emília (2006), CONTRACULTURA, ROCK AND ROLL E ESTILO HIPPIE: uma análise das bandas Sopa, Liverpoolgas e RoberSou the Valsa, Curitiba, Universidade Federal Do Paraná, Setor De Ciências Humanas Letras E Artes (SCHLA), Departamento De Ciências Sociais (DECISO). Disponível em

<http://www.humanas.ufpr.br/portal/cienciassociais/files/2012/06/RODRIGUES-Maria-Em%C3%ADlia.pdf> (Acedido em dezembro de 2013)

ROSA, M. J Valente, SEABRA H. e Santos T. (2004), Contributos dos imigrantes na demografia portuguesa, Observatório da Imigração, Lisboa: ACIME.

ROSAS, Fernando (1994) Estado Novo e desenvolvimento económico (anos 30 e 40): uma industrialização sem reforma agrária, *Análise Social*, vol. XXIX (128), 1994 (4.º), p 871-887

SAINT – MAURICE, Ana de (1997), *Identidades Reconstruídas. Cabo-verdianos em Portugal*, 1.ª edição, Celta editora, Oeiras

SAMOUCO, André (1993), O Estado-providência e a sociedade rural. Revalorização de recursos e reordenamento de estratégias num novo contexto: a agricultura de pluriatividade, *Análise Social*, vol. xxviii (121), (2.º), 391-408

SANTO, Moisés Espírito (1980). *Freguesia Rural a Norte do tejo (estudo de Sociologia Rural)* Instituto de Estudos para o Desenvolvimento.

SANTO, Moisés Espírito, (1999), *Comunidade Rural ao Norte do Tejo seguido de vinte anos depois*, Universidade Nova, Lisboa

SANTOS, B.S. (1994), *Pela mão de Alice – O social e o político na pós-modernidade*, Porto, Afrontamento.

SANTOS, B. S. (2005), *Os processos da globalização*, In *Globalização: fatalidade ou utopia?* Porto: Edições Afrontamento

SANTOS, Clara Almeida (2007) - *IMAGENS DE MULHERES IMIGRANTES NA IMPRENSA PORTUGUESA*, ACIDI



Migrações, Alteridades e Estilos de Vida. O estudo de caso da aldeia de Santa Margarida da Serra, no concelho de Grândola

SANTOS, Marcos Olímpio Gomes dos (2011), *CONTRIBUTOS PARA O CONHECIMENTO SOBRE O PASSADO DO ALENTEJO*, (texto adaptado tese de doutoramento, defendida em 1998) Universidade de Évora, disponível em: [http://home.uevora.pt/~mosantos/download/Alentejo\\_Passado\\_25Jul11.pdf](http://home.uevora.pt/~mosantos/download/Alentejo_Passado_25Jul11.pdf) (Acedido em outubro de 2013)

SARDINHA, João (s/d), *Lifestyle Migrants in Central Portugal: Strategies of Settlement and Socialisation*, Centro de Estudos das Migrações e das Relações Interculturais (CEMRI), Universidade Aberta

SEF-2007 - RELATÓRIO DE ACTIVIDADES- IMIGRAÇÃO, FRONTEIRAS E ASILO, Departamento de Planeamento e Formação.

SILVA, Augusto Santos e PINTO, José Madureira (1986), *Metodologia das Ciências Sociais*, biblioteca das Ciências, do Homem, Porto, Edições Afrontamento

SILVA, Carlos Alberto Pereira (2013), *Pensamento Complexo e Visão Transdisciplinar: Uma Aposta Na Religação Dos Saberes*, Educação, Gestão e Sociedade: revista da Faculdade Eça de Queirós, ISSN 2179-9636, Ano 3, número 9, disponível em <http://www.faceq.edu.br/regs/edicoesAnteriores.asp> (Acedido em dezembro de 2013)

SILVA, Germesindo. (1997), *A freguesia de Santa Margarida da Serra, do Concelho de Grândola*, edição do autor (SOGAPAL, Lda.)

SILVA, Luísa (2008), *Modernidade e desigualdades sociais*, Lisboa: Universidade Aberta,

SOS Racismo (2002), *A imigração em Portugal: os movimentos humanos e culturais em Portugal*. Lisboa: SOS Racismo.

SOUSA, Fernando de. (2000,) *Portugal e a União Europeia*. Rev. bras. polít. int. [online]. vol.43, n.2, pp. 192-2000, disponível em <http://www.scielo.br/pdf/rbpi/v43n2/v43n2a09.pdf> (Acedido em fevereiro de 2014)

SPALDING, Ana K (2013), *Lifestyle Migration to Bocas del Toro, Panama: Exploring Migration Strategies and Introducing Local Implications of the Search for Paradise*, *International Review of Social Research*, Volume 3, Issue 1, 67-86.

STEGER, Manfred (2006). *A globalização, Santa Maria da Feira: Quasi Edições*



Migrações, Alteridades e Estilos de Vida. O estudo de caso da aldeia de Santa Margarida da Serra, no concelho de Grândola

TOLENTINO, André Corsino, ROCHA, Carlos Manuel e TOLENTINO Nancy Curado (2008), A importância e o impacto das remessas dos imigrantes em Portugal no desenvolvimento de Cabo Verde, ACIDI.

TORKINGTON, Kate (2010), Defining lifestyle migration -- ESGHT, Universidade do Algarve, disponível em <http://dosalgarves.com/revistas/N19/6rev19.pdf> (Acedido em agosto de 2013)

UWE, Flick (2005), Métodos qualitativos na Investigação Científica, Lisboa, Monitor, Projetos e Edições

VITECK Cristiano Marlon (2007), Punk: anarquia, neotribalismo e consumismo no rock'n'roll Espaço Plural, Ano VIII, Nº 16, pp 53-58, disponível em <https://www.zotero.org/groups/trace/items/8M3GB7WC> (Acedido em março de 2013)

WAIZBORT, Leopoldo (2000), As aventuras de Georg Simmel. São Paulo: Editora 34, disponível em [http://www.livrus.net/perfil\\_livro.php?id\\_livro=23718#](http://www.livrus.net/perfil_livro.php?id_livro=23718#) (Acedido em janeiro de 2014)

ZANFORLIN, Sofia Calvancanti (2012), Diásporas, migrações, tecnologias da comunicação e identidades transnacionais, Institut de la Comunicació, Universitat Autònoma de Barcelona

## **LEGISLAÇÃO**

- Lei n.º 11-A/2013 de 28 de janeiro disponível em <http://dre.pt/pdfgratis/2013/01/01901.pdf> (Acedido em março de 2013)

- PRN 45 - Plano Rodoviário Nacional 1945, disponível em <http://dre.pt/pdf1sdip/1945/05/10201/03730394.pdf> (Acedido em agosto de 2013)

- Atos Relativos à adesão do Reino de Espanha e da República Portuguesa às Comunidades Europeias, disponível em:

[https://infoeuropa.euroid.pt/opac/?func=service&doc\\_library=CIE01&doc\\_number=000037562&line\\_number=0002&func\\_code=WEB-FULL&](https://infoeuropa.euroid.pt/opac/?func=service&doc_library=CIE01&doc_number=000037562&line_number=0002&func_code=WEB-FULL&) (Acedido em agosto de 2013)

- DIRETIVA 94/80/CE DO CONSELHO de 19 de dezembro de 1994, disponível em: <http://eur-lex.europa.eu/LexUriServ/LexUriServ.do?uri=CONSLEG:1994L0080:20070101:PT:PDF> (Acedido em dezembro de 2013)

- Decreto-Lei n.º 308-A/75 de 24 de junho, disponível em: [http://www.igf.min-financas.pt/Leggeraldocs/DL\\_308\\_A\\_75.htm](http://www.igf.min-financas.pt/Leggeraldocs/DL_308_A_75.htm) (Acedido em novembro de 2013)



Migrações, Alteridades e Estilos de Vida. O estudo de caso da aldeia de Santa Margarida da Serra, no concelho de Grândola

- Lei 212/92 de 12 de outubro, disponível em <http://www.dre.pt/cgi/dr1s.exe?t=dr&cap=1-1200&doc=19923279%20&v02=&v01=2&v03=1900-01-01&v04=3000-12-21&v05=&v06=&v07=&v08=&v09=&> (Acedido em novembro de 2013)
- Lei 17/96 de 24 de maio, disponível em: <http://www.dre.pt/cgi/dr1s.exe?t=dr&cap=1-1200&doc=19961040%20&v02=&v01=2&v03=1900-01-01&v04=3000-12-21&v05=&v06=&v07=&v08=&v09=&v10=&v11=Lei&v12=&v13=&v14=&v15=&sort=0&submit=Pesquisar> (Acedido em agosto de 2013)
- Lei n.º 23/2007 de 4 de julho, disponível em: <http://dre.pt/pdf1s/2007/07/12700/42904330.pdf> (Acedido em agosto de 2013)
- Lei n.º 29/2012, de 9 de agosto, disponível em: <http://dre.pt/pdf1sdip/2012/08/15400/0419104256.pdf> (Acedido em agosto de 2013)
- Tratado da CE, disponível em [http://eur-lex.europa.eu/pt/treaties/dat/12002E/pdf/12002E\\_PT.pdf](http://eur-lex.europa.eu/pt/treaties/dat/12002E/pdf/12002E_PT.pdf) (Acedido em agosto de 2013)
- DL n.º 34/2003, de 25 de fevereiro, disponível em [http://www.pgdlisboa.pt/leis/lei\\_mostra\\_articulado.php?tabela=leis&artigo\\_id=&nid=307&nversao=&tabela=leis](http://www.pgdlisboa.pt/leis/lei_mostra_articulado.php?tabela=leis&artigo_id=&nid=307&nversao=&tabela=leis) (Acedido em agosto de 2013)
- Decreto-Lei n.º 111/2000 de 4 de julho, disponível em: <http://www.dre.pt/cgi/dr1s.exe?t=dr&cap=1-1200&doc=20001689%20&v02=&v01=2&v03=1900-01-01&v04=3000-12-21&v05=&v06=&v07=&v08=&v09=&v10=&v11=%27Decreto-Lei%27&v12=&v13=&v14=&v15=&sort=0&submit=Pesquisar> (Acedido em agosto de 2013)
- Decreto-Lei n.º 59/93, de 3 de março, disponível em: [http://www.igf.min-financas.pt/Leggeraldocs/DL\\_059\\_93.htm](http://www.igf.min-financas.pt/Leggeraldocs/DL_059_93.htm) (Acedido em novembro de 2013)
- Lei n.º 134/99, de 28 de agosto, disponível em: [http://www.igf.min-financas.pt/Leggeraldocs/LEI\\_134\\_99.htm](http://www.igf.min-financas.pt/Leggeraldocs/LEI_134_99.htm) (Acedido em agosto de 2013)
- Lei 50/96 de 4 de setembro, disponível em: <http://www.dre.pt/cgi/dr1s.exe?t=dr&cap=1-1200&doc=19962358%20&v02=&v01=2&v03=1900-01-01&v04=3000-12->



Migrações, Alteridades e Estilos de Vida. O estudo de caso da aldeia de Santa Margarida da Serra, no concelho de Grândola

[21&v05=&v06=&v07=&v08=&v09=&v10=&v11=Lei&v12=&v13=&v14=&v15=&sort=0&submit=Pesquisar](#) (Acedido em agosto de 2013)

- Decreto-Lei n.º 3-A/96, de 26 de janeiro, disponível em:  
<http://www.dre.pt/cgi/dr1s.exe?t=dr&cap=1-1200&doc=19960179%20&v02=&v01=2&v03=1900-01-01&v04=3000-12-21&v05=&v06=&v07=&v08=&v09=&v10=&v11=%27Decreto-Lei%27&v12=&v13=&v14=&v15=&sort=0&submit=Pesquisar> (Acedido em agosto de 2013)

- Decreto-Lei n.º 39/98, de 27 de fevereiro, disponível em:  
<http://www.dre.pt/cgi/dr1s.exe?t=dr&cap=1-1200&doc=19980491%20&v02=&v01=2&v03=1900-01-01&v04=3000-12-21&v05=&v06=&v07=&v08=&v09=&v10=&v11=%27Decreto-Lei%27&v12=&v13=&v14=&v15=&sort=0&submit=Pesquisar> (Acedido em agosto de 2013)

- Decreto-Lei n.º 251/2002 de 22 de novembro, disponível em:  
<http://www.dre.pt/cgi/dr1s.exe?t=dr&cap=1-1200&doc=20023544%20&v02=&v01=2&v03=1900-01-01&v04=3000-12-21&v05=&v06=&v07=&v08=&v09=&v10=&v11=%27Decreto-Lei%27&v12=&v13=&v14=&v15=&sort=0&submit=Pesquisar> (acedido em agosto de 2013)

- Decreto-Lei n.º 167/2007 de 3 de maio, disponível em:  
<http://www.dre.pt/cgi/dr1s.exe?t=dr&cap=1-1200&doc=20071685%20&v02=&v01=2&v03=1900-01-01&v04=3000-12-21&v05=&v06=&v07=&v08=&v09=&v10=&v11=%27Decreto-Lei%27&v12=167/2007&v13=&v14=&v15=&sort=0&submit=Pesquisar> (Acedido em agosto de 2013)

- Lei de Bases do Ambiente- 11/87 de 7 de abril, disponível em:  
[http://www.pgdlisboa.pt/leis/lei\\_mostra\\_articulado.php?nid=752&tabela=leis](http://www.pgdlisboa.pt/leis/lei_mostra_articulado.php?nid=752&tabela=leis) (Acedido em outubro, 2013)

- Lei nº 47/2004, de 19 de agosto, disponível em:  
<http://www.culturacores.azores.gov.pt/ficheiros/legislacao/20126194443.pdf> (Acedido em janeiro de 2014)



Migrações, Alteridades e Estilos de Vida. O estudo de caso da aldeia de Santa Margarida da Serra, no concelho de Grândola

Artigo 52.º – Condições gerais de concessão de vistos de residência, de estada temporária e de curta duração, disponível em <https://sites.google.com/site/leximigratoria/artigo-52-o-condicoes-gerais-de-concessao-de-vistos-de-residencia-de-estada-temporaria-e-de-curta-duracao> (Acedido em fevereiro de 2014)

### **WEBGRAFIA:**

<http://www.acidi.gov.pt/> (Acedido de junho de 2012 a fevereiro de 2014)

[http://www.eurocid.pt/pls/wsd/wsdinew0.imprimir\\_newsletter?p\\_new\\_id=2409&p\\_tipo=C](http://www.eurocid.pt/pls/wsd/wsdinew0.imprimir_newsletter?p_new_id=2409&p_tipo=C)

(Acedido em novembro de 2013)

<http://eur-lex.europa.eu/pt/index.htm> (Acedido de março 2013 a fevereiro 2014)

[http://www.cvce.eu/obj/discurso\\_de\\_rui\\_patricio\\_sobre\\_o\\_acordo\\_comercial\\_entre\\_portugal\\_e\\_a\\_cee\\_bruxelas\\_22\\_julho\\_1972-pt-e872e981-f37](http://www.cvce.eu/obj/discurso_de_rui_patricio_sobre_o_acordo_comercial_entre_portugal_e_a_cee_bruxelas_22_julho_1972-pt-e872e981-f37) (Acedido em janeiro de 2014)

<http://www.ohchr.org/EN/UDHR/Pages/Language.aspx?LangID=por> (Acedido em outubro de 2013)

<http://www.oecd.org/> (Acedido em janeiro de 2014)

[http://www.arqnet.pt/portal/Portugal/documentos/convencao\\_estocolmo1960.html](http://www.arqnet.pt/portal/Portugal/documentos/convencao_estocolmo1960.html) (Acedido em janeiro de 2014)

[http://www.fmsoares.pt/aeb/biblioteca/indices\\_resumos/resumos/015978.htm](http://www.fmsoares.pt/aeb/biblioteca/indices_resumos/resumos/015978.htm) (Acedido em janeiro de 2014)

<http://www.vitalmoreira.eu/impressoes> (Acedido em fevereiro de 2014)

<http://www.cinemaskope.com/galeria-teix-exibe-documentario-hamburg-alentejo/> (Acedido em janeiro de 2014)

[http://www.secomunidades.pt/vistos/index.php?option=com\\_content&view=article&id=112%3Avistos-de-residencia&catid=42&Itemid=96&lang=pt](http://www.secomunidades.pt/vistos/index.php?option=com_content&view=article&id=112%3Avistos-de-residencia&catid=42&Itemid=96&lang=pt) (Acedido em Fevereiro de 2014)

<http://www.livinginportugal.com/pt/mude-para-portugal/requisitos-de-residencia/> (Acedido em fevereiro de 2014)

[http://www.pgdlisboa.pt/leis/lei\\_mostra\\_articulado.php?nid=2043&tabela=leis](http://www.pgdlisboa.pt/leis/lei_mostra_articulado.php?nid=2043&tabela=leis) (Acedido em fevereiro de 2014)



Migrações, Alteridades e Estilos de Vida. O estudo de caso da aldeia de Santa Margarida da Serra, no concelho de Grândola

<http://expresso.sapo.pt/portugal-vira-paraiso-fiscal-para-reformados-franceses=f809538>

(Acedido em fevereiro de 2014)

<http://www.publico.pt/economia/noticia/pensionistas-estrangeiros-vaio-poder-morar-em-portugal-sem-pagar-irs-1575275> (Acedido em fevereiro de 2014)

<http://www.publico.pt/portugal/noticia/o-laboratorio-do-futuro-fica-no-alentejo-1668746>

(Acedido em fevereiro de 2014)

[http://info.portaldasfinancas.gov.pt/pt/informacao\\_fiscal/codigos\\_tributarios/irs/irs85.htm](http://info.portaldasfinancas.gov.pt/pt/informacao_fiscal/codigos_tributarios/irs/irs85.htm)

(Acedido em janeiro de 2014)

<http://www.vacances-location.net/aluguer-ferias/aluguer-quinta-santa-margarida-da-serra,124651> (Acedido em dezembro de 2013)

<http://www.portugalproducten.nl/> (Acedida em novembro de 2014)

### **FILMOGRAFIA:**

- O Ferreiro alemão de Santa Margarida da Serra, RTP1, Disponível em <http://www.rtp.pt/noticias/index.php?article=283393&tm=8&layout=122&visual=61> (acedido em maio de 2012)

- SIC reencontrou comunidade estrangeira em Santa Margarida da Serra, SIC, Disponível em <http://sicnoticias.sapo.pt/programas/perdidosachados/2010-11-29-sic-reencontrou-comunidade-estrangeira-em-santa-margarida-da-serra1> (Acedido em maio de 2012)

- Hamburg – Alentejo, RTP2, 2012